

OS SEGREDOS AS UNIRAM, MAS A VERDADE PODE SEPARÁ-LAS PARA SEMPRE.

Fogo contra
FOGGO

**JENNY HAN &
SIOBHAN VIVIAN**

A esperada continuação de
OLHO POR OLHO e DENTE POR DENTE



CBS
CENTURY A

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Epílogo](#)

Fogo contra
F O G O

**JENNY HAN &
SIOBHAN VIVIAN**

TRADUÇÃO
MARIA ANGELA AMORIM DE PASCHOAL



Título original: Ashes to ashes
© 2014 by Jenny Han and Siobhan Vivian
Publicado sob acordo com Lennart Sane Agency AB.
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2017

Produção editorial: Equipe Novo Conceito
Preparação de texto: Camila Fernandes
Revisão de texto: Robson Falchetti Peixoto

Star Books Digital

Han, Jenny

Fogo contra fogo / Jenny Han, Siobhan Vivian ; tradução Maria Angela Amorim De Paschoal. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2017.

Título original: Ashes to ashes.

ISBN 978-85-8163-489-0

1. Ficção norte-americana I. Vivian, Siobhan. II. Título.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Dedicado a Zareen Jaffery

“Ali está presente a imperfeição da vingança: o que importa é a expectativa; tudo é agonia, não um prazer; pelo menos a dor é seu grande final.”

Mark Twain

Prólogo

MARY

ESTOU SENTADA NO ALTO, NA GALERIA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO mar, e é uma agonia só. Não existem lágrimas suficientes no mundo todo. Meus soluços ecoam pela congregação abaixo de mim.

Há uma urna de bronze sobre o altar de mármore branco. E um oceano de flores. Rosas e crisântemos, lírios e bocas-de-leão, uma cruz feita com cravos brancos, coroas de flores com fitas cor-de-rosa penduradas na frente. Muitas e muitas flores, embora esteja nevando do lado de fora dos vitrais.

Não sei como cheguei até aqui. Não sei que dia é hoje. Não sei que horas são.

Uma velha senhora senta-se na frente do órgão atrás de mim e começa a tocar um hino melancólico. Todos se levantam, o pastor caminha sombriamente pela nave central, seguido por dois coroinhas, que seguram enormes cruzes de madeira. Minha mãe se esforça para se manter firme. Posso vê-la através das minhas lágrimas. Saia preta reta, suéter preto. Ela mal se aguenta de pé. Tia Bette a apoia de um lado, meu pai do outro.

Esfrego os olhos e olho novamente. Não é minha mãe. É a senhora Holtz. Ela tem o mesmo cabelo encaracolado, o mesmo corpo pequenino de Rennie. Não conheço as duas pessoas que estão ao lado dela.

E a foto enorme apoiada no cavalete perto da urna não é minha. É de Rennie num vestido amarelo de verão, cabelos soltos, encaracolados e emaranhados pela brisa marítima. Ela está com

uma expressão inocente, mas tem malícia no olhar. Parece ter cerca de quinze ou dezesseis anos. Mais jovem do que eu me recordo.

Esse não é o meu funeral. É o de Rennie.

Está tão lotado que tiveram de trazer cadeiras extras para colocar nos corredores e perto dos confessionários. É aí que vejo Kat. O pai dela sentado ao seu lado. Kat retorce as mãos. Posso perceber pelo movimento dos ombros que ela está soluçando.

Quando a senhora Holtz passa pela família Cho, ela para e estende a mão para tocar os ombros de Lillia. Ela quer que Lillia vá sentar com ela no banco da frente. Lillia parece nervosa, mas a senhora Cho lhe dá um aceno encorajador.

A caminho do seu novo assento, Lillia passa por Reeve e a família dele. Os pais, os irmãos e as namoradas deles. Ocupam quase uma fileira toda. Reeve está com o cabelo recém-cortado. A pele do pescoço está avermelhada. Ele está usando o mesmo terno que usou no baile de formatura. Lillia não olha para ele, e ele não olha para ela. Reeve começa a folhear um livro de orações, enquanto ela baixa a cabeça e ocupa seu lugar.

Examino as vigas do teto, os beirais do telhado e as estátuas.

Rennie? Você também está aqui?

Continuo olhando ao redor, esperando que Rennie apareça. Só que isso não acontece. Ela não está aqui, como eu.

O que fiz para merecer isso? Ficar presa na Ilha Jar por toda a eternidade? Será que é porque cometi suicídio? Sei que foi uma enorme estupidez. Só queria que Reeve se arrependesse do que tinha feito. Tive vontade de desistir assim que pulei da cadeira com a corda enrolada em volta do meu pescoço, só que não consegui. Era tarde demais. Será que Deus não entende que a culpa não foi minha? Eu nunca teria feito isso se não fosse por Reeve. Ele é quem deveria ser punido, não eu.

O pastor nos pede que baixemos a cabeça e oremos. Abaixo o queixo e fecho os olhos. *Por favor, deixe-me ir embora deste lugar.*

Deixe-me encontrar o caminho dos céus. Deixe-me descansar em paz.

Quando abro os olhos novamente, a igreja está vazia. As luzes se apagaram; as flores desapareceram.

E eu estou completamente sozinha.

Capítulo 1

LILLIA

SE FOSSE UM DIA COMUM, NADIA E EU ESTARÍAMOS OUVINDO O PROGRAMA matutino da rádio local. Ela geralmente ri com as piadas que eles contam, com os efeitos de som de assovios e escorregões. Não acho o humor deles engraçado, mas gosto de ouvir as fofocas das celebridades. Às vezes, se eles estão sorteando alguma coisa ou fazendo alguma competição, Nadia faz ligações usando nossos dois celulares ao mesmo tempo, para aumentar as chances de ganhar.

Mas não hoje. Não no primeiro dia de volta às aulas desde que Rennie morreu. Hoje, enquanto dirijo o carro, o rádio fica desligado. O veículo está em silêncio, a não ser pelo som dos limpadores enquanto afastam os pequeninos flocos de neve do meu para-brisa.

Nadia tenta arrancar sua jaqueta acolchoada, apesar de estar usando o cinto de segurança.

— Pode diminuir o aquecedor? Estou morrendo de calor aqui.

Olho de relance para o painel. O botão está posicionado no máximo, além de o aquecedor dos assentos também estar acionado. É porque não consigo me aquecer. Meu corpo está frio desde que soube da notícia.

— Desculpe — digo.

Paro num lugar vazio do estacionamento e observo por um instante enquanto todos se dirigem para a escola. É como um filme mudo. Ninguém está conversando, ou brincando, ou dando risada. Imagino se algum dia a escola vai ser normal novamente, sem Rennie por aqui.

Tenho certeza que não.

Às vezes, quando estava irritada com ela, eu dizia a mim mesma que Rennie não era tão poderosa quanto achava que era. Que não tinha tanta influência assim, tanto poder sobre nossa escola. Porém, agora que ela partiu, sei que isso era verdade. Este lugar está morto sem ela.

— Quer que eu te acompanhe? — Nadia solta o cinto de segurança.

— Vou ficar bem. — Balanço a cabeça. Enquanto Nadia se curva sobre o banco de trás para pegar a mochila, eu digo: — Sabe, hoje eles devem trazer alguns psicólogos e orientadores. Caso a gente tenha vontade de conversar com alguém. Fiquei sabendo que a senhora Chirazo é muito legal.

— Você também, certo? — pergunta Nadia numa voz tímida, acenando com a cabeça.

— Claro. — Mas não sinto vontade alguma de conversar com ninguém. Supliquei à minha mãe que me deixasse ficar em casa hoje. Supliquei, implorei. Não tenho dormido bem. Na verdade, não tenho dormido nada. Fico deitada no escuro por horas a fio, mas nunca caio no sono.

Seguro Nadia pela manga antes de ela sair do carro.

— Ei. Não se preocupe comigo. Estou bem. — Sei que minha voz parece cansada, fraca, mas sorrio para compensar.

O pior de tudo é que sei que as pessoas vão estar sentindo pena de mim. Se ao menos soubessem a verdade, que Rennie me odiava antes de morrer. Que minha traição foi pior do que poderia ter sido a de qualquer outra pessoa. Quando fecho os olhos, fico vendo flashes do que aconteceu naqueles nossos últimos momentos juntas. Ela mostrando a Reeve as fotos em que coloco drogas na bebida dele durante o baile. Ela me dando um tapa na cara. Soluçando, odiando-me por tê-la traído.

E tem Mary também.

Pensar em vê-la hoje dá vontade de me enfiar num buraco. Como vou contar a ela sobre Reeve? E o que, exatamente, vou dizer? Que cometi um erro, mas agora tudo acabou? Pratiquei essa fala na minha cabeça tantas vezes, mas ainda não sei as palavras certas.

Ao atravessar o estacionamento da escola, fico de olho para ver se avisto o carro de Kat, mas não o vejo. Estou em falta com ela, estou lhe devendo um milhão de ligações. Tenho certeza que ela também está com raiva de mim.

Fico esperando que tudo isso não passe de um sonho ruim. Quero acordar e ter de novo as coisas do jeito que eram. Nem me importaria se Rennie me odiasse pelo resto da vida por causa do que aconteceu com Reeve na véspera do Ano-Novo. Mesmo se ela nunca mais quisesse falar comigo novamente. Tudo que eu queria agora era que ela estivesse viva.

Eu a vejo em todo lugar. Na estante de troféus do primeiro andar, onde a gente costumava ficar no primeiro ano, quando estava muito frio para sentar lá fora, perto da fonte. No armário do faxineiro, onde costumávamos esconder os recados de uma para a outra entre as aulas. O armário dela, o segundo ano.

Sinto as lágrimas surgirem, mas não quero mais chorar.

Estou em frente ao meu armário quando Ash vem correndo pelo corredor, abrindo caminho entre as pessoas para chegar perto de mim.

— Lil — ela geme, e joga os braços à minha volta, soluçando histericamente. Penso, insensível, que ela parece estar num filme sobre uma garota que morreu num acidente de carro. Outras pessoas no corredor se viram e olham para nós.

Eu a deixo chorar nos meus braços por um minuto, e então me afasto dela.

— Vou pegar um suco na máquina de refrigerantes. Quer alguma coisa? — Não estou tentando ser desalmada, mas não consigo lidar com ela neste momento. É simplesmente demais.

— Vou com você, então. — Ela sacode a cabeça.

— Não, fique aqui. Volto num minuto — digo. Dou um beijinho de leve na bochecha dela e me afasto depressa. Estou já na metade do corredor, pensando em simplesmente continuar andando sem parar, talvez dar o fora daqui e voltar para casa, quando alguém agarra meu braço por detrás.

Alex.

— Lil! — ele exclama. — Como é que está?

— Mais ou menos — balbucio.

Alex também parece não estar bem. Está com olheiras e barba por fazer. Esfrega os olhos, olha em volta e então diz:

— Fico esperando ver a Rennie. Parece... muito vazio sem ela por aqui. É como se sem ela por perto ninguém soubesse o que fazer.

É exatamente essa a sensação. Exatamente. E é um alívio que alguém perceba isso. Solto um suspiro que mais parece um gemido, Alex se aproxima de mim e eu deixo que ele me segure, e parece que seus braços são a única coisa a me manter em pé.

Não sei como, se é que é verdade, mas Alex parece saber sobre as coisas que aconteceram entre Reeve, Rennie e mim na noite de Ano-Novo. Porém, fico tão agradecida por ele estar aqui neste momento. Isso é o que ele sempre representou para mim. A pessoa que sempre soube do que eu precisava, sem eu precisar dizer. Mesmo quando não mereço.

Capítulo 2

KAT

ESCAPEI DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA AULA E O SR. TURNSHEK, RESPONSÁVEL pela segurança da escola, finalmente me dá o flagra durante a terceira. Estou fumando um cigarro debaixo das escadas, onde certa vez encontrei Mary se escondendo para se livrar de uma prova. Esperava que ela estivesse aqui. Vim para a escola bem cedo esta manhã e esperei por ela ao lado do seu armário. Queria saber quais eram suas desculpas por nunca me ligar nem passar na minha casa. A esta altura, ela já deve saber que Rennie morreu.

Mas Mary não apareceu.

O Sr. Turnshek me olha horrorizado.

— Eu sei, eu sei — admito, soltando a fumaça dos pulmões antes de me levantar. — A sala da diretoria. — Apago o cigarro na parede. Ele deixa um círculo cinzento no bloco de cimento.

Tenho fumado quase dois maços de cigarros por dia desde que Rennie morreu. Não consigo nem mais sentir o gosto da comida, e a pele entre meu dedo indicador e o médio está começando a ficar amarelada. Sei que isso é um mau sinal, eu deveria largar antes de me tornar realmente viciada. Digo isso a mim mesma todas as vezes antes de acender cada cigarrinho.

— É melhor você levar isso a sério, DeBrassio — Turnshek diz, de braços cruzados.

Acho que parte de mim queria ser pega. Não sei. Tudo neste dia está me irritando. Todo mundo se lamentando, chorando por causa de Rennie. Todo mundo se abraçando. É como se todos na escola

estivessem se ajudando. Só que ninguém está fazendo nada por mim. A maioria dos meus colegas de classe nem mesmo sabe que Rennie e eu costumávamos ser as melhores amigas, há muito tempo. Presumem que eu nem me importe com a morte dela.

Ou, pior ainda, que estou feliz.

Quase me descontrolei quando ouvi uma caloura idiota, líder de torcida, murmurar alguma coisa bem baixinho quando passei por ela no corredor. Dei meia-volta e fui direto até ela, fiquei bem na frente dela e a desafiei a repetir na minha cara o que havia dito.

Ela quase se borrou de medo naqueles jeans de marca.

Não deveria esperar que aquela idiota compreendesse o que estou passando. Mas Lillia e Mary conhecem minha história com Rennie. Só porque não fomos amigas nos últimos anos do ensino médio não significa que a morte dela não esteja me destruindo por dentro. Não significa que eu não precise desabafar e chorar pra valer. Afinal de contas, eu fui a última pessoa a ver Rennie com vida. E, no final, estávamos nos dando bem.

Ao contrário de Lillia e ela.

Mandei mensagens para Lil um monte de vezes, mas ela não me respondeu nem uma vez. Provavelmente está acampada do lado de fora do apartamento de Rennie, com o resto da galera, uns enxugando as lágrimas dos outros. Ou é isso, ou ela se sente culpada, porque sei que ela saiu com o Reeve naquela noite. Estou tentando não pensar desse modo, mas não ficaria surpresa se ela parasse de falar comigo. Na verdade, ela *deveria* ser bem discreta. Para começo de conversa, as pessoas devem estar se perguntando por que diabos Rennie foi embora da própria porcaria de festa. Se descobrirem o porquê, com certeza a merda vai bater no ventilador.

Só espero que Mary não saiba disso. Mas o fato de saber é a única explicação possível para ela não ter me respondido, nem me procurado também. Eu estava tão desesperada para conversar com alguém que até mesmo passei pela casa dela algumas vezes. Porém,

nunca parei. Por mais que quisesse, não estava pronta para responder a perguntas sobre Reeve e Lillia. Isso é problema de Lillia.

O Sr. Turnshek escreve um bilhete num papel cor-de-rosa e me manda para a sala da diretoria. Mas, em vez de caminhar naquela direção, vou procurar a Sra. Chirazo.

Os cinco orientadores estão agrupados em volta do café. Fizemos um anúncio no alto-falante hoje, convidando todos aqueles que precisassem de aconselhamento para lidar com a tristeza e o luto a vir aqui. Mas a sala está vazia.

A Sra. Chirazo percebe minha chegada e se afasta do grupo. O restante do grupo me lança um olhar feio por cima das canecas de café. Eles me conhecem como encenqueira, acho. Já a Sra. Chirazo nunca me viu dessa forma.

— Kat. Está tudo bem?

— Fui pega fumando no corredor. — Mostro a ela o bilhete cor-de-rosa.

— Ah, Kat. Por quê? Pensei que você se comportaria do melhor modo possível, até termos uma resposta de Oberlin.

Dou de ombros, porque não me importo. A esta altura, não ligo se vou ser expulsa. O que está feito, está feito. Cutucando as unhas, digo:

— Eu fui a melhor amiga de Rennie durante quase a minha vida inteira. Pelo menos até o ensino médio começar. E então passamos a odiar uma à outra. — Percebo que estou rangendo os dentes enquanto falo. Provavelmente porque não consigo aceitar que Rennie Holtz, que sempre foi a mais poderosa de todas, foi reduzida a uma pilha de cinzas numa droga de vaso brega.

— Não sabia disso.

— Então, é como se ninguém se importasse de saber como estou, entende? Como estou lidando com tudo isso. E a verdade é que não sei como devo agir. Isto é, devo bancar a durona e fingir que isso

não me incomoda? Deveria gritar na cara de todo mundo que eu era mais próxima de Rennie que qualquer um deles jamais foi? Está parecendo uma competição nojenta para saber quem a conhecia melhor. E as pessoas acham que venho por último, quando eu deveria estar no primeiro lugar, porra. — Olho a minha volta, e meus olhos se fixam num vaso cheio de flores secas no canto da mesa da secretária. Tenho um desejo avassalador de jogá-lo no chão. Fecho as mãos em punho e me seguro com força para me controlar.

A Sra. Chirazo parece notar. Um segundo depois a mão dela toca minhas costas, e ela me guia para dentro da sua sala, fechando a porta.

— Kat, esqueça o que as outras pessoas pensam. Você não tem que provar nada a ninguém. — Ela aponta para a porta. — Existe um motivo para não haver alunos nesta sala hoje. As pessoas querem sentir o luto perto dos amigos, com pessoas que entendem a ligação que havia entre elas, que não precisam perguntar nada. Você deveria se aproximar dos seus amigos mais íntimos.

— Eu tentei. Meus amigos se afastaram.

— Então tente de novo — ela diz com naturalidade. — Quando perdeu sua mãe, você não deixava ninguém se aproximar. Demorou um bom tempo. As pessoas não desistiram de você.

Movo os olhos em direção a uns pássaros voando do outro lado da janela. Imagino quanto tempo vai demorar para que eu me sinta normal novamente. Quando minha mãe morreu, fiquei deprimida o ano todo.

— Vou conversar com o diretor Tortola e ver se ele consegue desculpar sua falha de comportamento, tendo em vista as circunstâncias atuais. Enquanto isso, fique aqui o tempo que quiser. A secretária vai lhe escrever uma autorização para quando estiver disposta a voltar para a sala de aula. — A Sra. Chirazo se levanta.

Não fico por muito tempo. Só o suficiente para escrever um bilhete para Mary.

Oi. Quando pegar isto, me procure.

Sinto sua falta. Espero que esteja bem.

– K

Acabei de enfiar o bilhete dentro do armário de Mary, quando percebo que está sem cadeado.

Abro a porta esperando ver sua jaqueta pendurada lá dentro, mas tudo está assustadoramente limpo. Não daquele jeito limpo e organizado dos nerds no começo de cada semestre. Está completamente vazio. Somente meu bilhete dobrado no fundo.

Consigo pensar em duas possibilidades. Ou Mary trocou de armário, ou trocou de escola.

Não. Ela não se mudaria da Ilha Jar sem contar pra gente. Mesmo que tenha realmente descoberto tudo sobre Reeve e Lillia, ela não iria embora sem se despedir de mim. Sabe que me preocupo com ela. Sabe que sou sua amiga.

Pelo menos, espero que saiba.

Capítulo 3

LILLIA

AS PESSOAS TÊM DEIXADO FLORES NO ARMÁRIO DE RENNIE, ENFIANDO-AS pelas aberturas. Tomo cuidado ao abrir a porta, para que as flores não caiam no chão. A parte interna do armário dela tem fotos da equipe de líderes de torcida, dela e de Ash, dela e de Reeve. Nenhuma de nós duas. Aquela de nós duas na praia sumiu. Foi no verão logo após o nono ano, e estávamos usando biquínis coloridos e fazendo caretas para a câmera. Imagino se ela a rasgou, ou simplesmente a jogou no lixo. Ainda não olhei nenhum dos nossos álbuns de fotos. Não consigo. Dói muito.

Metodicamente, começo a separar seus objetos de uso pessoal dos livros de escola, que tenho de entregar ao Sr. Randolph. Jogo fora um pacote de donuts, um caderno espiral com só uma página de anotações dentro, meia embalagem de chicletes e um prendedor de cabelos felpudo preto. Sinto a mão tremer quando pego seu brilho labial favorito e seu espelho compacto preto — será que Paige gostaria de guardar estas coisas? Provavelmente não, mas e se ela quiser? Guardo todo o material numa caixa de papelão que o Sr. Randolph me deu, assim como um cardigã comprido, um cachecol e alguns fichários.

— Estava começando a achar que você tinha morrido também.

Olho para trás. É Kat, com a bolsa pendurada no ombro. O cabelo está preso no alto, num coque oleoso, fios escapando por trás, e ela está com olheiras. Está com uma aparência horrível.

— Perdão, piada infeliz — ela diz com uma careta.

— Ei. Kat, me perdoa, eu ...

Kat balança a mão, como se quisesse dizer *não tem importância*, e fico aliviada. Ela suspende a bolsa e a arruma no ombro.

— Aí, você viu a Mary hoje?

Balanço a cabeça.

— Fui ao armário dela para deixar um bilhete, e ele está completamente vazio. — Kat rói a unha. — Por acaso você contou a ela o que houve entre você e Reeve?

— Eu queria contar, mas as coisas têm estado tão malucas... — respondo, mordendo os lábios.

— Talvez ela tenha descoberto, de um jeito ou de outro, e é por isso que ela simplesmente desapareceu. — Kat enfia as mãos nos bolsos. — O que está acontecendo entre você e o Tabatsky agora? Vocês são um *casa*?

O desdém na voz dela me dá vontade de sumir e morrer.

— Não! Com certeza nós não somos um casal. Nós não somos nada.

— Não estou te acusando, Lil. Quero dizer... as coisas são o que são. Só quero que a gente seja franca uma com a outra.

Olho em volta antes de respirar fundo e começar de novo:

— Aquela coisa com Reeve acabou. Foi uma noite apenas, e não aconteceu de novo. E também não estou evitando vocês de propósito. Tenho ido à casa de Paige todos os dias, com Ash e toda a galera, tentando fazer com que ela se alimente. Ela está um caco. Só quer saber de dormir e chorar. Tem sido muito difícil.

— Bem, pelo menos tem gente ao lado dela. Quero dizer, com quem que vou chorar? Pat? Meu pai? Eles não entendem. Isto é, claro, eles estão tristes com o que aconteceu com ela. Mas ninguém conhecia Ren do jeito que nós conhecíamos. — A voz de Kat treme ao pronunciar o nome de Rennie.

— Sinto muito — sussurro.

— Tudo bem. Não importa. Eu só precisava desabafar. — Kat enxuga os olhos com a manga da roupa. Cerra os dentes e força um sorriso, que fica horrível. Numa voz apagada ela diz: — Já me sinto melhor.

Estendo a mão e aperto de leve seu ombro. Vou ter que enfrentar Mary qualquer dia desses. Devo isso a ela. Fecho a porta do armário de Rennie e levanto a caixa com os objetos dela.

— Vamos até a casa de Mary.

Pegamos o meu carro. Ao nos aproximarmos, Kat diz:

— Olha, estou pensando o seguinte. Se Mary estiver em casa, e ficar claro que ela não sabe sobre você e Reeve, e o que aconteceu na noite de Ano-Novo... talvez você não precise contar nada a ela.

— Não posso deixar de contar. — Posso? Prendo o fôlego.

— Mas como você mesma disse, está tudo acabado, e isso só a magoaria. Então não há necessidade de contar, certo?

— Acho que sim. — Não quero magoar Mary. É a última coisa que desejo. E esse caso com Reeve está realmente acabado. Talvez Kat esteja certa.

Estaciono na entrada da casa de Mary, bem atrás do Volvo da tia dela. Parece que ninguém tirou a neve com a pá; ela está derretendo aqui e ali. Quando saio do carro, o solado da minha bota range ao pisar em cacos de vidro. Kat e eu nos entreolhamos, apreensivas.

Vamos até a porta da frente e tocamos a campainha, mas ninguém atende. Tenho uma sensação estranha, como se alguém estivesse nos observando. É um arrepio na nuca, igual ao que sinto tarde da noite, quando todos em casa estão dormindo e eu desço para pegar um copo de água. Sempre volto correndo para o quarto, bem depressa.

Kat começa a bater na porta, com força.

— Isto é estranho — sussurro.

Kat continua a bater, até os nós dos dedos ficarem avermelhados.

— Que merda. — Ela aperta o rosto contra o vidro. — Parece que um furacão passou por aqui.

Encosto o nariz no vidro. Ah, meu Deus. As cadeiras da sala de jantar estão derrubadas no chão, a mesa da entrada está caída de lado.

— Kat, Mary pode estar com sérios problemas. Temos que chamar a polícia!

— A polícia? — Kat repete. Está torcendo o pescoço, tentando ver escada acima. — Por que a gente mesma não arromba a porta e descobre o que está acontecendo?

— Porque pode ser que haja um invasor lá dentro! Quem sabe o que podemos encontrar! — Seguro com força o braço dela e a arrasto de volta até o carro, onde pego meu celular e ligo para a emergência.

Capítulo 4

KAT

DEMORA UMA AGONIANTE MEIA HORA ATÉ UM CARRO DE POLÍCIA chegar à frente da casa de Mary. Quanta rapidez para uma droga de emergência.

Lillia salta do carro e caminha pela calçada até se encontrar com o policial na entrada da casa. Estou alguns passos atrás dela, quando Eddie Shofull sai da viatura como se fosse um caubói.

— Você só pode estar brincando comigo! — exclamo.

O policial Eddie Shofull tem apenas vinte e dois anos de idade. Mais parece um menino fantasiado num uniforme da polícia do que um policial de *verdade*. Ele costumava ser amigo de Pat na época de escola. Grande coisa. Eddie costumava fumar maconha com Pat quando estavam no ensino médio. Depois da formatura também. Praticamente até entrar na Polícia da Ilha Jar. O pai dele é o chefe de polícia interino. O máximo do nepotismo na polícia da Ilha Jar.

— O que você queria, Kat? Um investigador? — Eddie me olha irritado.

— Humm, é. Levando em conta que temos uma pessoa desaparecida aqui. Ou talvez uma situação com refém.

Eddie revira os olhos e envia uma mensagem via rádio para avisar que chegou ao local da chamada.

— Policial — Lillia diz, e me cutuca de lado. — Por favor. Nós não estamos conseguindo entrar em contato com nossa amiga. A pessoa responsável por ela teve problemas mentais, e queremos ter certeza que ela está bem.

— Quando foi a última vez que vocês a viram? — Eddie olha sobre nossas cabeças em direção à casa.

— Antes da noite de Ano-Novo — Lillia responde rapidamente.

— Tentaram telefonar para ela?

— Claro que tentei ligar para ela, seu idiota. — Jogo as mãos para o alto.

— *Kat!* — Lillia me lança um olhar de alerta antes de se voltar para Eddie. — Ninguém responde, senhor. O armário dela na escola foi esvaziado, e...

— Provavelmente ela se mudou. — Finalmente Lillia corresponde ao meu olhar — sabendo que Eddie é mesmo um completo imbecil.

— Então me diga por que a casa dela está totalmente revirada, e tem uma tonelada de cacos de vidro na entrada!

Lillia o segura pela mão e o leva até a pilha de vidro quebrado. Ele liga sua lanterna sobre os cacos, muito embora o dia ainda esteja claro e ensolarado e possamos enxergar muito bem. Ele pisa com a bota sobre alguns cacos.

— Não dá para saber quando esse vidro foi quebrado. Pode ter sido há meses. Até mesmo há anos.

— Há anos? — zombo. — Pare com isso, Eddie. Você parece besta!

— Só preciso fazer uma ligação, e vocês, garotas, vão passar uma noite na cadeia por fazerem uma chamada falsa e agredirem um policial. — Ele estreita os olhos e leva a mão ao rádio.

Os olhos de Lillia se arregalam. Ela está acreditando piamente nessas ameaças de mentirinha.

— Nós não queremos desrespeitá-lo....

— Eu quero, sim! — grito.

— Por favor, dê só uma olhada na casa, certo? Porque se nossa amiga estiver lá dentro, sendo torturada pela maluca da tia dela, e

— Você não investigar direito, é você quem vai pra cadeia! — E, dizendo isso, Lillia cruza os braços e cerra os lábios, determinada.

— Tudo bem. Vou examinar rapidamente o perímetro. Vocês duas, fiquem aqui. — Eddie nos encara e então tira o cassetete do cinturão.

Mas é claro que a gente não fica. Seguimos Eddie enquanto ele dá a volta pelos fundos da casa.

— Mary? Você está aí? — nós duas gritamos.

Eddie sobe os degraus traseiros e bate com força na porta da cozinha com a ponta do cassetete. E não dá para acreditar, mas a porta se abre completamente.

Lillia e eu nos entreolhamos antes de passarmos na frente de Eddie e entrarmos na casa.

— Garotas, voltem aqui! — ele grita da soleira da porta. — Estou falando sério, Kat! Voltem!

— Mary? — Lillia chama. — Você está aqui? — Sua respiração faz pequenas nuvens. O aquecedor está desligado. Está mais frio aqui dentro do que lá fora.

Há um silêncio profundo.

E sujeira por toda parte.

— Isso é tão estranho. — Caminho até a mesa da cozinha. — Parece que Mary e a tia dela literalmente desapareceram da face da Terra sem deixar rastro. Por que deixariam louça suja na pia? Tem pratos vazios na mesa. — Eu me debruço e vejo fezes de rato.

— Kat, vem. Vamos checar o andar de cima — Lillia diz.

— Isto é invasão de propriedade! — resmungo Eddie, dando um passo para dentro.

— Você vem conosco ou não, Eddie?

Aperto minha jaqueta em volta do pescoço, e nós três adentramos ainda mais a casa, o corredor, a sala de estar. O lugar ainda está

cheio de coisas da família de Mary. Tem pinturas de farol e de paisagens marítimas penduradas em quase todas as paredes, e várias fotos de família sobre o parapeito da lareira. Eu me aproximo de uma delas. É de Mary quando menina, ao lado de duas pessoas que imagino serem seu pai e sua mãe. Mal dá para reconhecê-la. Lembro-me de ela nos contar que costumava ser gordinha, e eu não tinha ideia. Mas ela era obesa. As bochechas enormes, o queixo duplo, um barrigão.

Posso até imaginar Reeve tirando sarro dela, aquele cretino.

— Talvez isso signifique que ela pretende voltar aqui algum dia. A família dela deve querer pegar as coisas deles, né? — Lillia também olha a foto.

— Pode ser. — Mas não acredito nisso. Olhando para o resto da sala, dá para ver que está quase tudo destruído.

Lil e eu subimos para o andar de cima. Eddie já está lá, apontando a lanterna para outra escada, que provavelmente leva ao sótão.

Chegamos até um quarto e paramos no umbral da porta. Cama desfeita, portas dos armários escancaradas, roupas espalhadas ao redor. E o mais estranho de tudo, o chão todo está coberto com centenas de livros abertos ao acaso.

— Este deve ser o quarto da tia dela — Lillia sussurra.

De repente sinto uma mão no meu braço.

— A casa está vazia — Eddie diz, empurrando-me de volta em direção à escadaria. — Vamos dar o fora daqui. Vamos!

— Espere, Kat! Olhe isto aqui!

Eu me liberto de Eddie e sigo o som da voz de Lillia vindo de outro quarto.

É o único que está completamente esvaziado. Tem uma cômoda, uma cama sem lençóis e um armário de roupas vazio. Vou até a janela e olho para baixo, o lugar de onde Lillia e eu jogamos pedrinhas para chamar a atenção de Mary quando viemos visitá-la

uma vez no meio da noite. Aquela foi a primeira vez que ela nos contou sobre Reeve, e sobre o que ele tinha feito a ela.

— Ela deve ter empacotado todas as coisas dela. — Lillia sacode a cabeça. Também não acredita. — Acho que ela realmente foi embora sem nem mesmo se despedir.

• • •

Ao sair da casa, Eddie fecha a porta dos fundos e trata de trancá-la. Então ele vai embora. Lillia e eu entramos no carro dela. Também deveríamos partir, mas não conseguimos. Pelo menos ainda não.

— A última vez que vi Mary, ela estava feliz — comento. — Cantando e dançando porque você tinha dado o fora no Reeve, naquela noite em que nós três dormimos juntas. Você se lembra, ela não apareceu na festa de Rennie na noite de Ano-Novo. Talvez naquele dia ela já tivesse se acalmado. Ela conseguiu o que queria e foi embora rapidinho.

— Talvez... — Com um suspiro, Lillia dá partida no carro e segue em direção à minha casa.

— Ou, sabe o que mais? As coisas têm sido tão loucas desde que Rennie morreu. Talvez Mary tenha vindo se despedir quando nós duas estávamos no velório. — Mexo no meu cinto de segurança. — Ou pode ser que tenha acontecido alguma coisa com a tia dela. Tipo uma intervenção de família, e ela não teve tempo para vir nos encontrar. Não importa, aposto que logo, logo, ela vai nos ligar.

Consigo pensar num milhão de desculpas. O problema é que não acredito em nenhuma delas.

Capítulo 5

MARY

DO ALTO DO TELHADO DO FAROL, A ILHA JAR PARECE PEQUENA, COMO uma cidade de brinquedo, com gente de brinquedo. É onde estou empoleirada, como uma gaivota esperando a tempestade passar. É o mais perto do céu que jamais estive, e todo o resto fica minúsculo. Um homem passeando com seu poodle, um carro subindo a Main Street, uma criança chorando e chamando a mãe. Estou distante demais para me envolver. O que importa? O que tudo isso importa?

Antes, teria medo de estar num lugar tão alto. Agora não tenho mais medo. Nem mesmo estou triste. Não sinto nada.

É estranho como, durante toda a minha vida, nunca quis ir embora da Ilha Jar e, agora que estou morta, não consigo partir. Lembro-me de quando voltei para cá, acordando na balsa depois que ela já tinha atracado.

Ou será que já saí daqui? Houve aquela vez, depois dos primeiros dias na escola, quando não suportava mais a situação com Reeve. Queria voltar para junto do meu pai e da minha mãe. Arrumei as malas e desci até as docas, pronta para partir, mas incapaz de ir embora. Não sabia o porquê naquela época, mas agora sei.

Por algum motivo estou presa aqui. Estou presa aqui, talvez desde o dia em que me matei.

O que eu gostaria de saber é o porquê. Por que ainda estou aqui? Rennie conseguiu partir. Ela está no céu? Ou foi direto para o inferno? Espero que meu pai esteja no céu. Ele foi um bom pai. Merece estar lá. Queria estar lá com ele.

Começa a nevar. Não estou usando um casaco. Não tenho meias nem sapatos. Só um simples vestido branco. Se fechar os olhos, posso quase sentir o vento gelado batendo à minha volta, posso quase sentir o frio da maresia. Quase.

Todos esses meses de fingimento, fazendo de conta que eu ainda estava viva, como se eu fosse alguém. Só que eu não sabia que era faz de conta. Pensei que fosse de verdade. Parecia de verdade.

Minha amizade com Lillia e Kat foi real. Aos olhos delas eu estava viva. Nunca tive amigas como elas antes. Foi a única vez na minha vida em que me senti parte de alguma coisa.

Elas me fizeram real. Pelo menos por um curto período.

Se abrir mão delas, talvez possa finalmente seguir em frente. Para o céu, para o inferno, para qualquer lugar. Desde que não seja a Ilha Jar.

Capítulo 6

LILLIA

SÁBADO À NOITE TEM UMA VIGÍLIA À LUZ DE VELAS PARA RENNIE, NO pátio do lado de fora da escola. Está muito frio, e o vento está soprando com tanta força que as velas das pessoas se apagam, então elas abreviam a vigília. Kat está presente, mas vai embora cedo.

Mais tarde, Paige caminha por ali em volta convidando todo mundo para ir a sua casa, pois ela limpou a galeria e descobriu que sobraram alguns destilados e cervejas da festa de Rennie. Ela diz que quer se livrar daquilo.

— Podemos chorar e beber e contar histórias sobre Rennie. Todo mundo pode acampar lá fora depois, e dormir ali — afirma ela.

Já dormi na casa dela duas vezes esta semana, porque Paige não quer ficar sozinha nas noites em que o namorado dela tem que voltar para o restaurante no continente. Ela me faz ficar acordada a noite toda com ela, e é uma montanha-russa de risadas num minuto e choro no outro. A pior parte é dormir na cama de Rennie, porque, quando acordo, fico esperando vê-la ali ao meu lado.

Quando chego ao apartamento, todo mundo já está lá. Ash está sentada no colo de Derek na poltrona; PJ está estendido no chão com um chapéu sobre o rosto; algumas poucas garotas da equipe estão na cozinha. Alex está sentado no aquecedor, folheando um álbum de fotografias. Reeve está ao lado de Paige no sofá. Ela está com uma enorme caixa de sapatos no colo, mostrando a todos as recordações que guardou, como o minúsculo vestidinho branco no qual Rennie foi batizada. Dá para perceber que ela já está um pouco bêbada. Reeve mal olha para os objetos, apenas rápidos olhares de

relance. Vou até a cozinha e faço um sanduíche de peru para Paige, pois tenho certeza que ela não comeu nada. Sinto os olhos de Reeve sobre mim, mas, quando levanto o rosto, ele já afastou o olhar.

Coloco o sanduíche num prato e o levo para Paige.

— Tente comer um pouco.

Paige me dá um beijo no rosto. Seu hálito cheira a uísque e algo azedo.

— Você é o meu anjo — diz ela, apoiando o prato na mesinha de centro. — Eu pretendia fazer uns salgadinhos para vocês hoje, mas, quando fui até a loja, pareceu que todo mundo estava pensando mal de mim, então fui embora.

— O que quer dizer com isso? — pergunta Alex, franzindo o cenho.

— Todos os pais da Ilha Jar estão convencidos de que sou uma mãe horrível — ela desabafa. — Acham que Rennie se envolveu naquele acidente porque estava bebendo e saiu dirigindo. Eu vi o relatório da polícia. Não tem nada disso no boletim de ocorrência. Foi algum tipo de defeito com o Jeep.

— Meu pai disse que você pode processar o fabricante do carro — Ashlin comenta. — Você certamente tem motivos.

Paige mal presta atenção e diz:

— Além do mais, vocês sabem que Rennie aguentava bem a bebida. Ela se parecia com o pai. Mas as pessoas preferem inventar histórias a acreditar na verdade. Elas querem espalhar que sou uma mãe despreparada. Essas pessoas nunca gostaram de mim. Nunca me aceitaram.

Engulo em seco e abaixo o olhar. Minha mãe já tinha feito esse tipo de comentário. Querendo saber se Paige costumava nos dar bebida alcoólica. Disse a ela que claro que não. E não era mentira. Rennie tinha seus próprios meios de conseguir bebida. Mas Paige também não nos desencorajava. No entanto, ela sempre se

certificava de que estivéssemos seguras e ninguém dirigisse se estivesse bebendo.

Paige olha de relance para Alex.

— Querido, não estou tentando ser uma megera, mas sua mãe é um exemplo perfeito. Eu sei que ela deixa vocês beberem na casa dela. Mas, se acontece na minha galeria, então sou uma vagabunda?

— Sinto muito — Alex gagueja, o rosto vermelho.

— Não, não, não, não, meu bem. Por favor. Tudo bem. Vocês sabem a verdade, e isso é tudo o que me interessa. Então vamos nos divertir esta noite, certo? Pela Rennie. — Ela toca o assento ao seu lado. — Reeve, chega um pouquinho para lá, para dar lugar a Lil — Paige ordena.

Reeve se afasta o mais que pode, e eu me sento.

— Olhe isto — Paige diz e me entrega uma foto de Reeve e Rennie no jardim de infância. Ambos estão bem vestidos, porque é o primeiro dia de aula. O cabelo encaracolado dela está preso com maria-chiquinha, e ele está com uma camisa toda abotoada e sem o dente da frente. Não consigo deixar de sorrir.

— Tão bonitinhos — digo. Passo a foto para ele, com cuidado para não tocar nos seus dedos.

Reeve encara a foto, engole em seco e então a entrega a Paige.

— Fique com ela — ela diz. Depois, tomando um gole da bebida, continua: — Sabe, eu sempre pensei que vocês se casariam algum dia.

Ele fica paralisado. Vejo a dor no seu rosto, a culpa. Enxergo tudo o que está tentando esconder.

— Rennie costumava dizer que, se vocês se casassem, ela queria ter uma foto dela com você e todos os seus irmãos jogando-a no mar com o vestido de noiva — Ash fala em voz alta.

Paige segura um soluço, e Reeve olha sério para Ash.

Sentada ao lado dele no sofá, estou ciente demais do seu corpo. Todas as vezes que ele se mexe ou fala, meu coração bate duas vezes mais rápido, e sinto dificuldade de respirar, ou de me concentrar. Quando Ash sugere que a gente assista a um filme antigo que nós mesmas fizemos da equipe de líderes de torcida, dou um pulo para ir pegar o notebook de Rennie, e é um alívio não estar no mesmo cômodo que ele.

Sento à escrivaninha dela e abro o computador. Tem um cartão de memória já plugado na entrada USB. Eu o abro e procuro os vídeos dela, e então vejo um arquivo chamado “Baile de formatura”, e sinto um calor percorrer meu corpo. Clico em cima do ícone, e lá estão: fotos ampliadas de mim, colocando droga na bebida de Reeve. Rapidamente mando todo o arquivo para a lixeira, que, em seguida, esvazio.

— Encontrou o vídeo, Lil? — Ash grita lá da sala.

— Ainda não — respondo, tentando fazer minha voz sair normal, não culpada e enojada de mim mesma.

— Depressaaaa!

Faço uma busca rápida no computador dela por “Baile de formatura”, caso ela o tenha salvado ali também, mas não tem nada, e meu coração finalmente começa a bater mais devagar.

— Não consegui encontrá-lo — digo, voltando para a sala de estar.

Ash faz uma careta. Melancolicamente, ela diz:

— Acho que nunca mais vamos vê-lo novamente.

Então todos ficam em silêncio. Paige vai para o quarto descansar um pouco, e o resto de nós fica sentado ali em volta, sem jeito, num silêncio triste.

— Ei! Por que não jogamos um jogo de beber? — Alex finalmente diz. — Pode ser chamado de... “Lembra Quando”. E todo mundo tem que contar uma recordação de Rennie. Se você lembrar, você bebe. Ou... se não lembrar, você também bebe.

— É uma ideia excelente — digo, levantando-me. Pego copos para todos, e Ash pega uma garrafa de vodca sabor canela da caixa de papelão na cozinha.

Alex vai primeiro. Ele ergue o copo e diz:

— Lembram quando Rennie tentou me convencer a depilar as sobrancelhas? — Ele começa a rir. Todos nós rimos.

— Ela não chegou a marcar hora em algum lugar? — Ash pergunta, caindo na risada.

— Arrã. Ela marcou. Num salão de manicure, eu acho. — Alex sacode a cabeça. — Graças a Deus percebi que ela estava brincando, antes que fosse tarde demais.

Levantamos os copos e bebemos, e então encho de novo os copos de todo mundo.

— Lembram quando a Rennie invadiu a sala dos professores e roubou a caneca de café favorita da Sra. Penfeld? Aquela com o desenho de um gato de suéter? — Ash diz. Ergo o copo e tomo um gole, junto com quase todos.

Menos PJ. Ele ficou de queixo caído.

— Ela não fez isso!

— Ah, ela fez, sim — Ash afirma. — Você não se lembra dela levando a caneca a algumas festas?

— Cara. A Holtz era corajosa. — PJ balança a cabeça.

Estou sorrindo, mas durante todo o tempo minha mente não para de rodar. Porque logo será minha vez, e não consigo pensar em nada. Tenho tantas histórias de Rennie para contar, parece que toda a minha vida aqui na Ilha Jar foi passada com ela, e mesmo assim não consigo me lembrar de coisa alguma. Estou tão apavorada que tenho vontade de chorar.

— Sua vez. — Alex aponta o queixo em direção a Reeve.

— Passo. — Reeve encolhe os ombros.

Ash tenta convencê-lo com doçura a contar alguma coisa, mas ele se recusa. Ela é insistente, mas isso só faz Reeve se fechar ainda mais. Os músculos dos seus ombros estão tensos, e ele está prestes a se levantar e ir embora, eu sei. Lanço um olhar de advertência a Ash, para ela parar de insistir.

— PJ, sua vez — digo, e PJ começa uma história sobre Rennie entrar escondida no banheiro dos meninos, e todos começam a rir, e a tensão do momento desaparece. Nossos olhos se encontram, e percebo que Reeve está agradecido. Pouco antes de chegar minha vez, me levanto e vou ao banheiro, e não volto até ter certeza de que eles passaram para a próxima pessoa.

• • •

Depois da meia-noite, algumas pessoas foram embora e algumas caíram desmaiadas no sofá e no quarto de Rennie. Acho que é porque todos começaram a beber desde muito cedo. Estou na cama de Paige, com Paige e Ash. As duas estão dormindo, mas eu estou apenas deitada. Finalmente me levanto e abro a porta do quarto.

Na sala de visitas a televisão está ligada, e Reeve está limpando a sujeira, fechando um saco de lixo reciclável. Eu o observo por alguns segundos e de repente sinto o coração se apertar de saudades dele, tanto que chega a doer. Estou prestes a dizer alguma coisa, quando Alex sai da cozinha. Dou um passo atrás, entrando no quarto de Paige antes que notem minha presença.

— Como estão as coisas? — ouço Alex dizer.

— Está tudo bem. — Posso ouvir a surpresa na voz de Reeve quando ele responde.

— Vamos lá, cara. Eu sei o quanto você gostava dela. — Alex faz uma pausa. — Ainda estou bravo com você por ter ido atrás da Lillia...

— Aquilo já acabou.

Dói ouvir Reeve dizer isso, mas é preciso.

— Se precisar conversar com alguém, estou aqui ao seu lado — diz Alex.

Há uma longa pausa e seguro a respiração, esperando. Esperando que Reeve se abra com ele. Alex sempre teve jeito para conversar com Reeve. A opinião dele é a única que Reeve sempre levou em consideração, além da de Rennie.

— Estou bem. Mas obrigado assim mesmo — responde Reeve, rispidamente.

Solto a respiração que estava presa. Então ouço Alex dizer:

— Tudo bem. — Alguns segundos depois, a porta da frente se abre e fecha.

Dou um passo para dentro, pensando que foi Reeve quem saiu. Só que não foi.

Ele levanta a cabeça e me vê parada ali.

— Ah, oi — diz ele, assustado.

— Oi. — Começo a recolher copos de plástico.

Trabalhamos em silêncio. Quando estamos quase terminando, ouço um som abafado, levanto o olhar e vejo Reeve. Ele está de costas para mim, os ombros tremendo. Ele está chorando.

Fico absolutamente imóvel. Por alguns segundos não tenho certeza do que fazer para ajudá-lo. Então, percebo que sei o que fazer. Não olho pra ele quando digo:

— Pode ir. Eu termino tudo por aqui.

— Tchau, Cho. — Ele pega o casaco e vai embora. Quando ele sai, desato a chorar.

Capítulo 7

KAT

NÃO CONSIGO TIRAR MARY DA CABEÇA.

Então, na segunda-feira de manhã, falto à primeira aula e vou procurar a Sra. Chirazo. Talvez ela possa me dizer alguma coisa sobre o paradeiro de Mary. Só porque ela não está trancada no sótão, com aquela maluca da tia dela, não significa que eu não deva me preocupar com o que pode ter acontecido com ela. A secretária não me vê chegar, está ao telefone, então entro direto no escritório da Sra. Chirazo.

Ela não está ali.

Espero durante alguns minutos, sentindo-me uma idiota. Não sei o que a Sra. Chirazo vai poder me dizer. Aposto que há leis sobre privacidade e outras idiotices que ela não vai poder contrariar, mesmo que seja legal comigo. Não tem nenhuma pasta de aluno sobre a mesa dela. Está tudo no computador. Levanto o traseiro da cadeira e espio a tela. Está ligado, sem necessidade de senha.

Que se foda. Pulo para a cadeira dela. Se conseguir olhar a pasta com os registros escolares de Mary, talvez descubra alguma informação de contato da família. Ou da tia Bette, ou dos pais dela. Talvez Mary tenha ido para casa passar as férias e decidido não voltar mais. Se for esse o caso, vou lhe escrever uma carta. Melhor ainda, Lillia e eu podemos fazer uma pequena viagem para visitá-la.

Abro um ícone intitulado “Cópias das fichas dos alunos”, digito “Mary Zane” e aperto o Enter. Uma ampulheta aparece enquanto o computador procura nos registros. Demora uma eternidade, porque este computador é velho pra caramba.

Nada.

Tento de novo, digitando "Zane, Mary". E depois simplesmente "Zane", caso "Mary" seja a abreviatura de algum nome estranho que eu não saiba. Sem sorte. Estranho. Coloco seu endereço e procuro novamente. Mas todas as vezes nada surge.

Não existe nenhum registro dela.

Que merda é essa?

Ouçoo um par de sapatos baixos pisar do lado de fora da porta, e tenho apenas meio segundo para sair da cadeira da Sra. Chirazo e voltar para o assento do outro lado da mesa dela.

— Kat?

— Oi. — Tenho impressão de que a Sra. Chirazo sabe que eu estava aprontando alguma coisa, porque ela me olha de um jeito estranho, desconfiada. Já recebi esse olhar centenas de vezes, mas nunca vindo dela. — Quis dar uma passadinha aqui e ver se estava tudo certo com aquele probleminha do cigarro da semana passada. — Pigarreio. — Acho melhor voltar para a sala de aula.

— Sim — diz ela, lentamente. — Boa ideia, Kat.

• • •

Depois das aulas dou umas voltas até chegar ao escritório da Sociedade de Preservação em White Haven. É o meu primeiro dia de trabalho, desde as férias. A decoração já foi retirada — as guirlandas, as lâmpadas elétricas piscando nas janelas, as plantas que eles me mandaram prender em volta dos corrimões e batentes de porta.

Se tivesse vindo de carro direto para cá, teria chegado na hora, mas fiquei, tipo, passeando pela ilha durante algum tempo, porque, bem, eu não sei. Acho que esperava que o ar fresco clareasse minha cabeça. Só que não clareou. Estou tão bagunçada quanto as pilhas de neve enlameada ao longo da estrada.

Arrasto-me escada acima, cheirando a cigarro, as botas completamente ensopadas e o nariz escorrendo demais. Espero que eles olhem para mim e me mandem de volta para casa, mas, assim que entro pela porta, Danner Longforth sai do seu escritório e aponta o relógio com um dedo ossudo de unha bem-feita.

Danner Longforth é uma das mulheres mais jovens que trabalham aqui na Sociedade de Preservação. Aposto que não tem nem trinta anos. É casada com um cara velho, super-rico, que mora perto dos Chos. Duvido que ela já tenha tido algum emprego de verdade. Fica toda empolgada com o material de escritório — cliques de papel e outras baboseiras.

— Katherine. — A voz dela é tão fina quanto o corpo, e ela pronuncia lentamente o *n* do meu nome, até estar bem à minha frente. — Você deveria ter chegado aqui há trinta minutos.

Ela me pegou de surpresa. Danner não é minha superior nem minha chefe. Na verdade, eu nem tinha ideia que ela sabia o meu nome.

— Eu...

— Sei que você não pensa assim, mas nós fazemos um trabalho importante aqui. — Ela aponta a parede perto de nós, onde uma série de quadros de diplomas com caligrafia elaborada e folhas douradas estão pendurados. — Nesses últimos seis anos, nossos esforços têm sido reconhecidos pelo governador. E, se quiser continuar a ter o privilégio de uma posição aqui como voluntária, se quiser receber o tipo de carta de recomendação que vai fazer sua inscrição para a faculdade se destacar das outras, precisa fazer por merecer. Chegar aqui na hora é a menor das suas obrigações. — Ela cruza os braços e cerra os lábios.

Olho para ela, e, na voz mais calma que consigo, respondo:

— Houve uma cerimônia religiosa depois da aula hoje. Para Rennie Holtz, a garota que morreu no Ano-Novo.

É mentira, mas não importa. A idiota tem que aprender a se controlar.

— Ah — Danner pronuncia em voz baixa, e brinca com um dos seus muitos anéis. — Bem, por que não disse nada antes?

— Quando? Você estava ocupada demais me repreendendo.

Imediatamente me preocupo em talvez ter ido longe demais, pensando que Danner vai me despedir naquele mesmo instante. Mas ela não o faz. Está usando um cardigã caramelo felpudo, e o aperta com força em volta do corpo.

— Você era amiga daquela pobre garota?

Sinto meus lábios se crisparem. Quem é ela para me perguntar isso?

— Sim — digo através dos dentes cerrados. — Sim, eu era. — E é verdade. Bem no final, eu era amiga de Rennie.

— Entendo — ela responde e então baixa os olhos. — Bom, gostaria de me desculpar com você, Katherine. Eu não deveria ter reagido desse modo. Este é um período bem atarefado para nós aqui, e sempre sinto que estamos atrasados com alguma coisa. — Ela suspira. — Por favor, se precisar, tire o dia de folga hoje... mas, se conseguir ficar aqui por uma hora ou duas, vou realmente agradecer.

— Vou ficar um pouco — digo, e me viro para descer ao porão. É lá que escaneio os documentos antigos, escrituras e recortes de jornal para os arquivos da Sociedade de Preservação. Mas Danner toca meu ombro e me impede de me afastar dali.

— Na verdade, o projeto de arquivamento está em banho-maria agora. Nosso foco é no evento beneficente anual que acontecerá em março. Não sei se os seus pais já participaram de algum — eu a observo me examinando, percebendo que isso é improvável —, mas será uma excelente experiência para você. Não vou me esquecer de mencionar isso na sua carta de recomendação. As bancas de admissão gostam muito de projetos de caridade.

Tenho vontade de rir. Projetos de caridade costumam ser trabalhos nos quais se distribui comida a pessoas carentes, ou nos quais se é voluntário em abrigos para mulheres molestadas. Não fazendo trabalhinhos para um punhado de senhoras ricas que fingem trabalhar.

Mas eu realmente preciso de uma recomendação importante para ser aceita em Oberlin. Essa é a minha oportunidade de ouro, à qual tenho que me apegar. Um futuro longe desta ilha, de toda dor e sofrimento, e de todas as lembranças ruins.

Quando penso desse modo, não posso culpar Mary por querer ir embora.

— Para que é essa festa beneficente?

— Para levantar dinheiro para os esforços de preservação deste ano. Vai ser um enorme jantar formal no velho prédio da prefeitura, além de um leilão silencioso. Ano passado recebemos quase meio milhão de dólares, que investimos na compra e na renovação de marcos históricos da Ilha Jar.

Um baile de formatura para pessoas ricas. Jesusssss.

Danner caminha de volta para seu escritório e então volta com vários pedaços de papel.

— Tudo bem, Katherine. Preciso que você confira novamente estes endereços nos convites com aqueles anotados na nossa agenda telefônica. Evelyn trabalhou neles esta manhã, então acredito que não tenha sobrado muita coisa para você. Precisamos ter certeza que todos os endereços estão corretos, antes de mandarmos a lista final para o calígrafo. Ele cobra por envelope, e não podemos nos dar ao luxo de gastar dinheiro com erros que podem ser evitados.

Estou prestes a dizer a Danner que eles poderiam economizar dinheiro, humm, não gastando dinheiro com baboseiras idiotas como essa. Isto é, esse é um evento para arrecadar dinheiro, certo? Mas Danner já está se dirigindo à sala envidraçada de conferência, onde se vê uma mesa repleta de senhoras discutindo animadamente

alguma coisa. Provavelmente estão debatendo sobre o uniforme dos garçons.

Olho nos olhos de Evelyn, que é sem dúvida a senhora mais velha da sala. Duvido que a deixariam trabalhar aqui se ela não fosse estupidamente rica, e aposto que esperam que ela deixe algum dinheiro para a Sociedade de Preservação quando bater as botas. Evelyn está trabalhando num computador. Sua mão segura hesitante o mouse, como se ele estivesse vivo e fosse morder seus dedos enrugados.

Sento a uma mesinha vazia e passo os olhos pela lista. Só tenho três páginas para checar antes de chegar ao final do alfabeto...

Erica Zane?

O sobrenome de Mary. Será que é a mãe dela?

Não tem endereço anotado. Apenas um número de telefone.

Estou tão animada que mal consigo disar. E se Mary atender o telefone? O que vou dizer?

Não tenho que me preocupar por muito tempo. Assim que termino de disar o último número, ouço uma musiquinha e uma gravação avisando que esse número não está mais em funcionamento.

Para onde foram esses Zanes?

Checo o resto dos endereços e espero Danner voltar da sala de conferências. Assim que ela chega, vou até ela, apontando o nome de Erica Zane.

— Não consegui achar o endereço dela na agenda telefônica. E esse telefone não funciona mais. O que devo fazer?

Os lábios de Danner se crispam. Ela pega uma caneta preta e risca o nome.

— Não se preocupe com esse nome. Não deveria estar na lista de convidados.

Droga. Minha única pista é um fracasso.

Capítulo 8

LILLIA

PAIGE ME MANDA UMA MENSAGEM PEDINDO PARA EU PASSAR NA CASA dela depois da aula.

Quando chego lá, a porta está destrancada, então entro e chamo:
— Paige? É Lillia.

Passo primeiro na cozinha. Tem pratos no escorredor, recém-lavados. Paige detesta lavar a louça. Essa tarefa sempre foi de Rennie. Deve ter sido Reeve. Ash me contou que ele tem ajudado bastante Paige também. Olho à minha volta e vejo que ele amarrou um saco de lixo cheio de latas e garrafas para reciclagem, e o colocou perto da porta da frente.

— Estou aqui, Lil!

Encontro Paige no quarto, ainda de roupão e pijamas. Ela está empacotando suas roupas numa caixa de papelão. Ela me olha, e seus olhos têm aquela expressão de zumbi, como quando toma remédio para dormir.

— Você está de mudança? — pergunto a ela. Não tinha ouvido falar disso antes. Mas acho que faz sentido. Paige sempre disse que iria embora da Ilha Jar quando Rennie se formasse. A única razão de ela ter ficado tanto tempo foi porque Rennie suplicou.

— Vou dar o fora daqui antes do final deste mês. Rick quer que eu vá morar com ele. Não posso ficar nesta ilha, não sem minha menina. Não tem mais nada para mim aqui. — Paige enxuga os olhos, e numa voz apagada diz: — Você deveria dar uma olhada no quarto de Ren, ver se tem alguma coisa dela que queira guardar de

lembrança. Talvez aquele colar que você deu a ela de presente. Eu a teria enterrado com aquele colar, mas... — Ela perde as forças e começa a chorar, abre os braços para mim, e eu a abraço. Ela me aperta com força. — Fica para jantar, ok?

Não quero ficar. Sei que, se disser sim para o jantar, Paige vai insistir para eu passar a noite aqui, e não posso. Não posso acordar sozinha na cama de Rennie de novo. Mas isso não tem a ver com o que quero ou não. Ser boa para Paige é minha penitência, uma maneira de acertar as coisas erradas que fiz contra Rennie.

— Claro, vou ficar — afirmo.

Vou ao banheiro para ligar para minha mãe. Quando digo a ela que não vou jantar em casa, percebo que ela não gosta, pois fica em silêncio por um minuto. Então, diz:

— Lilli, é demais pra você. Você ainda é uma criança. Precisa descansar.

Bem que eu gostaria. Mas não posso. Não mereço. Então sussurro:

— Mamãe, é o mínimo que posso fazer por Rennie. Por favor.

Ela solta um suspiro pesado.

— Vê se come alguma coisa saudável. E manda um abraço para Paige.

Quando volto, Reeve está na cozinha falando ao telefone, pedindo comida chinesa baixinho. Ele esfrega a testa, como se estivesse com dor de cabeça.

— Pode fazer o General Tso com tempero extra? — ele pede. Sei que é assim que Paige gosta, como ela e Rennie gostavam. Reeve desliga o telefone e me faz um aceno com a cabeça. — Oi.

— Eu... pensei que tivesse ido embora.

— Acabei de levar alguns dos móveis de Rennie para um centro de caridade, a Goodwill. Paige quer que eu reboque a parede do quarto

de Rennie, nos lugares onde ela pendurava coisas, para ela não perder o dinheiro do depósito.

Ele abaixa o olhar.

Há um silêncio constrangedor entre nós. Parece durar para sempre.

— Por que não vai para casa? Eu posso ficar e jantar com ela, e você pode consertar as paredes amanhã.

— Obrigado — ele diz, e aquela palavra é como uma pontada no meu coração.

Vou ao encontro de Paige.

— Reeve está indo para casa, então... vamos ser só nós duas para o jantar.

— Não, ele não pode ir embora — ela declara franzindo o cenho e se apressa em direção à cozinha, comigo atrás dela. — Não vá embora, Reeve. A comida já foi pedida, e eu quero minhas duas crianças comigo. Não vou ter vocês dois comigo por muito mais tempo.

Ele faz que sim, e penso como parece cansado.

Enquanto esperamos pela comida, Reeve vai para o quarto de Rennie e começa a desmontar uma estante de livros. Limpo a mesa da cozinha, passo um pano e arrumo três lugares com pratos descartáveis e guardanapos.

O interfone da casa de Paige não está funcionando direito, então, quando o entregador chega, ela tem que descer correndo para pagá-lo. Chamo Reeve e aviso que a comida chegou, e, quando ele entra na cozinha, procura Paige. Então, encosta-se na mesa, pigarreia e diz:

— Ei, eu entrei naquela escola preparatória de Delaware.

— O que? Está falando sério? A Beneditina? — Meus olhos se arregalam.

— Sim. Descobri ontem.

— Reeve, isso é incrível! — Olho radiante para ele. Antes que possa me conter, dou um pulo e lhe dou um abraço. A princípio ele fica tenso, e eu começo a me endireitar, a me afastar. O que estou fazendo abraçando Reeve, ainda mais na cozinha de Rennie? Mas então ele me puxa para mais perto. E eu permito.

— Obrigado pela sua ajuda. Nunca teria pensado em fazer isso sozinho — diz ele, numa voz quase sussurrada. Respira fundo, a cabeça enterrada nos meus cabelos. Sinto meu corpo todo se arrepiar.

— Não foi nada — respondo, e sinto vontade de chorar. Sei que isso é errado, errado demais, mas não quero deixar que ele se afaste.

Reeve também não quer que eu me afaste dele. Pelo contrário, ele me abraça ainda mais apertado. Seus braços se cingem em volta da minha cintura, e eu encosto a cabeça no peito dele.

Então ouço uma porta se fechar, e nós nos separamos apressados. Dou um giro, e lá está Paige, entrando na cozinha com uma grande sacola plástica.

— Acho que eles se esqueceram dos nossos rolinhos primavera — diz ela com uma voz sem graça e um olhar estranho.

Vou rapidamente em direção a ela, pego a sacola das suas mãos e examino o recibo grampeado na sacola. Meu coração está batendo super-rápido.

— Não dá para saber se eles cobraram os rolinhos ou não. — Tento parecer normal, mas sei que não estou.

— Provavelmente esqueci de pedir os rolinhos — Reeve diz. — Vou lavar as mãos.

— Tudo bem — Paige responde, mas não olha para ele. Ela está olhando para mim.

Reeve caminha vagarosamente para o banheiro, e então ficamos apenas Paige e eu.

— Quer que ligue para o restaurante para ver se eles trazem os rolinhos primavera? — pergunto.

— Na verdade, acho que talvez eu tenha perdido o apetite.

— Paige, eu... — *Ah*, não. Não, não, não.

— Vou tomar outro comprimido para dormir e desmaiar. Você deveria ir para sua casa.

Meus olhos se movem rapidamente para o corredor onde está o banheiro, a porta ainda fechada. Ah, meu Deus, por que Reeve não se apressa e volta logo para cá? Ele pode usar seu charme e se livrar de qualquer situação embaraçosa, mas não eu. Eu não tenho jeito.

— Bem, te-tem alguma coisa que você quer que eu faça antes de ir embora? — gaguejo.

— Não. Está tudo pronto. — Suas palavras são ásperas. Ela dá um sorriso ténue que não se reflete no olhar. — Obrigada por tudo.

— Claro. Bem, posso voltar amanhã. — Minha boca fica seca.

— Não se incomode.

— Paige, por favor. Não é o que você está pensando. — Meu estômago dá um nó.

— Você não *me* deve nenhuma explicação. — Sinto uma leve ênfase na palavra "me", e sei o que ela está pensando, e me dá vontade de morrer.

Capítulo 9

KAT

PAPAI ESTÁ TRABALHANDO ATÉ MAIS TARDE NA GARAGEM. ELE PRECISA terminar as encomendas de canoas feitas no verão passado. A temporada turística basicamente vai bombar daqui a um mês e meio. Assim que a neve for embora, e a grama começar a crescer, eles chegarão aqui aos montes, procurando coisas nas quais gastar dinheiro.

Então Pat e eu estamos juntos na cozinha fazendo tacos. Somos especialistas nisso. Estou fritando tirinhas de carne. Pat está à mesa da cozinha enchendo as tigelas com as coberturas — queijo em tiras, creme de leite, cebola roxa, feijão-preto, fatias de limão. Ele é muito cuidadoso com o tamanho das cebolas. Enfim, as tortilhas estão sendo aquecidas no forno, e o arroz amarelo está sendo feito na panela elétrica de arroz.

— Ei — eu digo, afastando-me da panela. — Quando fritar um bife, não aperte a carne com a espátula. Ele fica ressecado. — Não sei se Pat está escutando ou não, porque ele não levanta a cabeça. Então dou um chute na cadeira dele. — Para falar a verdade, você nem precisa cozinhar o bife. Não mesmo. Você só tem que estorricar a carne por fora, para o meio ficar rosado. Papai detesta carne bem passada. Se estiver bem passada, ele não come.

— Você me fez estragar os cubinhos de cebola. E tanto faz mesmo. Eu nunca cozinho o bife. — Pat faz uma careta.

— Bem, logo, logo, vai ter que fazer, a menos que queira comprar tacos prontos, quando eu estiver na faculdade. — É uma loucura pensar nisso. Daqui a um ano, nesta mesma época, não estarei mais vivendo na Ilha Jar.

— Não estraga a noite do taco, por favor. — E a questão é: Pat realmente parece triste. Meus olhos se enchem de lágrimas. Ele percebe. — Não! — adverte.

— Não estou chorando — digo, e limpo os olhos. Mas é claro que mais lágrimas rolam.

— Não!

— Não estou chorando! — grito. — É essa droga de cebola, seu idiota!

— Arrã, tudo bem. — Pat ri, baixinho. — Olhe. Vou mudar de assunto. Eddie Shofull me parou na outra noite e me contou uma história sobre você e Lillia ligando para falar de uma pessoa desaparecida, e o fizeram arrombar uma casa.

— O que ele veio fazer aqui, afinal das contas? — Ocupo-me com o bife.

— O que você acha? — Pat me lança um olhar enigmático.

— Aquele maconheiro cretino! — Balanço a cabeça. — Sabia que ele ameaçou colocar a Lil e a mim na cadeia por insultar um policial?

— Burro. Mas espere. O que foi que houve?

Dou um suspiro e diminuo o fogo. Nem mesmo sei por onde começar.

— Você se lembra daquela garota que eu levei para o porão de Ricky na noite de Halloween?

— Aquela que pegou uma das minhas cervejas e depois não tomou nenhum gole?

— Ah, cale a boca. Eu te dei dinheiro suficiente por nós duas. De qualquer modo, sim. Aquela menina. Ela... ela praticamente desapareceu.

— Não é nenhuma surpresa. Ela era estranha. — Pat dá de ombros.

— Ela não era estranha. — Porém, enquanto digo essas palavras, sei que estou mentindo. Mary era estranha. Eu adoro a garota, mas ela não era exatamente normal.

— Era estranha, sim. Tudo bem, não “estranha” do tipo “maluca”. Mas... parecia que ela nunca tinha estado numa festa antes.

— Provavelmente nunca esteve mesmo. Ela foi muito protegida.

Tiro dois pedaços de carne da frigideira e os coloco na tigela de comida de Shep. Ele adora bife. Mas mal cheira a carne. Não está com muito apetite ultimamente, o coitado do velho cachorro.

— Você diz “protegida”, eu digo “maluca”.

Estou prestes a lhe dar um safanão na cabeça, quando meu celular toca. O nome na tela me deixa incrivelmente surpresa.

Lind.

Não tenho conversado com ele desde a festa de Ano-Novo de Rennie. Espero que não queira me perguntar nada sobre as besteiras que Rennie estava gritando para ele sobre Reeve e Lillia. Se Alex quiser esse furo jornalístico, não serei eu quem contará.

Mas, assim mesmo, atendo. Sempre atendo as ligações de Alex.

— Alô? — digo, hesitante.

— Kat! Cara! Eu entrei! Bom, não entrei exatamente, mas estou perto. Isto é, eles não me rejeitaram!

— Seu bobo, do que está falando? — Seguro o telefone alguns centímetros longe dos ouvidos.

— USC! Eu me inscrevi para o programa de composição de música, e eles me mandaram uma mensagem pedindo para enviar uma demo para eles! Chamam isso de teste a distância.

— Espera. É sério? Você mandou sua inscrição, afinal de contas?
— A última notícia que eu tinha era de que Alex estava morrendo de medo de se inscrever numa escola de música. Ele iria para Michigan, porque o pai dele tinha contatos lá, ou talvez para a Boston College.

— O que posso dizer, Kat? Você foi bem persuasiva. Então, vai me ajudar a escolher as canções que devo mandar para eles? Quais são boas, e quais são uma droga? Quero sua opinião honesta.

É uma oferta tentadora. Sempre quis ouvir a música de Alex. Quer dizer, conheço aquelas poucas canções ou poemas, ou o que quer que seja que estava naquele caderno que roubamos do carro dele em setembro, mas aposto que tem muito mais. Eu poderia dizer sim, imediatamente, mas quero que ele me diga algo mais. Não sou tão imune assim a um elogio ou dois. Tenho estado tão para baixo ultimamente.

— Por que se importaria com a minha opinião?

— Porque você conhece música. Já viu muitas bandas tocarem. Sabe o que é bom, e o que não é. Não tenho como conseguir isso sem sua ajuda.

— Tudo bem, claro. Vou tentar.

— Fantástico. Ah, espere um pouco. Sou mesmo um babaca egoísta. Você teve alguma resposta de Oberlin?

Eu contaria a verdade para Alex, que ainda estou à espera, mas não posso. Não com Pat aqui por perto. Ele e o meu pai pensam que já fui aceita.

— Ei, Al, tenho que desligar. Falo com você na escola, certo?

Termino a ligação enquanto Pat coloca o último cubinho de cebola roxa numa vasilha.

— Hora do Taco? — Ele levanta a mão.

— Você é o máximo. — Toco a mão dele. E pela segunda vez penso: não entrar em Oberlin vai ser uma droga, mas não será a pior coisa deste mundo.

• • •

Mais tarde, naquela noite, estou no meu quarto remexendo numa velha caixa de CDs que não escuto há anos. Estou separando aqueles que acho que combinam com o estilo de Alex. A maioria são músicas que eu curtia no primeiro ano do colegial.

Ouvir essas músicas antigas me faz sentir como se tivesse entrado numa máquina do tempo.

Lembro-me de cada CD que comprei de Kim na Paul's Boutique. Concentro-me em encontrar canções com as quais ache que ele vai se identificar — tipo música folk, mas com pegada.

Estou recostada, olhos fechados, curtindo uma música, quando ouço uma batida na porta.

— Entre — digo, esperando ver Pat, mas não é ele. É Lillia. E parece abatida.

— Lil. O que aconteceu? Qual o problema?

Ela começa a dar voltas pelo meu quarto, literalmente torcendo as mãos como uma dama num romance vitoriano.

— Paige pegou Reeve e eu nos abraçando. E ela praticamente me botou para fora.

— O quê?

— Juro que mal dissemos duas palavras um para o outro desde que Rennie morreu. Nós dois nos encontramos hoje por acaso na casa dela, e então, quando Paige saiu da sala, ele me contou que entrou numa escola preparatória, para fazer seu primeiro ano, e isso quer dizer que ele vai ter outra chance com os recrutadores, e, quando me dei conta, estávamos nos abraçando. — Lillia se joga na minha cama e se encolhe.

— E daí? Vocês se abraçaram. Grande coisa. — Reviro os olhos. Só mesmo Lil para tornar um simples abraço num grande drama de novela.

— Não foi só um simples abraço, ok? Nunca um abraço foi só um abraço entre nós dois. Como na véspera do Ano-Novo, quando

estávamos na caminhonete dele. — Lil estremece. — Nós nos aproximamos um do outro e perdemos a cabeça.

— Vocês fizeram sexo naquela noite? — Eu me inclino para a frente na cadeira. Agora a conversa está ficando boa.

— Não! Não, nada disso. Mas foi sem dúvida o melhor amasso da minha vida.

Um olhar melancólico cruza o rosto dela por apenas um segundo, e então desaparece, e meu coração quase para. Droga. Fico feliz que Lillia tenha superado o que aconteceu no verão passado, com aqueles aterrorizantes universitários estupradores, para se soltar e se divertir com um cara. Mas é uma pena que isso tenha acontecido justamente com o cara com quem ela não pode ficar.

— Se Paige não tivesse chegado... Tenho até medo do que poderia ter acontecido. — Lil fecha os olhos e sacode a cabeça. — Quero dizer, nós estávamos na cozinha de Rennie! Como pude fazer isso?

— Não diga mais nada. Sei exatamente como é isso. — Levanto a mão.

— O quê?

— No meu segundo ano do colegial, eu estava ficando com esse cara do circuito de motocross. Eu só o tinha visto uma vez, na época em que Pat corria. Ele era bem mais velho do que eu. Tipo, acho que devia ter uns vinte anos.

— Ecaaa!

— Não me venha com *ecaa!* Ele era um tesão. Mas também um mau negócio. Ele com certeza tinha uma namorada. Acho até que podia ser casado, não sei. Sei que, se meu irmão tivesse descoberto, ele me mataria. Assim mesmo, eu não conseguia parar, entende? A gente se encontrava perto das trilhas, e eu dizia a mim mesma para não olhar para ele, e, quando menos esperava, estávamos nos encostando na cerca de arame, no maior amasso. Parecia que uma força gravitacional nos empurrava um para o outro.

— É exatamente assim. — Lillia acena a cabeça vigorosamente.

— Você não pode se aproximar de Reeve, Lillia. Especialmente quando vocês dois estiverem sozinhos. É uma força poderosa demais. Você tem que evitar isso.

— Evitar — ela repete. — Sim.

— Evite essa merda, porque, se não fizer isso, só trará complicações para si mesma. Pense em Mary, no que ela diria se soubesse.

— Isso acabaria com ela. — Lillia estremece. — Então, você conseguiu evitar se encontrar com aquele cara? — ela pergunta esperançosa.

— Hã, bom. Quer dizer, consegui. Depois que ele se mudou para a Itália para se juntar a uma equipe profissional de corrida... — Imagino o que será que aconteceu com aquele cara. Fuzz? Fez? Não consigo me lembrar o nome dele. Lillia dá um gemido. — Lil, a gente só tem mais uns quatro meses de escola. E depois você vai embora, baby, embora. Você consegue.

— Eu *tenho* que conseguir — ela corrige. Olhando para o teto, diz: — Odeio saber que Paige está pensando mal de mim agora.

— Não leve para o lado pessoal. Paige adora fazer um dramalhão, você sabe disso. Ela é a rainha do drama. Acho que Rennie puxou isso dela. Só está chateada agora porque Ren se foi, e ela quer descontar a mágoa em alguém.

Lillia acena com a cabeça, mas posso perceber que ela ainda está abalada. Entendo. Provavelmente eu também estaria.

Ela fica por aqui um pouco mais. Eu a atualizo sobre as coisas que estão acontecendo com Alex, e toco para ela algumas das músicas que estou separando para ele.

— Lindy deve confiar mesmo em você — ela comenta, vestindo de novo a jaqueta. — Ele não toca as músicas dele para mais ninguém. Espero que elas sejam boas o bastante para ele ser aceito.

— Eu também. Ele estava tão animado no telefone, parecia uma criança na manhã de Natal.

— Quase esqueci — diz Lillia, antes de sair. — Tenho uma coisa para você. — Abre o zíper da bolsa e pega uma tira de fotos em preto e branco. São fotos de mim e de Rennie quando garotinhas, da cabine de fotos da sorveteria. Rennie está usando duas marias-chiquinhas, e meu cabelo está comprido e liso, com a franja cortada reta na testa.

— O antigo nariz de Rennie — digo, rindo. — Até que não era ruim.

— Disse isso a ela um milhão de vezes, mas ela nunca escutava. — Lillia olha as fotos por cima dos meus ombros.

Na primeira foto, nós duas estamos sorrindo para a câmera. Na segunda, estamos sorrindo uma para a outra. Na terceira, estamos de novo olhando para a câmera, mas desta vez Rennie está me fazendo chifrinhos por trás. A quarta foto está embaçada, porque meus olhos estão cheios de água.

Capítulo 10

MARY

ABRO OS OLHOS, E TUDO VOLTA LENTAMENTE AO FOCO. ESTOU DEITADA no chão do meu quarto, olhando para o alto, para a viga de madeira que se estende por todo o teto. Aquela que eu...

Forço-me a levantar, ajoelhando. Quanto tempo faz desde que fiquei sentada no alto do farol? Uma hora? Um dia? Um ano?

Engatinho pelo chão até a parede, e sento-me com as costas apoiadas nela.

O quarto já esteve repleto de coisas minhas. Um armário cheio de vestidos e saias, suéteres e sapatos. Uma estante forrada de livros. Eu tinha cadernos de escola e lápis e lição de casa.

Um edredom na cama. Lindos enfeites que arrumei sobre a cômoda, exatamente quando voltei para a Ilha Jar.

Parecia o quarto de uma adolescente qualquer.

Só que agora enxergo a verdade. O armário vazio. A estante sem livros. O colchão da cama descoberto, sem lençóis ou travesseiros.

Eu costumava pensar que este era o quarto onde eu vivia. Mas não é.

É o quarto onde morri.

Isso me mata novamente, lembrar como o conhecimento da verdade deve ter pesado sobre a tia Bette. Eu praticamente a levei à loucura. Sua sobrinha morta, assombrando a casa dela. Só que eu não sabia o que estava fazendo. Eu acreditava piamente que havia sobrevivido à minha tentativa de suicídio. Pensava estar viva.

Olho para mim mesma, as roupas que estou usando. Sou a Mary que deveria ser aos dezessete anos, com um blusão azul-marinho e um par de calças jeans. Magra. Mas como? Como enchi este quarto, minha vida, com coisas que na verdade não existem?

Fecho os olhos, me concentro com força e tento trazer as coisas de volta ao quarto, do mesmo modo como eram antes da noite de Ano-Novo. O edredom, as roupas no armário, meu roupão rosa felpudo. Visualizo tudo na minha mente. Preciso recuperar alguma coisa. Uma coisinha. Um bicho de pelúcia. Um dos meus antigos livros. Não posso existir assim.

Quando abro os olhos, o quarto ainda está vazio e escuro.

E juro que sinto o coração se despedaçar.

Levanto-me e caminho para fora do quarto, desço pelo corredor e paro por um instante na soleira da porta do quarto da tia Bette. Está um caos desde que a minha mãe veio e a levou embora. O chão está coberto com sua coleção daqueles velhos livros sobre o oculto.

Lembro da briga que tivemos depois que descobri que ela estava fazendo aqueles feitiços estranhos em mim. Queimando aqueles maços de ervas nas xícaras de chá, criando teias com barbantes na parede que dividia nossos quartos, tentando me aprisionar no meu próprio quarto. Ela tinha medo de mim, do que eu seria capaz de fazer. Sabia que fui eu quem causou o incêndio no baile, muito embora não tivesse sido eu.

Dou um passo para dentro, então dois, depois um terceiro. Pouso a mão sobre um livro de tecido vermelho oscilando no alto da pilha mais próxima a mim, e mexo os dedos. O livro se abre numa página ao acaso. Eu costumava pensar que tinha poderes especiais, que poderia mover coisas com a mente. Até que estava certa quanto a isso, eu acho.

Alguns espíritos estão fadados à inquietação. Muitas vezes eles ficam próximos deste mundo para resolver coisas que deixaram inacabadas.

Sim. Sim! É isso. Exatamente.

Viro para outra página.

Sob nenhuma circunstância se deve informar a um espírito que ele está, de fato, morto. É melhor para ele continuar ignorante do seu drama e ignorante também em relação ao alcance das suas capacidades, pois quase certamente as usará para a maldade.

Olho com atenção a palavra "maldade". Ela me assusta. O que eu seria capaz de fazer? Mas esses livros são minha única esperança. E isso é muito melhor do que me sentir desesperançada.

Capítulo 11

LILLIA

ASH ME ENCONTRA PERTO DO MEU ARMÁRIO DEPOIS DAS AULAS E DIZ:

— Derek e PJ estão combinando de ir ao jogo de basquete hoje à noite.

— Vamos jogar fora da ilha, certo? — Ash acena que sim com a cabeça. Não gosto de basquete, e não acho que nosso time seja muito bom, mas pensar em escapar da Ilha Jar por uma noite me parece uma excelente ideia. Tem apenas uma coisa me impedindo de dizer sim. — O que os outros garotos vão fazer?

— Alex tem que fazer um trabalho de escola. E Reeve vai fazer alguma coisa com os irmãos dele. Então, seremos só nós quatro, e podemos caber num carro só. Pego você às seis horas.

— Tudo bem. Ótimo.

• • •

Ash está atrasada, como sempre. Estou na calçada do lado de fora esperando por ela. Só por diversão, vesti o moletom do time do colégio e preendi o cabelo no alto com uma das minhas fitas de líder de torcida. Quando ela chega, quase vinte minutos atrasada, subo no banco da frente. Pegamos Derek a seguir, e então PJ.

Penso que ela está indo direto para a balsa, já que a próxima sai em alguns minutos, mas em vez disso ela vira à esquerda e acelera em direção à T-Town.

— Derek — diz Ash, passando por um sinal de pare. — Mande uma mensagem para Reeve e diga para ele estar lá fora em cinco minutos. Se ele não estiver lá, nós vamos embora sem ele.

— O quê? Achei que você tivesse dito que ele não viria. — Eu me inclino para a frente. Se soubesse que Reeve também viria, nunca teria dito sim.

— Acho que ele mudou de ideia — responde Ash, sacudindo os ombros.

Rezo para Reeve não estar na calçada, para irmos embora sem ele, mas, quando encostamos o carro no meio-fio, ele está sentado nos degraus da frente da sua casa. Abaixo o visor e retoco o batom, só para não ter de olhar nos olhos dele.

Assim que chegamos à quadra da outra escola, digo que preciso ir ao banheiro, só para garantir que não vamos acabar sentados um do lado do outro nas arquibancadas. No caminho de volta, vejo duas garotas em pé ao lado de Reeve na parte de baixo das arquibancadas. Posso perceber que ele não está interessado na conversa, porque não para de olhar sobre os ombros delas. Apesar disso, sinto uma pontada de ciúmes ao passar por eles, até escutar uma delas mencionar a escola Montessori.

Ah, meu Deus. E se de algum modo Mary ficar sabendo que estou aqui com Reeve?

Afasto esse pensamento. Nem mesmo sei por onde anda Mary. E não acho que ela mantenha contato com nenhuma das pessoas da Montessori daquela época. Subo as arquibancadas, sento num lugar entre Derek e PJ e me concentro de verdade no jogo de basquete, muito embora ele seja insanamente monótono.

Depois do jogo, todo mundo começa a se empilhar no carro de Ash, e eu imediatamente me dirijo ao banco da frente outra vez, mas Derek sacode a cabeça para mim.

— De jeito nenhum, Lil. Você é a menor aqui. Você não vai no banco da frente de novo.

— Derek! — protesto. No entanto, sei que ele é bem alto, tipo assim, alto como um jogador de basquete. Ash tem que ficar na ponta dos pés quando vai beijá-lo. — Vamos lá. Seja um cavalheiro!

— Banco de trás, baby — ele diz, dobrando o assento da frente para eu poder entrar. Reeve e PJ estão amontoados no banco traseiro, e mal tem espaço para eles, muito menos para mim.

— Mas... não tem lugar. — Meus olhos se encontram com os de Reeve.

Reeve aponta a cabeça em direção ao banco. Olhando diretamente para a frente, ele diz:

— Cho, entra logo. Nós vamos perder a balsa de volta para casa.

— Você pode sentar no colo de Reeve — Ash me aconselha. — Ou se esticar por cima deles.

Isso é basicamente o oposto do que Kat me aconselhou a fazer. Relutante, eu subo entre os dois garotos. Tento me empoleirar o mais levemente possível, metade na perna de Reeve, metade na de PJ. Este último não se move — está olhando para o celular —, mas Reeve se afasta o quanto pode de mim e se segura na barra sobre a janela.

— Você pode se encostar um pouco para trás — ele diz, com a voz áspera.

— Estou bem assim — respondo. Para Ashlin, digo: — Vamos embora.

Ash dá partida no carro, e nós desaparecemos do estacionamento da escola. Ela está sempre em alta velocidade. Tem, tipo, um milhão de multas por excesso de velocidade em apenas um ano ao volante. O carro está quieto, a não ser por Ash e Derek conversando entre si em voz baixa. De repente o farol muda para o vermelho, Ash pisa no breque e eu começo a voar para a frente, mas Reeve me segura pela cintura com os dois braços.

— Argh, por que eles põem um semáforo no meio da estrada, afinal de contas? — Ash reclama.

Meu coração bate acelerado no peito. Embora não precise, Reeve ainda está me segurando com força, e por um breve segundo sinto o suspirar e apoiar a cabeça nas minhas costas, mas, abruptamente, seus braços se afastam de mim. Acho que posso ouvir o coração dele batendo rápido também.

Depois da travessia da balsa para a Ilha Jar, Ashlin me deixa primeiro em casa. Minha mãe está com a luz apagada, e Nadia está em seu quarto fazendo a lição de casa. Paro para lhe dar um boa-noite, e conversamos por alguns minutos. Nem mesmo percebo sobre o que estamos conversando, porque a única coisa que faço é pensar nele. E então ouço a voz de Kat na minha cabeça, dizendo para *evitar essa merda. Só vai trazer complicações*. Ela está certa. Sei que está.

Faço toda a minha rotina de antes de dormir, tomar banho, secar o cabelo só um pouquinho e depois escová-lo. Visto meu enorme moletom de Harvard e meias grossas e subo na cama. E então fico deitada ali no escuro pelo que parece ser uma eternidade.

E antes que possa pensar com clareza, antes que possa raciocinar sobre todas as razões pelas quais não devo fazer isso, estou me arrastando para fora da cama. Desajeitadamente, visto minhas leggings, um sutiã e um enorme casaco acolchoado. Coloco as chaves e o celular dentro do bolso, e vou com cuidado para o corredor. Está escuro, todo mundo está dormindo. Abro levemente a porta de Nadia para ter certeza, e ela está, sim.

Então, desço pé ante pé as escadas, esgueirando-me pela porta dos fundos e correndo apressada para meu carro. Não acendo os faróis até estar longe. Não sei o que estou fazendo. Talvez ele nem esteja acordado. Isso é uma loucura.

Enquanto dirijo, fico pensando se deveria dar a volta e voltar para casa. Continuo pensando nisso, e mesmo assim não o faço.

Todas as luzes estão apagadas na casa de Reeve, exceto as do quarto dele. Pego o telefone e mando uma mensagem. Minhas mãos tremem.

Está acordado?

Ele responde imediatamente. *Sim.*

Estou aqui fora.

O rosto de Reeve aparece na janela, depois desaparece. Saio do carro e espero por ele, tremendo. Não tenho que esperar muito tempo. Ele sai pela porta da frente e corre em minha direção com um agasalho de moletom, sem casaco.

— O que houve? — Ele está ofegante. — Aconteceu alguma coisa?

Sacudo a cabeça.

— Então por que... por que está aqui? — Ele franze as sobrancelhas.

— Não sei. — Levanto os ombros e os deixo cair. — Acho... que só queria ver você. — Reeve está me encarando com um olhar desnortado, e sinto meu rosto queimar. Afasto-me dele e volto em direção ao meu carro. — Não deveria ter vindo.

— Espere. — Ele segura meu braço, eu giro o corpo, e, antes que possa evitar, puxo o rosto dele para perto do meu e o beijo. Ele hesita por um milésimo de segundo, e então me beija também, e sinto um sobressalto dentro de mim. Apoio meu corpo de encontro ao carro, e o puxo para mim. Posso ver as nuvens que se formam com a nossa respiração no ar gelado da noite.

— Sinto sua falta — sussurro entre beijos. Então olho para ele, meu pulso se acelera e espero que ele responda.

— Tenho certeza disso. Você nunca se cansa de mim. — Um sorriso pretensioso se espalha pelo rosto dele.

Fico tensa. Venho aqui no meio da noite, contra todo o meu bom senso, e ele fica tirando sarro, como se isso não fosse nada? É tudo

uma piada para ele? Endireito o corpo e tento afastá-lo, mas ele não permite.

— Também sinto a sua falta. Você sabe que sim. Eu... eu só não sei como agir. Está tudo tão confuso. — A voz dele fica séria ao dizer isso.

— Queria ... — Paro, dou um suspiro, e Reeve afasta o cabelo dos meus olhos.

— Seu cabelo está molhado.

— Acabei de tomar um banho — explico, e ele acena com a cabeça.

— O que ia dizer? O que você quer?

— Queria que as coisas não tivessem que ser assim. É tudo tão... complicado. — Muito mais do que Reeve imagina. — Nós não conversamos sobre Rennie nem uma vez.

— Não quero falar sobre Rennie agora. — Ele olha para o chão.

Estou prestes a dizer: *Se não for agora, então quando?* Já faz duas semanas desde que ela morreu, e penso que nós dois nos sentiríamos melhor se conversássemos sobre ela. Porém, Reeve se aproxima de mim e roça o rosto no meu.

— Como a sua pele é tão macia? — A respiração dele faz cócegas na minha bochecha.

— Não sei, porque sou uma garota? Todas as garotas são macias. — Dou uma risada, e parece que é a primeira vez em uma eternidade.

— Não, você é diferente. — Ele beija minha bochecha. — Você tem a pele mais macia que a de qualquer outra garota que já tenha conhecido. E sempre está com um perfume muito bom. — Ele está beijando meu pescoço. — Que perfume é esse?

— Narcisos. — Estou tremendo, e não apenas por causa do frio. Suas mãos estão nos meus quadris, debaixo do meu casaco. Tenho

que me apoiar no carro para não perder o equilíbrio. — Narcisos e... açúcar queimado — É difícil raciocinar.

— Sim, é isso mesmo. Açúcar. Minha avó costumava ter uma coisa com sais de banho de açúcar mascavo no banheiro dela... Uma vez eu virei o vidro inteiro na privada porque queria ver se borbulharia. — Reeve me beija, a boca aberta de encontro à minha, e tenho a mesma sensação de quando entro na banheira e um calor gostoso cobre todo o meu corpo. Solto um suspiro. Suavemente ele me pergunta: — Quer entrar um pouquinho?

— O que, você está querendo me levar até o seu quarto? — sussurro em resposta.

— Arrã. Por que não? — Ele dá um sorriso amarelo.

Coloco as mãos nos ombros dele e levanto a cabeça.

— Sinto te desapontar, mas não sou sua amiga Melanie Renfro. Não sou desse tipo. — Pela primeira vez na vida tenho vontade de ser aquele tipo de garota.

— Sei que você é diferente da Mel — ele diz, e sinto uma fisgada de ciúmes. Soa tão carinhoso. Tão íntimo. *Mel*. Então ele diz: — Você é diferente de todas as outras garotas que já conheci.

— Não quero que seus pais me vejam — digo, timidamente. Posso sentir que fico corada.

Reeve me beija outra vez, com a segurança de um cara que sabe exatamente o que está fazendo. Suas mãos se movem debaixo do meu moletom, e não me importo que elas estejam frias. Só quero que ele continue a me tocar. Quando ele me toca assim, todo o resto desaparece miraculosamente, e não penso no que fiz para Rennie, no que fiz para Mary. Esquecer é uma sensação maravilhosa, mesmo que seja por apenas um momento.

Quando estremeço, Reeve para abruptamente.

— Você deveria ir embora — diz ele. — Está frio aqui fora, e seu cabelo está molhado.

— Ok. — Começo a me endireitar.

— Espere... mais cinco minutos.

— Mais cinco minutos. — Concordo, puxando-o para mais perto de mim novamente.

• • •

Na manhã seguinte, todo mundo está comendo donuts perto da máquina de doces, e eu espirro três vezes seguidas. Os olhos de Reeve encontram os meus e ele sorri, mas não sorrio para ele.

Forço-me a desviar o olhar, como se não o tivesse visto. Porque não deveria ter ido à casa de Reeve, não deveria tê-lo beijado. Não cometerei esse erro de novo.

Capítulo 12

MARY

ESTOU MAIS DORMINDO QUE ACORDADA AGORA, SE É QUE SE PODE CHAMAR ISSO de dormir. Não é um sono reparador, e não tenho sonhos. É só escuridão.

Quando estou acordada e alerta, uso toda a minha energia para ler os livros da tia Bette, na esperança de que eles me revelem alguma coisa. Esta noite consegui ler quase a metade de um livro sobre como os fantasmas interagem com o mundo dos vivos.

Não tenho energia suficiente para ler até o final. Mas preciso entender como tenho iludido a mim mesma. Uso a pouca energia que consigo reunir, fecho os olhos e me concentro.

Quando abro os olhos, já é de manhã. Não estou mais em casa. Estou parada em frente à escola da Ilha Jar, perto da fonte. Deve ser inverno ainda, porque a água da fonte está desligada.

Um sino toca a distância. Caminho até uma das pesadas portas de metal. Assim que as aulas começam, os porteiros as trancam para que estranhos não entrem. Medida de segurança. Através da janela observo alguns alunos atrasados correndo pelo corredor para as salas de aula.

Se eu fosse uma garota de verdade, uma garota viva, teria que ir até o escritório geral e assinar na portaria. Mas não sou. Passo pela porta como se não fosse nada. Como se fosse ar. E estou do outro lado.

Provavelmente tenho feito isso há muito tempo. Só que eu mesma não me permitia perceber. Relembro os dias que passei aqui na

escola este ano, assistindo às aulas como se estivesse matriculada, fazendo lição de casa. Até mesmo sonhando com a faculdade na qual me inscreveria no ano que vem.

Só que não sou uma aluna aqui. Nunca fui.

O relógio diz 10:35. Se este fosse um dia normal, eu estaria na aula de espanhol com o Sr. Tremont, então é para lá que vou.

A porta da sala do Sr. Tremont está toda aberta, então entro direto. Ele está sentado em cima da mesa. As luzes fluorescentes da sala de aula estão apagadas, e tem um vídeo passando na tevê. É uma novela espanhola chamada *El Corazón Late Siempre*. Significa "O coração sempre bate". O Sr. Tremont geralmente nos faz assistir a um episódio nas sextas-feiras.

Tudo bem. É sexta-feira. E é inverno. Mas janeiro? Fevereiro?

Não faço ideia.

Olho de relance pela sala, para a carteira onde costumava sentar. É uma carteira vazia ao fundo, que provavelmente nunca foi atribuída a ninguém. Eu simplesmente ficava sentada ali. Fingia que era o meu lugar. Do mesmo modo como fingia estar viva.

Era por isso que, todas as vezes que levantava a mão, o Sr. Tremont nunca me chamava.

É por isso que nunca recebi um boletim para levar para casa, ou uma prova corrigida, ou nunca tive meu nome escrito no quadro de avisos.

Ninguém podia me ver.

Eu me sinto uma completa idiota.

Uma raiva ardente começa a ferver dentro de mim. Eu costumava detestar ficar com raiva. Costumava ter medo dessa sensação. Só que agora... é uma sensação boa. Sinto *alguma coisa*.

Dou alguns passos até ficar parada em frente ao aparelho de televisão, bloqueando a visão de todo mundo. Mas nem todos estão assistindo ao programa. Algumas meninas estão cochichando por

trás dos cadernos. Alex Lind está com a cabeça deitada na carteira, mas sei que não está dormindo porque sua perna esquerda está saltando para baixo e para cima. Outro garoto está desenhando vários círculos pretos, um por cima do outro, na sola do próprio tênis.

Abro a boca e grito. Grito o mais alto que consigo.

E ninguém me escuta.

Tremendo, aperto o botão dos canais. Posso realmente senti-los na ponta dos dedos.

Os canais começam a mudar, e todo mundo na sala presta atenção.

— *Ay, Dios mío* — o Sr. Tremont diz. Ele se levanta e se aproxima da tevê com o controle remoto. Movo a mão até o botão do *power*, desligo a televisão e volto a ligar. — Isso... eu não compreendo.

Estou rindo agora, não consigo evitar. O Sr. Tremont parece tão confuso, e o resto dos alunos também.

E então, com o último sopro de energia que me sobrou, jogo meu corpo de encontro ao carrinho da televisão e derrubo tudo no chão. E o mais maluco de tudo é que não me sinto nem um pouco cansada. É exatamente o contrário. Isso renova minha energia.

Bem neste momento, a campainha toca. Vou para o corredor como todos os outros.

— Mary?

A voz dela vem bem de trás de mim, do outro lado do corredor.

Kat.

— Aí! Mary!

Vou embora, sempre de costas para ela, depois atravesso a porta do armário do faxineiro e espero para ver se ela vai chamar meu nome novamente.

Ela não chama.

Lillia e Kat sempre tiveram a capacidade de me ver. Acreditavam que eu era de verdade, que tinha dezessete anos. Também conseguiam ver as coisas do jeito que eu imaginava. Mas por quê?

Depois de um minuto ou dois, fujo da sala. Vejo Lillia e Kat conversando no final do corredor. Lillia está segurando uma pasta marrom e emoldurada com letras douradas. Boston College. Imagino se ela foi aceita. Lillia irá embora daqui a alguns meses. Kat também. Assim, não precisarei mais me esconder delas. É um alívio. Mas também parte meu coração.

Quando elas forem embora, não haverá ninguém capaz de me ver. Então terei realmente ido embora. Partido para sempre.

Capítulo 13

LILLIA

DEPOIS DA ESCOLA, ASH E EU VOLTAMOS DE CARRO PARA A CASA DELA, para trabalharmos no nosso projeto de inglês. A pior coisa é fazer trabalho com Ash, porque ela é preguiçosa, mas sei que ficaria magoada se eu fizesse dupla com outra pessoa. Estamos no quarto dela, supostamente fazendo pesquisa, mas todas as vezes que olho para a tela do seu computador ela está olhando os blogs de fofoca.

Estou recortando e colando um artigo para ler mais tarde, quando meu telefone toca. É Reeve. *Posso te encontrar hoje à noite?*

Ah, não. Não, não, não. É exatamente disso que tenho medo, e a culpa é minha. Fui fraca.

Tenho que ser forte agora.

Não posso. Estou estudando na casa da Ashlin.

:(

Sua carinha de triste me dá vontade de sorrir, mas não me permito.

Alguns minutos depois, o telefone da Ashlin toca do outro lado do quarto. Ela atende e dá um gritinho.

— Derek e os garotos querem vir para cá e ficar com a gente — ela diz. — Nossa sauna não está funcionando, mas podemos fazer um intervalinho e aproveitar a hidromassagem!

Mordo os lábios. Reeve. Tenho vontade de matá-lo.

— Ash, nós não podemos. Temos que entregar este trabalho na segunda-feira. Se os meninos vierem, você sabe que não vai ser só

um intervalinho. Vai ser a noite toda. — Então, pego meu telefone e mando uma mensagem para Reeve.

Não foi legal.

— Você está certa. Sei que está certa. Só que está difícil me concentrar. — Em tom queixoso ela diz: — Será que as coisas vão voltar a ser normais algum dia?

— Não sei. — Então, talvez porque ela pareça tão deprimida, acrescento: — Espero que sim.

Ash pega seu telefone e manda uma mensagem para Derek, e me sinto mal. Não tenho sido uma boa amiga para ela ultimamente.

— Ash, tudo bem. Os meninos podem vir. Afinal de contas, estamos quase acabando mesmo — digo, fechando meu notebook.

— Ebaaa! — O rosto de Ash se ilumina. Ela dá um salto e começa a remexer na sua gaveta de biquínis. Dá um suspiro e levanta um, mostrando-o. É de Rennie. — Rennie esqueceu este da última vez que esteve aqui.

Lembro-me de quando ela o comprou, no verão passado, na loja de biquínis perto da Java Jones. É pequeno e preto, e ela o adorava porque fazia seus peitos parecerem maiores.

— Eu... eu vou vestir um dos seus.

— Mas os meus não vão te servir — Ash diz, jogando o biquíni preto de volta na gaveta.

— Então vou só mergulhar os pés na banheira. — Não vou vestir o biquíni de Rennie. É estranho demais.

— Espere! — Ash fuça na gaveta novamente. Segura um biquíni em tie-dye azul-marinho e verde, ainda com as etiquetas da loja. — A parte de cima ficou muito pequena para mim, mas acabei esquecendo de devolvê-lo. Vai te servir com perfeição.

Aliviada, tiro rapidamente a roupa e visto o biquíni dela. Ash se aproxima e amarra a tira bem apertada em volta das minhas costas.

— Fica ótimo em você. Pode ficar com ele.

— Obrigada, Ash. — Ela e eu nunca fomos muito íntimas. Tinha sempre Rennie entre nós. Ela sempre tinha que ser a mais amada. E nós realmente a amávamos mais. Ambas sabemos que escolheríamos Ren no lugar da outra. Mas Ash é uma pessoa legal, e tenho sorte de tê-la como amiga.

Depois que nós duas nos trocamos, colocamos nossas botas Uggs e os roupões de banho e fomos lá fora ligar a banheira. Ash volta para dentro para pegar uma garrafa de vinho da adega dos pais, e estou testando o calor da água quando Alex se aproxima.

— Como está a água? — ele me pergunta, tirando o casaco de lã. Tira o suéter pela cabeça, e eu ligo a hidromassagem.

— Bem quente — respondo.

Alex joga as roupas sobre uma cadeira de descanso. Ele olha ao nosso redor para ter certeza de que estamos sozinhos, então diz:

— Ei, posso falar com você sobre uma coisa?

— Claro.

— Tem uma coisa que estou querendo conversar com você já faz um tempão, mas não queria falar sobre isso no momento errado. — Ele desliza para dentro da água.

De repente, sinto dificuldade em engolir.

Olho à minha volta à procura de Ash, mas ela ainda não voltou, e ainda não há nem sinal de Derek e Reeve. Então, tiro o roupão e rapidamente entro na banheira. A água quente alfineta minha pele. Prendo o cabelo num coque bem alto, para não molhar.

— Humm. Ok.

— Sei que você e Rennie tiveram uma briga feia na noite em que ela morreu. — Fico imóvel na água. — Só quero dizer que você não deveria deixar aquilo definir a amizade que vocês duas tinham. Quero dizer, amigos brigam. Isso acontece. Olhe para mim e para Reeve. As coisas têm estado estranhas conosco desde... desde o

Natal. — Alex fica vermelho, e eu me sinto corar também. — Mas sei que vamos botar isso para fora em algum momento. Do mesmo modo como sei que, se Ren não tivesse sofrido aquele acidente, vocês duas também fariam isso.

Não, nós não faríamos. Rennie nunca me perdoaria por tirar Reeve dela, nem em um milhão de anos. Alex não a conhece como eu. Isto é, ele não a *conhecia*, não a conhecia como eu. Mas é gentil da parte dele dizer isso, e é bem a cara dele dizer essas coisas. Dou-lhe um sorriso e digo:

— Talvez.

— Ouça o que estou lhe dizendo, Lil. — Ele percebe que não acredito nisso. — Rennie te amava. E você a amava. Vocês teriam resolvido essa briga. Quando as pessoas se amam tanto quanto vocês duas se amavam, o amor não desaparece simplesmente. Não importa o que tenha acontecido.

Lágrimas surgem nos meus olhos. Alex parece ter tanta certeza que isso me dá esperanças, muito embora não tenha o direito de ter nenhuma esperança. Se eu tivesse tido a chance de me explicar, de tentar fazer Rennie entender, será que superaríamos isso? Éramos as melhores amigas. Mais que melhores amigas. Éramos como irmãs. Isso deve contar para alguma coisa.

— Alex... obrigada por dizer essas coisas. — Estou realmente sendo sincera. Ele se aproxima e aperta a minha mão, e a pressão dentro de mim parece se diluir um pouquinho.

Ainda estamos conversando quando Reeve chega. Não olho para ele, mas posso sentir seu olhar sobre mim. Ele tira a roupa e se abaixa dentro da água, sentando no canto oposto a Alex e a mim.

— Do que vocês estavam falando? — ele pergunta.

— Nada — respondo, encarando a água espumante. Ela borbulha e efervesce como uma sopa prestes a ferver.

— Biquíni novo?

— É de Ash. Ela me deu. — Lanço um olhar estranho em direção a ele.

— Eu gostei.

O que ele está fazendo? Especialmente na frente de Alex, entre todos. Alex observa Reeve com os olhos semicerrados agora.

Ash e Derek saem da casa com o vinho e toalhas de banho. Quando entram na banheira, Alex se aproxima de mim para dar espaço, e nossos ombros se tocam. Ele tromba novamente de encontro ao meu ombro, desta vez de propósito, e sorri para mim, e eu sorrio também. Um sorriso verdadeiro.

— Você tem alguma cerveja, Ash? — Reeve pergunta de repente.

— Sim, deve ter algumas na geladeira — Ash diz, estirando os braços. — Só tome cuidado de substituí-las por garrafas de cerveja da despensa, ou meu pai vai perceber.

— Me traz uma cerveja, também — Derek complementa.

— Cho, venha me ajudar. — Reeve se levanta.

— Não vou sair da água. Está muito frio — respondo sem olhar para ele.

Reeve franze a testa, e finjo não perceber. Então ele dá um passo para fora da banheira e corre para dentro da casa. Pode ficar bravo o quanto quiser, mas, se pensa que vou me encontrar com ele às escondidas, com nossos amigos ali do lado de fora, ele está maluco.

— Sua pele está ficando vermelha — digo para Alex.

— A agonia do irlandês de pele branca. — Alex dá um gemido. — Por isso é que eu tenho que casar com você, Lil, só assim posso terminar esse círculo vicioso. Nossos filhos vão ser tão lindos.

Dou uma risadinha sem graça.

— Desde que eles tenham meu senso de estilo — digo, estirando as pernas, de modo que meus dedos flutuem sobre a água. — E minha habilidade na dança. Você não tem ritmo nenhum, Lindy.

Mais tarde, quando estamos todos fora da jacuzzi e está na hora de ir para casa, Alex se oferece para me levar até a escola para pegar meu carro. Reeve está vestindo de novo o suéter, mas sei que está escutando cada palavra que dizemos.

— Não, tudo bem. Ash e eu ainda temos mais trabalho para terminar hoje à noite — respondo.

Alex parece desapontado, mas vai embora, assim como Reeve e Derek. Reeve nem me olha quando sai.

No andar de cima, no quarto da Ash, vou até a cama dela para abrir meu computador e olho pela janela. A caminhonete de Reeve ainda está estacionada aqui. Ele está esperando por mim. Precisa entender que não vamos ficar juntos, nunca.

— Ah, oh, minha mãe está me mandando uma mensagem. Ela quer que eu volte para casa — digo, olhando rapidamente meu telefone.

— Me dá dois segundos, e eu te levo de volta para o seu carro. — Ash levanta o olhar do computador. Ela está no meio da compra de um novo suéter de cashmere.

— Não, tudo bem. Os meninos ainda não foram embora. Vou pedir para um deles me levar de volta. — Agarro minha bolsa e meu computador, dou um abraço na Ash e desço correndo a escadaria, saindo pela porta da frente.

Entro na caminhonete de Reeve, e, por um momento, ficamos ambos em silêncio. Ele está com o rosto carrancudo.

— Qual o problema com você hoje? — pergunto.

— Queria te ver, queria me divertir, e encontro você e Alex aconchegados na banheira, e você nem mesmo me contou sobre o que estavam conversando. — Ele está bufando, irritado, o que me deixa louca de raiva.

— Estávamos falando sobre Rennie! — explodo. — E, Reeve, você nunca quer falar sobre ela!

— Qual a vantagem de trazer de volta o passado? — Reeve empalidece. — Ela está morta. Falar sobre ela não vai trazê-la de volta. Essa coisa entre mim e você não tem nada a ver com aquilo.

— Não, não tem. Foi por nossa causa que Rennie morreu, e isso está me destruindo por dentro. Ela nunca teria saído dirigindo por aí naquela noite se não fosse por nossa causa. Ela estaria na festa dela, onde deveria estar...

— Pare! — Reeve grita. Dou um pulo. Ele está respirando com dificuldade. — Não quero discutir isso agora, ok? Não posso. Então... pare. Não diga mais nada. Por favor.

— Tudo bem. — Ele está tremendo. Passo a mão pelas costas dele, até sua respiração se normalizar. — Está tudo bem.

Antes que eu possa dizer outra palavra, ele já me encostou contra a janela e está me beijando. E eu o beijo também.

• • •

Quando chegamos ao estacionamento da escola, uma hora mais tarde, abaixo o espelho do visor e tento ajeitar meu cabelo. Está todo bagunçado.

— Você é a única coisa que me faz seguir em frente — diz ele, observando-me.

Minha mão fica imóvel.

— Não consigo parar de te olhar — complementa ele.

Não olho para ele, não posso.

— Se vamos fazer isso, ninguém vai poder saber. Não podemos agir como fizemos esta noite. Precisamos ser cuidadosos.

— Tudo bem — diz ele, rapidamente. — Farei qualquer coisa que você queira. Do jeito que você quiser. Sinto que não consigo respirar quando não estou ao seu lado, Cho.

Então me joga nos braços dele, e estamos nos beijando outra vez.
Exatamente como antes.

Capítulo 14

KAT

AO FINAL DO DIA, ALEX ESPERA POR MIM PERTO DO MEU ARMÁRIO, E então nos dirigimos para o carro dele. Ele está falando sabe-se lá sobre quem. Não presto atenção. Em vez disso, tomo nota das pessoas que nos veem juntos. Lembro-me de como estava preocupada em setembro, no primeiro dia de aula. É estranho pensar nas coisas que eu costumava achar importantes. Agora percebo que nada disso importa.

— Você ouviu uma única palavra do que acabei de dizer?

Viro-me para encarar Alex. Ele está com o gorro de lã azul-marinho puxado sobre as orelhas, mas um punhado de cabelo ainda sai encaracolado pelos lados. Está ficando escuro de novo, agora que estamos em pleno inverno, com apenas algumas manchas avermelhadas.

— Honestamente, não, porque você está falando sem parar desde que o sinal tocou.

Ele ri, como se eu tivesse dito algo hilário, e então toma num gole só o resto da sua garrafa de água. Ela se dobra com o aperto da mão.

— Estou nervoso, Kat. — Por um segundo, penso que está brincando. Porém, há alguma coisa na voz dele que me faz perceber que é verdade. A voz baixa e meio profunda. Além disso, ele não me olha nos olhos ao dizer isso. Ao contrário, mantém o olhar à frente.

— Nervoso? Por quê?

— Achando que você vai odiar tudo que eu tocar.

— Ah, se liga — digo, muito embora também esteja preocupada em relação a isso. E se a música de Alex for mesmo uma droga? Quero dizer, ele arrasou com seu solo *Baby, It's Cold Outside* durante a festa de inauguração da árvore de Natal. Mas nunca antes ouvi seu trabalho original. E este é o programa para o qual ele está tentando entrar na USC: Composição. Já pensei em alguns elogios fajutos, caso seja tudo uma merda, mas provavelmente ele vai perceber que é mentira. Não tenho o menor jeito para mentir. Se as músicas dele forem uma droga, será que ainda assim devo encorajá-lo a seguir em frente? Ou será melhor dizer logo a verdade nua e crua, que eu não acho que ele seja bom o bastante, como os juízes naqueles estúpidos reality shows de competição costumam fazer?

Argh. Eu nunca deveria ter concordado com isso, para começo de conversa.

— Bom, podemos fazer isso um outro dia. Ou... tipo... nunca.

— Quero fazer isso — diz Alex. — Vamos fazer.

— Tudo bem.

Entramos no carro, Alex gira a chave e dá partida. Seu estéreo solta um som altíssimo com o CD que preparei para ele.

— Gosto de tudo que você gravou aqui — comenta ele, diminuindo o som. — Mas meu estilo não é nada parecido com o desses caras.

Oh-oh. Aperto seu braço amigavelmente.

— Não tem que ser parecido. Você só precisa ser como... você mesmo. — Seja lá o que isso signifique.

• • •

Uma hora mais tarde estou sentada na beirada da cama de Alex, tomando refrigerante numa lata gelada. Ele está sentado num banquinho de madeira do outro lado do quarto. Está com a cabeça

abaixada, dedilhando o violão. Ele nem mesmo olha para o caderno que deixou aberto numa bancada. Sabe as letras de cor.

Esta é a terceira música que ele toca para mim. E todas são sobre a mesma coisa — na verdade, sobre a mesma pessoa.

Lillia.

É, sei que ele sente algo por ela. Mas que droga. O cara está apaixonado. Pelo jeito, está apaixonado há muito tempo. Talvez desde sempre.

Ele deixa a última nota vibrar até se silenciar. Então, coloca o violão no chão e enxuga a testa.

— Essas são as três canções que estou pensando em inscrever. — Ele pega um lápis para fazer anotações. — Ok. Então. Fala o que te vem à cabeça.

Digo a mim mesma para calar a boca, umas mil vezes, como uma metralhadora na minha cabeça. *Não seja babaca, Kat. Foque apenas na música.* Eu me recosto e tento dizer o mais casualmente possível.

— Você tem outras músicas? Ou são todas desse mesmo estilo?

— O que quer dizer com isso? — Sua expressão fica estranha.

— Nada. Esquece.

— Você acha que não vou aguentar a crítica? Eu aguento. Pode me dizer. O que acha das minhas músicas?

— Tudo bem. Só estou sendo crítica assim porque esse é um processo de seleção, e as pessoas que vão escutar... — começo a falar depressa.

— Fale logo!

— Todas elas parecem canções de amor colegial sobre Lillia Cho, cara.

— O quê? — Alex fica de queixo caído, o rosto todo vermelho como pimentão.

— A primeira é sobre uma garota de cabelos negros que aparece na sua janela à noite. — Começo a assinalar pontos com os meus dedos. — A seguinte, uma garota de cabelos escuros que nem sabe que você existe.

— Ei, espera um segundo, Kat. Eu...

Não espero um segundo. Continuo.

— E o que foi aquela última? Uma garota rica que segura a sua mão nas ruas ásperas de Boston? Sinto muito, mas... fala sério!

Ele se levanta depressa, tão depressa que o banquinho se desequilibra para trás e cai no chão. Os olhos dele estão atormentados, e ele os fixa como um laser em minha direção.

— Sei que não gosta da Lillia, por alguma coisa que tenha acontecido entre vocês no passado, mas apreciaria se pudesse tentar ser objetiva e manter seus comentários voltados para a música, e não a pessoa.

Que merda é essa?

— Me desculpe, Alex, mas Lillia e eu realmente estamos muito bem uma com a outra. Isso não tem nada a ver com ela. É sobre você mostrar uma variedade de temas. Estou tentando te ajudar, lembra?

— Tenho outras músicas. — Ele pega seu caderno e o mostra. — Tenho um caderno cheio de música.

— Ótimo. Não vejo a hora de ouvir uma. — Dou de ombros.

Alex folheia algumas páginas e então franze as sobrancelhas.

— Ah! — Dou um tapa no meu joelho. — Eu sabia!

— Não é isso. — Ele solta um suspiro profundo enquanto se volta e endireita o banquinho caído. — Merda — diz em voz baixa, e se joga pesadamente sobre o banco. — É exatamente isso.

Sinto sua confiança começar a despencar, e isso faz com que me sinta muito mal. Não deveria ter chamado sua música de "colegial".

Foi burrice.

— Olhe. Não é que suas músicas não sejam boas. Elas são. São sinceras e, humm, leais. Isso é Alex Lind até a raiz do cabelo. Mas, tematicamente falando, elas realmente parecem tudo a mesma coisa.

— Deixe para lá, Kat. Não precisa me enganar. — Alex cai pesadamente na cadeira. — E se você e Lillia são realmente amigas, então você deve saber se tem alguma coisa acontecendo entre ela e Reeve.

— O que quer saber? — Eu me forço a engolir em seco.

— Eles saíram juntos na festa de Ano-Novo. — Ele não me olha no rosto ao acrescentar: — Além do mais, Lil me contou que eles se beijaram antes. Isto é, ela disse que se arrependeu, mas...

— Ela se arrepende *mesmo* — corrijo.

— Estou sentindo uma *vibe* estranha vinda deles ultimamente. Não sei.

Lillia certamente não quer que ninguém pense que ela está namorando Reeve, porque não está. Algumas ficadas ao acaso, motivadas pela dor, não fazem um relacionamento. Mas também não posso dizer que eles *não* estejam juntos. Não depois da minha conversa com Lillia.

— Você está puto?

— Bom, sim, não estou feliz com Reeve. Ele é o meu melhor amigo. Era meu melhor amigo. Merda. Nem eu mesmo sei.

Ah, meu deus. Não quero ter de fazer uma sessão Lillia de terapia com Alex bem agora. Tento fazer com que ele se concentre no trabalho à frente.

— Eis o que precisa fazer — digo, tocando na carta da USC. — Escolha sua música favorita dentre essas três últimas músicas, e então feche o CD demo com duas outras que pareçam diferentes.

— Na verdade, tem algo novo em que estou trabalhando. — Ele pega o violão, abre o caderno e folheia até uma das últimas páginas. — Está meio cru ainda, mas começando a tomar forma...

As primeiras três músicas eram bem lentas e murmuradas, mas essa explode desde a primeira nota e enche todo o quarto de som. As mãos de Alex voam sobre as cordas do violão, e parece que tudo está vibrando.

Pelo que posso perceber, é uma canção sobre um acidente, um incêndio, e viver como se não houvesse amanhã. É sobre Rennie.

É... é incrível. Verdadeiramente, incrivelmente fantástica.

Quando ele termina, bato palmas de pé.

— Era disso que estava falando, cara!

— Você gostou? — Ele cora. — Na verdade, eu a escrevi na noite em que recebi a carta da USC. Depois do que aconteceu com Rennie... É como se a vida fosse curta demais. Não quero me arrepender de nada, sabe?

— Bom para você. Aposto que Rennie ficaria feliz em ouvir isso.

— Obrigado. Fico feliz por você e Rennie terem tido uma chance de se reconciliarem antes do acidente. Vocês duas se conhecem há muito tempo, e sim, tinham suas diferenças uma com a outra, mas é bom saber que tudo foi perdoado.

— Sim. Verdade — consigo dizer, embora o fundo da minha garganta esteja subitamente raspando. Por semanas, isso foi tudo o que eu quis ouvir de alguém. — De verdade, Lind. Essa música arrasou.

Agora é Alex quem não está me escutando. Está longe, em outro mundo.

— Acho que vou chamá-la de "Sem arrependimentos".

— "Sem arrependimentos", gosto do título.

— Sabe o que mais? Eu também.

Capítulo 15

LILLIA

REEVE E EU NOS ENCONTRAMOS SEMPRE QUE PODEMOS, SEMPRE EM segredo. Fui ao escritório do pai dele e o ajudei a reorganizar o sistema de arquivos; ele veio ao estábulo e ficou me olhando cavalgar no Phantom. Meu cavalo gosta dele, porque ele sempre traz maçãs. Disse a Reeve para parar com isso, pois Phantom ficaria mimado, mas Reeve se aproxima dele com as frutas quando pensa que não estou olhando. Uma noite nós simplesmente ficamos jogando cartas na traseira da caminhonete dele e ouvimos o rádio.

Nunca conversamos sobre Rennie. Às vezes, nem nos beijamos. Porém, o que Reeve disse sobre não conseguir respirar se não me vir — sinto a mesma coisa. Como se, estando longe dele tempo demais, estivesse submersa.

Depois de uma das minhas aulas de equitação, Reeve me convida para jantar na casa dele naquela noite. Por um segundo fico nervosa, imaginando se ele contou à família dele sobre nós, mas ele diz que a mãe só quer me agradecer por ajudá-lo a entrar na escola preparatória.

Então, estou agora na confeitaria Jean-Jacques examinando todos os bolos e tortas exibidos na vitrine de vidro. São tantos bolos lindos para se escolher. Um mil-folhas, que é um tipo de bolo de massa folhada com camadas de creme de baunilha; uma bomba de chocolate e framboesas; um bolo de chocolate alto com ouro de verdade polvilhado por cima, como se fosse um enfeite de Natal. Estou pensando no bolo de chocolate branco, porque tem um aspecto incrível, mas então me lembro de como estraguei tudo na última vez que fui à casa de Reeve para conhecer sua família. Como

usei meu vestido azul chique e comprei um enorme arranjo de flores, e Rennie atendeu a porta usando um agasalho de futebol, e ela parecia combinar com o lugar, enquanto eu parecia muito deslocada.

Deveria ter ido a uma padaria e comprado uma bandeja de cookies. Agora é tarde demais para isso.

Fico ali em pé escolhendo por tanto tempo que a vendedora se aproxima duas vezes para perguntar se preciso de ajuda.

— Você tem algo mais... simples? — pergunto. — Ou algo do tipo caseiro?

— Caseiro? — A vendedora franze a testa. — Vamos ver, temos uma linda torta de morango com creme.

— Hã...

— Que tal um bolo mousse de chocolate e pasta de amendoim? — ela sugere.

— Sim, sim! — Pasta de amendoim é algo definitivamente caseiro.

Ela abre a vitrine e tira o bolo com um floreio, e parece com algo que minha mãe chamaria de "realmente brega" — o ganache foi despejado por cima e está duro como pedra, e há lascas de chocolate empilhadas bem alto, como numa escultura moderna. Amendoins cobertos de chocolate rodeiam o bolo como um colar de pérolas. Esse é o bolo menos caseiro que já vi na vida.

— Espere! — grito. — Desculpe. Pode esperar só um minuto? Eu só preciso, tipo, de dois segundos para me consultar com uma amiga.

A vendedora parece irritada, mas dá um sorriso falso, e eu dou um sorriso amarelo em resposta, me viro e abro o celular para ligar para Kat. Ela deve saber o que posso levar para a casa dos Tabatskys.

Ela demora um tempão para responder.

— E aí, e aí, Lil?

— Hã, então, lembra quando eu ajudei Reeve a entrar na escola preparatória antes da faculdade?

— Não. Quero dizer, você falou alguma coisa sobre isso, mas não que o tinha ajudado.

— Argh. Bom, na verdade eu não o ajudei. Só dei a ideia. — Kat está quieta, então continuo. — Não importa, a mãe dele ficou tão feliz com isso que ela quer que eu vá jantar na casa deles. — Apressadamente acrescento: — Só como amiga. Então, tipo, se você fosse jantar na casa dele, o que levaria de sobremesa? Se tivesse que escolher entre um bolo mousse de chocolate e pasta de amendoim e uma torta de morango?

— Lil.

— Sim? — Meu coração dá um salto.

— Você colocou ou não um ponto final nessa merda, como a gente discutiu?

A mentira está ali, na ponta da minha língua, *Sim*, é *claro*, mas é difícil dizer isso para Kat.

— Bom, praticamente. Isto é....

— *Garota!* O que foi que eu te disse? — Kat dá um gemido.

— Kat, por favor — choramingo. Do outro lado da sala, a vendedora raspa a garganta e olha o relógio. Merda. A confeitaria vai fechar daqui a pouco. — Por favor. Pode gritar comigo mais tarde, mas agora pode me ajudar? O que é menos chique, bolo mousse de pasta de amendoim e chocolate ou torta de morango?

— Humm... droga, não sei, Lillia. A família de Reeve é cheia de homens. Se você, tipo, levar alguns potes de sorvete Napolitano barato, eles vão cair em cima e lamber tudo como se fossem cachorros.

— Algum deles tem alergia a amendoim ou alguma restrição alimentar?

— Está de brincadeira? Aqueles caras não têm alergia a amendoim, não. Eles são animais. Cresceram comendo sujeira e sangue e bichos mortos na estrada. Se algum deles tivesse alergia a amendoim, os outros irmãos dariam uma surra nele.

Olho horrorizada para meu celular. Sujeira e sangue e bichos mortos na estrada?

— Você está me assustando — murmuro.

— Compra logo o de pasta de amendoim e termina logo com isso. E, Lil, depois que terminar esse jantar nós vamos ter uma conversa. Certo?

— Certo.

• • •

Nunca conheci a família de um garoto antes, como namorada. Não que eles saibam que sou namorada dele. Mas ainda assim.

Antes mesmo que eu possa tocar a campainha, Reeve já está abrindo a porta para mim. Está usando um suéter azul-marinho de gola alta, que nunca tinha visto antes, e o cabelo está bem penteado. Ele pega o bolo das minhas mãos, o coloca na mesinha da entrada e me puxa para um enorme abraço. Ele me levanta no ar por um segundo antes de me colocar de volta no chão.

— Estou tão feliz por você estar aqui — diz com um grande sorriso.

Tento sorrir também, mas estou muito nervosa. Posso ouvir a tevê ligada e vozes masculinas gritando. Reeve pega a caixa do bolo com uma das mãos, e com a outra me leva para a cozinha, onde sua mãe está tirando pãezinhos do forno. Já encontrei a Sra. Tabatsky inúmeras vezes anteriormente, em jogos de futebol e quando todos nós ficávamos aqui, na casa deles. E depois no hospital, quando Reeve se machucou.

Ela está usando um avental, e quando entramos ela me dá um sorriso radiante.

— Olá, Lillia. Estou muito feliz por você ter vindo jantar com a gente. — Tem um leve sotaque de Boston.

— Muito obrigada pelo convite, Sra. Tabatsky — digo, atropelando as palavras. — Posso ajudar em alguma coisa?

— Não, querida. Apenas fique à vontade com os meninos. — Para o filho ela diz: — Reeve, pegue o casaco dela.

Reeve coloca a caixa do bolo sobre o balcão e me ajuda a tirar o casaco.

— O que tem nessa caixa? — ele me pergunta.

— É um bolo.

— Que gentileza da sua parte — diz a Sra. Tabatsky. — E é da Jean-Jacques, nada mal! Uh lá lá!

Reeve revira os olhos e abraça a mãe.

— Minha mãe não está acostumada com coisas finas. Não se preocupe, mamãe. Quando eu for importante, vou comprar quantos bolos da Jean-Jacques você quiser.

— Lillia, você é minha testemunha. — A Sra. Tabatsky ri. — Ele disse quantos bolos eu quiser! Então, que tipo de bolo você trouxe, afinal de contas?

— É um bolo mousse de chocolate e pasta de amendoim. — Os olhos dela se iluminam. Pela primeira vez, percebo que Reeve tem os olhos iguais aos da mãe.

• • •

Reeve tem três irmãos. O mais velho é Luke, que encontrei apenas uma ou duas vezes. Luke conquistou vários recordes esportivos para a nossa escola — jogava futebol e beisebol, e o

jornal o chamava de Bo Jackson da Ilha Jar. Ele jogou futebol na faculdade, mas se machucou, então agora trabalha com o pai deles na empresa de paisagismo. A seguir vem Pete, que se mudou da ilha recentemente. Depois Tommy, que conheço melhor, porque ele é só uns dois anos mais velho do que a gente. Tommy costumava se meter em confusão o tempo todo na escola. As histórias sobre ele são famosas. Durante os treinos, quando Tommy tinha apenas quatorze anos, costumava roubar o carro do treinador e saía dirigindo pela ilha. Fez isso durante um mês, antes de ser pego.

O pai de Reeve e seus irmãos Tommy e Luke estão sentados em frente da televisão, bebendo cerveja e assistindo a um jogo de hóquei. Dos três irmãos, Luke é o que mais se parece com Reeve. Ambos têm cabelos escuros, olhos verdes e o mesmo nariz orgulhoso. Tommy tem o cabelo mais claro, e é mais baixo, porém mais musculoso.

Fato engraçado: Tommy foi o primeiro a beijar tanto Rennie *quanto* Kat.

Reeve e eu ficamos parados na soleira da porta por alguns segundos, antes de Reeve empurrar o joelho de Tommy e dizer:

— Dá lugar pra Lillia.

Tommy enfia a mão cheia de chips de batata na boca e dá espaço. Tem migalhas espalhadas por todo o sofá. Estou me decidindo se devo sentar sobre elas e fingir que não vejo nada, ou se devo limpar o estofado, quando Tommy pisca para mim e joga as migalhas no tapete. Reeve olha furioso para ele.

— Acabei de passar o aspirador de pó, seu Neandertal.

Tommy o ignora. Dá uma palmadinha no sofá, e sento ao lado dele. Reeve se aperta do outro lado de Tommy. Este levanta a sobancelha e me pergunta:

— Então, você e meu irmãozinho estão namorando, ou o quê?

Quase engasgo.

— Nãoooo. Nós somos apenas amigos. — Olho para Reeve, mas ele está olhando firme para a tevê.

— Só amigos, hein? — Tommy se aproxima de mim. — Nãoooo, não acredito nisso. O garoto está de quatro por você. Ele passou horas limpando a sala antes de você chegar.

Reeve está carrancudo.

— É mesmo? — digo.

— Ah, é, sim — concorda Luke, sentado na cadeira estofada. Toma um gole de cerveja. — Ele pegou uma vassoura, um espanador e uma droga de um produto de limpeza.

— Calem a boca, vocês dois — Reeve adverte. Está ficando vermelho, o que é tão fofo que mal me aguento.

— Sabe quanto tempo Reeve levou para conseguir que o cabelo dele ficasse desse jeito hoje? — Tommy está apenas começando a provocação. Ele finge estar se olhando no espelho, ajeitando e alisando o cabelo, o que me faz rir.

— Tommy, o que está fazendo aqui? Você se mudou, lembra? — Reeve diz.

— Aw, o Bebê Reeve está envergonhado na frente da sua garota? — Tommy se inclina e bagunça o cabelo de Reeve, que o afasta.

— Sim, estou envergonhado de ser seu parente — Reeve retruca, os olhos focados na tela da televisão. — E ela acabou de te dizer que não é minha namorada.

— Então acho que ela está livre. — Tommy pisca para mim. — O que acha, Lil?

Sei que ele está brincando, mas posso sentir meu rosto corar.

— Não perca seu tempo, Tom — Reeve responde. — Cho só conversa com caras com QI acima de dois dígitos.

— Não me surpreendo que ela não esteja com você, então. — Tommy estende a mão e dá um safanão no alto da cabeça do Reeve,

que se joga em cima do irmão, e eles começam a lutar pela sala. Dou um pulo e me levanto para não ser pega no meio da luta.

O Sr. Tabatsky me olha da sua cadeira, tranquilo.

— Parece que eles foram criados num beco — ele diz. — Como estão seus pais, Lillia?

— Estão bem.

— Diga para sua mãe me avisar se ela precisar que eu retire alguma das árvores antes da próxima tempestade de neve.

— Pode deixar — respondo.

Com a respiração ofegante, Reeve se joga no sofá e dá uma palmadinha no assento ao seu lado, que Tommy acabou de desocupar. Tommy me dá um sorriso do chão.

— Sente-se, Cho — Reeve diz.

Sento ao lado dele.

— Então, onde está o seu gato? — pergunto a ele. — Quero brincar um pouco com ele.

— Gato? Não temos um gato. Minha mãe é alérgica. — Reeve franze a testa.

Ah, Ren. Claro que ela mentiu sobre o gato! Sorrio comigo mesma.

— O quê? — pergunta Reeve.

— Nada. — É loucura, mas em momentos assim eu realmente sinto falta dela.

• • •

Nós nos sentamos à mesa de jantar. A Sra. Tabatsky está sentada à cabeceira, com Luke à esquerda e o Sr. Tabatsky à direita, e eu estou na outra ponta com Reeve e Tommy.

— Mamãe fez suas batatas à milanesa, e isso significa que ela quer te impressionar — Tommy me diz. — São a especialidade dela, então é melhor comer bastante.

— Quietos, Tommy — a Sra. Tabatsky o repreende, dando um tapa nele. Ela fatia a carne assada e desliza um pedaço no meu prato. — Não é todo dia que Reeve traz uma garota em casa.

Respiro fundo. Então ele nunca trouxe Teresa ou Melanie. Não sou como suas outras garotas. Estou apertando firmemente os lábios para não sorrir, quando Reeve diz:

— Já te disse, mamãe. Não é assim. Cho é só uma amiga da escola.

Olho para baixo, para meu prato. *Só uma amiga da escola.*

— Tudo bem, tudo bem, Reeve. Esfria a cabeça — diz a senhora Tabatsky. — Lillia, estamos muito felizes por te receber aqui esta noite. Queríamos muito te agradecer por tudo que fez ao ajudar Reeve quando ele estava ferido. — Ela olha para o pai de Reeve, que está mastigando a carne assada do outro lado da mesa. — O Sr. Tabatsky e eu obviamente não sabemos muita coisa sobre escolas preparatórias e oportunidades de se fazer um ano a mais antes da faculdade. Ficamos muito felizes porque ele teve você para orientá-lo.

— Quando aqueles olheiros das faculdades fugiram como baratas, pensei que Reeve estaria acabado — diz o Sr. Tabatsky, rispidamente. — Mas agora ele tem uma segunda chance de jogar. — Acenando com a cabeça para si mesmo, ele complementa: — Não vejo a hora de bater a porta na cara deles, quando vierem correndo depois de verem o que Reeve fará na próxima temporada.

— Não vamos bater a porta na cara de ninguém, que isso fique bem claro — a mãe de Reeve contesta. — Mas vamos fazer com que eles suem bastante, disso tenho certeza. — Ela sorri. — Meu bebê é uma estrela.

— Ele não é tudo isso, não, mamãe — diz Luke. — Não se esqueça do seu primogênito. — Ele aponta seus troféus alinhados na prateleira de cima do guarda-louças da Sra. Tabatsky, e Tommy ri tanto que quase cospe seu leite.

A Sra. Tabatsky os silencia com um olhar furioso, e se vira novamente para mim.

— E é tudo graças a você, Lillia.

A culpa golpeia meu coração. Para falar a verdade, foi graças a mim que Reeve quase perdeu tudo.

— Quem quer mais batata? — ela pergunta.

— Adoraria um pouco mais — respondo imediatamente, muito embora ainda nem tenha terminado a primeira porção. Vou comer cada pedaço do meu prato, e ainda mais um pouco, se isso significar cair nas boas graças da Sra. Tabatsky.

• • •

Depois da sobremesa, Reeve me acompanha até lá fora. Estamos quase no meu carro quando ele diz:

— Vamos fazer um passeio.

Entramos na caminhonete dele e nos dirigimos para o bosque.

Posso perceber que algo está errado. Estendo a mão e toco seus cabelos na parte de trás da cabeça, onde os fios são macios e se enrolam na minha mão. Ele gosta quando o toco ali. Mas não se encosta carinhosamente na minha mão, como costuma fazer. Fica rígido.

— O que estamos fazendo, Cho?

— Não sei. — Sinto frio.

— Isso não parece certo. Não gosto de mentir pra minha família. Quero te apresentar a eles como minha namorada. — Reeve fica

quieto, e então diz, com a voz hesitante: — Entrei numa outra escola preparatória... É uma escola só para meninos chamada Graydon. Fica a uma hora de Boston.

— É mesmo? — Eu me sento ereta e me viro para olhar para ele. A Beneditina é bem no meio de Delaware.

— BC ainda é a sua primeira escolha, certo? — Ele está observando de perto minhas reações.

— Sim. Acho que sim.

— Então... — Reeve balança os ombros. — Então, é pra lá que eu vou.

— Mas e quanto à Beneditina?

— É longe demais. Não quero que a gente fique tão longe um do outro. — Olho para ele com intensidade, e ele cora. — Isto é, a menos que seja isso o que você queira. Vou fazer o que você quiser. Se não quiser experimentar uma coisa a longa distância, ou se quiser... que seja. Estou só citando as opções. — Ele engole em seco. — É uma escola tão boa quanto a Beneditina. Além do que, o treinador deles jogou bola profissionalmente no passado. Mas... você sabe, como eu já disse, é só uma outra opção. Sem pressão. Não tenho que me decidir imediatamente.

Meu coração está batendo disparado no peito. Essa coisa entre mim e Reeve... não precisa ser segredo para sempre. Inclino-me para a frente e encosto os lábios aos dele.

— Sim, sim, sim, sim — sussurro de encontro à sua boca.

— Sim? Tem certeza? — Ele se afasta e abre um sorriso.

— Certeza, tenho certeza! — Pensar que vamos continuar, que ele quer, é tudo para mim.

— Tudo bem, legal. Fantástico! Então vamos só esperar até a formatura, e então damos o fora daqui. — Reeve solta a respiração e relaxa os ombros. Tira o telefone do bolso. — Você tem que ir pra casa logo.

Saber que ele estava nervoso e inseguro em relação a mim é tão cativante que eu poderia morrer. Quero lhe dar algo de mim em troca.

Minha mão está tremendo quando abro o zíper do meu casaco, coloco a mão debaixo do suéter e desabotoo o sutiã. Puxo-o pela abertura do braço do meu casaco, e fico feliz por estar usando um bem bonitinho hoje — cor-de-rosa com um laço cinza na frente. Reeve segura a respiração e está me observando como um garoto em transe. Ele não tira os olhos de mim, e de repente me sinto como uma rainha. Pego a mão dele e a deslizo por baixo do meu suéter, até em cima, até o meu coração.

— Pode me tocar — sussurro, e me solto, e ele coloca a mão na curva do meu seio. Imagino se consegue sentir meu coração martelando de encontro à mão. Está batendo tão forte, e tão rápido, que ele deve sentir. Sei que já esteve com outras garotas, que isso não é nada novo para ele. Mas o modo como ele me olha, como se eu fosse uma surpresa, um tesouro para guardar, me faz perder o fôlego, e não há nenhum lugar no mundo onde eu preferiria estar.

Capítulo 16

KAT

DESPENCO NA CADEIRA DA SALA DE AULA, COLOCO OS FONES DE OUVIDO E baixo a cabeça de modo que meu rosto fique apoiado na carteira. Então aperto o play e aumento o volume mais e mais, praticamente até o máximo. As pessoas a minha volta também escutam, porque olham para o meu lado por um segundo. Então, voltam para suas tarefas de serem irritantes, e eu volto para minha tarefa de ignorá-las.

Fecho os olhos e tento cair no sono, mas as luzes fluorescentes aqui são simplesmente fortes demais. Elas tingem o fundo das minhas pálpebras de um amarelo ácido. Então sou forçada a observar as garotas desfilarem para dentro da sala como um filme mudo, musicado pela minha banda punk favorita da Alemanha, a Umlaut Suicide.

Não sei exatamente quando isso começou a ser um evento no nosso colégio, mas, em todos os dias 14 de fevereiro, todas as garotas com peito se vestem como cartões ambulantes de Valentine's Day. Saias plissadas vermelhas, suéteres felpudos cor-de-rosa, meias brancas até o joelho com corações desenhados atrás. Elas fazem um penteado especial preso no alto, num coque ou trançado com fitas, ou preso com presilhas brilhantes. Eu me mexo e enterro o nariz no braço do meu blusão, porque o cheiro de tantos perfumes diferentes me dá vontade de vomitar.

Os meninos não usam nada de especial. Eles têm uma responsabilidade diferente hoje.

Desde o primeiro dia do mês, todas as manhãs se discute sobre fazer encomendas para a venda de rosas realizada pelo conselho

estudantil.

Rosas amarelas são o símbolo da amizade, vendidas por um dólar a flor. Rosas vermelhas significam amor verdadeiro e são vendidas por incríveis cinco dólares a flor. Na manhã do Valentine's Day, uma pessoa do conselho estudantil vai a cada sala de aula e entrega as flores, e então as garotas comparam quem ganhou mais rosas.

É, tipo, a maior afronta ao feminismo que já vi na vida.

Quando eu era caloura, qualquer um podia comprar a rosa da cor que quisesse para dar a alguém. Mas as "regras" mudaram ao longo dos anos, assim como as garotas ficaram mais competitivas. Agora você só pode comprar rosas vermelhas para uma pessoa do sexo oposto, a menos que seja gay, porque somos muito progressistas. É absurdamente ridículo, se quer saber.

Preste atenção, não estou tentando destruir a ideia do Valentine's Day. Sou uma fã do amor. Sou apaixonada por romances. Verdade seja dita, quando estou sozinha em casa, geralmente procuro nos canais da televisão o filme mais água com açúcar que puder encontrar, um cuja trilha sonora tenha som de violinos e tenha grandes beijos apaixonados num aeroporto, ou em alguma praia rochosa. Ou, melhor ainda, numa cama de hospital.

É o Valentine's Day celebrado na nossa escola que é uma bela porcaria. Isto é, não acho que exista um ou dois casais em toda a escola que esteja realmente apaixonado.

O amor não é um grande espetáculo para se gastar cinquenta paus numa flores porcarias como parte de um evento beneficente para a escola. Já vi muitas garotas receberem uma rosa vermelha dos namorados, e dez minutos mais tarde estão berrando uns com os outros no corredor.

Eles não sabem o que é o amor. Estão simplesmente transbordando de hormônios.

Tenho certeza que muitas pessoas pensam que sou amarga, pois nunca recebi uma rosa. Primeiro de tudo, nenhum dos meus amigos

vai gastar dinheiro numa merda como essa. Você pode comprar rosas mais bonitas no maldito posto de gasolina, pela metade do preço que cobram na escola, e elas não vão estar murchas no final do dia.

Já tive minha cota de romances. Como no segundo ano, quando Vincent Upton desenhou um coração num pacote de cigarros e estourou o cadeado do meu armário com uma serra que ele tinha roubado da loja, para poder colocar o pacote lá dentro.

Então, tanto faz.

Os olhos de todos na sala de aula estão voltados para a porta, esperando a pessoa da entrega chegar com seu carrinho. E, quando o nosso chega com uma enorme caixa branca, cubro a cabeça com meu capuz.

Alguns minutos depois sinto um toque no ombro. Levanto a cabeça, e lá está a garota florista com um par de asas de anjo de papelão nas costas e uma braçada de rosas. Tiro os fones de ouvido.

— Sim?

— Pode abrir espaço?

Mexo-me na cadeira, e ela coloca doze rosas amarelas na minha carteira, junto com um cartão.

Olho em volta. Algumas garotas receberam uma rosa vermelha, talvez duas. Mas nenhuma tem um buquê de qualquer cor.

Sinto meu rosto corar ao pegar o cartão. A garota das flores está esperando ansiosamente, como se eu fosse ler em voz alta, ou qualquer coisa assim. Dou-lhe um olhar mal-humorado, e ela vai embora.

O sino toca, então pego as flores e o cartão e vou até meu armário. Coloco tudo lá dentro, porque não vou desfilar com essa merda para todo mundo ver. Depois, assim que o próximo período começa, discretamente abro o cartão.

Querida Kat,

Foi difícil ouvir, mas você estava certa — minha obra sobre Lillia Cho era definitivamente algo muito colegial. Se não fosse pelo seu chute musical no meu traseiro, não sei se teria a coragem de parar de escrever músicas sobre Lillia e dizer logo a ela como me sinto de verdade.

Um brinde a "Sem arrependimentos". (Entendeu essa?)

Continue arrasando,

Seu amigo,

Alex

Ah merda. Merda, merda, merda.

Capítulo 17

LILLIA

COMO É VALENTINE'S DAY, ESTOU USANDO UM SUÉTER ROSA-SALMÃO e calças cigarrete vermelho-tomate. Minha mãe diz que pareço algo saído de uma revista *Vogue* italiana dos anos 1960, e insiste que eu use o cabelo preso de lado, com seu alfinete de pérola. Sempre gostei de usar uma roupa especial nessa data, mas, agora que todo mundo faz a mesma coisa, acho isso irritante.

O conselho estudantil começa a entregar rosas no início das aulas. Faz parte da festa — você recebe flores pela manhã, depois as carrega o dia inteiro para todos verem. Vermelho para o amor, amarelo para amizade, rosa se você tiver uma paixãoite por alguém.

Rennie, Ash e eu sempre mandamos rosas umas para as outras, duas amarelas e uma cor-de-rosa.

No ano passado bati o recorde de maior número de rosas recebidas por uma garota na escola. Vinte e quatro! Uma dúzia do meu pai, três de Rennie, três de Ash, uma de Alex, uma de PJ, uma do meu parceiro do laboratório de química, Tyler, e três de um grupo de calouros para quem dei carona uma vez depois da aula, porque eles haviam perdido o ônibus.

Já sei que não vou receber uma rosa de Reeve, e não é só porque estamos mantendo as coisas em segredo. É uma questão de orgulho para ele — jamais gastaria seu dinheiro em algo tão brega e sem sentido. Já o ouvi fazer esse discurso todos os anos, como o Valentine's Day é uma grande besteira. Também, no passado, ele sempre estava paquerando mais de uma garota ao mesmo tempo, e teria sido um dramalhão se mandasse uma rosa para apenas uma

delas, ou então para todas elas. Portanto, sua política era não mandar nenhuma. No primeiro ano, Rennie suplicou para ele lhe mandar uma rosa, e ele continuou a recusar “por princípio”, e ela ficou sem falar com ele por vários dias.

Jamie Cochran, uma das calouras, entra na nossa sala de aula com o braço cheio de rosas vermelhas.

Jamie para na minha carteira primeiro. Ela deixa uma dúzia na minha mesa e continua andando. Abro o cartão, e está escrito *Feliz Valentine’s Day para minha querida. Com amor, Papai.*

Jamie vai até o carrinho na soleira da porta e volta com um enorme buquê de todas as cores. Ela dá uma volta pela sala, pegando os cabos das flores e entregando-as aos outros alunos. Então ela se dirige novamente para a minha carteira.

Jamie me entrega o último buquê no seu braço, três rosas — duas amarelas e uma cor-de-rosa — que sei que são de Ash. Ela caminha de volta para o carrinho e pega um enorme buquê de rosas, todas vermelhas. É tão grande que tem dificuldades para carregá-lo. Para em frente à minha carteira e as entrega todas para mim.

— Cinquenta rosas vermelhas — ela anuncia em voz alta, e ouço as pessoas na sala arfarem. — Parece que você ganhou o maior número de rosas novamente, Lillia!

O quê!?

Assim que Jamie se afasta, abro o cartão.

Há muito tempo queria dizer isso, só que não tinha coragem. Mas a vida é curta demais.

Então lá vai. Estou apaixonado por você, Lillia. Sempre estive, sempre estarei.

Alex

Uau. Não consigo acreditar nisso. Coloco as mãos no rosto, e ele está quente. Sempre soube que Alex sentia algo por mim, mas nunca, nem em um milhão de anos pensei que ele se exporia desse jeito. É simplesmente... demais.

E vou ter que desapontá-lo.

Assim que a campainha toca, junto todos os buquês e corro para meu armário. Tenho que esconder as rosas de Alex antes que Reeve as veja. Enfio todas lá dentro, o mais rápido que posso. Alguns dos cabos se quebram, e algumas pétalas caem no chão. Eu me curvo, as recolho e as coloco na minha bolsa.

• • •

PJ, Derek e Alex já estão sentados à mesa do almoço quando chego à cantina. Vejo Reeve na fila do almoço. Deslizo na cadeira ao lado do Alex.

— Oi — ele diz.

— Oi — sussurro em resposta, e então murmuro: — *Obrigada*.

— *De nada* — murmura ele.

Olho de relance para Reeve novamente. Está pegando gelatina no balcão.

Alex se inclina e toca me braço.

— Você leu meu cartão? — pergunta ele numa voz baixa.

Aceno fazendo que sim e forço um sorriso.

— Podemos conversar mais tarde? — Quero fazer isso cuidadosamente, em particular.

Ele concorda, e posso sentir meu coração se partir um pouquinho.

Ashlin vem correndo para a mesa, ao mesmo tempo que Reeve se senta com seu almoço. Ela joga seu saco de lanche na mesa e dá um gritinho:

— Ouvi dizer que alguém te mandou *cinquenta* rosas, Lil! — Minha boca fica seca. — Sua sortuda miserável! Quem foi? — Ela senta e estende o braço por trás de PJ, para atingir os ombros de Derek com sua bolsa. — Derek só me mandou cinco! Pão-duro!

— Hã... — O que respondo? Meu pai?

— Foi você, Lindy? — Ash dá uma risadinha e gira na cadeira.

Alex apenas sorri. Não consigo nem olhar para Reeve.

Nesse momento, Jamie vem correndo até nossa mesa com uma única rosa vermelha na mão.

— Lillia, no meio da loucura de hoje de manhã esqueci de dar esta pra você. — Ela me entrega a rosa e um cartão e vai embora.

— Abre o cartão! — Ash exige.

Todo mundo está me olhando agora. Lentamente abro o pequeno envelope vermelho. O cartão diz: *Primeira vez que compro uma rosa para alguém que não seja minha mãe. Parabéns, Cho.* Sinto meu rosto queimar.

— É do meu pai — digo finalmente.

— Ah, meu Deus, você é uma péssima mentirosa, Lil — Ash diz, rindo. Estende o braço e rouba o cartão das minhas mãos.

— Devolve, isso, Ash — exijo, desesperada.

Seu sorriso desaparece à medida que lê o cartão. Ela soma dois e dois imediatamente, os olhos passeando entre Reeve e eu.

— Isso é uma brincadeira?

Ao meu lado, Alex fica tenso na cadeira. Ele olha para Reeve e para mim.

— Então vocês dois estão juntos.

Sou uma grande covarde. Não consigo nem mesmo responder a ele. A única coisa que consigo fazer é abaixar o olhar.

— Ah, meu Deus — ouço Ah sussurrar. Levanto o olhar e vejo que ela está me encarando com os olhos arregalados, sem acreditar. — Lil?

Abro e fecho a boca. Não sei o que dizer.

— Hã... sim. Estamos. Não queríamos que vocês descobrissem desse modo, mas, sim — diz Reeve, esfregando as mãos no cabelo.

— Sinta-se à vontade para jogar aquelas rosas fora, se é que ainda não fez isso. — Alex rapidamente pega sua bandeja do almoço e se levanta.

— Ei, cara, escute... — Reeve se aproxima dele.

Alex não o deixa terminar. Ele se levanta e sai, e nem se digna a me olhar mais uma vez.

A cantina inteira ficou quieta. Todo mundo está olhando para a gente.

— Me diga que isso não está acontecendo — Ash pede. Está falando apenas para mim. — Me diga que você e Reeve não estão namorando. — Quando não digo nada, quando os segundos passam e continuo sem dizer nada, ela sibila: — O corpo de Rennie nem esfriou ainda!

Sinto o sangue fugir do meu rosto.

— O que você disse, Ash? — replica Reeve, ríspidamente.

Ashlin sacode os ombros de um jeito desafiador, e Reeve estreita o olhar, advertindo Derek:

— Você precisa colocar um freio na sua garota.

— Esfria a cabeça, Tabatsky. — Derek não se incomoda, e continua a comer seu sanduíche.

Ash está me fuzilando com o olhar, e PJ simplesmente parece apalermado. Sinto meu estômago embrulhar. Quero explicar, mas o que posso dizer?

— Alguém tem mais alguma merda a dizer? — Reeve pergunta. — Se for o caso, digam agora na minha cara, porque não vou aturar nenhum tipo de fofoca pelas minhas costas.

— Isso é doentio — Ash cospe. Então ela dá um pulo e sai da nossa mesa. Derek a segue. PJ balança a cabeça tristemente, e se levanta também. Agora somos apenas Reeve e eu na nossa ponta da mesa. Reeve pisca. Sei que não era isso que ele estava esperando.

Ele puxa minha cadeira para mais perto e me abraça. Acho que pode sentir como estou nervosa, porque diz:

— Não se preocupe. Nós não estamos fazendo nada de errado.

Ambos sabemos que isso não é verdade. Se não estivéssemos fazendo nada de errado, por que estaríamos nos escondendo todo esse tempo?

— Faria qualquer coisa por você, Cho. — Reeve aperta minha mão. — Você está ao meu lado, certo? — Sinto urgência na sua voz, uma fraqueza que não estou acostumada a sentir.

Estou ao lado dele? Vamos mesmo fazer isso? Estou apavorada com o que as pessoas vão pensar, o que a minha irmã vai pensar. Meus pais. Ash. Mas agora é tarde demais para me preocupar com tudo isso. Então permito que ele me abrace. Mas ainda não consigo tirar da cabeça o olhar de Alex.

Capítulo 18

KAT

ESTOU INDO COM PRESSA PARA A CANTINA QUANDO DOU DE CARA COM Alex. Ele parece querer matar alguém. Oh-oh.

— Oi, Alex...

— Não posso conversar agora, Kat — diz ele, e passa direto por mim.

Já era aquela história de “sem arrependimentos”.

Na cantina, Reeve e Lillia estão sentados sozinhos na mesa. Ela tem uma rosa vermelha de cabo longo à sua frente. Sei que Alex foi embora, mas onde estão os outros amigos? Tem, tipo, três bandejas de comida deixadas para trás, intocadas. Eu me jogo na cadeira do outro lado de Lil, onde tem um sanduíche de frango e fritas.

Sirvo-me de uma batatinha e olho de relance para Reeve. Não tenho vontade de começar a falar sobre os sentimentos de Alex na frente dele.

— Ei, Reeve, pode me buscar uma bebida?

Ele faz cara contrariada quando pego outra batatinha frita.

— Tem cinco refrigerantes abertos na sua frente. Por que não pega um deles?

Argh. Viro minha cadeira para longe dele e abaixo a voz.

— Aconteceu alguma merda? — Aponto para a única rosa. — É de AI? — Estava esperando algo maior. Embora talvez ele tenha dado a rosa e, tipo, cantado uma das suas canções para ela, ou alguma coisa assim.

Lillia sacode a cabeça e me entrega o cartão que veio com a rosa.

— Ah — digo. — Espere. Pensei que você e Reeve estivessem mantendo a coisa em segredo?

— Espere um minuto. — Reeve olha para mim e para Lillia. — DeBrassio sabe sobre a gente? — Dou um sorriso enigmático para ele. — Pensei que a gente estivesse mantendo isso em segredo para *todo mundo!*

— Para começo de conversa, só contei para Kat e ela jurou segredo. E que direito você tem de ficar bravo comigo? Não fui eu quem mandou um cartão de Valentine's Day na frente de todo mundo! — replica Lillia, na defensiva.

— Ela está certa quanto a isso. — Mergulho uma batatinha no ketchup e aceno com a cabeça, concordando.

— Pensei que pudesse te mandar uma rosa e ela fosse passar despercebida no meio de todas as outras que receberia na sala de aula, e só você saberia a verdade. Pode ter certeza que eu não esperava que a rosa fosse entregue no meio do almoço com todo mundo em volta. — Reeve solta um suspiro de frustração.

— Não. Isto é... — Lillia pega a rosa e a leva ao nariz. — Sei que foi um acidente. Só queria que você não tivesse sido tão idiota com Derek.

— O que mais poderia fazer? Não vou ficar aqui parado, sem dizer nada enquanto Ash fica te enchendo o saco. — Reeve me olha de relance antes de dizer: — Afinal de contas, eles não têm nada a ver com isso.

— Ash te encheu o saco? O que aquela cabeça de vento disse?

O queixo de Lillia treme.

— Ash disse que o corpo de Rennie ainda nem esfriou. E então todo mundo simplesmente... eles simplesmente se levantaram e foram embora.

Eu me inclino para a frente e ponho uma frita no ketchup de Lil. Quando nossos olhos se encontram, posso ver como ela realmente ficou abatida. Pobre garota. Eu me sinto mal por ela, mas, bem... ela tinha que saber que namorar Reeve, em segredo ou não, viria com um monte de bagagem. Dou um leve apertão no braço dela.

— Eles vão voltar atrás — digo, mas não sei se isso é verdade. Só quero fazer com que ela se sinta melhor.

— Kat está certa. Eles vão voltar atrás. Só estão chocados — Reeve afirma, e coloca uns fios do cabelo de Lillia atrás da orelha. — E agora todo mundo já sabe. Não precisamos mais nos esconder por aí. Honestamente, isso é um alívio.

Lillia e eu trocamos um olhar. *Quase* todo mundo sabe. E isso é um alívio. Graças a Deus Mary não está aqui para ver isso.

Reeve puxa a cadeira de Lillia para perto de si e beija o alto da sua cabeça. Sinto-me melhor ao vê-la sorrir, mesmo que apenas por um segundo. Sei que isso também faz Reeve se sentir melhor. Dá para perceber isso estampado no rosto dele.

Capítulo 19

MARY

QUANDO ABRO OS OLHOS, ME ENCONTRO DENTRO DA ESCOLA. TODOS estão vestidos nas cores rosa, vermelha e branca. Estão segurando rosas, trocando beijos no corredor.

Ah, meu Deus, é o Valentine's Day.

Valentine's Day? Como isso é possível? Como pode um mês e meio ter se passado? Acho que não entendo mais como o tempo funciona. Um longo período, ou um curto período, tudo parece o mesmo para mim agora.

No entanto, sinto algo. Algo magnético. Uma atração. Uma corrente. Uma maré.

Ela me arrasta para a cantina.

E o que vejo eclipsa qualquer dor que já tenha sentido.

Eles estão juntos. Lillia, Kat e Reeve. Juntos como siameses. Kat está pegando comida, Reeve está afastando a mão dela, e Lillia está rindo dos dois.

Puxo meus cabelos. *Por quê?* Por que estou sendo torturada desse modo? Forçada a observar Reeve seguindo em frente com sua vida, a olhar para ele conseguindo o que quer. Observar como ele toma minhas amigas e me apaga deste mundo. Ele não merece ser feliz. Não depois do que fez comigo.

As beiradas da cantina ficam esbranquiçadas, e começo a perder o foco. O que é bom, porque não quero ver isso. Eu estava errada. Estava tão errada em relação a tudo. Não somos amigas. Elas não

sentem minha falta, não pensam em mim. Se pensassem, isso não aconteceria de jeito nenhum.

A última coisa que me fazia sentir humana, só um pouquinho humana, se foi.



Não sei quanto tempo se passa, para onde vou, o que acontece comigo depois. Estou no chão do meu quarto, ouvindo o som de risadas. Está vindo do lado de fora, mas estranhamente parece que os lábios estão muito próximos dos meus ouvidos.

As crianças riem de dois jeitos diferentes. Tem a risada alegre, boba, que acontece quando sua mãe lhe faz cócegas ou seu pai corre atrás de você no quintal.

E tem a risada mesquinha, sarcástica. O tipo de risada cruel que não é nem um pouco engraçada.

É isso que escuto, e que me leva imediatamente aos meus tempos na Montessori.

Rapidamente levanto a barriga do chão e caminho até a janela. Tem um grupo de crianças lá embaixo na rua, bem na frente da minha casa. Aposto que estão voltando do parque no alto da rua. Quatro delas se aproximam de um garoto que está sozinho. Ele está caminhando de costas como pode, embora quase tropece na sarjeta, pois não quer virar de costas para eles.

Fecho os olhos, e num instante estou lá embaixo na calçada.

O desconforto no rosto do garoto que está sozinho faz meu estômago doer. Ele tem dez anos de idade, talvez onze. Não dá para saber ao certo, porque ele é alto para sua idade. Mais alto do que os outros meninos que o estão provocando, mas isso não importa. Ele tenta não parecer assustado, mas sei que está. Posso sentir seu coração batendo disparado. O cabelo dele é comprido, malcuidado e um pouco oleoso, e ele fica jogando-o para longe dos olhos,

agitando a cabeça. Suas calças jeans estão sujas e não lhe servem muito bem. As bochechas estão pontilhadas por algumas espinhas bem inflamadas e vermelhas.

Pobre coitado.

Os outros quatro garotos, três meninos e uma garota, têm a energia de uma gangue completa.

— Sei que você quer beijá-la, Benjamim — o garoto de cabelos loiros diz. — Eu te vi olhando o traseiro dela.

— Não estava olhando, não — o menino alto, Benjamim, responde. E então percebe que está encurralado contra os arbustos que ladeiam minha casa. Os outros meninos rapidamente o cercam. Ele enxuga um pouco do suor da testa com a manga da roupa.

Eu me coloco entre os dois meninos e fico parada ao lado de Benjamim. Mesmo que ele não possa me ver, espero que me sinta ao seu lado. Espero que perceba que não está sozinho.

O líder dos garotos inclina a cabeça e dá uma risada.

— Cara! Eu vi você fazer isso! Está me chamando de mentiroso?
— Ele olha de relance para a garota parada ao lado dele. — Betsy, ele está me chamando de mentiroso.

Betsy não se mete no que está acontecendo, mas também não está fazendo nada para parar com aquilo. Ela simplesmente dá de ombros.

— Não estou te chamando de mentiroso, Seth — Benjamim diz cuidadosamente. — Só estou dizendo que você está errado.

— Então, se Betsy tentasse te beijar, você não a beijaria? — Seth passa um braço pelos ombros de Betsy.

— Não.

Betsy revira os olhos ao ouvir isso, e posso sentir a pontada de dor dentro de Benjamim. Minha mão toca meu peito, onde o coração estaria batendo se eu estivesse viva. Posso realmente, de verdade, senti-lo. Sentir sua dor como se fosse minha própria dor. Já me senti

assim antes. No primeiro dia de aula, quando me escondi no banheiro. Kat e Lillia estavam tão chateadas, seu sofrimento irradiando através da porta do banheiro.

— Está querendo me dizer que minha amiga é feia? — Seth baixa a cabeça ameaçadoramente.

— Não! Não estou dizendo isso! — Benjamim está claramente ficando frustrado, e não o culpo. — Não a beijaria porque sei que Betsy é sua namorada.

Seth acena para os outros dois garotos, que de repente tiram um punhado de papéis dobrados de dentro dos bolsos. Seth os pega e os segura no alto, dois punhos cheios.

— Então por que tem escrito mensagens de amor para ela?

Antes que possa evitar, Benjamim olha para Betsy com o queixo caído. Tipo, *Por quê? Por que você foi fazer isso?*

Ranjo os dentes. O céu escurece acima de nós, e o vento fica mais forte.

— Ela começou a me escrever primeiro! — ele argumenta com Seth.

— Hum, é, seu idiota. — Seth acena com a cabeça. — Porque eu disse a ela para te escrever. Queríamos ver o que você diria.

Olho de relance para Betsy, para ver se ela se arrepende pelo menos um pouco do que fez, do problema que causou a Benjamim, mas ela está balançando a cabeça.

— Ben, só te escrevi, tipo, duas vezes, e não foi nem meia página. Você me escrevia todos os dias, páginas e páginas. Você é obcecado por mim desde o primeiro ano. Você mesmo disse isso.

Sinto o calor por trás dos olhos de Benjamim, aquele que sempre antecede as lágrimas. Os lábios dele começaram a tremer.

Não chore, digo a ele silenciosamente, e cada músculo do meu corpo se enrijece. *Não chore. Não chore. Eles são maus. Não merecem suas lágrimas.*

— Ah, meu Deus, olhem! — Seth parece contente. — O bebê chorão vai chorar! — Ele se aproxima cada vez mais de Benjamim.

Posso sentir. O desespero, a humilhação. A sensação de estar tão sozinho. Um gosto pungente e ácido surge na minha língua.

Aperto os olhos, concentro-me em Seth e dou um golpe rápido com o braço. É só o que precisa para Seth cair para trás. Ele cai com força no chão e bate a parte de trás da cabeça na sarjeta. Faz um barulho repugnante. Suas mãos se abrem, e as cartas caem delas.

Os outros garotos estão tão chocados quanto ele.

Olho para trás e vejo a árvore no meu quintal. O céu está mais escuro, o vento se intensifica ainda mais, e os galhos nus balançam e balançam sobre nós.

— Ei, caras! — Um dos outros garotos grita. — A árvore vai cair!

Usando a mente, empurro cada vez com mais força a árvore. O chão se levanta.

— Cuidado! — Alguém grita enquanto as raízes se erguem e rasgam a terra. Betsy grita, e os meninos ajudam Seth a se levantar e a sair do caminho antes que a árvore se dobre e se quebre no meio. A coisa toda esmaga os arbustos e cai no meio da rua. Aquilo faz os vizinhos saírem correndo das casas.

Benjamim olha para trás. Ele me vê, e seus olhos se arregalam e ficam apavorados.

Ele realmente pode me ver. Exatamente como Lillia e Kat no banheiro.

— Não tenha medo! — eu grito. — Estou aqui para te ajudar! — Vou ajudá-lo, porque não houve ninguém para me ajudar.

Ele dá um passo atrás, e então mais um, praticamente tropeçando nos tênis.

— Obrigado — diz ele, ofegante. E então se vira e corre rua abaixo.

— Vamos dar o fora daqui — diz Betsy, e se vira para correr pela rua no sentido oposto. Levanto a mão uma vez mais e uso minha energia para derrubá-la de cara no chão.

Ela é tão culpada quanto o resto deles.

Ela grita. Os meninos a levantam. Betsy está sangrando na boca, chorando. E suas mãos estão vermelhas e machucadas também. Ela cospe um dente na própria mão.

Não está mais tão bonitinha, né, Betsy?

Assim que eles desaparecem pela esquina, entendo tudo. Esse é o meu objetivo. É por isso que estou na Ilha Jar. Sou uma vingadora. Um anjo vingador enviado para corrigir os malfeitos.

Não sou fraca.

Sou poderosa. Mais poderosa do que imagino.

Eu, Kat e Lillia, nós jamais fomos destinadas a sermos uma equipe.

O tempo todo isso foi tarefa minha, só minha. Meu objetivo.

Por isso meu interesse em Reeve. Porque tenho uma tarefa a fazer, um trabalho a cumprir. E, quando o fizer, finalmente estarei livre.

Capítulo 20

LILLIA

PELO RESTO DO DIA SÓ CONSIGO PENSAR EM ALEX. TENHO QUE CONVERSAR com ele. Tenho que me desculpar com ele.

Saio alguns minutos mais cedo da minha última aula, antes de o sinal tocar, corro para a sala dele e o espero do lado de fora da porta. Quando Alex sai, estou ali parada, esperando. Sinto-me suada e tonta.

O rosto dele endurece e ele continua a andar. Corro até ele e agarro seu braço.

— Alex, por favor, converse comigo!

— Não temos nada para conversar. — Ele puxa o braço com força e se afasta, e eu fico ali parada, meus braços abraçando o peito.

Ainda estou parada no mesmo lugar, quando Reeve surge ao meu lado.

— Tudo bem? — ele pergunta, colocando as mãos nos meus ombros.

— Sim.

— Eu sou o idiota, não você. — Reeve olha o fundo do corredor, na direção para onde Alex foi. — Eu era o melhor amigo dele. Sabia dos sentimentos dele em relação a você. Você é a única garota que ele já quis. Existe um código dos caras, sabia?

Sei, porque existe um código das garotas também, e fiz exatamente a mesma coisa com Rennie.

— Provavelmente ele vai tentar te prevenir contra mim. — Reeve me olha, subitamente ansioso.

— Não há nada que Alex possa me contar sobre você que me faria mudar de ideia.

Reeve acena, fazendo que sim, mas não parece convencido.

— Sei tudo o que tem para saber a seu respeito! — Numa voz brincalhona, digo: — Vamos ver, quantas namoradas foram? Teresa, e Melanie Renfro, e aquela caloura Tara, e ah, metade da equipe de líderes de torcida da JV. E quem poderia esquecer aquela universitária da loja de donuts, que te dava donuts de graça todas as manhãs?

— Cho, só dei um beijo naquela garota! E foi só uma vez, juro.

Jogo os braços em volta dele e o abraço bem forte. Aconchego a cabeça na curva entre o pescoço e o ombro dele. Fecho os olhos e respiro fundo para mergulhar no cheiro dele. Não voltaria atrás nem se pudesse. Não importa o que aconteça, ainda assim escolho Reeve.

— Tudo vai dar certo — diz ele com o rosto enterrado nos meus cabelos. — As pessoas só precisam de um fim de semana para esquecer tudo isso. Elas vão superar.

• • •

Nadia está esperando em frente ao meu carro.

— É verdade? — pergunta ela com olhos acusadores. — Você e Reeve estão mesmo juntos? — Quando hesito, ela diz: — Você era a melhor amiga dela, Lillia!

Isso me corta o coração.

— E a pior parte foi ter de descobrir isso junto com todo mundo na escola. Sou sua *irmã*, Lillia. Isso não significa nada? — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Você poderia pelo menos ter *me* contado.

— Me desculpe — sussurro. — Estava com medo do que você pensaria de mim. Quero ser alguém que você admire, Nadia. E acho que... acho que pensei que, se você soubesse, ficaria com vergonha de mim.

Ela não responde, mas também não precisa. Vira-se e começa a ir embora, de volta para a escola.

— Nadia! Vamos lá! Como vai voltar para casa?

Mas ela não volta.

Capítulo 21

MARY

LEMBRO-ME DAQUELA NOITE EM QUE NOS ENCONTRAMOS NO BARCO DE Kat, lá no Iate Clube da Ilha Jar. Foi quando nossos planos de vingança começaram a nascer, quando fizemos um pacto para conseguir levar isso a cabo. Havia regras. Nós precisávamos delas. De outro modo, como poderíamos confiar umas nas outras?

Foi Kat quem disse isso.

Se for para entrar, é para ir até o fim. Senão, bem... você pode se considerar a caça. A estação de caça vai abrir, e nós teremos muita munição para usar contra você.

Todas nós concordamos. Fizemos aquela promessa umas às outras. Cada uma de nós sabia a horrível verdade. Que as pessoas que mais te conhecem são aquelas que têm maior poder de te ferir. Rennie fazia isso o tempo todo. Ela era cruel, uma mestra em usar as inseguranças das pessoas contra elas mesmas. E Reeve. Reeve sempre soube o jeito perfeito de me magoar.

Lillia e Kat podem ter esquecido a promessa que fizeram, mas eu, não. Não vou deixar que elas caiam fora com tanta facilidade. Elas sabiam no que estavam se metendo, e as duas lucraram alguma coisa com isso também. Fui a única que saiu perdendo, e nada mais justo que eu cobre delas agora.

Conheço muitas formas de feri-las. Sei quem elas amam. Sei quais são seus bens mais valiosos. Sei quais são seus segredos.

Sou a última pessoa a quem elas deveriam ter dado as costas. E elas são as únicas culpadas por isso.

Estou imprensada entre o estábulo e a porta aberta, observando através de um buraco na madeira enquanto Lillia cavalga com Phantom até o final da trilha de equitação. Apesar da sua velocidade, ela mal precisa puxar as rédeas para fazer o animal parar com perfeição. Ela se inclina para a frente e faz um carinho no pescoço dele, antes de desmontar da sela e pular no chão.

Lillia tira o capacete e sacode o cabelo, e, muito embora o sol mal tenha nascido, seu cabelo reflete o brilho. Ela está usando calças pretas justas enfiadas nas botas de equitação de cano alto cor de caramelo, um casaco de lã ajustado e luvas de couro. O rosto está corado pelo frio. Ela pega as rédeas de Phantom e o leva em direção aos estábulos.

Ele pausa e vira a cabeça em minha direção quando passam pelo meu esconderijo. Seus músculos se crispam e enrijecem, e o olho negro se crava em mim. Ele bufa ansioso. Mas Lillia estala a língua e o incentiva a seguir em frente. Eles descem pelo centro até a baia dele, do outro lado do estábulo.

Lembro-me do dia em que Kat e eu viemos aqui ficar um pouco com ela. Foi uma das primeiras vezes que nos sentimos realmente amigas. Não precisávamos de uma razão para estarmos juntas. Não havia nenhum plano ou estratégia para formular. Só queríamos estar juntas.

Parece que faz uma eternidade.

Quando Lillia se abaixa para entrar na baia de Phantom, eu rastejo para fora e me apresso atrás dela. Em cada baia que passo, o cavalo lá dentro reage. Relinchos e zurros, cascos pisoteando e raspando o chão do estábulo. Estou com medo de que Lillia ouça a comoção e me veja, então começo a correr e me escondo numa baia vazia ao lado da de Phantom.

Caminho até a parede divisória. Phantom gira a cabeça assim que me aproximo, mas Lillia o acalma. Ela se ajoelha no chão e começa a afrouxar a tira da sela debaixo da barriga de Phantom.

Levanto a mão, fecho-a no formato de um punho e então estalo os dedos para Phantom.

Ele imediatamente se empina nas patas traseiras, derrubando Lillia com o traseiro no chão. Ele dá um zurro, mostrando os dentes. Lillia fica atordoada.

— Phantom, calma, garoto — ela grita, então rola o corpo, fica de joelhos e se levanta. — Tudo bem. Está tudo bem. — Ela se aproxima cuidadosamente dele e começa a esfregar o pescoço do animal, enquanto olha em volta procurando o que o está assustando.

Continuo a estalar os dedos para ele, fechando e abrindo os punhos.

Phantom chicoteia com o rabo, estala as mandíbulas e dá um pinote novamente. Solta um relincho apavorante e quase desaba em cima de Lillia. Ela dá um passo para o lado bem naquele instante, mas os cascos batem no braço dela. Ela cai de encontro à parede onde estou me escondendo e grita de dor.

A esta altura, todos os cavalos estão gritando e dando pinotes e sacudindo todo o estábulo.

Um dos cavaleiros vem correndo. Ele agarra um ancinho apoiado na lateral da baia e brande o cabo de madeira na direção de Phantom.

— Calma, Phantom! Afaste-se agora!

Lillia grita para não machucá-lo, mas o garoto do estábulo não está ouvindo. Phantom se ergue nas patas traseiras novamente, as orelhas empinadas, e dá uma investida onde Lillia está agachada. Phantom não está tentando atacá-la. Está tentando me pegar, do outro lado da parede.

O cavaleiro sacode o cabo do ancinho como se fosse um bastão, e ele bate com tanta força contra o pescoço de Phantom que a madeira se quebra no meio. Phantom dá um passo para trás e

avança novamente, deixando o cavaliço apenas com um estilhaço de madeira para afugentá-lo.

O rapaz está prestes a lhe dar uma estocada quando Lillia o segura, o empurra para fora da baía e rapidamente fecha a cancela.

— Eu poderia tê-lo acalmado! — ela grita, segurando o braço. — Você quase o matou!

— Ele quase te matou — o garoto responde, ofegante. — Quebrou o braço?

Lillia sacode a cabeça. As lágrimas escorrem pelo seu rosto. Ela tira a jaqueta. Seu braço está bem vermelho e inchado, e já está começando a ficar roxo.

— Ele nunca fez nada parecido antes — ela diz, enxugando os olhos. — Não sei o que aconteceu.

O empregado do estábulo sai correndo para pegar um pouco de gelo. Ouço-a chorar do lado de fora da baía de Phantom. Sei exatamente o que ela está sentindo. É terrível quando um amigo se volta contra você.

• • •

Um momento mais tarde, estou no Iate Clube, parada em frente ao *Judy Blue Eyes*, o veleiro Catalina que Kat batizou com o nome da mãe. Esperava estar mais cansada do que realmente estou, depois de todas as coisas que fiz com Phantom, mas não estou. Sinto-me forte.

Um dos livros da tia Bette previa que isso aconteceria à medida que eu ficasse mais segura e aumentasse minha concentração. O livro dizia isso como uma advertência, mas para mim parece algo a celebrar.

É claro que meus laços com Lillia e Kat me enfraqueceram. Minha preocupação com elas e seus problemas. Se não as tivesse

encontrado, talvez eu tivesse chegado bem mais cedo a essas conclusões. Já estaria livre, num lugar melhor.

O veleiro de Kat está trancado para o inverno, com uma lona bem esticada sobre ele e a vela amarrada firmemente no mastro. Com um leve movimento da minha mão, cada nó se desfaz. A lona e a vela se soltam das amarras, e o vento as carrega para longe, como se fossem laços de fita.

Levanto as mãos e as ondas começam a crescer. Os outros barcos ancorados ao longo do cais sobem e descem na água. Mas não são nada comparados ao barco de Kat. É como se toda a energia do oceano estivesse concentrada embaixo dele.

Finalmente o barco se levanta o bastante. Abaixo a mão rapidamente, e ele é lançado ao ar, como se a água fosse uma tira de elástico que eu acabasse de soltar. O barco atinge uma das rochas e se estilhaça, reduzido a pedaços de madeira.

Os estivadores vêm correndo. Não conseguem acreditar nos próprios olhos. Sei que um deles vai acabar identificando de quem era o barco, e vai chamar Kat e lhe contar que ele foi destruído.

Sinto muito, Kat. Mas você sabia onde estava se metendo.

Na verdade, não sinto nada. Nem um pouquinho.

Elas merecem ser punidas.

Agora, Reeve — ele merece muito mais. Merece morrer.

Capítulo 22

LILLIA

A CAMINHONETE DE REEVE ESTÁ ESPERANDO NA FRENTE DA MINHA CASA na segunda-feira de manhã. Corro até ela e pulo para dentro.

— O que está fazendo aqui? — pergunto. Ele não tinha dito nada sobre me pegar, quando conversamos ao telefone na noite passada.

— Levando minha garota para a escola. — Ele me beija no rosto. — Como está seu braço? — Levanto a manga. Está roxo do pulso até o cotovelo. — Droga.

— Parece mais feio do que realmente é — digo a ele. Isso é mentira. Dói demais. Mas não foi culpa de Phantom. Ele nunca me machucaria de propósito. Alguma coisa o assustou.

Subo na caminhonete e imediatamente percebo que ela está cheirando bem. Tipo, superbem. Reeve me dá uma sacola da Milky Morning, e eu a abro. Tem rosquinhas de canela e suco de maçã orgânico.

— Reeve! Minhas coisas favoritas!

— Onde está Nadia? — Ele dá um sorriso agradável.

— Ela vai pegar carona com Patrice — respondo.

— Ela ainda está brava? — Reeve coloca a caminhonete em marcha à ré e deixa a entrada da minha casa.

— A única vez que ela conversou comigo durante todo o fim de semana foi quando meu pai disse que estava pensando em vender Phantom por causa do que aconteceu, e então nós duas surtamos e suplicamos para ele não fazer isso. — Dou uma grande mordida na

minha rosquinha. — Obrigada pelo café da manhã. Quer um pedaço? — Balanço a rosquinha bem debaixo do nariz dele, muito embora saiba que vai dizer não.

— Doce demais. — Ele faz uma careta.

Quanto mais nos aproximamos da escola, mais nervosa fico com a possibilidade de encontrar todo mundo. Acho que Reeve percebe meu nervosismo, porque estende o braço e pega minha mão sem dizer nada.

Entramos na escola de mãos dadas também. Tento me soltar, mas Reeve a segura ainda com mais força.

— Chega de segredos, Cho. Isso é uma coisa boa.

Então vejo Ash vindo pelo corredor, nossos olhos se encontram e ela simplesmente continua andando como se não tivesse me visto. A minha vontade é sair correndo e me esconder. Reeve percebe, é claro, mas não comenta nada sobre Ash. Em vez disso, começa a me contar uma história sobre um soldado que tinha um cachorro no Afeganistão. Era um cão farejador de bombas, e esse cara era o seu treinador. Enfim, a história continua, e continua, e a certa altura fica difícil acompanhar. Reeve simplesmente divaga, enquanto tiro meus livros do armário. Magicamente, a história termina no exato momento em que chego à porta da minha sala de aula.

— Você fez isso para me distrair — digo.

— Funcionou?

Faço que sim. Funcionou.

— Te vejo mais tarde, Cho.

Contudo, para Reeve, “mais tarde” significa assim que o sinal da primeira aula toca. Ele está lá para me acompanhar até a próxima aula. E isso acontece o dia todo. Não sei como ele consegue, mas não importa onde sejam as aulas dele, está me esperando na porta da minha sala quando a campainha toca, pronto para me

acompanhar até a próxima aula. Ele não me deixa sozinha nem uma vez.

Na hora do almoço somos só nós dois à mesa da cantina. Não sei onde está o resto dos nossos amigos. Mas Reeve me faz dar risada, me faz esquecer, e o dia não é tão ruim assim. Até que foi bom.

Capítulo 23

KAT

DURANTE MEU TEMPO LIVRE VOU VISITAR MINHA ANTIGA PROFESSORA de Ciências da Terra e mostro para ela a mensagem que meu chefe do Iate Clube deixou no meu celular esse fim de semana. A voz dele parece abatida e agitada, como se estivesse distraído. Ou confuso. Mas afirma que houve um fenômeno climático que nunca tinham visto antes. Ele o chamou de “maré rápida”. Aparentemente foi algo tão preocupante que eles ligaram para a guarda costeira. De qualquer modo, meu barco foi destruído.

Meu barco foi o único destruído.

— Então, o que é uma “maré rápida”? — pergunto.

— Não existe isso. — A Sra. Hilman sacode a cabeça. — As marés são o fenômeno natural mais previsível na Terra. Elas não têm irregularidades. Você praticamente pode adivinhar o minuto em que elas vão acontecer.

— Aquele miserável mentiroso. Eu sabia!

Aposto que foi alguma merda que a equipe reduzida de funcionários fez, quando estavam mudando os barcos de lugar para dar espaço para os moradores de verão, que estavam voltando para a ilha. Algum iate provavelmente colidiu com o meu barco, e estão tentando encobrir. Deviam estar em alta velocidade, porque não sobrou nada. Ele me contou isso, mas ainda assim quis ver tudo por mim mesma. Tentei pegar alguns poucos pedaços de madeira, aqueles em que meu pai tinha pintado o nome no casco, pensando que talvez pudesse colá-los novamente. Mas não teve jeito.

— Você não prestou nenhuma atenção na minha aula, prestou? — A Sra. Hilman me olha incrédula. — Você simplesmente se desligava de um instante para outro. Estudamos uma semana inteira apenas as marés.

Nem me importo de responder a ela. O que importa? Meu barco, o lindo *Judy Blue Eyes*, não existe mais.

• • •

Temos uma reunião de veteranos na última aula. Alguns poucos formandos antigos da escola estão de volta para as férias da primavera e vão conversar conosco sobre suas experiências no primeiro ano da faculdade, ou alguma outra porcaria. Lil está sentada no fundo, sozinha, com uma cadeira vazia ao seu lado. De Reeve, eu acho. O resto dos amigos dela estão sentados na frente. Antes que a coisa comece, vou até lá e roubo o assento.

— Como estão as coisas?

— Ash não me dirigiu a palavra. E Alex, ele nem mesmo me olha. Mas acho que Derek e PJ estão se aproximando. Isto é, obviamente Reeve e eu não tínhamos intenção de magoar ninguém.

— Vamos lá, Lil. — Olho para ela intensamente. — É, vocês não planejavam magoar ninguém, mas sabiam exatamente o que aconteceria quando as pessoas descobrissem. Do contrário, não precisariam ficar se escondendo pelos cantos.

— Justo. — Ela morde o lábio. — Mas não posso evitar meus sentimentos.

— Então que se dane todo mundo. — Dou de ombros. — Quem se importa? Afinal de contas, vocês já estão praticamente fora daqui.

Lillia acena com a cabeça, como se o que eu disse fizesse sentido, o que é verdade, mas então ela se afunda ainda mais na cadeira.

— Odeio sentir que Alex me odeia.

— Já tentou conversar com ele?

— Já. Mas ele simplesmente se afastou. — Ela baixa a cabeça.

— Então, tente de novo!

— Sinto que talvez devesse lhe dar um tempo?

— Lil, não aja daquele jeito que costuma agir, quando finge que a merda não fede, e é linda e elegante. Lembre-se, até que as coisas estão fáceis para você, porque Mary não está mais por perto.

— Não estão! — ela diz enfaticamente. — É que ele está tão bravo, Kat. Nunca tinha visto Alex tão bravo assim antes.

— Bem, pense um pouco. A garota que ele amou a vida inteira e seu suposto melhor amigo estavam namorando em segredo, bem debaixo do nariz dele.

— Você não está me ajudando.

— Desculpe. Seu cabelo está bem brilhante hoje.

— É um novo condicionador — admite ela, fazendo um biquinho.

Assim que vejo Reeve atravessar o auditório em nossa direção, eu me levanto.

— Até mais tarde, Lil. — Eu amo Lil, e a apoio, mas não consigo deixar de pensar que ela e Reeve juntos não são uma boa ideia.

Capítulo 24

MARY

IMAGINEI MUITAS VEZES COMO SERIA O QUARTO DE REEVE. A PRINCÍPIO quase tenho medo de me mexer. Apenas fico parada e olho tudo a minha volta. Nunca estive no quarto de um garoto antes. Jamais.

O quarto de Reeve fica no sótão da casa dele. Sei disso por causa da inclinação do telhado acima da minha cabeça, porque parece que estou de pé embaixo do alto de um triângulo. Em cada um dos lados do quarto tem uma pequena janela circular. Dá para ver os galhos nus das copas das árvores do inverno, dançando ao vento.

A cama dele é tamanho queen, e está bem arrumada. Tem uma bancada de musculação num canto, bem em frente a um grande espelho. No piso tem uma variedade de pesos, em duas fileiras consecutivas, do menor para o maior. E nas paredes está um punhado de páginas arrancadas de revistas de musculação. As fotos são de rotinas de exercícios, mas também de jogadores de futebol em poses espalhafatosas e de algumas modelos. Franzo o nariz para uma que exibe uma morena num biquíni rosa sensual, bebendo cerveja de uma enorme caneca espumosa. Pelo menos parece que ela está ali há um bom tempo, porque a fita adesiva transparente está amarelada e desgrudando da parede.

O quarto de Reeve não está completamente limpo. Roupas sujas transbordam de um cesto abarrotado e se amontoam numa pilha no chão. A escrivaninha está coberta de papéis. E cada uma das gavetas da cômoda foi deixada aberta.

Reeve está sentado à escrivaninha. Ainda não começou a lição de casa. Em vez disso, está simplesmente olhando fixo para uma foto

emoldurada, embaixo da sua lâmpada de leitura. É uma foto dele e de Rennie, provavelmente do primeiro ano do colegial. Ele está usando o uniforme de futebol do time da Ilha Jar, e ela, o da líder de torcida. Ele a está segurando como um halterofilista.

Reeve solta um suspiro. Pega a foto, passa por mim e a coloca na gaveta de cima da cômoda. Ele a fecha, mas só pela metade, e sai do quarto.

Vou pé ante pé olhar dentro da gaveta. Tem alguns pares de cuecas estilo boxer lá dentro, mas a maioria são bugigangas. Tem placas de identificação do exército de alguém chamado William Tabatsky. Alguns dólares de prata. Um artigo de jornal de quando Reeve foi o atleta da semana. E agora a foto dele e de Rennie. Percebo uma coisa estranha por baixo da moldura. Algo vibrando. Algo zumbindo. Quente. Não tenho certeza se é um barulho de verdade, ou algo que só eu percebo. Uso a mão para afastar a foto, e então o encontro.

O canivete.

• • •

Ele parecia tão desapontado aquela manhã na balsa que eu sabia que algo havia acontecido. Sentei ao lado dele e perguntei qual era o problema. A princípio, Reeve apenas sacudiu a cabeça, não queria conversar sobre isso. Então deixei que ficasse em silêncio, e nós dois dividimos um pacote de biscoitos que eu havia comprado na lanchonete.

Minha mãe sempre me preparava o café da manhã, mas eu costumava pegar alguns trocados que ela guardava numa travessa, então podia comprar para mim e para Reeve um pacote de biscoitos Pop Tarts todas as manhãs para dividirmos. Uma vez Reeve disse que eu deveria parar de comer os Pop Tarts, que eu provavelmente perderia peso se deixasse de comer aquele tipo de comida. Depois

que ele disse isso, ainda continuei a comprar os biscoitos, mas só comia metade do meu.

Ao nos aproximarmos do continente, Reeve me contou como seu irmão mais velho havia pegado de volta o canivete que Reeve roubou, aquele que Reeve usara para gravar seu nome no assento da balsa. Não consegui entender a história toda, mas ele estava bem chateado. O canivete tinha sido do avô deles.

— O vovô disse que queria que eu ficasse com ele — contou. — Mas Luke disse que eu estava mentindo. Ele disse para eu parar de ser um bebezinho. E, quando eu insisti, ele contou pro meu pai e eu apanhei de cinto.

Antes disso, Reeve tinha me contado histórias sobre como seu irmão mais velho implicava com ele, mas a coisa sempre terminava com algum tipo de vingancinha, alguma pegadinha ou brincadeira que Reeve fazia para acertar as contas com o irmão. Mas naquele dia não houve final feliz, e isso acontecia quando o pai de Reeve se envolvia. Ele bebia e tinha um temperamento ruim, e parece, pelo menos para mim, que Reeve sempre acabava ficando com o pior. Não consigo imaginar meus pais me batendo com um cinto. Nunca. Virei para olhar para ele e vi que estava enxugando os olhos. Reeve estava chorando.

Naquela noite perguntei à minha mãe se podia pegar algum dinheiro da minha poupança. Eles tinham começado a poupança quando eu ainda era um bebê, e todas as vezes, na época das festas ou no meu aniversário, eu tinha que guardar pelo menos um pouco de dinheiro lá, como garantia para o futuro. Não entendia o porquê, mas mamãe disse que um dia eu poderia usá-lo para a faculdade, ou numa viagem para a Europa, ou alguma outra coisa.

Ela recusou.

Então, quando meus pais foram dormir, eu me esgueirei até o andar de baixo e procurei a carteira da minha mãe. Ela tinha um monte de dinheiro ali. Peguei uma nota de cinquenta dólares.

Naquele fim de semana fui até as lojas da Main Street. Conhecia essa loja para onde meu pai gostava de levar suas moedas antigas.

Eles tinham muitos canivetes lá. A princípio, o velho que era dono do lugar não pareceu muito a fim de me ajudar, mas disse a ele que estava comprando um presente para o aniversário do meu pai e exibi a nota de cinquenta dólares.

Por fim, acabei descobrindo um canivete antigo que era bem parecido com aquele que Reeve tivera. Tinha uma camada de madrepérola incrustada no cabo e um monte de ferramentas diferentes que a gente podia fazer aparecer, como um abridor de latas, uma lixa de unha e um abridor de garrafas. Sabia que não seria tão especial quanto aquele do avô dele, mas esperava que, talvez, esse pudesse ser especial de um jeito diferente.

Quando dei o canivete para ele na segunda-feira, ele ficou realmente surpreso. Tinha preferido não embrulhá-lo. Simplesmente o entreguei, como se não fosse nada de mais, com sua metade dos biscoitos Pop Tarts.

— Onde conseguiu dinheiro para isso?

— Não se preocupe com isso — eu disse. Fiquei feliz por ele ter percebido que era algo caro. Foi engraçado. Minha mãe nem tinha notado o sumiço do dinheiro. Tive medo de ela me perguntar se eu o havia pego. Mas não perguntou nada.

Reeve não me disse exatamente “muito obrigado”, mas percebi que ele estava agradecido. Abriu um sorriso enorme e ficou dizendo “Ah, que legal!” várias e várias vezes enquanto brincava com as ferramentas. Ele me mostrou o que cada pequena parte fazia. Embora o homem da loja já tivesse explicado tudo, fingi que não sabia nada.

• • •

Lá está. O canivete que eu havia dado a Reeve. Não acredito que ele o guardou. Concentro-me com força e o pego com a mão. Parece

nunca ter sido usado. A lâmina está brilhante e afiada.

Eu me afundo no tapete e franzo a testa. Não é uma recordação. Reeve provavelmente o jogou ali depois de ganhá-lo, mais uma coisa que ele quer esconder e nunca mais lembrar. Não sou alguém que ele queira lembrar. Sou algo a se esquecer.

Que engraçado, então, que vá usar exatamente isso para matá-lo.

• • •

Está escuro. A única luz vem do ponteiro do despertador na mesinha de cabeceira. São pouco mais de três horas da manhã. O vento bate nas árvores desfolhadas lá fora, e alguns dos galhos raspam a janela. Reeve está dormindo na cama. Dou alguns passos silenciosos pelo quarto, o canivete na mão, e me aproximo mais e mais da cama dele. Nem vai perceber o que está acontecendo.

Reeve está deitado de costas, sem camisa, as cobertas enroladas em volta das pernas. Aproximo-me um pouco mais e observo seu peito subir e descer com a respiração longa e lenta. O cabelo está ligeiramente úmido em volta da testa. Ele mais parece um menino do que um homem, vulnerável, meigo e pacífico. Que pena que o seu interior seja o oposto do lado de fora.

Lentamente me abaixo na cama. Reeve geme, e fico paralisada. Ele se mexe e rola para o lado, ficando de frente para mim. Espero um segundo, só para ter certeza de que não vai acordar, e então me deito ao lado dele, os rostos quase se encostando, mas não chegando a se tocar. Ele está tão perto de mim que posso ver a fina camada de barba por fazer no queixo.

Sempre imaginei como seria beijá-lo. No tempo em que eu era gorda e ele era o príncipe da escola Montessori, sonhava acordada o dia inteiro com isso. Seus lábios nos meus. Meu primeiro beijo. Aproximo-me ainda mais. Os lábios dele estão ligeiramente entreabertos, e posso ver o interior rosado e úmido da boca.

Por que não? Ganhei o direito de fazer o que quiser com ele. Poderia fazer muito, muito pior.

Debruço-me sobre seu rosto, meus lábios carnudos e macios. Eu nunca deveria ter beijado aquele garoto, David, na noite de Halloween. Deveria ter esperado por Reeve.

Nesse momento ele se move novamente, desta vez com um leve balbuciar, e seus lábios se levantam num sorriso.

Abaixo o canivete. Com o que será que ele está sonhando?

Se alguém que já morreu aparecer regularmente nos seus sonhos, pode ser mais do que a saudade no seu subconsciente. Alguns espíritos são conhecidos por alcançar ativamente os estados de sonho dos vivos, para mandar mensagens ou simplesmente para comunicar que ainda existem e estão em plena capacidade. Portanto, é aconselhável não desconsiderar nenhuma informação em relação à vida após a morte, obtida por meio de um sonho ou evento do subconsciente.

Estendo o braço e toco sua testa com a mão. Reeve imediatamente estremece, e então, num sopro de energia, sou sugada direto para dentro de sua mente.

Estar no sonho de outra pessoa é exatamente como o livro da tia Bette havia dito. As coisas parecem um pouco esfumaçadas. Mas certamente percebo onde estou. Reeve está num campo de futebol, vestido num uniforme que não tem as cores do time da Ilha Jar. As arquibancadas estão cheias de torcedores, assim como nos jogos que vi no começo da temporada. Ele está no meio de uma partida, atirando a bola no campo. Os outros jogadores estão embaçados, sem rosto.

Reeve levanta o braço para trás e faz um longo passe de bola. Em vez de observar a bola, ele se afasta do campo e caminha até as laterais, como se tivesse certeza de onde a bola vai parar. Está com

um sorriso enorme no rosto, e a multidão grita. Acho que porque ele estava certo.

Caminho rapidamente ao lado dele e tento ver para onde está indo. Então vejo Lillia nas arquibancadas, feliz, batendo palmas para ele. Está usando um vestido preto bem justo, o cabelo incrivelmente brilhante, os lábios vermelhos como pétalas de rosa. É o vestido que Kat comprou para ela, para chamar a atenção de Reeve. Sempre achei Lillia a garota mais bonita do nosso colégio, mas aos olhos de Reeve ela é mais que isso. É sexy.

Ela se levanta e abre os braços, pronta para abraçá-lo.

— Reeve! — grita Lillia, ofegante, como se tivessem ficado separados por anos e anos.

Antes de Reeve chegar até ela, dou um passo à frente dele.

— Adivinha quem é? — digo.

— Com licença. — Ele toma um susto.

Não o deixo passar.

— Hã, oi. Eu estava falando com você. Não seja grosseiro.

— Conheço você? — Reeve parece confuso.

— Arrã. Você e eu nos conhecemos há muito tempo. — Passo a língua pelos meus lábios.

Estendo a mão para tocar o rosto dele e o puxo para perto de mim. Forço nossos lábios a se tocarem.

E então acontece. Estamos nos beijando. *Beijando* de verdade.

Mas apenas por um segundo ou dois. Então ele se afasta, a testa franzida, confuso. Ouço Lillia chamando por ele atrás de nós.

Ele tenta passar por mim e ir até ela, mas não permito. Mantenho meu corpo entre eles.

— Reeve — digo, bem alto, encobrindo a voz de Lillia. — Lembra de mim? Da noite de Halloween? Esbarrei em você no labirinto.

— Sim. Eu me lembro. Você pegou as muletas para mim. Qual é o seu nome mesmo? — Ele finalmente foca o olhar em mim.

Não vejo a hora de dizer a ele. Dou meu sorriso mais lindo.

— Meu nome é Big Easy.

Agora tenho a atenção dele. Fica paralisado, os olhos arregalados e assustados. Mostro a ele o canivete, deslizo a lâmina para fora.

— Olhe — digo. — Você o guardou. — Então tento beijá-lo novamente. Tenho que agarrá-lo pela nuca para aproximar nossos rostos mais uma vez. Mas só consigo que nossos lábios se toquem por um breve segundo, antes de ele se afastar de mim, em pânico.

Olho de relance para trás e vejo a arquibancada onde Lillia está sentada. Alex apareceu ao lado dela e sussurra alguma coisa em seu ouvido. Ao fazer isso, todos na arquibancada parecem flutuar para longe, como se estivessem numa esteira rolante. Reeve também vê isso e parece angustiado.

— Por favor, Alex! — ele grita, e tenta tocar Lillia. — Não conte a ela o que eu fiz!

Mas os dois desaparecem. Reeve finalmente me olha. Começa a esfregar os olhos, como se estivesse prestes a acordar.

— Você precisa continuar em segredo — ele me diz.

Sou o segredo dele. Seu vergonhoso e terrível segredo.

— Você acha que merece ser feliz depois de tirar a minha vida? Honestamente acredita que merece isso? — eu grito. E minha voz é tão alta que apaga qualquer outro som.

— Não sabia que você iria... — Reeve parece arrasado.

— Você não me deixou nenhuma escolha! Você sabia que eu te amava e me tratou como lixo! — Grito tão alto que o fundo da minha garganta arde como fogo. Nenhum ser humano decente faria aquilo. É mais do que cruel. É impiedoso.

Viro levemente a cabeça, e lá estão os colegas de time do Reeve, correndo em direção a ele com um enorme cooler de água erguido nos braços. Reeve tenta fugir deles, e de mim, mas tudo acontece rápido demais. Eles viram o cooler em cima de nós, e ficamos encharcados de água gelada.

Só que algo muda. Não ficamos molhados apenas com a água de dentro do cooler. É uma quantidade imensa de água, parece um oceano. E o canivete escorrega da minha mão.

De repente a água fica escura, azul-escura, como a meia-noite. Estamos na água que circunda a Ilha Jar.

Ele está debaixo da água comigo, os braços se debatendo, a boca aberta num grito mudo. Tenta chutar e nadar para a superfície, onde Lillia está nos olhando do píer. Mas não o solto. Agarro seus braços e começo a nadar em direção à escuridão, em direção ao fundo do oceano, puxando-o comigo. Bolhas de ar escapam da sua boca, enquanto ele luta para se livrar de mim, mas não permito. Eu sou Big Easy, gorda e pesada como uma âncora, afundando-o cada vez mais, cada vez mais longe da superfície.

Abro um olho e vejo Reeve se debater na cama. Parece que ele está tendo uma convulsão, exatamente como aconteceu no *homecoming*. Ele me viu aquela noite. Ele sussurrou "Big Easy". Também ficou com medo naquele momento. Temeu que o segredo sobre mim viesse à tona. Que todo mundo soubesse a verdade, que pessoa terrível, horrível que ele é. Todos os músculos estão tensos, enquanto ele se contorce na cama, ofegante. E o rosto dele... posso jurar que está ficando azul.

Não sei por que, mas tiro a mão da testa dele. Os olhos de Reeve imediatamente se abrem e ele respira fundo, dá uma longa tragada de ar. Está tossindo, engasgando, os olhos se movendo rápido pelo quarto. Ele acende a lâmpada de cabeceira, senta na beirada da cama e tenta recuperar o fôlego. Está ofegante. Ele se joga para a frente e apoia a cabeça entre os joelhos.

— Você está sonhando — arqueja. — É só um sonho.

Ele se deita e, depois de algum tempo, cai de novo no sono. Eu me aconchego ao lado dele e fico ouvindo sua respiração.

Capítulo 25

KAT

DEPOIS DE TOMAR OS ÚLTIMOS GOLES DA MINHA LATA DE REFRIGERANTE de laranja, rebobino a música por vinte segundos e aperto o botão do playback. A última dedilhada chega bela e sonora — a última nota da terceira música de Alex — e eu deslizo o treble só um pouquinho no mixer, para que se possa ouvir sua vibração sensual martelando as cordas do violão. É intensa e confusa, assim como a letra.

Cada um de nós colocou um dos meus fones de ouvido, e estamos ambos espiando a tela do notebook, observando os níveis saltarem para cima e para baixo e então virarem, abruptamente, uma linha plana quando a música termina.

Alex gira a cabeça em minha direção e sussurra com um meio sorriso:

— Está tudo bem entre a gente?

— Estamos *muito* bem. — Aperto o salvar e retiro meu fone de ouvido. Levanto a mão e Alex a toca com a palma espalmada, um enorme sorriso em seu rosto.

— Você é incrivelmente fantástica, Kat.

— Nem me fale — digo, impassível.

Alex me pediu para mixar seu teste de admissão, muito embora eu tenha lhe dito que não sabia droga nenhuma sobre produção musical. Quero dizer, assisti a muitas bandas enquanto mexia com equipamentos de gravação na Paul's Boutique, na época em que costumava sair com Kim. Ela e eu adicionávamos aplausos ou gritos ou qualquer coisa que eles precisassem nas músicas, mas nenhum

dos caras jamais permitiu que uma de nós se aproximasse da mesa de mixagem para ajustar o som.

Porém Alex insistiu. Então eu disse a ele que software comprar para o computador e escolhi para ele um microfone incrementado que custou mais que o equivalente a um ano de passagens de balsa, e um novo pedal de guitarra, que tivemos de encomendar especialmente da Europa.

Ele não hesitou.

Estou satisfeita que ele esteja seguindo em frente, e não chorando pelos cantos por causa de Lillia e Reeve. Ele tem me mandado mensagens como um maluco, com ajustes musicais e mudanças nos acordes, e retrabalhou todas as suas três músicas conforme o meu feedback. Todo mundo sabe que a melhor música vem de um banho de sangue. Nenhuma daquelas canções de amor feitas para Lillia foi gravada. Acho que isso é um fato positivo. Ele está seguindo em frente.

— Bom, acho que isso é tudo — digo. — E agora você pode se juntar a mim no inferno de esperar pela carta de aceitação. — Estou prestes a fechar a tela do notebook, mas Alex me impede.

— Vou fazer um upload delas para o servidor da USC agora mesmo. — Sombriamente ele acrescenta: — Espero que me aceitem, porque não vejo a hora de dar o fora daqui. Não me vejo voltando para cá depois da formatura.

— Você se parece comigo. — Solto uma risadinha. — Enfim, do que está falando? Você vai voltar. Seus pais moram aqui.

— Por enquanto eles moram. Mas meu pai está sempre falando que é uma chateação ter que viajar todo dia para ir trabalhar. E a questão é: minha mãe adora a Califórnia. Ela já está conversando sobre, talvez, arrumar uma casa em Santa Bárbara quando eu estiver na faculdade.

Ok, nisso eu acredito. A mãe de Alex é obcecada por ele.

— E se você não entrar? — Detesto dizer isso, mas tenho que falar, pois nada é garantido. Merda, mal posso dormir à noite pensando em Oberlin. — Eles se mudariam para Boston?

Alex não está me ouvindo. Ele não tira os olhos da tela do computador.

— Não vou para Boston. Se não conseguir entrar na USC, então vou para Michigan. Quero ficar o mais longe possível daqui.

Entendo. Talvez ele não esteja mais cantando sobre Lillia, mas ainda está sofrendo. Só que está sendo um pouco dramático com toda essa lenga-lenga de estou indo embora. Ignoro isso e agarro minha bolsa.

— Tudo bem, cara. Melhor eu me mandar. Já devia estar na casa da Lillia há horas.

— Divirta-se — ele diz sarcástico.

— Cara, não seja assim. — Eu deveria simplesmente ir embora, mas não resisto.

— Assim como?

— Olhe. Sei que provavelmente se sente um idiota por ter mandado aquelas flores no Valentine's Day, mas ainda acho que foi uma boa jogada.

— É mesmo? — Alex dá uma risada seca.— Fico feliz em saber que desperdicei toda a minha experiência do colégio em pessoas que não dão a mínima pra mim.

Pego minhas chaves. Sei que Lil está esperando pelo momento certo para conversar com Alex, quando ele tiver se acalmado um pouco mais. Infelizmente, ele ainda está com a cabeça quente. Então, em vez disso, pergunto:

— Reeve se desculpou?

— Reeve não pede "desculpas". — Ele me olha como se eu fosse maluca. — Isso não existe no vocabulário dele.

— Certo. — Nisso eu acredito.

• • •

Estou na casa de Lillia, e está passando um filme na enorme tevê deles, mas na verdade não o estamos vendo. Lillia vai até a cozinha e volta com chips, um molho e homus.

— Peguei seu tipo favorito de homus — ela canta em voz alta.

— Obrigada, Lil — digo, e apanho um punhado de chips.

Nadia entra na sala vestindo leggings e um blusão com capuz de líder de torcida. Ela me vê deitada no sofá, mas não diz nada.

— E aí, Nadia? — pergunto.

Ela não me responde. Olha furiosa para Lil e diz rispidamente:

— Não sabia que você estava recebendo amigos. Eu ia convidar umas pessoas.

— Vá em frente. Podemos ir para o meu quarto.

— Esquece.

— Calma, garotinha — digo. — É com a sua irmã mais velha que está falando.

Nadia revira os olhos. Se isso tivesse acontecido na escola, e não, digamos, na sala de estar de Lillia, eu lhe daria um safanão. Mas sou uma convidada aqui, então me sirvo de mais um delicioso chip.

— Sobrou alguma tortilha chip? — pergunta ela, virando-se para Lillia.

— Não, mas tem pita chips.

Nadia bufa, zangada.

— Vocês beberam todos os refri de laranja também? — reclama ela, olhando nossas Oranginas.

— Espero que sim — respondo, dando uma enorme golada. Não consigo me controlar.

— Acho que sobrou um. — Lillia me cutuca.

— Não estou achando! — Nadia revira a cozinha, e a ouço mexendo na geladeira.

— Olhe atrás dos frios — Lillia grita. Nadia não responde. — Encontrou?

— Não. — Nadia volta para a sala com uma Diet Coke e um saco de pita chips. Ela pega o homus e vai para seu quarto.

Estou feliz de não ter uma irmã mais nova. Pat às vezes é um saco, mas que droga.

— Ei, por que Nadia está sendo tão grossa? — digo assim que ela sai.

— Desculpe por isso. Não tem nada a ver com você. O problema é comigo.

— Você tem que colocá-la na linha. — Balanço a cabeça. — Dar uns gritos se for preciso.

— Ela ainda está brava por causa da coisa com Reeve. Ela acha que é uma traição com Rennie. — Rapidamente, Lillia acrescenta: — Que eu sei que é. acredite em mim, eu sei.

Tenho vontade de dizer que é uma traição com Mary também, mas fico quieta, porque estou aqui para fazer com que ela se sinta melhor, não pior.

— Então, como está Alex? Como estão suas músicas? Quando ele vai ter uma resposta da USC?

— Hã, que resposta quer ouvir primeiro?

— Desculpe. É que já faz tanto tempo que nós conversamos.

— Sei que está tentando dar um tempo a ele, Lil, mas estou começando a achar que tempo não vai te ajudar muito.

— Argh. — Lillia morde o lábio inferior. — Acha que sou louca de passar por tudo isso só para ficar com Reeve?

— Olhe, não vou dizer que compreendo isso. — Sinto um arrepio, porque, ah, meu Deus, Reeve às vezes é um tremendo idiota. — Mas é assunto seu. Não vou te julgar por causa disso.

— Te juro, Kat, ele não é quem você pensa que é. — Lillia pressiona o pé contra o meu e me olha com os olhos enormes e agradecidos.

— Como é que é? — Dou uma bufada.

O rosto dela fica sonhador e suave, e me arrependo de ter perguntado. Inclinando a cabeça para trás, de encontro ao sofá, ela diz:

— Ele me olha como se eu fosse a única garota no mundo.

— Ecaa. Esqueça que eu perguntei. — Reviro os olhos.

— Kat! Me escute só por um minuto. Por favor? Eu nunca tenho a chance de falar dele assim.

— Tudo bem, vou escutar. Por um minuto.

— Ele beija *incrivelmente* bem — murmura ela, olhando em volta, e se encosta em mim.

— Até onde vocês já foram, afinal de contas? — Cutuco minhas cutículas.

Ela cobre a boca e dá risadinhas como uma maluca.

— Fiquei sabendo que o cara tem pegada — comento.

— Nós não fizemos sexo, nem nada. — O rosto de Lil fica vermelho. Então ela sussurra: — Mas... acho que talvez eu queira.

— Sua espertinha! — Solto um grito.

Lillia me dá um soco, mas eu a bloqueio com uma almofada. Então, de repente, o rosto dela fica sério.

— Você já fez sexo com um monte de carinhas, certo?

— Alguns! Não um monte. — Olho firme para ela.

— Certo, desculpe, desculpe. — Ela baixa a cabeça e seu cabelo cai sobre o rosto. Preocupada, pergunta: — Você acha que Reeve se importa? Quero dizer, que a gente ainda não fez?

— Não. É como você mesma disse, o cara está louco por você. Qualquer idiota pode ver isso. Ele pode ficar com o saco inchado, mas não importa, ele pode simplesmente se satisfazer sozinho, não tem nada de mais. — Lillia faz uma careta. — O quê? Estou apenas sendo honesta. Não tenha pressa, Lil.

— Eu só queria que Reeve fosse meu primeiro cara, e não aquele outro.

Agarro o pé dela. Com força, porque essa merda de assunto é séria. Não estou de brincadeira.

— Aquele outro cara não conta. Você nunca disse sim para aquele outro cara, então ele não conta. Sua primeira vez é com quem você disser que é. Entendeu?

Ela acena com a cabeça.

A porta da frente se abre, e a mãe de Lillia entra, vestindo um casaco marfim com gola alta e luvas pretas de couro decoradas. Ela parece Jackie O, mas com pegada. Deixa a bolsa preta na mesinha da entrada e tira os saltos altos.

— Meninas, desculpem meu atraso! — diz ela em voz alta.

— Olá, senhora Cho. — Eu me levanto.

— Kat! — A mãe de Lillia corre para mim sem nem mesmo tirar o casaco. Coloca as mãos enluvadas no meu rosto e diz: — Meu Deus, olhe só como você está crescida! Não te vejo há tanto tempo, querida. — Ela me puxa para um longo abraço, e eu me encosto nela. Ela ainda usa o mesmo perfume, que é estranhamente reconfortante.

— Estamos só assistindo a um filme, mãe.

— Ah, que bom. Vai ficar para o jantar, não vai, Kat? Quero ouvir tudo. — Quando hesito, ela diz: — Vamos pedir algo do Red Hot! Vocês sempre gostaram do bife Mongolian, não é?

— Fique — Lillia pede, puxando meu braço.

— Eu gosto mesmo do bife Mongolian. — Dou um sorriso.

— Sim! Maravilhoso! E eu tenho um sorvete muito bom, e essa *escandalosa* calda de caramelo com sal. Vamos fazer sundaes! — A senhora Cho bate palmas, feliz. Colocando o braço à minha volta, ela diz: — É bom ver vocês juntas novamente, garotas. Estou feliz por vocês terem uma à outra para se apoiarem.

Lillia e eu nos olhamos. Não tinha pensado nisso dessa forma, mas ela está certa. Somos as únicas pessoas que realmente conheciam Rennie, as únicas duas pessoas que compreendem essa perda.

E agora que Mary foi embora também, só ficamos eu e Lillia.

Capítulo 26

MARY

VISITO REEVE NOITE APÓS NOITE. EU O ENCONTRO NOS SEUS SONHOS. Todas as vezes, digo que é a última, que preciso pôr um fim à vida de Reeve de uma vez por todas. Mas, quando a manhã chega, volto para casa, leio mais alguns dos livros da tia Bette e espero até que a lua surja novamente.

Assusto-me ao ouvir o tilintar de chaves na porta da frente, e então um barulhão de saltos altos cruzando a soleira da porta até o hall de entrada.

Num flash, estou parada ao pé da escada. São cinco mulheres da Sociedade de Preservação, vestidas como se tivessem vindo de um almoço chique, em casacos enfeitados com pele, saltos altos e meias finas, e bolsas presas em correntes douradas penduradas nos ombros. Estão agrupadas, como numa matilha, olhando em volta, olhos arregalados. Uma mulher, a mais jovem, procura o interruptor de luz na parede.

Olho firme para o interruptor quando ela o aperta. Nada acontece. Ela tenta novamente algumas vezes.

— Acho que eles já desligaram a eletricidade — ela diz.

Não, sua idiota. A eletricidade ainda está ligada. Apenas não permito que você a use.

Desde que minha mãe levou a tia Bette embora, a Sociedade de Preservação passou por aqui mais vezes do que consigo me lembrar. Geralmente elas ficam do lado de fora, andando em volta da casa,

fazendo anotações nos seus cadernos, colocando as mãos em volta dos olhos para tentar enxergar dentro das janelas.

Nunca tinham entrado antes.

— Não consigo enxergar nada — uma mulher mais velha reclama. Dá um passo e quase tropeça numa pilha de cartas que foi enfiada através da abertura na porta da frente. Outra mulher de cabelos brancos a segura.

— Ah, tenho uma ideia! — a jovem diz, petulante. Pega seu celular e usa a tela como lanterna. O lugar ainda está uma bagunça, de quando minha mãe arrastou a tia Bette para longe daqui. O sorriso atrevido da mulher desaparece. — Ah, meu Deus.

A mais velha é também a mais baixa. Seu peito está coberto por um babador de pérolas.

— Vamos deixar a porta da frente aberta e ficar apenas no andar térreo. — Ela passa por cima de um tapete dobrado. — Estou muito ansiosa para descobrir o estado da sala de estar. Sei que os Zanes fizeram algumas reformas e rezo para que eles tenham sido espertos e deixado a cornija da lareira intacta.

O que essas mulheres pensam que estão fazendo? Sei que querem transformar o lugar numa casa de bonecas vazia com mobília falsa, onde ninguém possa morar, mas esta casa está na minha família há mais de cem anos. Não acredito que minha mãe ou a tia Bette a venderiam. Isso significa que essas mulheres estão invadindo propriedade alheia.

Elas se movem em grupo para a sala de estar. Não está em boa forma. Mas a tia Bette e a mamãe vão limpar tudo quando voltarem no verão. Nesse dia, espero estar no céu, ou em qualquer outro lugar. Mas ainda me deixa feliz pensar que a minha família viverá nesta casa, que a tia Bette e minha mãe ainda têm uma à outra.

— Polly, trate de tirar muitas fotos. Isso vai definitivamente mostrar às pessoas no evento beneficente por que precisamos arrecadar esses fundos.

— Vamos precisar trazer nosso cara de reforma aqui imediatamente. Danner, faça algumas anotações, e vamos fazer uma cotação de preço.

— Tudo bem. Precisamos chamar a empresa de água e a de gás, e fechar o fornecimento durante a reforma. Quanto àquilo, todas as luminárias devem sair. Não acho que essas estantes embutidas sejam originais, mas podemos dar uma olhada nas plantas quando estivermos de volta ao escritório. Vamos precisar que ele conserte as sancas e, ah, meu Senhor. Este papel de parede é horroroso! — A senhora com as pérolas arranca um pedaço do papel de parede e o joga ao chão.

Ajudei minha mãe a escolher aquele papel. Nós duas amamos os pequenos pássaros nele e as folhinhas prateadas. Foi muito caro. Teve que ser encomendado especialmente do exterior.

Outra mulher está olhando para uma das pinturas da tia Bette na parede. Ela a tira dali e a joga no chão, como se fosse lixo.

— Danner, faça com que eles tragam duas caçambas de lixo.

Elas podem continuar sonhando. Não podem retirar nada, nem reformar sem a permissão dos donos. Ouvi minha mãe dizer que ela preferiria vender um rim a se separar desta casa.

— Graças a Deus, Erica decidiu doar a casa. Mais alguns meses e a propriedade teria que ser condenada.

O quê?

De jeito nenhum. Não.

— Não entendo por que ela quis manter a casa depois que a filha se matou no quarto do andar de cima. Se fosse ela, eu nunca iria querer voltar para cá.

— Ooh! Na verdade, isso pode soar estranho e bobo, mas talvez nós devêssemos mandar alguém limpar espiritualmente o lugar — sugere Danner. — Conheço uma mulher que é excelente em leitura de tarô em White Haven. Ela estudou na Índia e...

Sinto como se fosse explodir de dentro da minha própria pele. E a casa também sente isso. Rachaduras estouram nas paredes de gesso, um pó branco chuveira do alto como flocos de neve. As mulheres gritam juntas.

Elas correm para a porta da frente, atravessando um corredor de faíscas e chiados, enquanto envio raios de corrente elétrica faiscantes para fora das tomadas e interruptores de luz. Danner é a última a chegar à porta, e eu a fecho, encurralando a mulher aqui dentro antes que ela possa atravessar a soleira da porta.

As outras estão lá fora chamando por ela. Danner deixa cair o caderno de anotações, segura a maçaneta e tenta desesperadamente abrir a porta para fugir. Franzo os lábios e assopro algumas faíscas sobre as páginas, fazendo com que peguem fogo. Suas preciosas anotações e medidas viram cinzas.

Gritando, Danner arranca o casaco de pele, o coloca sobre o fogo e apaga as chamas. Então, pega o casaco fumegante do chão e eu finalmente deixo que abra a porta. Ela corre como uma louca pela passagem abaixo.

Elas podem querer esta casa, mas não vão conseguir. Não enquanto eu estiver aqui.

• • •

De repente, estou parada em frente a um lindo prédio antigo. Tem uma placa de bronze ao lado da porta.

SOCIEDADE DE PRESERVAÇÃO DA ILHA JAR

Fico imaginando se apareci aqui porque supostamente tenho que acertar contas com essas senhoras. Com Danner. Estou aqui por uma razão. Só preciso descobrir que razão é essa.

O escritório está fechado, não há luzes acesas lá dentro. Acho que todo o pessoal estava lá na minha casa, investigando. Passo através da porta trancada e olho para o interior à minha volta. Cada detalhe foi lindamente restaurado. O lugar deve ter sido um antigo banco ou algum tipo de loja. O teto é alto, e o lugar brilha com o pôr do sol rosado.

Sinto-me atraída para o hall de entrada e sigo a corrente. Penduradas ao longo das paredes estão fotografias em preto e branco da Ilha Jar de muito tempo atrás. É como um museu. Paro em frente a uma das fotos, um grupo de autoridades eleitas sentadas a uma mesa coberta de documentos. Cinco homens e uma mulher. Ela deve ser minha tia-avó, a primeira vereadora mulher de Middlebury. Lutou pelos direitos dos trabalhadores migrantes na ilha, para garantir que fossem pagos corretamente e bem tratados pelos empregadores. Minha família fez tantas coisas importantes. Eu poderia ter feito coisas importantes também, se não tivesse...

Não. Espere. Estou fazendo coisas importantes.

Sou a vingadora dos perdidos, dos oprimidos. Estou punindo aqueles que merecem.

Passo pela porta aberta de um escritório e vejo a foto da minha casa sobre um cavalete. Na mesa estão os projetos do empreiteiro, projetos lindos, sem dúvida, mas eles não têm esse direito. A Sociedade de Preservação deve ter atormentado minha mãe, sabendo que ela estaria tão vulnerável.

Roubaram minha casa.

Espio a superfície da mesa. Tem um mapa dos assentos da festa beneficente do ano passado. Tem um X em cima da data, que alguém atualizou para este ano. Examino a distribuição das mesas. Vejo Alex, seus pais. Lillia e seus pais na mesma mesa com os Linds. Lembro de Lillia me contando uma vez como ela e Alex se divertiram na festa beneficente. Mas alguém colocou um Post-it ao lado do assento de Lillia. Diz *disponível*.

Bom, isso não está certo. Se Reeve está tão intimidado por Alex Lind, se está tão preocupado que Alex roube Lillia dele, então ela certamente tem que estar ao lado de Alex nessa festa. Uso a mão para levantar o Post-it, depois retiro um convite do alto da pilha.

Ok. Hora de travessuras.

Porém, quando tento ir embora, não consigo. Ainda estou no escritório.

Deve ter algo mais que precise descobrir.

Demora um pouco, mas finalmente noto um delicado envelope branco na caixa de saída. Posso enxergar através dele e ver a carta lá dentro, como se o envelope fosse de vidro.

A Quem Possa Interessar:

Estou escrevendo para recomendar com honras a aceitação de Katherine DeBrassio no Oberlin College. Tenho trabalhado com Katherine nos últimos meses, num projeto de preservação aqui na ilha, e estou impressionada pela personalidade...

E continua, blá, blá, blá, cheia de elogios, brilhantes elogios, explicando como Katherine DeBrassio é uma trabalhadora eficiente e motivada. Como seria uma grande aquisição para qualquer faculdade.

Ah. Sim. Entendo.

Isso me deixa ainda mais furiosa, saber que ela ajudou o lugar que basicamente roubou a casa da nossa família.

Pego a carta entre dois dedos, pisco, e a coisa toda arde em chamas.

Capítulo 27

LILLIA

COM O TEMPO, TODO MUNDO VOLTA A SE SENTAR À MESMA MESA DE almoço, com exceção de Alex. Não sei onde ele come. Tentei perguntar a PJ uma vez, mas ele me deu uma resposta meio vaga, então desisti. Ash não é exatamente carinhosa comigo, mas pelo menos não está mais me ignorando acintosamente. Aceito o que posso ter. É em Alex que não consigo deixar de pensar. É com ele que tenho que acertar as coisas. E Kat está certa. Deixar o tempo passar cada vez mais só vai piorar a difícil conversa que precisamos ter.

Sexta-feira à noite não chego em casa até a hora do jantar, porque minha aula de equitação se estende demais. Corro direto para o andar de cima e pulo no chuveiro, porque Reeve vai chegar aqui em breve para me pegar — uma caloura que PJ está paquerando vai dar uma festa, e Reeve acha que devemos ser sociáveis. Acho que é porque ele sabe que Alex não vai estar lá. Alex vai estar na festa de gala da Sociedade de Preservação com seus pais. Eles compram uma mesa todos os anos, e meus pais sempre vão. É onde estão esta noite.

No ano passado, eu e Alex fomos. Sentamos com nossos pais e demos muitas risadas ao vê-los na pista de dança. Escondemos uma taça de champanhe atrás da escadaria e nos revezamos ao bebê-la. Fiquei pensando que ele me tiraria para dançar, mas nunca o fez.

Quando saio do chuveiro, sento em frente a minha penteadeira e penteio o cabelo. É quando vejo o convite para a festa enfiado entre meus vidros de perfume. Pego o convite e o seguro nas mãos. Minha mãe deve ter deixado para mim hoje de manhã. Quando ela mencionou pela primeira vez a festa, foi logo depois do Valentine's

Day, quando as coisas entre Alex e eu estavam superestranhas. Disse a ela que provavelmente não iria, mas fico feliz por ela não ter me escutado.

Não tem como Alex me ignorar na frente dos nossos pais! Ele *terá* que conversar comigo. Entro imediatamente em ação, fazendo a maquiagem, prendendo o cabelo num coque simples. Não tenho tempo para encaracolar o cabelo ou fazer algo especial. Estou fechando o zíper do único vestido longo que possuo, um vestido preto justo tomara que caia, que minha mãe me deu pois era “muito juvenil” para ela, quando lembro que deveria ir àquela festa com Reeve.

Droga.

Antes que eu possa pensar direito, mando uma mensagem para ele dizendo que não estou me sentindo bem e vou ficar em casa para descansar. Reeve imediatamente me manda uma resposta preocupada: *Você está bem?* O que me faz me sentir péssima. Mas não tem volta agora.

• • •

O jantar está sendo servido quando eu chego. Apresso-me em direção à mesa. E a mãe de Alex, Celeste, dá um salto assim que me vê:

— Lillia! Está deslumbrante!

Nós nos abraçamos, e deslizo para o assento vazio ao lado de Alex. Ele fica boquiaberto ao me ver, mas lembra que está bravo comigo e apaga a surpresa do rosto, voltando a demonstrar indiferença. Parece bem adulto no seu smoking.

— Lilli! Como sabia que havia um lugar extra na mesa? — diz minha mãe, virando-se para mim.

— Porque você me deixou um convite — lembro a ela.

— Deixei?

— Sim, estava na minha cômoda.

Ela parece confusa, e então papai diz:

— Você está linda, querida. Exatamente como sua mãe.

— Obrigada, papai.

Quando os adultos começam a conversar sobre um dos pacotes de férias que serão leiloados durante o evento, sussurro para Alex:

— Vim aqui para conversar com você.

— Então provavelmente você deveria ir embora. — Alex empurra sua cadeira e se levanta. — Alguém quer alguma coisa do bar?

Celeste lança um olhar reprovador para o filho, e ele levanta as mãos e diz:

— Vou pegar uma Sprite.

Alex desaparece e não volta até a sobremesa. Estou com uma colher cheia de sorvete de cranberry a meio caminho da boca quando Celeste diz, encantada:

— A banda começou a tocar de novo! Alex, tire Lil para dançar.

— Adoraria dançar. — Eu quase engasgo. Mas é a hora perfeita.

— Não, obrigado — diz Alex, tomando um gole de sua bebida. O que quer que seja, com certeza não é só uma Sprite.

— Alex Lind! — Celeste estreita os olhos para ele.

Ela fica repreendendo o filho, e então o pai se junta a ela, e meu pai diz:

— Não force o garoto.

Neste momento, Alex finalmente se levanta sem me olhar.

— Quer dançar? — Ele diz isso como se fosse a última coisa que estivesse com vontade de fazer. Estou com o rosto vermelho ao segui-lo à pista de dança.

Rigidamente, ele pega minha mão direita, e eu coloco a outra no seu ombro, e não nos olhamos nos olhos nem por um segundo sequer. Nós dois olhamos firmes para a frente. Lá pelo meio da música, sei que o tempo está se esgotando e começo a praticar mentalmente o que vou dizer. *Eu me importo muito com você. Você sempre foi um bom amigo para mim...* Não, isso não está certo. *Você é um dos meus melhores amigos...*

— Reeve vai te magoar. Ele é esse tipo de cara. Mas talvez você já saiba disso. — Começo a me afastar dele, para olhar nos seus olhos, mas Alex me segura firme. — Quero que saiba uma coisa.

— O quê? — Meu coração bate doloridamente dentro do peito.

— Quando ele partir seu coração, não vou estar por perto esperando. Pra mim acabou.

E assim a música termina, Alex me solta e se afasta.

• • •

Invento alguma desculpa para poder ir embora, mas não consigo me lembrar do que disse para meus pais e os Linds. E não espero permissão. Simplesmente balbucio alguma coisa, pego minha bolsa e vou embora.

Minhas mãos tremem durante toda a volta para casa. Assim que chego à entrada da garagem, não saio do carro imediatamente. Estou com o pensamento longe, ouvindo a voz de Alex. *Quando ele partir seu coração, não vou estar por perto esperando. Pra mim acabou.*

Quis ter as duas possibilidades. Os dois garotos. Nunca disse não para Alex, não pra valer. Porque gosto do jeito que ele me faz me sentir. Porque... talvez sinta alguma coisa por ele. Talvez por isso esteja sofrendo tanto. É por isso que não me importo que Ash e PJ, ou qualquer outra pessoa, estejam bravos comigo. Porque nada disso importa, comparado a pensar que Alex me odeia.

Estou finalmente saindo do carro quando luzes de faróis brilham atrás de mim. Eu me viro, pensando que são meus pais voltando mais cedo para casa. Mas não são eles. É Reeve.

Ele desliga o motor e salta da caminhonete segurando uma sacola plástica. Para abruptamente quando me vê. No meu vestido, com batom vermelho e o cabelo preso num coque. Ele franze a testa, confuso.

— Por que está toda arrumada?

Dou um passo em direção a ele, e então hesito.

— Eu... eu fui àquela festa beneficente da Sociedade de Preservação.

— Pensei que você tivesse dito que não estava se sentindo bem.

— Seu rosto transparece a compreensão da verdade. Compreensão e mágoa. Ele entrega a sacola para mim, e eu a seguro. Eu a abro, e tem barrinhas doces lá dentro.

— Sinto muito — digo, torcendo a sacolinha nas mãos. — Eu deveria ter contado. Eu só... queria uma oportunidade de conversar sozinha com Alex.

— Você quer dizer sem mim por perto.

— Não. Isto é, talvez. — Mordo os lábios. — Alex é muito importante pra mim...

— Mais importante do que eu? — pergunta Reeve, incrédulo.

— Claro que não!

— Então, que merda é essa, Cho? Você mentiu para mim para poder ir a uma festa com ele? — Ele está entrando em pânico. Andando em círculos.

— Eu só queria conversar com ele, tentar explicar...

— Então, agora o que, vocês dois são amiguinhos de novo? — Reeve sacode a cabeça.

— Não.

— Mas você queria que fossem.

— Reeve, só porque você e eu estamos juntos não significa que tenha que cortá-lo da minha vida. — Engulo com dificuldade. Não que isso ainda importe, porque ele já me cortou da vida dele.

— Bom, o que ele disse? — De repente ele fica em silêncio. Nervoso.

— Nada.

— Me conte, Cho. Ele deve ter dito alguma coisa. — Ele dá um passo para perto de mim.

— Reeve, eu... — Faço um esforço para saber o que dizer. Deveria ser honesta e contar as coisas horríveis que Alex disse sobre ele? A cada segundo que passa Reeve parece desabar. E então percebo que ele está com medo que eu vá terminar tudo com ele. — Quero ficar com você, certo?

O rosto dele se desanuvia, e ele me agarra e me abraça muito apertado. É com Reeve que quero ficar. E, se isso realmente for dar certo entre nós, preciso colocar de lado esses sentimentos por Alex para sempre. Tenho que deixá-lo para trás, porque ele já me deixou.

Adeus, Lindy.

Capítulo 28

KAT

MANDO UMA MENSAGEM PARA LILLIA PARA VER SE ELA QUER SAIR E ELA sugere o Scoops. Quando chego lá, ela está sentada a uma mesa esperando por mim. Acena com a mão como uma louca, muito embora eu possa vê-la claramente.

— Que tipo de sorvete você quer? — pergunta ela. — Eu pago.

Levanto as sobrancelhas. Por que ela quer me pagar o sorvete? Não importa. Não vou recusar um sorvete grátis.

— Legal. Vou querer uma bola de Moose Tracks e uma bola de chips de menta.

— Ok. — Lillia dá um salto e vai ao balcão fazer o pedido. Olho para meu telefone até ela voltar. Quando senta novamente, está com três copinhos de sorvete.

— Uau, Lil. Sei que sou gulosa, mas não consigo comer tudo isso sozinha.

— Não é só pra gente — explica ela. Segurando a respiração, continua: — Não fique brava, mas eu convidei Reeve para nos encontrar aqui.

— Lil — eu resmungo. Uma coisa é a Lil querer ficar com Reeve, mas não vejo por que devo desperdiçar uma tarde com o garoto.

— Sabe, eu estava falando sobre você no outro dia, e Reeve disse, tipo, “nós deveríamos sair mais com Kat! Ela é bem legal!”.

Dou uma bufada. Ele nunca disse isso. Lillia não consegue mentir de jeito nenhum.

— Tudo bem, tudo bem, certo. Ele não disse isso. Mas a verdade é a seguinte, Kat. Você e Reeve são as duas pessoas mais importantes da minha vida, além da minha família. — Ela me olha com seu olhar de cachorrinho abandonado, toda suplicante. — E é importante para mim que vocês dois se relacionem bem um com o outro. Sei que vocês se conhecem há muito tempo, e todos nós temos uma história com Mary, mas não podemos deixar isso para trás e começar de novo? Ou pelo menos tentar? Por mim? Isto é, acho que é o que Mary deve estar fazendo. Ela está começando de novo em algum lugar, deixando o passado para trás. Não acha?

Ah, meu Deus. Não é de admirar que todos os caras estejam comendo na mão de Lil. É impossível dizer *não* para a garota, e eu nem sou um cara. Ela está certa. Penso que muito do meu desprezo por Reeve vem do fato de saber o que ele fez com Mary.

Mas Lillia parece ter tanta certeza de que ele é um cara legal. Talvez eu o tenha julgado mal. E Mary deve ter resolvido essa questão, ou ainda estaria por aqui.

— Tudo bem, mas, se ele me irritar, eu vou embora. — Afundo-me na cadeira.

— Obrigada, obrigada, obrigada!

— Ele sabe que estou aqui, ou você o enganou também?

— Ele sabe.

Estou enfiando uma colherada de sorvete na boca, quando Reeve entra no Scoops e vem direto para nossa mesa, como se fosse um maldito rei. Deus, ele nem precisa abrir a boca e já está me irritando. Ele dá um beijo em Lil e então sorri para mim.

— Tudo bem, DeBrassio?

— Tudo — respondo com a boca cheia de sorvete.

Ninguém está dizendo nada, então Lil começa a tagarelar sobre seu cavalo, Phantom, e a prática de diferentes saltos de obstáculos. Pessoalmente, isso me deixa entediada pra cacete, porque não

tenho ideia do que tudo isso significa, mas Reeve fica balançando a cabeça e escutando como se estivesse realmente interessado. Ele boceja umas duas vezes, mas são longos e sonolentos bocejos. Na terceira vez, Lillia franze a testa para ele.

— Você está pelo menos ouvindo o que estou dizendo?

— Sim.

— Então o que foi que eu disse?

— Você estava explicando o que significa pular sobre uma barreira.

Ele demonstra fazendo um obstáculo com o porta-guardanapos e alguns canudinhos. Levanta a sobrancelha com um ar satisfeito.

— Viu? — Ele se inclina para perto dela, abre a boca e diz: — Ahhh.

Eu gemo por dentro. Não sei por que tenho que ficar sentada aqui e ser testemunha do namoro deles.

— Você tem seu próprio sorvete — reclama ela. — Você mesmo pode se alimentar.

— Mas eu gosto mais do seu. — Ele faz cara de amado.

— Não vou dividir o meu. Você não merece. Estava bocejando o tempo todo enquanto eu falava, certo, Kat?

Dou de ombros e continuo a tomar meu sorvete. Já estou pensando que desculpa vou dar para poder cair fora daqui.

— Desculpe, meu bem. Eu só estou cansado — ele diz.

— Você parece meio abatido — digo a Reeve, que franze a testa. Com minha colher, aponto o rosto dele. — Está com olheiras.

— Estou dormindo supermal ultimamente — Reeve admite, esfregando o rosto. — Estou tendo uns sonhos estranhos.

— Que tipo de sonhos? — Agora estou interessada. Adoro ouvir sobre sonhos bizarros. — Tenho um livro que explica o significado de

sonhos diferentes.

— Que legal — Lillia diz. — Reeve, conte a ela o seu sonho e ela vai interpretá-lo.

— Não me lembro. — Reeve rapidamente sacode a cabeça.

— O que quer dizer com não se lembra? Você acabou de dizer que seus sonhos foram estranhos. — Lil lambe a colher.

— Não sei. Eu simplesmente não me lembro, ok?

— Nossa, não precisa ficar na defensiva, precisa? Eu só achei que seria divertido. Meu Deus! — Ela me olha e faz uma careta.

Levanto para ir ao banheiro e, enquanto me afasto pelo salão, ouço Lillia sibilar:

— Pode por favor melhorar seu aspecto e tentar ser agradável com ela?

Paro atrás do canto para me esconder e escutar. Acho que isso vai ser bom.

— Estou falando sério. Kat é minha amiga e é importante para mim que ela goste de você.

Ohhh. Isso é importante mesmo. Talvez eu pudesse tentar fazer um esforço também.

— Ok, ok.

— Ela já tem uma impressão horrível sobre você, e só está tornando as coisas piores. O sonho era a chance perfeita!

Droga. Não foi *tão* mal. Ele só não quis dividir os sonhos ruins. Vai ver foram sonhos eróticos bizarros.

Vou até o banheiro para fazer xixi. Quando volto, eles ainda estão brigando. Caramba. Mudança de planos — da próxima vez vou me esforçar mais.

— Acho que vou embora agora — digo.

— Você a deixou desconfortável. — Lillia olha furiosa para Reeve.

— DeBrassio, você está desconfortável? — Reeve a desafia.

— Não...

— Está vendo? — ele pergunta. — Eu conheço essa garota a minha vida inteira. Ela não se sente desconfortável como uma garota normal. — Um sorriso manhoso se espalha pelo rosto dele. — Ei, lembra daquela vez no sexto ano quando meus pais fizeram um churrasco no feriado do Dia do Trabalho? Você estava usando shorts brancos, e eu fiz uma bomba de ketchup, e ela explodiu por cima do seu bumbum, e eu contei para todo mundo que você estava menstruada? — Ele cai na risada.

— Reeve! — Lillia grita.

Mas estou rindo também. Lembro daquilo como se fosse ontem. O que me envergonhou foi que eu nem tinha ficado menstruada ainda, mas não queria que ninguém soubesse.

— Você nem ligou — Reeve continua. — Simplesmente pegou emprestado um calção de futebol de Tommy, como se não fosse nada. Estragou completamente minha brincadeira.

— Sim, e eu beijei a boca de Tommy naquele dia também, na sua cama — digo, e Reeve arregala os olhos.

— De verdade?

Aceno que sim.

— Sua vagabunda! — ele assobia.

Reeve e eu caímos na gargalhada com tanta força que quase me engasgo, e Lil diz:

— Hum, isso é sexista. Tommy é que é o vagabundo! Ele transou com todas as garotas do seu quarteirão, até mesmo as mais velhas. Tem dois pesos e duas medidas para homens e mulheres.

— Lil, para de levar isso tão a sério. Nós estamos só brincando — digo, ainda rindo.

— Obrigada, DeBrassio — Reeve diz. — Ela está sempre me criticando. É legal ter alguém do meu lado de vez em quando.

— Você precisa relaxar. — Aponto para Lillia. Reeve começa a bater palmas, e então eu aponto para ele. — E você precisa parar de ser tão cheio de si. É irritante. Você não é tão especial assim. — Reeve abre a boca para protestar, mas eu o silencio. Digo a Lillia: — Lil, se quer ouvir coisas constrangedoras do passado, vou te contar uma. Na escola primária, Reeve morria de medo de fazer cocô na escola, então ele costumava pedir para ir à enfermaria todo dia depois do almoço. Todo mundo sabia aonde ele estava indo. Houve um dia...

— Kat! — berra Reeve.

Todo mundo na sorveteria se vira para olhar para a gente, e Lillia está rindo com tanta força que fica batendo os pés.

— Ah, meu Deus, me conta mais, conta mais!

— Por favor, DeBrassio, eu estou te suplicando, não termine essa história. Juro que vou tentar ser menos arrogante! — Reeve me agarra pela manga da camisa, apavorado.

— Tudo bem, tudo bem — respondo rindo.

— *Me conta mais tarde* — murmura Lillia do outro lado da mesa, e eu lhe dou uma piscadinha e aceno com a cabeça.

Quando saímos do Scoops, Lillia e Reeve me acompanham até o carro. Ao descer a Main Street, percebo o modo como os olhos dele a acompanham por onde quer que ela vá. Quando ela para na vitrine de uma loja ou dá uma parada para retirar uma pedrinha da sapatilha. Ele não consegue tirar os olhos dela. E aproveita qualquer desculpa para tocá-la, segurar sua mão, colocar a mão nas costas dela, o cara não perde nenhuma oportunidade. Fica claro que ele é louco por ela.

Ainda não sou a maior fã de Reeve, mas até mesmo eu tenho que admitir que ele a adora. E, como amiga dela, isso é tudo que me

importa. Desde que ele continue tratando-a como trata agora, Reeve e eu estamos bem.

Capítulo 29

LILLIA

O COMITÊ DE FORMATURA SÓ SE REUNIU DUAS VEZES DESDE O INÍCIO do ano. Rennie era a presidente do comitê. Acho que eu praticamente assumi seu trabalho, mas só porque sou boa em fazer listas e manter o controle das coisas. Rennie nunca anotava nada. Eu era praticamente a secretária dela.

Abro meu caderno, começo a conferir minha checklist e digo:

— Até agora só vendemos vinte convites para o baile. Nós realmente precisamos trabalhar algum tipo de divulgação, pessoal.

— Na verdade, gostaria de falar sobre isso — diz Alex da outra ponta da comprida mesa da biblioteca.

— O que foi, Alex? — Tomo cuidado para não olhar diretamente para ele.

— Fui informado de que... — Ele olha para a mesa. Reeve dá uma risadinha, e isso faz Alex fechar a boca.

— Desculpe. É que você falou igual ao Diretor Tortola. — Reeve olha para Derek e faz uma careta, e Derek faz uma também.

— Fui informado de que algumas pessoas acham o preço do baile muito alto, e que algumas pessoas que gostariam de ir não podem pagar — continua Alex, como se Reeve não tivesse dito nada.

— O que quer dizer com isso? — pergunta Ash, franzindo a testa.
— Quem está dizendo isso? Seus amigos do coral?

— É que é muito dinheiro, quando a gente para e pensa nisso. No ano passado os convites custavam quanto, cinquenta paus? E agora

eles custam cem? Isso é loucura.

— É porque Rennie mudou o evento do Water Club para aquele clube na cidade, lembra? — falo com clareza.

— Vai levar uma hora para chegar lá. — Derek dá um gemido.

— Além do mais, o motivo principal do baile é celebrar o fim do colegial com a turma toda — diz Alex. — Gente, vinte convites? Metade deles foi comprado pelas pessoas aqui deste comitê! Se é para ser só a gente como sempre, para que se incomodar?

Aperto os lábios com força. Não foi minha ideia mudar o baile de lugar! Queria que continuasse no Water Club para a gente poder tirar aquelas fotos legais no píer.

— Vocês todos estavam sentados a esta mesma mesa quando Rennie levantou a ideia de fazer o baile fora da ilha. Ninguém foi contra.

— Rennie tinha um jeito de convencer as pessoas — admite Alex.

— Ah, esperem um pouco! — interrompe Derek. — Por falar em Rennie, Lil, você sabe se o nosso voo de volta da Jamaica é direto?

— Que voo? — Franzo a testa.

— Para as férias de primavera.

— Nós não estávamos discutindo apenas o baile? — resmunga Alex.

Esqueci-me completamente dos nossos planos para as férias de primavera. Fizemos esses planos antes da morte de Rennie, antes de tudo. Rennie tinha achado um pacote on-line de viagem através de uma agência de turismo que incluía a passagem aérea e o hotel com resort "all inclusive". Nós demos a Rennie o dinheiro do depósito no verão passado, antes de as aulas começarem.

— Hum, nem mesmo sei se isso ainda está de pé — digo. Todo mundo está olhando para mim, boquiaberto. — Isto é, não sei se ela fez a segunda parte do depósito ou sabe-se lá o quê. Nem mesmo sei em que site Rennie encontrou essa promoção.

Reeve levanta a cabeça da mesa. Por baixo ele segura a minha mão e a aperta de leve.

— Está falando sério? Mas você era, tipo assim, a ajudante dela...
— Derek dá um gemido, e depois a voz dele some.

Mordo o lábio. Isso não é minha culpa. Não é como se eu fosse responsável pela viagem. Qualquer um de nós poderia ter perguntado a Rennie sobre isso.

— Bem, então, para onde foi o dinheiro? — exige Ash.

Reeve e eu trocamos um olhar. Tenho certeza que ele está pensando o que estou pensando. Que existe uma grande possibilidade de que Rennie tenha usado aquele dinheiro em alguma outra coisa — tipo, digamos, sua fantástica festa de Ano-Novo — e estivesse planejando cobrir esse dinheiro com o valor arrecadado naquela noite com o pagamento das entradas para sua festa. Ela já tinha feito isso com o dinheiro das líderes de torcida. Mas não tenho como dizer isso agora, já que ela não está aqui para se defender.

— Não tenho a mínima ideia.

— Se essa viagem está arruinada, não sei o que vamos fazer. Todos os outros lugares já estão reservados. — Ash faz um biquinho. Lança um olhar sombrio em minha direção. — Muito obrigada, Lillia.

— Ei, por acaso isso é culpa dela? — Reeve pergunta. — Se perdemos nosso lugar, nós podemos ir para outro.

— Como? — Derek surta. — Não tenho dinheiro para pagar uma nova viagem. Dei para Rennie tudo o que eu havia economizado.

— Olhem, não se preocupem, pessoal. Se não pudermos ir para a Jamaica, aposto que meu tio Tim vai deixar a gente pegar o barco dele. — Alex começa a guardar suas coisas. Vira as costas para Reeve e para mim, e para o resto do grupo ele diz: — Ele vai contratar uma tripulação para nos levar. Eles vão cozinhar para nós e tudo mais. Confiam em mim, vai ser melhor do que na Jamaica.

Todo mundo começa a falar ao mesmo tempo, todos animados, e eu me levanto para jogar fora meu almoço. Reeve me segue até a lata de lixo.

— Tenho a sensação de que não seremos bem-vindos no barco de Tim, Cho — sussurra ele.

— Por mim, tudo bem — digo, e estou sendo sincera. Com tudo o que aconteceu este ano, não faço nenhuma questão de entrar nessa.

Capítulo 30

KAT

ESTOU NO VELÓRIO COM MEU VESTIDO PRETO, MEIAS PRETAS E BOTAS de couro preto Mary Janes — a mesma roupa que usei no meu primeiro dia de escola no sexto ano.

— Nós só precisamos aguentar mais uma hora, e então podemos ir para casa. — Papai coloca o braço nos meus ombros.

Confusa, espio em volta dele e vejo uma longa fila de pessoas esperando para prestar suas condolências. Ao nosso lado está a ponta do caixão de mogno polido, a tampa aberta para as pessoas darem uma última olhada.

Tem música tocando em algum lugar.

"Isso não significa

Que eu não te ame

Amo, sim, isso é para sempre"

Enxugo uma lágrima do meu olho. A música é *Suite: Judy Blue Eyes*. Minha mãe dizia aqueles versos para mim várias e várias vezes perto do fim da sua vida. Acho que o que ela mais temia sobre a morte era não ser mais capaz de nos amar quando fosse embora. A música lhe dava conforto.

Ah, meu Deus. Este é o funeral dela.

Viro rapidamente a cabeça. Não quero vê-la desse modo. Não quero ver o corpo morto da minha mãe.

A Sra. Tabatsky dá um passo à frente e pega a mão do meu pai. Ela está chorando.

— Ah, Patrick. Sinto muito. — Reeve se apoia nela. Os outros garotos Tabatsky, com o pai deles, ficam em pé, de terno e em silêncio, atrás deles.

Percebo que não tenho visto muito Reeve desde que o verão terminou, e ele se transferiu para a Montessori no continente, para fazer o sétimo ano. Antes de ele sair, zombei dizendo que ele ia para uma escola chique cheia de nerds e ia se transformar num geek. Ele ficou todo metido e me contou que, quando fosse um milionário, talvez eu tivesse sorte de consertar seu Lamborghini. Era sempre divertido provocar Reeve, porque suas respostas eram tão boas quanto as minhas, e nós podíamos implicar um com o outro durante horas.

Ele não me olha direto nos olhos. Mantém o olhar baixo, fitando os próprios sapatos.

Esperem um minuto. Isso é uma lembrança? Ou estou sonhando?

— É um sonho — Rennie confirma. Ela chega ao meu lado com um copo de água. — Este vestido não é o mais lindo de todos? — diz, e dá uma volta. É rosa brilhante, curto e sem mangas. — Este é aquele que eu quis usar no enterro da sua mãe e você não me deixou usar.

Eu me lembro.

Mais cedo, naquela manhã, Rennie me ligou para saber se precisava mesmo usar preto. Ela tinha pensado em outra coisa. Fiquei tão brava e disse: *Claro que sim, sua burra*, e desliguei o telefone.

— Desculpe por ter gritado com você, mas vamos lá, Ren. Quem usa rosa brilhante num enterro? — pergunto, rindo.

— Tudo bem, ok. Mas sua mãe me disse uma vez que eu ficava muito bem neste vestido, então eu ia prestar uma homenagem a ela. — Rennie também começa a rir.

— Depois que desliguei na sua cara, achei que você não apareceria no velório — digo. — Mas você veio. Você e sua mãe foram as primeiras pessoas a chegar, e você ficou comigo o dia inteiro. Eu me lembro de você sempre se certificar de estar bloqueando minha visão do caixão, porque eu não queria olhar. Não podia suportar ver o corpo dela, com uma maquiagem que ela nunca usaria, cercada por aquele horroroso forro de seda no caixão. Judy não era seda. Ela era blue jeans. — Começo a chorar.

— Claro que eu apareci, sua boba. Eu era sua melhor amiga. — Rennie sorri meigamente e me puxa para um abraço apertado.

— Estou feliz por termos feito as pazes antes de você morrer — digo, abraçando-a também. Rennie era uma boa amiga, na maior parte do tempo. E estive ao meu lado quando mais precisei.

— Argh. Eu detesto aquela garota. — Ela dá um gemido.

— Espere! Ren! — Assim que a deixo ir, Rennie desaparece.

Eu me viro e vejo que a próxima pessoa na fila é Mary.

— Por que está chorando? — pergunta ela numa voz cortante. — Rennie tornou sua vida miserável, lembra? Você disse que a odiava. Disse que estava feliz, pois ela ia finalmente receber o que merecia.

— Eu... eu sei disso. Mas nós fizemos as pazes. — Enxugo os olhos. — E ela não merecia morrer.

— Você é uma grande traidora, sabia? — Mary revira os olhos. — Você queria isso! Não se lembra do nosso pacto? Você é uma péssima amiga que quebra promessas, e é uma mentirosa. Estou feliz que sua mãe possa enxergar o que você se tornou.

Ouvi-la falar assim acaba comigo.

— Mary, espere. Vamos lá, deixe-me explicar. — Mas ela repentinamente começa a me empurrar em direção ao caixão. — Não! Não quero olhar! Não me faça olhar!

Mary é assustadoramente forte. E meus pés deslizam pelo chão. Aperto os olhos com força, porque não consigo afastá-la. Sinto meu

corpo bater no caixão, a ponta batendo no meu estômago.

— Abra os olhos! — ela grita.

— Não! Por favor!

— Olhe o que fez! — Os dedos dela abrem meus olhos à força.
Estou histérica.

E então, repentinamente... nada.

— Kat, querida, está tudo bem.

Abro os olhos, e lá está minha mãe ao meu lado. Ela parece estar como antes de ficar doente. Saudável. E tão linda.

— Não sei o que há de errado com ela — digo, agarrando-me à minha mãe.

— Ela está perdida, Kat. E isso a torna perigosa.

• • •

Acordo na salinha, estirada no sofá. Papai e Pat estão curvados sobre mim, com uma expressão muito estranha no rosto. Até mesmo Shep está ali, latindo furiosamente e resfolegando seu hálito quente no meu rosto.

— O que foi? — digo, e limpo a baba do rosto.

— Deve ter sido um sonho e tanto, minha filha — diz papai. — Você estava se debatendo.

Foi um sonho maluco, e sei que não vai estar no meu livro sobre sonhos. Mas, por mais louco que fosse, não estou feliz por estar acordada. Preferiria ainda estar dormindo com minha mãe ao meu lado.

• • •

A caminho da escola no dia seguinte, Alex casualmente coloca um chapéu de papel no alto da minha cabeça quando passa ao meu lado.

Não imagino que seja um recado, até eu tirá-lo da cabeça por insistência da Sra. Hetzel. É quando vejo a letra de Alex na parte de dentro. Desdobro o papel e descubro um convite para me juntar a ele e seus amigos numa viagem de barco durante as férias de primavera. Como parte do seu presente de formatura, o tio dele contratou uma tripulação para navegar o barco e praticamente atender a todos os nossos desejos. Alex pode convidar quem ele quiser.

Eu o encontro praticando violão na sala do coral durante sua primeira aula.

— Você topa? — pergunta ele, sorrindo.

— Talvez.

— Por que não? — Ele fica surpreso.

— Primeiro de tudo, eu disse talvez! Lil e Reeve também vão? — Alex afasta o olhar. — Você pelo menos convidou os dois? — Quando ele não responde, dou um peteleco na orelha dele, com força. — Você convida todos seus outros amigos, mas eles, não? Ah, meu Deus, sabe o que mais, Al? Essa coisinha de vingança que está fazendo — faço um círculo com o dedo — não fica bem para você. Eu entendo. Reeve roubou a garota dos seus sonhos, e Lil escolheu outro cara. Mas que também é seu melhor amigo. Não fique ligado nessa porcaria nem permita que ela o transforme em algo que você não é.

— Você quer ir ou não? — Ele dá um suspiro. Deve ser exaustivo para Alex manter esse nível de raiva. Não faz parte da natureza dele.

— Não sou amiga dos seus amigos — lembro a ele.

— Eles não são tão maus assim. Além do que, vou convidar algumas pessoas do coral também.

— Ashlin é bem má. — Reviro os olhos. Na semana passada, quando estava atravessando o estacionamento da escola, eu a vi pegando as moedas de cinco e dez centavos do seu console e as jogando para fora da janela como se fossem papéis de bala ou alguma outra coisa. Isto é, sei que moedinhas de um centavo praticamente não valem nada, mas as de dez centavos valem. Quem com a cabeça no lugar joga fora moedas de dez centavos? Um sem-teto adoraria ter algumas dessas moedas, poxa.

Alex balança a cabeça, como se eu tivesse entendido errado.

— Ela é legal. E ela vai ser legal com você. Prometo. Não vai ser uma droga. Quero dizer, você se lembra do iate do meu tio, certo?

Tenho vontade de dar risada, porque é claro que me lembro. Foi lá que a gente ficou no verão passado.

— Eca, cara. Por favor. Você é como um irmão para mim. Não quero pensar em beijar meu irmão.

— Tudo bem, tudo bem. Só estou dizendo. O que você vai fazer?

Abro a boca, mas a fecho rapidamente. Não tenho merda nenhuma para fazer nas férias de primavera, além de ficar obsessivamente checando a correspondência, à espera de alguma carta de Oberlin. Danner disse que mandaria minha carta logo após a festa beneficente, então acredito que vou ter notícias em breve.

— Vou pensar no seu caso — digo. — Mas quero conversar com Lillia sobre isso primeiro, porque não sou idiota. — Enfatizo a última parte para o bem de Alex. É estranho dizer sim, ir viajar com Alex e os amigos dele, quando sei que ela não foi convidada.

• • •

Quando vejo Lil na próxima aula, vou direto ao assunto. Conto a ela sobre o convite de Alex para as férias de primavera e observo o rosto dela com atenção para ver se tem algum sinal de que ficou chateada. Mas não percebo nada.

— Sim, você deveria ir — ela diz. — Com certeza.

Então, parece que vou. Acho que vai ser divertido.

Eu acho.

A única coisa chata é que, se Lillia fosse, tenho certeza que seria muito legal.

Capítulo 31

LILLIA

JUSTAMENTE NO PRIMEIRO DIA DAS FÉRIAS DE PRIMAVERA, RECEBO A notícia: entrei para o Boston College! Minha mãe e eu damos pulos e gritamos como loucas quando vemos o enorme envelope. O papai está numa conferência agora, mas vai voltar de avião na sexta-feira, então podemos fazer um jantar de comemoração no Uni Sushi, que é certamente o restaurante mais chique da ilha. Tem apenas um menu de degustação, e é incrível. Já fui lá uma vez, no meu aniversário de 14 anos. Minha mãe levou Rennie, Nadia e eu. O melhor é que ela disse que eu deveria convidar Reeve também, assim ele e papai vão poder ser devidamente apresentados. Vai ser perfeito, porque meu pai vai estar de bom humor, e vai ter um sushi incrível, e tudo vai ser maravilhoso. Dedos cruzados.

Passo a semana cavalgando Phantom quase todas as tardes e trabalhando no meu bronzeado. Se não posso me bronzear num iate, posso pelo menos conseguir uma corzinha na minha piscina. De jeito nenhum vou deixar que eles voltem para casa com um tom marrom-dourado, e eu aqui com meu tom branco-amarelado.

Um dia, Reeve e eu vamos ao salão de beleza para fazer as unhas, e as mulheres ficam babando por ele. O tempo todo Reeve fica folheando revistas de moda, mostrando possíveis modelos de vestidos de formatura para mim. Ele encontra um que eu realmente adoro, então arranco a página quando não tem ninguém olhando.

Assim que chego em casa, começo a ligar para lojas em Boston e encontro uma que tem esse modelo — uma boutique sofisticada na Newbury Street, perto do nosso apartamento. É chamada de C'est La, e vende roupas de muitos estilistas franceses. Minha mãe

compra todos os seus sutiãs ali, porque, segundo ela, só os franceses sabem como fazer lingerie.

No dia seguinte, Reeve e eu acordamos supercedo e vamos para Boston. Vamos direto para a boutique, e corro para experimentar o vestido. Ele serve com perfeição, mas ainda assim não estou segura.

— Vamos lá, me deixe ver. — Reeve bate na porta do provador.

— Não, quero fazer surpresa.

Ainda estou me olhando no vestido, analisando por todos os ângulos, quando algo me vem à mente: o que está me segurando? Por que estou insegura? É o primeiro vestido para um baile da escola que terei comprado sem Rennie do meu lado dizendo que este é o vestido ideal.

Tenho que morder o lábio para não chorar. Olho no espelho e murmuro:

— Ren, o que acha? Tenho seu apoio?

Fecho os olhos e imagino que Rennie está do meu lado, sorrindo, dizendo:

— Sim, amiga, você tem meu apoio.

É bobeira, mas, quando abro os olhos, tenho certeza que este é o vestido ideal, porque Rennie disse isso.

Depois que saímos da boutique, levo Reeve para onde todos os food trucks estão estacionados perto do campus do BC. Os sanduíches de linguiça e pimentão são os favoritos do Reeve, e esse carro supostamente serve os melhores sanduíches em todo o país. É hilário observá-lo comer. Ele fica fazendo *Hummmmm*. Então caminhamos um pouco em volta do campus antes de voltarmos para a balsa. Eu lhe mostro os dormitórios e a biblioteca, paramos numa loja da faculdade e compro um blusão do BC. Imagino que será assim quando ele vier me visitar nos fins de semana, quando não tiver futebol.



Na sexta-feira estou no meu computador olhando fotos que o pessoal está postando do barco do tio de Alex. Ash acabou de postar uma de uma sobremesa maluca de chocolate com creme de chantili e pedaços de cookie. Tem uma outra dela com Derek. Está sentada no colo dele, usando um chapéu de abas largas, e seu cabelo está preso em duas tranças. Estou rolando o feed de notícias de Alex quando vejo a foto de Kat num biquíni, com um chapéu de capitão e um cigarro pendurado no canto da boca. Ela também está superbronzada.

Faço uma pausa numa foto de Alex e Kat. Estão de costas para a câmera, balançando as pernas na água, rindo de alguma coisa. Estou feliz por ela ter ido nessa viagem. A Kat de antigamente jamais teria saído de férias com nenhuma daquelas pessoas.

Eu a ajudei a fazer as malas na noite anterior à viagem, e Kat ficava dizendo como essa era sua primeira viagem de férias de verdade, como quase nunca saía da Ilha Jar. Isso definitivamente me fez parar e pensar como sempre tomei como uma certeza as férias que meus pais nos proporcionaram. Paris, Havaí, Japão, Coreia, até mesmo aqueles passeios rápidos em Nova York. Duvido que Kat já tenha estado em Nova York. Rennie nunca tinha ido, até eu levá-la. Da próxima vez que formos a Nova York, vou convidar Kat. A cidade é a cara dela.

Fecho o notebook com força e coloco meu biquíni favorito, um com margaridas. Então pego um refrigerante de laranja e uma toalha e vou para o pátio. Nadia e as amigas dela, Janelle e Patrice, estão boiando na piscina, com as caixas de som no máximo. Não está muito quente, mas o sol brilha e nossa piscina é aquecida.

— Oi, Lillia! — Janelle e Patrice gritam juntas.

— Oi, meninas — respondo. Abaixo o volume da música, e Nadia revira os olhos, mas não diz nada. Ela me conhece bem. Pode ficar

brava o quanto quiser, mas sabe que, se ousar ser malcriada comigo na frente das suas amiguinhas, não vou aceitar.

Acabei de fechar os olhos quando sinto alguém me pegando. Meus olhos se abrem, e vejo Reeve sorrindo para mim. Ele está de sunga e óculos escuros. Pensei que estivesse na academia! É isso o que ele tem feito todos os dias enquanto fico no haras. Agora que ele recebeu sua apostila e a rotina de malhação para Graydon, está sempre na sala de musculação, levantando pesos. Dá para notar. Ele agora tem uma incrível barriga tanquinho.

— Oi — digo.

— Oi. — Ele me levanta e me leva até a piscina como se eu não pesasse nada.

— Não se atreva! — grito, agitando os braços e as pernas.

— Joga, Reeve! — Janelle dá um gritinho.

— Estou falando sério, melhor não — eu o advirto.

— Não vou jogar. — Então, ele pula dentro da água comigo nos braços. Nós caímos num estrondo, espalhando água para todos os lados, e ainda estou gritando com os braços apertados em volta do pescoço dele.

— Está me enforcando! — diz ele, rindo e cuspiendo água.

— Todo mundo, peguem o Reeve! — Jogo água bem no rosto dele e dou umas braçadas para longe.

Janelle e Patrice mergulham na direção dele, mas Nadia fica atrás. Reeve nada reto na direção dela e a pega como se fosse jogá-la no ar. Ela está gritando como louca, e por um segundo penso que está furiosa. Estou prestes a dizer a Reeve para abaixá-la, quando ela começa a rir. Então todo mundo está jogando água em todo mundo. Nós, as garotas, estamos em vantagem, e Reeve começa a circular como um tubarão, fazendo as garotas se jogarem para todos os lados. Elas adoram. Nado até a beira da piscina, fico de lado e observo. Não vejo Nadia tão feliz desde antes de Rennie morrer.

— Lilli, socorro! — ela grita, rindo com tanta força que mal consegue ficar à tona.

— Poder de irmã! — grito em resposta, nadando na direção deles. Começo a tentar afundar Reeve, mas não adianta nada, porque em pouco tempo ele me segura pela cintura com um braço e Nadia com o outro.

É um dia muito bom. É gostoso brincar, sentir que somos jovens e livres. Mais tarde, Nadia e suas amigas estão lá dentro assistindo à tevê e Reeve e eu estamos enrolados nas toalhas, observando o sol se pôr.

— Ei, será que você poderia usar uma gravata no jantar hoje à noite, e calças cáqui? — Antes que ele possa responder, acrescento: — E talvez meu pai peça saquê para a mesa, mas definitivamente você não deveria beber nem um pouquinho.

— Cho, não sou um selvagem. Sei como agir na frente dos pais. — Reeve me olha estranho.

— Eu sei, eu sei, mas, por favor, não banque o convencido. Meu pai detesta quando os jovens são arrogantes. — Essa é uma citação das palavras dele.

— Ei, você sabia onde estava se metendo quando entrou neste jogo — Reeve diz, sorrindo, e dou um gritinho e um tapa nas pernas dele. — Ah, ah! Isso machuca! — Reeve segura minhas mãos. — Estou brincando. Vou ser um perfeito cavalheiro. Não se preocupe demais.

— Lembra da primeira vez que nos encontramos? — Encosto-me nele. — Quando a casa estava sendo construída? Você estava aqui com o seu pai e nós estávamos brincando de esconde-esconde, e você correu direto para um cômodo com cimento fresco e estragou tudo. — Caio na gargalhada.

— Meu pai me bateu por causa daquilo — diz Reeve, melancolicamente. — Mas foi merecido. Você estava com um vestidinho cheio de babados, como se estivesse indo para um recital

de piano, e era uma pentelhinha. — Numa voz aguda, ele me imita:
— Eu sou rica, e esta é a minha casa.

Dou um tapinha no peito dele e ele desvia, e nós apenas ficamos sentados ali, olhando o sol se esconder.

— Eu te amo, Cho.

— Dã. — Um sorriso se espalha pelo meu rosto.

— Você é mesmo uma pirralha. — Ele me puxa para mais perto.

— Você sabia onde estava se metendo — digo. Ele ri, e eu acrescento: — Eu também te amo.

O peito dele se enche, ele está tão feliz. Pega sua mochila e tira uma caixinha.

— Ei, eu ia esperar para te dar isso hoje à noite, mas já estou nervoso por ter que impressionar seu pai, e eles podem achar isso estranho, como se eu estivesse muito sério e querendo ir depressa demais... Para você.

Não sei se Reeve tem bom gosto para joias ou não, mas reconheço a caixinha de veludo vermelho como sendo da Brightline's — a loja onde comprei os colares para mim, Rennie e Kat — e eles não têm nada feio. Eu a abro já sorrindo. É um lindo colar: um coração de opala rodeado por uma fileira de diamantes, numa correntinha. Não consigo parar de olhar.

— Eu adorei! Mas, Reeve, deve ter custado muito caro.

— Só o melhor para a princesa Lil — ele brinca, e eu me inclino e levanto os cabelos para Reeve poder prender o fecho. Daqui a muito tempo, será disso que vou lembrar quando pensar nas minhas férias de primavera do último ano na escola. Não da viagem para a Jamaica à qual não fomos, ou de não ter sido convidada para o iate de Alex com todos os meus amigos. Será deste momento bem aqui. O cheiro de cloro na pele dele. O modo como o sol se esconde na água antes de desaparecer. A primeira vez que eu disse a um garoto que o amava.

Capítulo 32

KAT

O SOL ESTÁ CADA VEZ MAIS BAIXO NO CÉU. MUITO EMBORA SAIBA QUE isso é ruim para meus olhos, estou com os óculos de sol apoiados no alto da cabeça, de modo que posso olhar direto para ele. Os raios rosa-alaranjados, crepitando através da imensidão do céu, iluminam a água azul-turquesa, transformando-a em tiras de um azul elétrico. As cores são simplesmente lindas demais, e olhar para elas pelas lentes de plástico barato de alguma loja seria uma enorme farsa. Além do mais, vamos velejar de volta para a Ilha Jar amanhã, e quero gravar cada momento.

Obviamente eu estraguei tudo. Esqueça Oberlin. Deveria ter me inscrito em alguma escola qualquer no Caribe para estudar biologia marítima, para poder ver esse pôr do sol todos os dias.

Todos os outros estão lá embaixo se aprontando para o jantar. Estou no meu biquíni preto, pernas cruzadas, em uma das espreguiçadeiras brancas no deque principal. Estava começando a ficar com frio, e meu maiô ainda estava molhado desde a tarde — quando eu e a galera toda ficamos nos revezando para saltar da proa. Felizmente, um dos tripulantes do barco me trouxe uma bebida e colocou uma coberta supermacia nos meus ombros.

Fiz um monte de coisas nesses últimos dias, além de nadar e me bronzear, e minhas pernas estão quase tão escuras quanto o uísque no meu copo. Tenho que ficar me lembrando de tomá-lo lentamente, porque este uísque é excelente, um treco da melhor qualidade no bar do tio Tim, e desce perigosamente fácil. Receio nunca mais poder beber uísque barato.

No deque abaixo de mim, ouço a tripulação arrumando a mesa de jantar para nós, o tilintar de copos e talheres. Nós temos jantado do lado de fora todas as noites, uma refeição gourmet com frutos do mar frescos numa enorme mesa de banquete coberta por toalhas de linho branco. Tem um chef de cozinha trabalhando o dia todo para nós, café da manhã, almoço, lanche, jantar e sobremesas, enquanto a gente se diverte.

Pensei que demoraria algum tempo para me acostumar com esse tipo de vida. Mas não. Como o uísque, é muito, muito fácil de se acostumar. E estou meio desapontada, porque esta é a minha primeira e única viagem das férias de primavera.

— Ei, Kat. Olhe o que encontramos!

Viro a cabeça e vejo PJ se aproximando em uma camisa toda abotoada e bermudas, óculos de sol espelhados escondendo os olhos. Ele está segurando uma caixa de madeira. Jonah, um dos amigos do coral de Alex, caminha ao lado dele e levanta a tampa, como um apresentador de game show exibindo um prêmio. Dentro está uma fileira arrumada de charutos, cada um envolto por uma tira dourada decorada.

— Puta merda. Está falando sério? Outra caixa de cubanos? — Fico em pé e visto meu jeans. Não fumo um cigarro há três semanas, mas abri uma exceção nas férias de primavera para um charuto cubano. Várias exceções.

— O tio Tim deve ter acabado de voltar de Havana — diz Derek. Ele pega dois, corta a ponta com um clipe de prata com o monograma das iniciais do tio Tim, e passa um isqueiro de mão em mão. — Ei, Al! Também quer um, certo?

Alex vem da cozinha, seguido por um dos tripulantes contratados, carregando nas mãos uma bandeja repleta de copos de uísque e cubinhos de gelo perfeitamente quadrados. Rapidamente esvazio o copo que estou segurando, e então troco o meu por um cheio.

— O chef está fazendo uns bolinhos de caranguejo irados! Devem estar prontos daqui a uma hora, galera — anuncia ele. Depois de

tomar alguns grandes goles do seu uísque, ele diz: — Que vocês acham de a gente nunca mais voltar?

Embora esteja sorrindo, sei que há verdade por trás daquelas palavras. Isso tem sido uma fuga para Alex, não ter que ver Reeve e Lillia juntos.

De certo modo, também tem sido uma fuga para mim.

Logo depois que partimos, me arrependi de ter dito sim. Para começo de conversa, navegar em qualquer barco, quando o *Judy Blue Eyes* está arruinado, me deixou completamente deprimida. E, como eu esperava, os primeiros dias no barco foram meio estranhos. Estávamos definitivamente divididos por classes sociais. A maioria dos amigos do coral de Alex geralmente ficava lá em cima no deque, enquanto o resto do grupo ficava no lounge. Jonah passou praticamente toda a primeira noite embaralhando suas cartas mágicas, e Ivan não fez nada, a não ser olhar para seus bongôs e tocá-los baixinho. Brianna, a garota que fez o dueto de Natal com Alex, o seguia como um filhotinho apaixonado. Foi basicamente o meu pior pesadelo se tornando realidade.

Mas as coisas deram uma virada quando o capitão encontrou uma enseada entre algumas ilhas pequeninas, e a água era quente como a de uma banheira. Todo mundo se revezou pulando da proa para a água, até mesmo Ashlin, o que me deixou impressionada pra cacete.

Foi o que bastou para nos aproximarmos uns dos outros. Naquela noite todo mundo ficou junto no deque. Ivan tocou seus bongôs, e PJ e Derek fizeram um rap, que foi bem legal para um freestyle e me fez cair na gargalhada. Ashlin deixou Brianna fazer tranças em seu cabelo. E Alex, graças a Deus, ficou sentado entre mim e Jonah, porque o cara não tirava os olhos dos meus peitos, tipo, as 24 horas do dia.

Levando tudo em conta, não foi tão ruim. Na verdade, tem sido bem maravilhoso.

Então, minha fuga? Sou sempre tão rápida para estragar as coisas... pessoas, experiências, diferentes pontos de vista. Tenho

definido na minha cabeça que as coisas são de um certo modo, e então excluo tudo que possa contradizer essa percepção. Só que não consegui fazer isso neste barco, e foi melhor assim.

• • •

Vou ao andar de baixo para tomar banho e me trocar para o jantar. Ashlin está no quarto, arrumando seu esvoaçante caftan, e Brianna está com um vestido simples, estilo anos 50. Não tenho nada fino para usar no nosso último jantar a bordo, então coloco meu vestido tubinho preto frente única. Eu realmente preciso de roupas novas antes de ir para Oberlin. Isto é, se eu entrar. É melhor que a carta de aprovação esteja esperando por mim quando eu chegar em casa.

Ashlin vem por trás de mim com uma echarpe. Ela tem uma estampa psicodélica legal. Ashlin a amarra em volta da minha cabeça, como se eu fosse algum tipo de estrela do rock dos anos 70.

— Obrigada — digo.

— Você deveria usar um visual desses na formatura! Algo vintage.

Formatura. Viu? Outra coisa que eu ferrei. Por que não deveria ir ao baile de formatura? Afinal de contas, sou veterana, droga.

— Já comprou seu vestido? — Ash olha para Brianna.

— Hã, ainda, não — responde Brianna. — Não tenho certeza se vou.

— Isso é loucura! Você tem que ir.

— Estou nesse programa de música regional, e tive que comprar minha própria fantasia. Então, duvido que vá ter dinheiro.

— Ah — diz Ash, e percebo que ela está se sentindo uma idiota.

— Bom, isso é chato.

— Não tem problema. — Brianna baixa os olhos.

— Espere — digo. — Os convites para o baile são tão caros assim? Porque, se forem, provavelmente não poderei ir também.

— Este ano eles estão caros — explica Brianna. — Vai ser em algum clube em Boston.

— Que ideia mais idiota. — Eu me viro e olho para Ash. — Quem está tomando essas decisões estúpidas?

— Não se atreva. — Ash me aponta o dedo. — Você não tem direito de reclamar. Se você se preocupa, então vá a uma reunião do comitê de formatura. Não fique simplesmente falando mal dele.

— Tudo bem, tudo bem. Fica fria, garota — Droga. Ash tem um fogo por dentro. Sorrio para ela, e ela me sorri também.

As coisas que aconteceram este ano foram uma loucura. O quanto eu mudei. Como tudo que pensei que estivesse gravado em pedra não está. Isso me deixa animada para o futuro e todas as suas possibilidades. Tudo pode acontecer.

De repente tenho uma necessidade premente de conversar com Mary. Quero dizer a ela o quanto a vida pode ser melhor, se você der uma chance. Quero dizer a ela para esquecer todo esse drama com Reeve de uma vez por todas. Quero dizer que sinto a falta dela.

Capítulo 33

LILLIA

NO CARRO, A CAMINHO DO RESTAURANTE, ALISO A SAIA DO MEU VESTIDO de seda e digo:

— Papai, por favor, seja agradável com Reeve.

— Sou sempre agradável. — Ele e minha mãe se entreolham. No banco de trás Nadia e eu trocamos um olhar que só nos duas entendemos.

— Não é verdade, papai — diz ela numa voz cantarolada. — Quando conheceu James, você o interrogou sobre bebida e direção. E, alô, nós nem temos carteira de motorista ainda! Agora James tem medo de vir à nossa casa.

Meu pai esconde um sorriso.

Dou um olhar agradecido para Nadia, e então ela lembra que devia me dar um gelo, e vira a cabeça novamente para a janela.

Quando entramos no estacionamento, Reeve está sentado num banco na frente do restaurante. Está usando gravata e calças cáqui, e até mesmo um casaco esporte azul-marinho que deve ter tomado emprestado de um dos irmãos, porque nunca o vi usar isso antes. Rapidamente se levanta do banco e aperta a mão do meu pai.

— Doutor Cho. Bom vê-lo novamente, senhor.

— Papai, esse é o meu amigo Reeve — digo.

— Oi, Reeve — diz meu pai. Os dois são quase da mesma altura. Reeve é apenas uns cinco centímetros, mais ou menos, mais alto.

— Maravilhosa como sempre, Sra. Cho. — Reeve beija minha mãe no rosto, e ela, é claro, se derrete. Meu pai parece se divertir com isso. Para Nadia, ele diz: — Tudo bem, bonequinha? — e ela responde com um aceno de mão.

Quando chegamos à mesa, meu pai puxa uma cadeira para minha mãe, e Reeve tenta puxar minha cadeira, mas ele a afasta com muita força, e ela faz um terrível som de rangido, e todos se voltam para olhar. Estou tensa, sinto que vou ter um derrame, mas Reeve parece tranquilo e calmo como sempre.

Meu pai pede uma garrafa de saquê, e, quando oferece um pouco para Reeve, ele levanta o copo e aceita com as duas mãos. Olho para ele apavorada, tipo *o que está fazendo?*, e Reeve diz:

— Dr. Cho, li que na cultura coreana é grosseiro não aceitar bebida alcoólica de uma pessoa mais velha.

— Absolutamente correto — responde meu pai. Ele e minha mãe trocam olhares impressionados.

— E eu devo beber assim? — Reeve gira a cabeça para o lado e toma um pequeno gole.

Meu pai cai na gargalhada. Ele nunca cai na gargalhada. Sinto meu estômago começar a se soltar.

— Espere, por que ele está bebendo desse modo? — Nadia pergunta.

— Não se deve beber olhando de frente para a pessoa, porque é considerado desrespeitoso — explica minha mãe. — Você deve virar ligeiramente a cabeça. Reeve, onde foi que aprendeu isso?

— Li alguns artigos e assisti a um vídeo no YouTube sobre beber com os mais velhos — diz Reeve.

— Ah, isso é uma gracinha — exclama minha mãe. — O que mais aprendeu?

— Nunca sirva sua própria bebida. Nunca deixe o copo de outra pessoa ficar vazio. Sempre aceite uma bebida com as duas mãos. —

Reeve se senta mais ereto na cadeira.

— Sabe de tudo isso, Lilli? — Meu pai se vira para mim.

— Sei que devemos aceitar com as duas mãos.

— E quanto a você, Nadi? — pergunta minha mãe.

— Não preciso saber disso, afinal de contas não tenho idade para beber. — Nadia franze a testa, espetando uma cereja de dentro do seu copo. Nós duas gostamos de tomar um Shirley Temple quando saímos para jantar.

— Bom, em todo caso, é bom saber das coisas. — Meu pai dá risada.

Embora não admita, ele também fica impressionado pela quantidade de sashimi que Reeve está comendo. Minha mãe fica colocando mais e mais no prato dele, e ele continua a comer. Parece que maneja muito bem os hashis também. Quando meu pai lhe pergunta sobre seus estudos no ano seguinte, fico nervosa novamente, mas Reeve está preparado. Diz que foi aceito em Graydon e que já está treinando novamente.

— Onde fica Graydon? — pergunta papai.

— Fica a cerca de uma hora de Boston. Em Connecticut.

— Hum — resmunga meu pai, mas não diz nada mais. Ele se inclina para a frente e conta: — O filho de um colega meu fez um ano de escola preparatória. Ele acabou jogando um ano de futebol na UVA antes de machucar o joelho. Depois teve que se transferir, porque suas notas não eram suficientemente boas. Quais são seus planos, Reeve?

Minha mãe lança um olhar cortante para o meu pai, que finge não notar.

— Papai, Reeve é muito inteligente. Ele teve mais de 2100 no SAT!

— Lillia, você não precisa me elogiar assim. — Reeve dá uma risada envergonhada. Ao meu pai ele diz: — Não tenho ilusões sobre

jogar na NFL ou coisa parecida. Só quero entrar para uma boa universidade, e o futebol é a minha porta de entrada. Gostaria de me formar em administração e comunicações, senhor.

Isso é novidade para mim. Posso ver que meu pai ficou satisfeito com a resposta também.

Então Reeve conta uma história sobre como vendia conchinhas para os turistas quando era criança, e todos riem, até mesmo Nadia.



A caminho de casa, minha mãe pisca para mim pelo espelho retrovisor.

Capítulo 34

MARY

ESTOU NO QUARTO DE LILLIA, ESPERANDO QUE ELA VOLTE PARA CASA DO jantar de comemoração com Reeve. Eu o observei o dia todo de uma distância segura, brincando com Lillia na piscina, dizendo “eu te amo”, tentando arduamente impressionar sua família no jantar especial deles.

Eu poderia ter interrompido isso a qualquer momento. Estragado seu dia perfeito. Queria muito fazer isso.

Mas então pensei: *por quê?* Deixe-o aproveitar! Desse modo vai ser muito pior quando tirar tudo dele. Estarei muito mais forte, e bem mais poderosa, se esperar um pouco mais.

Amanhã. É isso. Amanhã será o inferno na terra. Meu dia de acerto de contas.

Já estive no quarto de Lillia antes, mas esta noite eu me demoro olhando tudo em volta. Lillia tem tantas coisas bonitas na sua penteadeira. Vidros de loção e batons, e uma escova de cabelo cor-de-rosa da França, além de um vidro enorme onde guarda suas fitas de cabelo. O armário é como a gente vê numa boutique elegante — pilhas de suéteres de cashmere, fileiras de blusas e saias e vestidos, tudo arrumado pelas cores, do mais claro ao mais escuro. Embora raramente tenha visto Lillia usar a mesma roupa duas vezes, muitas delas ainda estão com as etiquetas. Tem um vestido pendurado num cabide estofado especial, e está envolto em um plástico. Assim que o vejo, sei que é o vestido do baile de formatura.

Lillia consegue tudo o que quer. O namorado, a carta de aprovação da faculdade. Ela tem uma vida dos sonhos. Mas não esta

noite. Esta noite pretendo arruinar os sonhos dela.

Caminho em direção à sua cômoda. Os colares estão pendurados numa árvore prateada, mas ela também tem uma caixinha de joias. Tem uma moldura com uma foto de Lillia mais jovem com Nadia, cavalgando no mesmo cavalo do carrossel. Ambas estão com o cabelo preso em marias-chiquinhas, e Lillia abraça Nadia com tanta força que até parece desconfortável.

Ouçõ a família chegar em casa. Não apenas um, mas dois pares de pés sobem apressados pela escada. Então corro para me esconder atrás da espreguiçadeira.

Lillia entra primeiro.

— Boa noite, universitária! — grita o pai dela.

— Boa noite, papai!

Nadia entra logo depois dela. Ela se joga na cama, enquanto Lillia abre o zíper e tira o vestido, colocando uma macia camisola cinza.

Lillia cuidadosamente tira o colar que Reeve deu a ela esta tarde, pendura-o na árvore, senta em frente à penteadeira e pergunta:

— Então, o que acha? O papai aprovou? — Ela abre uma gaveta e tira algumas bolas de algodão.

— Tá brincando? — Nadia responde. — Acho que papai o adorou. Aquela coisa da cultura coreana, o papai adorou! Reeve foi muito esperto em fazer aquilo.

— Me sinto meio mal. — Lillia sorri para o espelho. — Eu praticamente assustei Reeve, para ele se comportar bem. Tinha tanta certeza que ele faria algo... Não sei. Alguma coisa de que o papai não fosse gostar.

Balanço a cabeça. Reeve sabe como encantar todo mundo. Isso é, em parte, o que o torna perigoso. Pode acontecer, mesmo quando você não quer que aconteça. Mesmo quando está tentando resistir com toda a sua força. Lillia deveria saber disso mais que qualquer outra pessoa. Ela o conhece há anos. Viu o jeito como ele trata as

peessoas. E mesmo assim ela não percebe. Recusa-se a ver sua verdadeira natureza.

Nadia rola o corpo e fica deitada de barriga para baixo, observando Lillia remover a maquiagem. Está claro que Nadia adora a irmã. Depois de certo tempo, ela diz:

— Lilli. — Está tremendo. — Desculpe por eu ter sido tão má com você.

— Nadi, nem fale isso. — Lillia se vira na cadeira.

Mas Nadia começou a chorar. Ela enfia o rosto no edredom.

Lillia imediatamente se levanta e deita na cama com a irmã, acariciando seus cabelos.

— Está tudo bem, ok? Eu entendo o porquê. Por que ficou tão chateada. Você amava muito Rennie. Nós duas amávamos.

— Ainda assim. Não é assim que as irmãs fazem. — Ela dá mais uma fungada, mas isso só faz as lágrimas descerem com mais força. — E agora você vai embora para a faculdade, e não vou te ver mais, e ... e... — O rosto dela se contorce como o de um bebê. — Vou sentir tanta saudade.

— Vou sentir sua falta também, Nadi. — Lillia acalma Nadia e se deita ao lado dela, bem confortável. — Mas não vou embora para sempre! Vou voltar sempre para casa, ou você pode ir me visitar. Vamos fazer compras e comer nos food trucks. Boston não é tão longe. — Ela estica a mão até a mesinha de cabeceira e pega um lenço de papel para Nadia. — Afinal de contas, não sei por que está tão triste. Vai ter Phantom só para você agora.

Nadia dá risada, mas ainda está fungando. Lillia puxa o edredom por cima delas, pega o controle remoto da tevê, liga o aparelho, e as duas ficam deitadas na cama juntas. Tão juntinhas como dois caracóis.

Lillia cai no sono primeiro, e Nadia dorme alguns minutos depois. Eu deslizo para o lado de Lillia e coloco a mão na testa dela.



Lillia coloca o biquíni de margaridas e caminha até a piscina no pátio dos fundos, com uma bebida e uma toalha. Nadia e as amigas dela estão lá, nadando e se bronzeando. Lillia recosta o corpo numa espreguiçadeira e fecha os olhos, na maior tranquilidade. Finalmente, Reeve chega usando uma sunga.

Lillia está sonhando com a tarde de hoje. Está tentando reviver tudo novamente.

Isso não vai acontecer.

Há um barulho, e Lillia abre os olhos, confusa. Não foi assim que aconteceu. Reeve deveria estar levantando-a, pulando na água com ela.

Ela olha em volta. Nadia e suas amigas desapareceram. E Reeve já está na piscina.

Comigo.

— Mary, não! — Lillia dá um grito arrepiante.

Estou com a mão na cabeça de Reeve, segurando-a debaixo da superfície. Não importa que ele tenha o corpo de um deus grego. A força dele não se compara à minha.

As mãos dela voam para a boca, os olhos estão arregalados e aterrorizados. Ela corre para a beira da piscina, mas faço a distância aumentar mais e mais a cada passo que ela dá, assim não consegue se aproximar. Não consegue chegar perto de nós.

— Por favor, pare!

— Você foi uma péssima amiga para mim, Lillia. Você rompeu nosso pacto, se esqueceu de mim e se apaixonou por quem não deveria.

Ela toca o colar, a boca escancarada. Então, corre até o trampolim e cai de barriga. Está estendendo os braços, tentando desesperadamente segurar a mão de Reeve.

— Mary, por favor! Ele vai se afogar!

— Sim, vai. Quando Reeve morrer amanhã, lembre-se de que fui eu quem o matou.

• • •

Tiro a mão da testa dela.

Até amanhã, Lillia.

Capítulo 35

LILLIA

QUANDO ACORDO, SEI QUE TIVE UM PESADELO, MAS NÃO CONSIGO LEMBRAR O que foi. Estou deitada na cama tentando entender o que sonhei, quando Reeve liga.

— Vem para cá — digo, virando para o lado.

— Dou uma passada aí depois de ter malhado as pernas na piscina da escola.

Ouvir isso me deixa nervosa. Sento direito na cama.

— Sua perna não está doendo, está? — Reeve tem malhado tanto nessas últimas semanas, seguindo o programa do treinador para estar completamente pronto para a temporada de verão da escola preparatória.

— Não se preocupe. Está tudo bem. Só estou sendo proativo.

— Você me contaria, certo? Se ela estivesse doendo? — Imagino se algum dia não me sentirei culpada pelo que aconteceu com Reeve na noite do *homecoming*.

— Tá parecendo minha mãe — Reeve diz, rindo.

— Bom, nós duas nos importamos com você, seu bobo! — No entanto ele está certo. A Sra. Tabatsky e eu insistimos para ele não se esforçar demais. E ambas estamos um pouco obcecadas com a sua ingestão de proteínas.

Sei que ele estava apenas brincando, mas depois de uma hora ainda estou pensando nisso, ao sentar na cozinha comendo torrada de canela e tocando o colar que ele me deu ontem. Nenhuma

namorada no mundo quer ser comparada com a mãe do namorado. Isso é o oposto de sensual.

Então tenho uma ideia para surpreender Reeve na piscina, em homenagem aos velhos tempos.

Se pelo menos eu tivesse um biquíni novo para usar. Algo que Reeve nunca me tivesse visto usar. Nadia está lá embaixo assistindo a um filme, então me esgueiro até o quarto dela e procuro nas suas gavetas. Encontro um novinho que ela comprou no final da última temporada. O top tem dois pequenos triângulos, e a parte de baixo é minúscula, num tom lavanda furta-cor, o tipo de biquíni que só vi as garotas usarem em Miami. Quando ela o comprou, tentei impedir, pois achei que era muito ousado para a idade dela, mas ela reagiu como se eu estivesse sendo puritana. Claramente ela nunca o usou, então acho que lá no fundo concordou comigo.

Visto o biquíni e me olho no espelho de Nadia. Puxo a parte de baixo para cobrir um pouco mais. Ele é com certeza mais sexy que qualquer biquíni que eu já tive, mas pelo menos Reeve não vai mais me comparar com a mãe dele.

Capítulo 36

MARY

Muitos fantasmas são motivados por uma profunda questão psicológica, pela qual tendem a ficar obcecados. Cuidado: se um fantasma se mostrar a você e não pedir sua ajuda, ele ou ela provavelmente pretende lhe fazer mal.

Reeve não suspeita de nada, muito embora eu esteja lá, ajoelhada em uma das plataformas de mergulho. Apesar de eu ter tirado a ideia do seu próprio sonho.

Ele tira a toalha. Depois de fazer alguns círculos com o braço e saltos para se aquecer, pula na água do lado mais raso. Coloca um par de óculos de mergulho sobre os olhos, respira fundo e começa a nadar em longas braçadas, bem na minha direção. Eu me debruço sobre a água e espero que ele suba à superfície para respirar. Seu último suspiro. Quando ele o fizer, meu rosto será o rosto que verá. Então nós dois seremos livres.

Para se tornar visível, um fantasma deve vibrar na mesma frequência de vida que a suposta testemunha.

Fecho os olhos e uso tudo, cada última gota das minhas forças, para me colocar em sincronia com Reeve. Um zumbido baixo se transforma na batida límpida e cristalina do coração dele, batendo através da água na minha concha vazia. O vaivém da sua respiração enche meus pulmões atrofiados, enquanto ele gira a cabeça da superfície para debaixo da água. A explosão do sangue correndo

pelas suas veias parece milhares de pulsações elétricas despertando minhas extremidades adormecidas.

Reeve nada cada vez mais perto. A alguns centímetros da borda, ele puxa fundo a respiração numa última tragada de ar e faz sua última volta debaixo da água. Começa a subir para a superfície, e eu me revelo como li no livro da tia Bette. Nossos olhos se encontram antes de ele respirar. Seu rosto se contorce.

Adeus, Reeve.

Pulo na água e enrolo meus braços e pernas em volta do seu corpo. Reeve se debate e luta, mas eu o aperto como um torno e o empurro para *baixo, baixo, baixo* até o fundo escuro da piscina.

Ele está lutando com tanta força contra mim que não demora muito para ficar sem fôlego. Sua vibração se silencia, silencia, silencia.

Está quase acabado. Estou tão feliz por estar quase acabado.

E, então, um choque de branco antes que as coisas venham em flashes.

O rosto de sua mãe.

Os irmãos jogando-o para o alto.

Um abraço de uma velha senhora.

Um cachorro rosnando e tentando morder sua mão.

Correndo e escorregando no cimento fresco.

Seu pai, bêbado e sacudindo os punhos.

Essa é a vida de Reeve, passando como um flash perante seus olhos. E, como estamos em sincronia, posso vê-la com ele. Cada pedacinho desse menino misterioso está se revelando para mim, como um filme em bilhões de cenas diferentes.

Corrida até a base no beisebol.

Escondido debaixo da cama.

Andando até a cantina da Montessori.

Um lampejo de mim, completamente ensopada na balsa, berrando até não poder mais.

Reeve correndo para casa, soluçando.

Na balsa no dia seguinte, procurando por mim.

Nossa professora dando a notícia.

Reeve vomitando no banheiro dos meninos.

Reeve inconsolável, meu canivete nas mãos dele.

Abrindo a lâmina, olhando para ela.

Está começando a doer agora. Sentir cada emoção que Reeve já sentiu, tudo ao mesmo tempo.

No farol da Ilha Jar. Subindo até o topo.

Gritando "me desculpe" para o vento.

Olhando para a beirada.

Nunca, nem nos meus sonhos mais malucos, pensei que minha morte tivesse afetado Reeve desse jeito. O bastante para ele fazer algo tão drástico, tão drástico como eu fiz. Ele realmente se importava. A pele dele queima sob minhas garras, pega fogo. Luto contra a vontade de deixá-lo ir embora.

Um guarda florestal agarrando-o, puxando-o para baixo.

O filme diminui o ritmo, assim como as batidas do seu coração. Ele está morrendo nos meus braços. *Quase acabado*, digo a mim mesma, porque segurá-lo me queima como fogo. *Continue. Está quase no fim.* A última imagem, mais clara do que tudo.

Lillia Cho.

Não suporto isso. Não consigo aguentar nem mais um segundo. Eu o solto.



Quando abro os olhos, estou de volta à minha casa. Deitada no chão. Meu rosto está molhado. Estou chorando.

Não consegui fazer aquilo. Depois de todo esse tempo, depois de tudo o que ele fez comigo, não consegui fazer. Através dos olhos dele, eu vi tudo. Senti tudo. Dor. Alegria. Desespero. Arrependimento. Tudo. Todas as coisas que tinha esquecido como eram.

Amor.

Agora sei que nunca serei capaz de matar Reeve. Por isso ainda não consegui fazê-lo, quando tive tantas chances. Estava me segurando. Nunca serei capaz de matá-lo.

Mas ele ainda tem que pagar pelo que fez. De outro modo, nunca me libertarei. Mas, se não for eu...

E então me recordo.

Reeve foi quem me atormentou e me levou a fazer o impensável. Tirar minha própria vida. Ele é quem terá que fazer isso. Não tem outro jeito.

Capítulo 37

LILLIA

EMPURRO A PORTA DA PISCINA, E A PRIMEIRA COISA QUE NOTO É COMO está silencioso. Fantasmagoricamente silencioso. Então solto um grito que repercute em cada parede. O corpo de Reeve está boiando no centro da piscina, com a cabeça para baixo.

Ah meu Deus, ah meu Deus, ah meu Deus.

— Socorro! Alguém me ajude! — eu grito. Então pulo na piscina, nado até chegar perto dele e o carrego para a beirada.

Assim que o ar bate no seu rosto, Reeve faz um som gutural, a respiração borbulhando. A pele dele está branca. Tento tirá-lo de dentro da água, mas é pesado demais, além de eu estar chorando. Mal me seguro na beira da piscina, tentando manter os dois à tona.

Ele respira mais uma vez, e então mais uma, e a cor do rosto retorna lentamente. Ele me olha e começa a tossir e espirrar e tentar encher de ar os pulmões. Tem um ataque de tosse. Saio da água e o arrasto para cima com todas as minhas forças. Ele me ajuda a levantá-lo, mas mal tem forças sobrando. Ele se senta curvado, as pernas balançando na água, tentando respirar fundo.

Levanto-me apressada e corro até as arquibancadas, agarro a toalha e cubro os ombros dele. Ele está tremendo, não consegue parar de tremer.

— Estou bem, estou bem. Só preciso... preciso de um minuto... para recuperar... o fôlego.

Solto um soluço engasgado e me jogo ao lado dele no chão. Pensei que estivesse morto.

— Ah, meu Deus — digo, e então estou chorando copiosamente, tanto que mal posso enxergar.

— Cho, não chore — ele suplica. — Estou bem. Muito bem.

— O que... que *aconteceu*?

— Não sei. Eu... devo ter desmaiado na água — responde ele, desorientado.

Enrolo a toalha com mais força em volta dos seus ombros. O sonho da noite passada vem a minha mente. Lembro de Reeve na água. Mary.

Eu sonhei que isso aconteceria.

Meus olhos examinam rapidamente o ambiente. Não posso evitar essa sensação de desconforto. Fico em pé, minhas pernas parecem fracas e instáveis.

— Consegue se levantar?

— Você está ensopada — ele diz, tocando a barra do meu pesado blusão de moletom.

Eu o ajudo a se levantar. Pego meus sapatos, a sacola de academia dele, minha toalha. Vamos para o estacionamento e subimos na caminhonete dele, e Reeve me olha e diz:

— Por que não se troca primeiro? Está gelada. Não tem nenhuma roupa seca? — Ele começa a vasculhar o banco de trás à procura de minha toalha.

— Reeve, estou bem! Foi você que quase se afogou. — Só quero dar logo o fora daqui.

— Para onde vamos? Sua casa? — Reeve dá partida na caminhonete.

De repente minha casa e meu quarto não parecem exatamente seguros. Vejo o jogo de chaves no seu console.

— Vamos para uma das casas de aluguel do seu pai — digo. Seguro a mão dele e não largo mais.



Vamos até o outro lado da ilha, para Canobie Bluffs. Está começando a chover, e Reeve está dirigindo com uma mão só, porque não solto a outra mão de jeito nenhum. Fico me revirando no assento, olhando para trás, para os lados, em todas as direções. Não sei o que estou procurando.

Sim, eu sei. Mary. Fico esperando ver Mary, muito embora saiba que ela não está aqui, e que foi só um sonho, e não há como ela ter alguma coisa a ver com o que aconteceu naquela piscina.

Mas ainda assim. Estou com medo. Mais do que com medo. Estou apavorada.

Vamos de carro por uma rua aparentemente vazia, só imóveis para alugar, com placas na frente. Reeve para na entrada da garagem de um chalé cinza, estilo Cape Cod, que dá de frente para o mar. Ele faz uma careta.

— Vamos entrar logo para você poder se aquecer e se secar.

— Estacione o carro dentro da garagem. — Olho para fora da janela.

Reeve obedece. Saímos da caminhonete e entramos na casa. Está escura. Reeve começa a acender as luzes, e eu fecho todas as cortinas. Ele vai até a lareira e começa a empilhar toras de madeira.

— Vá se secar. Vou acender o fogo num minuto.

Não quero deixá-lo longe das minhas vistas nem por um segundo, então simplesmente tiro o moletom molhado e me cubro com a manta do sofá.

Depois que a lareira está acesa, ele se senta no sofá ao meu lado. Começa a secar meus cabelos com a ponta da coberta.

— Não quero que pegue um resfriado — diz ele, com tanta ternura que começo a chorar novamente.

Tenho que contar a ele. Sobre Mary, sobre a vingança, sobre tudo. Abro a boca, mas não sai nada. Só um soluço.

— Estou bem. Estou bem — afirma Reeve, secando meus olhos com sua manga.

— Você sempre cuida tão bem de mim, Reeve — digo, fungando. Por que Mary não pode enxergar como ele é bom? Ele não é o monstro que ela diz que é.

— Vista isto. — Ele tira seu moletom.

Afasto o blusão e começo a beijá-lo. Sinto seu rosto frio. Poderia tê-lo perdido hoje. É nisso que não paro de pensar. E, assim que contar a ele o que nós fizemos, o que eu fiz, vou perdê-lo para sempre. Com certeza ele não vai continuar a me amar assim que souber a verdade. O que temos agora estará terminado. Porque não são apenas as drogas — dessa parte ele já sabe, mesmo que nunca tenha me deixado dizer as palavras em voz alta. Não é só pelo fato de eu ser responsável por ele perder sua bolsa de estudos de atleta, e de não poder terminar a temporada de futebol. É o fato de que a única razão de ter me aproximado dele, para começo de conversa, foi para pregar uma peça nele. E que durante todo esse tempo eu já conhecia seu pior, mais sombrio e mais terrível segredo. O segredo que ele tem guardado com tanto cuidado.

Eu me recosto no sofá, de modo que estou quase deitada, e o puxo para junto de mim.

— Eu te amo tanto — digo a ele, várias e várias vezes. Passo as mãos pelas suas costas, pela sua espinha. Os músculos das costas se flexionam sob minhas mãos. Sinto-me delirar com o desejo de tê-lo perto de mim. Provar que ele está aqui comigo. Continuo a puxá-lo cada vez mais, mais e mais perto. Nossos braços e pernas estão entrelaçados, nós dois respiramos com dificuldade.

— Lil — ele geme. Tenta se afastar de mim e sentar, mas não permito. Eu o abraço ainda mais forte.

— Não pare — sussurro.

— Vamos parar por um segundo.

— Não quero parar. — Balanço a cabeça. Esta pode ser nossa única vez. Assim que lhe contar a verdade, quem sabe o que acontecerá a seguir.

— Você... você tem certeza?

— Sim.

Tiro a coberta de cima de mim e a jogo no chão. A cabeça dele se levanta rapidamente.

— Espere... tem *certeza*, certeza? Porque não quero fazer nada, se não estiver segura. Você ainda está abalada pelo que aconteceu na piscina.

— Nunca tive tanta certeza de nada em toda a minha vida. — Levanto o braço e aliso seus cabelos úmidos. — Você tem... você tem camisinha?

Ele hesita antes de responder:

— Deve ter alguma na minha caminhonete. Eu as coloco lá porque minha mãe limpa meu quarto e às vezes ela fuça nas minhas gavetas. Mas às vezes Tommy também usa minha caminhonete. Eu com certeza não estava imaginando que você e eu... isto é, elas são de antes... — O rosto dele fica vermelho, e está começando a gaguejar. — Elas são de antes de a gente estar juntos. Acho até que estão fora da data de validade.

É cativante ver como ele está nervoso. Não estou brava, nem um pouquinho. Estou feliz por ele estar preparado.

— Pode simplesmente parar de falar e ir buscar logo?

Reeve dá um salto e corre para a porta da frente. Ele está de volta em, tipo, dois segundos e está pairando sobre mim.

E, quando percebo, está beijando meu pescoço, meu peito, meus seios. A respiração dele é quente e dá uma sensação gostosa. Fecho os olhos e seguro seus braços. Posso ouvir a chuva caindo no oceano. Parece que estou num barco, sã e salva em alto-mar, onde

ninguém pode nos ferir. É nisso que estou pensando exatamente agora. Estamos a milhas de distância daqui, Reeve e eu.

— Tudo bem? — Sinto seus dedos desamarrarem a parte de baixo do meu biquíni.

Estou nervosa, meu coração está acelerado, mas não quero que ele pare, então fico de olhos fechados e respondo apenas *Hum, hum*.

E logo ele está me tocando, e meus olhos se abrem, e dou um salto ao sentir o toque das mãos dele. Pela primeira vez fico feliz por ele ter estado com tantas garotas, porque ele é bom nisso. Em me fazer me sentir bem. Nunca senti nada parecido. Pressiono meu rosto nos ombros dele, para não gemer em voz alta. E então o sinto encostado a mim.

— Tem certeza? — pergunta ele mais uma vez. — Porque eu te amo, e vou te esperar o tempo que quiser.

Olho direto nos olhos dele. Com meu olhar digo o quanto confio nele. Como estou feliz que é ele.

— Sim. Quero que você seja o primeiro. Meu primeiro de verdade.

Ele me beija na boca, tão suavemente, e entra dentro de mim, e isso dói, só um pouquinho. Mordo meu lábio. Ele me beija novamente, e está se movendo, e eu estou me movendo com ele, e a dor começa a desaparecer, e eu simplesmente me sinto feliz. Então é assim que a gente se sente quando se entrega a alguém que ama. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu os enxugo nos ombros de Reeve.

Depois, ele apoia o rosto no meu peito e fecha os olhos. Sei o que está fazendo. Está ouvindo as batidas do meu coração.

— Quero estar com você para sempre, Lillia.



A caminho de casa, Reeve fica me perguntando se estou bem. Digo a ele que sim, sim, estou ótima. A cada segundo que passa, perco a coragem de lhe contar a verdade.

Quando entro em casa, tem um recado da minha mãe na porta da geladeira avisando que ela, meu pai e Nadia saíram para jantar e ver um filme, o que me deixa aliviada. Sei que parece tolice, mas e se eles perceberem que tem alguma coisa diferente comigo? Ouvi dizer que, depois de perder a virgindade, você fica diferente.

Eu me sinto diferente. Quando olho de relance e vejo meu reflexo no espelho, entendo. Rosto corado, olhos brilhantes. Pareço uma garota apaixonada.

Meus lábios começam a tremer. Sou uma garota apaixonada. E tenho medo do que isso significa para nós dois.

Corro até meu quarto, telefone na mão. Ele repentinamente vibra com uma mensagem de Reeve.

São e salvo em casa. Você?

Estou prestes a lhe mandar uma mensagem, exatamente como ele pediu. Ligo o interruptor de luz e solto um grito.

Meu quarto está completamente destruído. Roupas espalhadas por todos os lugares. Os travesseiros de plumas foram rasgados e as penas estão flutuando no ar. A barriga do meu coelhinho de pelúcia também foi cortada, e os feijõezinhos de dentro estão espalhados pelo tapete. Meu vidro de perfume está estilhaçado sobre a penteadeira, há vidro em todos os lugares. Minha casa de bonecas está esmagada.

E lá está Mary, sentada com as pernas cruzadas no chão do meu quarto, no meio de todo o caos.

Ah meu Deus.

Eu me afasto dela, o corpo todo tremendo. Respirando fundo, engolindo ar, consigo pronunciar as palavras:

— Por que fez isso?

— Por quê? Porque Reeve me matou. Ele me matou, Lillia. Você está apaixonada por um assassino.

— Sai daqui! Sai daqui agora! — Dou um passo para trás.

— E ir aonde? Reeve Tabatsky tirou tudo de mim. — Ela levanta a cabeça, me olha e diz: — Eu me enforquei naquele dia, exatamente como eu te disse. Mas eu não sobrevivi. Estou morta. Pode ir ao cemitério e ver meu túmulo. Elizabeth Mary Donovan Zane. — E então ela cambaleia, atravessa a parede do meu quarto e caminha de volta para dentro.

Eu grito e grito e grito. Coloco as mãos nos ouvidos.

— Pare! Isto não é de verdade. Não é real. — Estou sonhando. Este é simplesmente mais um pesadelo. Isto não está acontecendo. Fecho as mãos em punho, as unhas perfurando as palmas. *Por favor, acorde, digo a mim mesma. Acorde, acorde, acorde.*

Quando abro os olhos, Mary está sentada bem na minha frente.

— Me toque — diz ela. — Pense nisso. Você nunca me tocou. Nunca me tocou nem uma vez.

Fecho os olhos com força e sacudo a cabeça.

E então sinto alguma coisa, uma força empurrando meu braço para cima. Tento baixar o braço, mas não consigo, a força é muito intensa.

— Me toque — repete ela. Desta vez é uma ordem, que não posso recusar.

Muito embora ela pareça tão viva como no dia em que a conheci, estendo o braço para ela, os dedos tremendo — e minha mão desliza através de Mary, como se ela fosse feita de nuvem. Eu grito.

Meu telefone toca. É Reeve.

Tento esconder o telefone atrás de mim, mas num instante Mary está ao meu lado, olhando para a tela.

— Fizemos um pacto. Dissemos que iríamos até o fim, mas você não cumpriu sua parte, cumpriu? Não, você quebrou a promessa. Você disse que terminaria com ele.

O pavor começa a se infiltrar nos meus ossos, como uma bruma fria.

— Sinto muito. Sinto tanto, tanto.

Mary me olha por um longo momento. Sinto o corpo todo se arrepiar.

— Então, eis o que você vai fazer. Vai dizer a ele que está tudo acabado. Vai dizer que já sabe tudo o que ele fez comigo, que nunca poderia amar alguém que tivesse feito aquilo. Vai dizer o que deveria ter dito em primeiro lugar. E Reeve vai saber que é por minha causa.

— Não. Não. Não posso fazer isso. — Balanço a cabeça.

— Então vou matá-lo.

— Você não faria isso, Mary. Conheço você!

— Não, não conhece. Não me conhece de modo algum. Eu poderia ter feito isso naquela piscina hoje. Quer saber por que não fiz? Teria sido fácil demais. Misericordioso demais. Prefiro vê-lo sofrer.

O celular está tocando de novo.

— Só depende de você — continua ela.

— Tá bom, eu faço! — grito. — Vou dizer a ele. Farei o que você quiser. Mas, por favor, não o machuque. — Tento segurar os braços dela, mas meus dedos deslizam no nada.

— Então atenda o telefone. — Um sorriso estranho ilumina seu rosto.

Um enorme soluço escapa do meu peito, e deslizo o dedo pela tela.

— Alô.

— Ei. O que houve? Por que está com essa voz?

— Não posso mais ficar com você. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Há um silêncio espantado.

— O quê? Por que não?

— Fui à piscina hoje... para te contar... — Não consigo parar de chorar. — Para te dizer que sei o que fez com aquela garota.

— Que garota? — pergunta ele, angustiado.

— Big Easy — murmura Mary.

— B... B... Big Easy — repito. Mal posso proferir essas palavras, de tanto que estou chorando. — Ela morreu por sua causa.

— Alex te contou, não foi? — pergunta ele, engasgando. Ouço-o respirar fundo.

— Você é um b... b... bully. Humilhou aquela pobre garota até a morte. Não posso... não posso ficar com alguém tão cruel. Não posso. Sinto muito.

— Cho, por favor, apenas me escute...

— Está acabado, Reeve.

— Mas e quanto ao que aconteceu hoje? — sussurra ele.

— Aquilo foi para dizer adeus. Então... adeus, Reeve. — Corto a ligação e desligo o telefone. — Pronto. — Respiro com dificuldade. — Está tudo terminado. Basta para você? Você vai deixá-lo em paz agora, não vai, Mary?

Ela faz que sim.

— Mas, Lillia... eu estarei sempre por perto, estarei sempre observando. Se voltar atrás na sua palavra novamente, a vida de Reeve estará acabada, e o sangue dele vai sujar suas mãos, não as minhas.

E então ela desaparece.



Demoro horas para limpar toda a bagunça, mas termino antes de meus pais e Nadia voltarem para casa. Estou cansada, mas não consigo dormir. A princípio, é adrenalina pura — todas as vezes que ouço um barulho, meu corpo todo se enrijece e fico tensa, o coração batendo acelerado como se fosse sair do peito. Então o terror desaparece gradualmente e fico só pensando.

Pensando, pensando, pensando...

Pensando sobre o que sei ser verdade, e o que sei ser impossível. É impossível que Mary esteja morta. Que já estivesse morta esse tempo todo. Mas isso também é verdade. Minha amiga Mary está morta. Ela está morta, ou estou ficando louca.

Não estou maluca. Não estou. Se estiver, então Kat também está. Kat não é louca. Portanto, também não posso ser. Isso realmente está acontecendo.

Se olhar bem lá para trás, posso ver que tudo o que aconteceu até agora foi por causa de Mary. Por causa daquele dia no banheiro das garotas. A vingança, Reeve se machucando, Rennie morrendo, Reeve e eu nos apaixonando. Tudo poderia ter sido diferente. Tudo *deveria* ser diferente.

Reeve e eu nunca fomos destinados um ao outro. Se não fosse por Mary, nós nunca teríamos nos olhado duas vezes, nem em um milhão de anos. Não desse modo. Mas aqui estamos.

Antes de Mary, não podia suportá-lo. Então não posso nem me arrepender.

Não posso nem mesmo dizer que, se pudesse voltar e fazer tudo de um jeito diferente, eu faria. Porque se dissesse isso estaria apagando o amor que sinto por ele no meu coração, apagando cada momento perfeito, todas as vezes que ele me olhou como se eu fosse a única garota na sala. No mundo inteiro.

Não posso fazer isso. Não teria feito nada diferente, porque o que eu fiz me trouxe Reeve. O que tivemos foi perfeito, e foi finito como todas as boas coisas são. Nada precioso permanece para sempre. Tiro o colar que ele me deu e então choro até o dia raiar. Pelo que poderia ter sido e nunca será.

Capítulo 38

MARY

HONESTAMENTE, É MUITO BOM QUE LILLIA ESTEJA TÃO APAIXONADA POR Reeve, e vice-versa. Isso torna o plano muito mais fácil. Basta ameaçar a vida dele e ela fará tudo o que eu pedir. Fazer Lillia atacá-lo no seu ponto mais vulnerável é um golpe mortal instantâneo. Melhor do que qualquer castigo que eu pudesse infligir, porque o feriu lá no fundo.

Eu me forço a ir ao quarto do Reeve, e, quando chego lá, o encontro vazio.

Então escuto uma pancada. E outra. E mais outra. Elas vão ficando cada vez mais fortes, essas pancadas, constantes e rítmicas como um marcador de tempo. São tão fortes que vibram através das paredes do quarto, sacodem as moedas no prato de troco, chacoalham o suporte de lápis em cima da escrivaninha.

Sigo as batidas até o lado de fora do banheiro privativo de Reeve.

A água está ligada, o vapor se levanta e flutua como ondas pela porta parcialmente aberta. Sei que não deveria, mas não consigo evitar. Entro.

O chuveiro dele tem portas de vidro. São onduladas e foscas, assim não dá para ver através delas. Mas posso com certeza enxergar sua forma do outro lado. A cor da pele. O formato do traseiro. Os punhos martelando as paredes azulejadas.

Subo na privada, sento na bacia, e ouço a água cair. Ele dá socos e socos, e então, quando tenho certeza que seus punhos devem estar machucados, ele se abaixa e começa a soluçar.

Quase fico com pena dele, mas não, porque esse é apenas o começo.

Capítulo 39

LILLIA

PAPAI ME ACORDA DE MANHÃ COM UMA BATIDA NA PORTA. NÃO ME lembro de ter caído no sono

— Lilli — chama ele. — Reeve está lá fora.

Ele vai até minha janela. Saio da cama e o sigo. Lá embaixo, na rua, na frente da nossa casa, está a caminhonete de Reeve. Ele está sentado dentro da cabine, os olhos fixos na minha janela.

Dou um grande passo atrás.

— Eu o vi quando saí para pegar o jornal. E o convidei para tomar café da manhã com a gente, mas ele não aceitou. Acho que ficou lá fora a noite toda. Vocês dois brigaram?

— Nós terminamos.

— Você está bem? Você quer, hã, quer que eu chame a sua mãe aqui? — Os olhos do meu pai se arregalam.

— Estou bem — respondo. — Pode dizer a ele para ir embora? — Meu pai faz que sim e sai do meu quarto.

Fico parada na janela e vejo meu pai mandar Reeve embora. Então ligo novamente o celular. Ele explode com a quantidade de mensagens dele, e cada uma delas parte meu coração.

Por favor, não faça isso.

Estou indo aí.

Ceguei.

Não vou a lugar algum. Vou esperar aqui fora a noite toda, se preciso for.

Cho, por favor. Eu te amo.

E finalmente...

Você está me matando.

Não, Reeve. Estou tentando salvar você.

Olho enquanto ele vai embora. Mas o alívio que sinto é de curta duração, porque meu telefone toca novamente, e é Reeve. Aperto o botão Ignorar e volto para a cama. Fico deitada de lado e choro, choro.

A certa altura Nadia entra e sobe ao meu lado na cama. Fico de costas para ela, e ela se aconchega em mim.

— Conversa com ele — diz ela. — Vocês dois se amam. Não importa o que aconteceu, vocês podem resolver isso.

Mas não podemos. Não se quiser que ele viva.

Nós duas caímos no sono, e então ouço meu telefone tocar, e eu o seguro para checar se é Reeve. Mas não é ele. É Kat. Ela deve estar de volta do barco do tio Tim. Quero desesperadamente contar tudo a ela. É a única pessoa que entenderia. Mas estou apavorada, pois, se der um passo em falso, e a coisa toda detonar, Mary vai simplesmente matar Reeve.

O telefone para de tocar, e então vibra. Uma mensagem de Kat.

Alôôô! Terra firmeeee! Sentiu minha falta? Me liga pra gente se encontrar.

Não posso me encontrar com Kat, ainda não. Ela vai me fazer perguntas, vai me pressionar para saber dos detalhes, e eu sou uma péssima mentirosa. Ela vai saber de imediato que alguma coisa está errada. Vou ter que evitá-la até descobrir o que dizer.

Capítulo 40

KAT

NO PRIMEIRO DIA DE VOLTA ÀS AULAS DEPOIS DAS FÉRIAS DE PRIMAVERA, VOU procurar Lil assim que chego à escola. Mal posso esperar para mostrar a ela como estão minhas marcas de bronzado. Mas, antes que eu a encontre, a Sra. Chirazo me para no corredor e diz:

— Estamos com um problema.

— Hã?

— Venha comigo. — Ela me pega pelo braço.

Sigo-a rapidamente até seu escritório, com uma sensação terrível no estômago.

— É sobre Oberlin?

— Sim, receio que sim — diz ela, fechando a porta atrás de mim.

— Você teve alguma notícia do comitê de admissão?

— Não. — Foi um grande desapontamento. Alex atracou o barco, e eu simplesmente tive a sensação de que chegaria em casa e receberia notícias. Mas não havia nenhuma carta, nenhum e-mail. — Quer dizer, eu não chequei meu e-mail hoje ainda, mas...

— Aqui. Use meu computador.

Eu me sento e checo, e não tem nada.

— Isso é bom. É sinal que eles não a rejeitaram ainda. — Ela morde a ponta dos óculos.

— Ainda? — Passo as mãos pelos meus cabelos.

Então a Sra. Chirazo me faz entrar no site de Oberlin e checar o status da minha inscrição. *Incompleta*.

— Incompleta? Que mer...?

— Katherine — ela me adverte.

— Não entendo. Eu mandei tudo o que eles pediram.

— Eu chequei seus arquivos hoje, só por capricho. E graças a Deus que fiz isso. Nós nunca recebemos uma cópia da sua carta de recomendação. E eu fiquei com essa sensação...

— Não entendo. Danner disse que a mandaria logo após a festa beneficente.

— Alguma coisa aconteceu para fazê-la mudar de ideia quanto a sua recomendação?

— Não.

— Tem certeza? — pergunta ela de novo, toda desconfiada.

— Juro, tenho sido uma droga de uma santa. Uma voluntária perfeita.

— Entre isso e ser pega fumando, está quase parecendo que você quer sabotar suas chances em Oberlin. — A Sra. Chirazo se recosta na sua cadeira barulhenta.

Balanço a cabeça, negando enfaticamente.

— Não! Quero dar o fora desta ilha, muito mais que você possa imaginar. — Só que, quando digo essas palavras, sei que não são verdadeiras. Isto é, vou para a faculdade, obviamente. Mas, depois das férias de primavera, não sei mais. Eu estava realmente ansiosa para voltar para a Ilha Jar, para estar em casa com Pat e o papai, para vir à escola hoje.

É uma maluquice.

— Bom, está quase acabando o prazo, Kat. — Ela aponta o calendário. — Aquela carta precisa ser postada ainda hoje, se você

quiser vê-la incluída na sua inscrição. Eles tomam as decisões finais até o dia 15 de abril.

Merda. Merda. Merda.

— Ok — digo. — Vou providenciar isso.

Capítulo 41

LILLIA

QUANDO ENTREI NO ESTACIONAMENTO DA ESCOLA ESTA MANHÃ, LÁ estava ele. Esperando por mim bem em frente às portas. Olhou à procura do meu colar, que eu não estava usando. Tentei passar direto, mas ele me parou e suplicou para eu conversar com ele. Para deixá-lo tentar explicar. Continuei sacudindo a cabeça, e no final nós dois estávamos chorando. Alex passou ao nosso lado, e pude perceber que ficou imaginando o que estaria acontecendo, mas ele seguiu em frente. O sinal tocou e Reeve finalmente me soltou, mas, quando saio da primeira aula, lá está ele novamente.

— Cho, estou suplicando. Por favor, pelo amor de Deus, converse comigo.

— Já disse que não quero falar com você.

— Droga! Eu te amo, Cho. E você me ama, então vamos apenas... vamos para algum lugar e resolver isso! — Ele joga a cabeça para trás, frustrado.

As pessoas estão diminuindo o passo e olhando. Estão olhando para nós dois. Seguro meus livros com mais força.

— Não tem nada para resolver! Só me deixe em paz! — Começo a me afastar, e Reeve corre na minha frente e bloqueia meu caminho. — Sai da minha frente.

— Não. Não até a gente conversar!

— Você nunca quer conversar, e agora, de repente, quer conversar. Bom, é tarde demais, certo? — Tento passar, mas ele me bloqueia novamente.

Vejo Alex caminhando na nossa direção e penso que não vai parar, mas ele para de repente.

— Cara, deixe-a ir embora — diz Alex.

— Foi você, não foi? Você contou para ela. Seu cuzão desonesto miserável. — Reeve praticamente perde a cabeça.

— Do que está falando...

E então Reeve dá um soco na cara de Alex, com tanta força que ele cai cambaleando para trás.

Dou um grito, e então corro até Alex. Seu nariz está sangrando sem parar, ele está segurando o braço contra o rosto, e o sangue está ensopando a camisa dele.

— Ah, meu Deus, Alex. Sinto muito. Sinto muito — digo. Minhas mãos estão tremendo enquanto vasculho a bolsa à procura de um lenço de papel, e então tento limpar o seu rosto, mas ele se afasta de mim.

— Você é louco! — grita ele para Reeve.

O Sr. Mayurnik já está levando Reeve às pressas para o escritório da diretoria.

— Sinto muito — continuo a dizer, várias e várias vezes.

Capítulo 42

MARY

PELO RESTO DO DIA, A BRIGA É O ASSUNTO MAIS COMENTADO. PASSEIO pelos corredores, espionando as conversas sussurradas, olhando por cima dos ombros das pessoas que escrevem mensagens. Reeve deu um grande soco no seu ex-melhor amigo. Obviamente Lillia estava envolvida de certo modo.

Mas ninguém tem nenhuma ideia do porquê.

Existem muitas hipóteses. Reeve traiu Lillia. Lillia traiu Reeve com Alex. O pai dela disse que ele não era bom o bastante para ela.

Todas as suposições são ruins. Mas nenhuma tão ruim como a verdadeira.

• • •

Ashlin sempre pede para ir ao banheiro ao final da sua aula de inglês avançado, que é exatamente antes do almoço. Sei porque a tenho observado há alguns dias. O Sr. Malone, o professor, deveria perceber a jogada dela, ou pelo menos dizer não quando estivesse no meio da discussão de um texto, mas ele nunca diz não. Acho que tem uma quedinha por ela. Todas as vezes que os alunos estão lendo em silêncio nas suas carteiras, eu o vejo espiando-a por cima do jornal. E uma vez, quando ele estava andando para cima e para baixo pelas fileiras das carteiras devolvendo um questionário, juro que o vi espiando debaixo da saia dela.

Nojento.

Enfim, Ashlin passa uns bons quinze minutos no espelho, mexendo no cabelo e retocando a maquiagem. Ela quer ter certeza de que está com a melhor aparência possível, porque o segundo sinal toca e ela sai para se encontrar com Derek perto do armário dele, para que possam ir para a cantina juntos.

Ela está apaixonada por ele. Sei disso por causa do modo como age perto dele, nervosa. Posso sentir o coração dela batendo acelerado todas as vezes que ele está perto dela, rápido como o de um beija-flor. E sua voz fica esganiçada. E porque os cadernos dela estão repletos do nome dele, rabiscado muitas e muitas vezes. Ashlin é muito boa em fazer letras arredondadas.

Infelizmente para ela, Derek não sente o mesmo por ela. Ele flerta com ela e lhe segura na mão, e algumas vezes carrega os livros para ela. Mas também sei que Derek escreve recadinhos para outras garotas na escola, a maioria do primeiro e do segundo ano. Recebe um monte de mensagens de outras garotas também, mas ele as deleta imediatamente. Não tinha certeza do porquê, mas, então, um dia vi Ashlin pegar o telefone dele e checá-lo enquanto ele foi buscar uma bebida.

Derek é desonesto. Assim como Reeve.

O que, de certa forma, torna Ashlin e eu almas irmãs.

*Quando uma ligação emocional é forjada com um espírito,
a aparição o revelará no seu estado mais vibrante,
que é indistinguível da condição de vivo.*

Espero no último banheiro, até Ashlin entrar. Ela pega uma toalha de papel e forra a pia, antes de colocar sua bolsa, para ter certeza que não vai se molhar.

Fecho os olhos e me concentro com força. Concentro-me nas inseguranças de Ash, até poder senti-las dentro de mim mesma. São como duas notas, e eu me harmonizo com ela. Isso me lembra da

primeira vez que encontrei Kat e Lillia; foi a mesma coisa. Como se estivéssemos em completa harmonia umas com as outras.

Então, quando abro os olhos, tudo a minha volta parece mais claro. A porcelana branca da privada, o grafite nas paredes do banheiro, a luz entrando pelas janelas foscas.

Estou visível.

Saio do banheiro, e os olhos de Ashlin se movem do seu reflexo no espelho para mim.

— Ah — digo com um sorriso. — Oi, Ashlin.

Ashlin sorri para mim pelo espelho. Percebo que está tentando me situar, tentando lembrar se deveria saber meu nome ou não.

— Oi — responde ela.

Caminho até a pia ao lado dela.

— Você não me conhece, mas estou no comitê do livro do ano. Muitas de nós estávamos comentando no outro dia como a sua foto de veterana é a mais bonita entre todas as das veteranas.

— Muito gentil da sua parte. — Ashlin se vira. — Na verdade eu estava mesmo em dúvida entre aquela foto e outra onde não estou mostrando os dentes quando sorrio. Fiquei indecisa por semanas. Mas Derek disse que a que escolhi deixava meu cabelo mais louro, então.

— É verdade. — Faço menção de ir embora, mas então paro e me viro. Mordo meu dedinho, como se estivesse em dúvida sobre alguma coisa, e então digo: — Sinto muito por Alex. Mas também, Reeve já foi violento antes, então talvez não tenha sido surpresa que ele tenha estourado quando alguém finalmente enfrentou o bullying dele. — Ashlin abre a boca, como se fosse dizer alguma coisa. Porém ela simplesmente acena com a cabeça, então continuo: — Na verdade, é quase exatamente como o que aconteceu entre ele e aquela pobre garota do sétimo ano. Só que menos trágico,

obviamente. — Balanço a cabeça. — Não é à toa que Lillia não queira ficar com alguém assim. Ele tem as mãos sujas de sangue.

— Do que você está falando? — Ela franze o cenho.

Olho para ambos os lados e para trás antes de baixar a voz e responder:

— Reeve fez tanto bullying com uma garota que ela se matou.

— O quê? — Os olhos de Ashlin ficam arregalados.

E então conto todos os detalhes horripilantes. Conto tudo. Ash sacode a cabeça algumas vezes, mas sei que ela está acreditando em mim. Posso sentir.

• • •

Depois de Ashlin sair praticamente correndo do banheiro, passo o resto do dia observando a história se espalhar como fogo na mata. Alguns garotos dizem que se lembram vagamente de ouvir sobre aquela garota. Big Easy. Na igreja, ou na aula de natação. Mas, depois de ouvirem pelo que eu passei, aposto que nenhum deles vai se esquecer de mim.

• • •

Quando chego à casa de Reeve, ele está tendo uma baita discussão com a mãe na cozinha. Ela está segurando o pulso dele dentro de uma vasilha com gelo. Dá para ver que o punho está inchado e machucado em cima dos cortes antigos que ele conseguiu dando socos nas paredes do banheiro.

— Você poderia perder sua inscrição em Graydon. O que vai fazer se não conseguir esse ano preparatório? Nada! Todo o trabalho duro que você e Lillia tiveram terá sido em vão.

— Não vou perder minha admissão.

— Se eles ficarem sabendo que você foi suspenso por três dias, acha que ficarão satisfeitos? — Ela sacode a cabeça. — Fico em dúvida se devo ligar para os Linds e me desculpar pelo seu comportamento...

— Mamãe, pare com isso, certo? Não foi grande coisa.

— É grande coisa, sim. — Ela olha furiosa para ele. — Você teve um ano difícil. Sua lesão, a morte de Rennie, e agora isso. — Ela tira a mão dele da vasilha. Reeve afasta o olhar. Ele não quer ver isso. — Vou ligar para o Dr. Clark. Aposto que ainda tenho o número dele.

— Mamãe! — grita Reeve.

Nesse momento, o pai de Reeve entra na cozinha e procura algo na geladeira.

— Isso de novo, não. Não vou gastar mais duas centenas de dólares para algum intelectual metido tentar nos convencer de que nosso filho está deprimido e é possivelmente suicida. Adolescente entra em briga o tempo todo, exatamente como os garotos do sétimo ano querem escalar o farol e ficam se achando muito audaciosos. — Ele abre uma lata de cerveja, e tanto Reeve como a mãe levantam a cabeça ao ouvir o som.

— Eu o odeio — diz Reeve, quando o pai sai.

— Reeve, por favor, não comece a brigar com seu pai. — A mãe dele coloca um dedo nos lábios. — Ele teve um dia difícil. Você sabe como é quando a temporada de turistas começa e as pessoas voltam para cá exigindo isso ou aquilo dele.

Nesse momento, Reeve se levanta da mesa, tão brusco que a água gelada se espalha pelo chão, e vai embora. A Sra. Tabatsky pega uma toalha e começa a chorar.

As coisas na casa dos Tabatskys estão começando a desmoronar, mas, para mim, estão simplesmente entrando no lugar.

Capítulo 43

KAT

BEM QUE EU QUERIA IR DIRETO PARA A CASA DE LILLIA E DESCOBRIR QUE droga foi essa que aconteceu entre Alex e Reeve, mas esse furo jornalístico vai ter que esperar. Em vez disso, depois da escola vou imediatamente até a Sociedade de Preservação. Entro direto no escritório de Danner. Estou tão brava que chego a tremer.

— Onde está minha carta, Danner?

— Perdão?

— Quero aquela droga de carta de recomendação! — Sento-me em uma cadeira. — Fiz tudo que vocês, riquinhos, me pediram, inclusive pegar sua roupa limpa na lavanderia. Não entende que está arruinando meu futuro?

— Já escrevi a carta, Kat. Eu a mandei pelo correio há algumas semanas. — Ela estreita os olhos. — Disse a eles como você era uma jovem equilibrada, e uma promessa para o futuro.

Oh. Oh, droga.

— Bem, hã, você acha que pode me arranjar uma outra cópia? Tipo, agora?

Danner parece ter vontade de me jogar no olho da rua. Honestamente, eu mereço, pelo modo como acabei de falar com ela.

— Por favor. Se não conseguir essa carta, não vou ser aceita na faculdade. Por favor, não arruíne minha vida por eu ser uma completa idiota.

Danner abre a boca, e então a fecha, e se levanta. Severamente ela diz:

— Deixe-me colocar outra folha de papel timbrado na impressora. Não salvei o original, então não sei se serei capaz de repetir todas as coisas maravilhosas que escrevi sobre você da primeira vez, mas vou tentar escrever algo adequado.

Obrigada, meu bom Deus.

Danner sai da sala, e alguns minutos depois a velha Evelyn entra, arrastando os pés e vestindo uma incrível pantalonada de seda e sapatos de salto gatinho, muito embora seja bem idosa. Adoro Evelyn. O sentimento deve ser mútuo, porque, quando me vê, ela fica tão luminosa quanto seu enorme e chamativo anel de brilhante.

— Ah, Kat, ótimo. Não percebi que você estava trabalhando hoje. — Ela me entrega uma pilha de papéis. — Pode arquivar isso para mim? Não tenho ideia de onde colocá-los.

— Claro, Evelyn. — É o mínimo que posso fazer.

Vou até o armário dos arquivos no corredor e começo a colocar os documentos nos seus devidos lugares. Comunicados de imprensa na pasta de mídia, lances de empreiteiros na pasta de empreendimentos.

Uma procuração? Não faço ideia onde arquivar isso.

É do Greenbriar Sanitarium.

Em face das atuais circunstâncias médicas, Erica Zane recebeu do Estado total autoridade para executar todas as decisões, financeiras e de outras naturezas, relativas à sua irmã, Elizabeth (Bette) Zane.

Por baixo está um documento de transferência de escritura, a casa de Mary. Doadada para a Sociedade de Preservação da Ilha Jar.

Não entendo. Aquela casa deve valer um milhão. É uma das mais antigas da ilha, e um ponto de referência. Imaginei que a família de Mary fosse bem de vida, mas não o bastante para dar uma casa como aquela de graça.

Estou aliviada, é óbvio, porque claramente a tia Bette, ou tia Elizabeth, está recebendo o tratamento de que precisa.

Mas e quanto a Mary?

Existem outros papéis também, grampeados com este. Coloco o resto da pilha de pastas em cima do armário e levo esta de volta para o escritório de Danner. Estou prestes a colocá-la na minha bolsa para mostrar a Lillia, quando Danner entra.

— O que está fazendo?

Merda. Pense rápido.

— Desculpe. Estava arquivando esses documentos, mas pensei ter ouvido meu celular tocar. — Eu me levanto. — Parabéns pela casa Zane. Fico feliz que tenha dado tudo certo.

Danner me olha desconfiada. Ela pega os papéis da minha mão e os substitui por um envelope.

— Boa sorte, Katherine.

Capítulo 44

LILLIA

OS CUPCAKES DE AVEIA DA MILKY MORNING COM COBERTURA DE chocolate são os favoritos de Alex. Assim, comprei seis desses e dois cookies de chocolate. Estou parada ao lado da sua casa da piscina, criando coragem para bater na porta. Sei que ele está em casa. Seu carro está bem ali na frente. Talvez eu devesse simplesmente largar o saco da padaria e ir embora. Ele não vai querer me ver bem agora. É minha culpa ele ter levado um soco na cara.

Coloco o saco no chão, e é quando a porta se abre. Alex está parado ali, segurando um saco de ervilhas congeladas de encontro ao rosto.

— Oi, Lil.

Respiro fundo e digo:

— Alex, sinto muito pelo que aconteceu hoje. Você estava só tentando me ajudar, e acabou levando um soco. Juro que não tive intenção de te envolver em nada.

— Sei disso.

— É mesmo? — Solto o ar. Eu me curvo e pego o saco da Milky Morning e o entrego a ele. — Aqui.

— Obrigado. — Alex o pega e olha dentro.

— De nada. Eu realmente sinto muito, Alex.

— Que diabos aconteceu entre vocês dois? — Ele balança a cabeça. — Não importa. Não é da minha conta. Obrigado por passar por aqui, Lil.

Faço um aceno com a cabeça e corro de volta até meu carro. Enquanto estou dirigindo para casa, tenho que me forçar a não dar meia-volta e ir para a casa de Reeve. Fiquei sabendo que ele foi suspenso por três dias. Sei que também está sofrendo muito agora. Queria tanto estar perto dele para poder consolá-lo.

• • •

Quando chego em casa, Kat está me esperando nos degraus da frente. Droga. Fui capaz de evitá-la na escola hoje, me escondendo na biblioteca, mas agora ela está aqui. Ela dá um salto assim que me aproximo.

— Por que não está atendendo essa droga de telefone?

— Desculpe...

— Não se preocupe. Que foi que aconteceu hoje, cara? Fiquei sabendo que o Tabatsky deu um soco bem no meio da cara do Alex!

— Humm... sim. — Sento nos degraus, e Kat senta ao meu lado. O que devo dizer? Quero lhe contar a verdade, mas tenho medo, por causa de Reeve e também porque, se Mary está deixando Kat fora disso, não há motivo para envolvê-la. É mais seguro para ela não saber. — Reeve e eu estávamos brigando, e Alex interveio, e então Reeve deu um soco nele. — Os olhos de Kat se arregalam e ela abre a boca para fazer outra pergunta, e digo antes que ela possa se pronunciar: — Reeve e eu terminamos.

— Está falando sério? Por quê? Vocês dois são loucos um pelo outro! — Ela fica boquiaberta.

Que motivo posso dar para que ela acredite?

— Ele... ele me traiu.

— Filho da mãe!

— É. — Aceno com a cabeça.

— Com quem ele te traiu? — ela exige saber.

— Uma garota qualquer. Ela... ela não mora na ilha. Eu encontrei algumas mensagens no telefone dele.

— É isso aí. Vou quebrar a cara dele. — Kat começa a se levantar, e eu rapidamente seguro o braço dela e a faço sentar novamente.

— Por favor, não vá até lá, Kat. É tão humilhante. Não quero mais pensar sobre isso.

— Mas ele não pode simplesmente brincar assim com você, Lil...

— Não! Jure para mim que não vai dizer nada a Reeve, Kat. Jure.

— *Tudo bem.* — Kat começa a roer a unha. — Mas você está bem, não está?

— Sim. Quero dizer, estou triste. Mas só quero esquecer que isso aconteceu. — Forço um sorriso. — Seu bronzado está incrível. Você se divertiu no barco de Tim?

— Foi demais. Mas não mude de assunto. Tem certeza que está bem?

— Sim, juro! Eu só não quero mais conversar sobre isso. Este tem sido um péssimo ano. — Meus olhos se enchem de água.

— Tudo bem, tudo bem. Não chore. Vou mudar de assunto. — Kat aperta meu joelho. — Tenho uma coisa maluca para te contar sobre Mary.

Parece que minha respiração para.

— É literalmente uma loucura. A tia de Mary está num hospício!

— O quê?

— Cara, é uma longa história, mas basicamente eu encontrei uma procuração no escritório da Sociedade de Preservação! A mãe de Mary a internou!

— Ah, meu Deus — sussurro.

— É, então o mistério está resolvido. Mary voltou com os pais dela e foi para longe da tia maluca.

— Certo — repito. — Mistério resolvido.

Capítulo 45

KAT

EM VEZ DE IR DIRETO PARA MINHA CASA DEPOIS DE SAIR DA CASA DE Lillia, dirijo até a casa de Mary.

Assim que saio do carro e subo o caminho, quase não consigo acreditar no estado da propriedade. A casa de Mary está apodrecendo rapidamente. Por mais estranho que pareça, ela parece muito pior que da última vez que Lillia e eu viemos aqui procurá-la, que foi há apenas três meses.

A grama do pátio está crescida demais. Tem folhas murchas em todos os lugares, e isso deixa um cheiro de decomposição no gramado de frente. Todas as janelas da casa estão escuras. A caixa de correio na porta da frente está abarrotada, e o excedente de papéis está amontoado numa pilha bagunçada no degrau da frente, encharcada, escura e mole. A maior árvore do pátio deve ter caído durante uma tempestade ou coisa parecida. Não existe mais. Só sobrou um pedaço do tronco, mas os arbustos do perímetro onde ela caiu não estão crescendo de novo. Observo um passarinho voar de um fio de telefone até um buraquinho na ventilação do sótão.

Acho que entendo por que a mãe de Mary quis doar a casa. Não resta muito para salvar.

Parece que aquele antigo Volvo foi rebocado. E no lugar dele a Sociedade de Preservação estacionou duas enormes caçambas de lixo, que estão cheias de coisas da família de Mary. Uma poltrona floral, um sofá, algumas pinturas. Estou procurando alguma foto recente de Mary, mas todas são de quando ela era mais nova, quando eu ainda não a conhecia. Levanto uma velha cortina e

encontro uma pilha enorme de livros por baixo. Livros estranhos com capas de tecido.

O primeiro é intitulado *A Mente Adormecida: O Poder dos Sonhos e da Semiconsciência*.

Caramba, sim, é meu tipo de coisa. Por baixo tem outros, coisas sobre o oculto, espíritos e tudo mais. Alguns não estão nem em inglês. Coisas tipo *Wicca de verdade*, o tipo de livros que você não encontra numa livraria convencional. Aposto que poderia ganhar uma nota no eBay com eles.

Depois de olhar para trás e checar se não há ninguém por perto, retiro uns dois deles da pilha, aqueles que não estão molhados nem estragados. E os coloco na minha caminhonete.

Capítulo 46

MARY

NO SEU PRIMEIRO DIA DE VOLTA DEPOIS DA SUSPENSÃO, REEVE PASSA uma hora se aprontando. A barba bem-feita, gel no cabelo e várias roupas experimentadas antes de se decidir por uma calça jeans, uma camisa polo e um par de óculos estilo avião. Dá para perceber que ele está nervoso, porque aplica o desodorante três vezes. Entendo o porquê. Ninguém ligou para ele desde sua briga com Alex. Nenhum dos seus amigos. Reeve pegou algumas vezes o telefone, provavelmente para ligar para alguém, mas nunca foi até o fim.

Antes de dar marcha à ré para sair da garagem, ele olha no espelho retrovisor da caminhonete e toca as olheiras escuras debaixo dos olhos.

Ele não anda dormindo bem. Tenho cuidado disso.

Quando chegamos ao estacionamento da escola, Reeve liga o som e põe o braço para fora da janela lateral, como se estivesse se divertindo. A temperatura está agradável, e tem muitos garotos parados ao lado da fonte. Ela foi ligada novamente.

Não posso deixar de me lembrar daquele primeiro dia de aula, do confiante e arrogante Reeve ao lado dos seus amigos, sem nenhuma preocupação no mundo.

Reeve tenta aparentar aquela mesma atitude, mas posso ver sua hesitação. Os passos dele são rápidos demais. Ele fica olhando para o lado, esperando que alguém o veja e o cumprimente com um aceno ou com um "e aí!". Mas parece que ele é invisível.

Na verdade, pior. Ninguém quer vê-lo.

Sei disso porque foi assim comigo, depois que Reeve entrou na Montessori. E aposto que ele sente a mudança tão rápido quanto eu. É um cara esperto.

Derek e PJ estão jogando um frisbee um para o outro no gramado. Reeve os vê, se aproxima e rouba a jogada no ar.

— Precisamos tirar vantagem desse tempo bom e fazer uma última partida. Talvez depois da escola? — Reeve atira para trás o frisbee para se juntar ao jogo, mas, em vez de estenderem a mão, tanto Derek quanto PJ se aproximam dele com seriedade.

— Olha, sei o que vocês vão dizer. E vocês estão certos — diz Reeve, levantando as duas mãos. — Eu contra Lind nunca seria uma luta justa. Mas...

— Ei, cara, é verdade o que estão dizendo?

O sorriso de Reeve não vacila.

— Do que estão falando? — pergunta ele alegremente. Derek e PJ trocam um olhar estranho. Nenhum deles quer contar. — O quê? — Reeve pergunta de novo, embora desta vez sua voz tenha mudado. Está mais baixa. Apavorada.

• • •

Reeve caminha até a sala de aula com a cabeça baixa. Abre imediatamente seu caderno e começa a escrever um recado para Lillia. Faz vários rascunhos o dia todo. Às vezes em tom defensivo, alguns em tom de desculpa, outros desconexos. Está tão distraído que seus professores têm que dizer o nome dele duas ou três vezes antes de ele prestar atenção.

São as únicas pessoas que falam com ele.

Quando o sinal da última aula toca, ele dá um pulo da cadeira, dobra seu recado e corre até o armário de Lillia. Ela não aparece.

Quando voltamos para casa, Reeve nem mesmo liga o rádio.

— Você entende agora? — pergunto a ele. — Percebe o que está acontecendo?

Ele não me responde, é claro, e não preciso que o faça. Sei que compreende.

Reeve entra pela cozinha como um touro. A mãe tenta perguntar como foi seu dia, mas Reeve não responde. Em vez disso ele abre a geladeira, pega um fardo de seis cervejas e o leva para seu quarto. Ele bebe todas.

Antes de eu ir embora, enquanto Reeve está no banheiro fazendo xixi, pego o canivete na gaveta de cima da sua cômoda. Com toda a força que posso reunir, cravo a lâmina na madeira.

Ele sai do banheiro ao ouvir o barulho. Meu presente para ele, tremendo, a lâmina meio enterrada na madeira.

Ele se aproxima e tenta arrancar o canivete. Mas está enfiado bem fundo, e ele tem que se esforçar para tirá-lo dali. Ele esfrega o dedo sobre a madeira estilhaçada, o rasgo no alto da cômoda.

— Tommy? Cara, que diabo é isso? — Sua voz soa arrastada pela bebida. Posso sentir seu coração disparar ao dizer isso.

Tommy não responde.

Reeve revira o canivete na própria mão, examinando-o. Ao fazer isso, eu me inclino perto da sua orelha e sussurro:

— Quanto antes fizer isso, mais rápido vai terminar seu sofrimento. Porque não vou parar até você partir, Reeve. Isso eu prometo.

Capítulo 47

KAT

SENTO COM FORÇA NA CADEIRA AO LADO DE ASHLIN, E QUERIA TER a droga da minha câmara comigo, porque a cara que ela faz é clássica.

— O que está fazendo aqui?

— Oi, Ash. — Olho ao meu redor, fingindo estar confusa. Alex acabou de passar pelas portas e entrar na biblioteca, com PJ e Lillia bem atrás dele. Ouço Derek gritando com alguém no corredor. — Ah, merda. Espere um pouco. É algum tipo de reunião que vai acontecer aqui agora?

— Sim — responde Ash. — É o comitê do baile de formatura... — Ela dá uma pancadinha no meu braço. — Kat!

— O quê? — Dou uma risada. — Você me disse que não tinha direito de reclamar, a menos que eu aparecesse nas reuniões, então...

Ash balança a cabeça. Derek e PJ tocam a minha mão para dizer oi, enquanto se ajeitam nas suas cadeiras. Tem sido desse jeito desde as férias de primavera. Somos amigos.

Lillia me dá um sorriso, mas então abaixa o olhar quando Ash se inclina sobre ela para conversar com Derek, como se ela nem estivesse ali. Aquelas duas ainda não se acertaram, eu acho.

Jogamos conversa fora por alguns minutos, até Alex pigarrear e perguntar:

— Alguém sabe se Reeve está vindo? — Todos dão de ombros, e evitam olhar uns para os outros.

Lillia mantém os olhos baixos, limpando invisíveis migalhas de pão do tampo da mesa. Nenhum de nós tem a mínima ideia de quem descobriu sobre o que Reeve fez com Mary. Eu disse para muitos fofoqueiros que a garota não morreu realmente, mas isso não ajudou nada a mudar o rumo dos boatos. Fofoca tem vida própria, e as pessoas acreditam no que quiserem. Isso está afetando Reeve mais do que ele possa transparecer. Sinto pena do cara, mas o que mais posso fazer? Ele chutou mesmo o pau da barraca. O que não entendo é quem contou esse segredo. Com certeza não foi Lillia. E, mesmo se Alex soubesse, ele não faria aquilo.

— Hã, acho que ele não está na escola hoje. Ou, se estiver, ele faltou na nossa prova de inglês — diz Derek, finalmente.

Alex se vira na cadeira para poder ver o relógio na parede.

— Tudo bem. Bom, melhor a gente começar. — Alex abre a reunião usando sua lata de refrigerante vazia como um martelo de juiz. — Que esta reunião do comitê de formatura da Ilha Jar comece oficialmente. Parece que temos alguém novo conosco hoje. Gostaria de se apresentar?

Lillia dá risadas, e eu reviro os olhos. Alex é tão brega às vezes.

— Cala a boca, Alex. Olhe. Basicamente estou aqui porque acho que é uma ideia estúpida fazer o baile de formatura numa droga de clube lá longe, em Boston. Acho que deveríamos fazê-lo aqui, na Ilha Jar, como fazemos todos os anos.

— Duvido que a gente vá conseguir arrumar um novo local. — PJ dá de ombros. — Já está tudo ficando lotado de turistas novamente. Esse tipo de coisa tem que ser reservado um ano antes.

— Bem, então ninguém vai aparecer. — Cruzo os braços.

— Detesto ter de dizer isso, mas talvez Kat esteja certa. Ninguém está comprando ingressos porque não podem pagar. — Ash solta um suspiro.

— Mesmo que a gente encontre outro lugar, não temos nenhum fundo para pagar a reserva. — diz Lillia. — Vamos perder nosso

depósito no clube, isso é certeza. Eles nos fizeram assinar um contrato e pagar adiantado.

— E quanto a nossa quadra? — PJ sugere. — Aposto que a escola deixaria a gente usá-la.

Ninguém diz nada. Nem eu, na verdade, porque um baile de formatura na nossa horrível quadra esportiva parece uma furada.

Lillia, diplomática como sempre, pigarreia.

— Claro. Acho que podemos pedir aos faxineiros para limparem os tapetes e acenderem umas velas perfumadas para acabar com o mau cheiro.

— Ah, meu Deus, esse vai ser o baile de mais baixo custo na história da nossa escola. Ainda pior que aquela vez que eles fizeram o baile no salão de festas daquela casa de repouso há alguns anos. Lembra que tinha cheiro de remédio? Estou pensando se eles já alugaram o salão este ano... — Ashlin geme.

— Que tal a sua casa? — Olho para Alex do outro lado da mesa.

— Hã? — Ele bufa. — Minha casa é grande, mas não podemos colocar a classe inteira de veteranos lá dentro.

— Então vamos alugar um grande toldo e colocar no pátio do fundo. A festa de casamento do seu tio não foi lá?

— Terceiro casamento. Sim. E ele convidou um bando de gente. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Isso pode funcionar. Minha mãe adora fazer uma festa. Ela estava falando sobre me dar uma grande festa de formatura. Talvez, em vez disso, ela pudesse fazer esse baile.

— Tudo bem, legal! — digo. — Mas vamos ter que começar a planejar aceleradamente para que tudo fique pronto. Vou tomar a dianteira. — Abro meu caderno e começo a delegar tarefas e montar subcomitês e toda aquela parafernália pelos próximos trinta minutos, sem parar, e todos acenam com a cabeça, aceitando totalmente minha liderança.

Algumas semanas atrás, eu planejava me formar sem nem participar do baile de formatura, e agora estou praticamente conduzindo o show.

O sinal toca, e nós vamos embora. Ash derruba sua bolsinha de maquiagem a caminho da porta, e Lillia a pega e corre até ela. Ash a pega e diz obrigada em voz baixa, mas não exatamente de um jeito afetuoso.

Se aprendi alguma coisa este ano, é que a vida é tremendamente curta. Já desperdicei muito tempo sendo irritada e amarga. Queria poder voltar atrás no tempo e dizer milhares de coisas para Rennie. É tarde demais para isso, mas não tarde demais para Ash e Lillia.

Capítulo 48

LILLIA

KAT ME MANDA UMA MENSAGEM SOBRE UMA REUNIÃO DE EMERGÊNCIA DO comitê de formatura na casa de Ash, às sete horas. Faz sentido. Temos muito o que fazer. Já é abril.

Então, depois do jantar, vou de carro até a casa de Ash. Devo ser a primeira a chegar, porque não há outros carros na entrada da garagem. A empregada deles, Sheila, me deixa entrar, e vou direto para o quarto de Ashlin. A porta está fechada, por isso eu bato. Ela não responde, então enfio a cabeça pela porta. Ela está dormindo sob as cobertas. Ashlin sempre gostou de tirar uma soneca depois das aulas.

— Ash? — Pigarreio.

— Lil? — Ashlin se mexe e vira na cama.

— Desculpe por te acordar. Alguém já chegou? — Fico parada na porta, sem jeito.

Com sono, Ash se senta. Ela está usando uma das suas enormes camisetas de líder de torcida e calcinhas de bolinhas rosa e verdes. Seus cabelos finos e loiros parecem penas de galinha nas costas. Ela parece tão... Ash. Não tinha percebido o quanto sentia falta dela, até este momento. Ela checa seu telefone.

— Do que está falando?

— A reunião de emergência. — É quando percebo que só pode ser armação de Kat. Ela está tentando reaproximar Ash e a mim. Não acredito. Dou um passo para dentro e me acomodo na beirada da

cama dela. — Desculpe. Acho que não entendi direito o recado da Kat.

Bocejando, Ash me olha.

— Então é verdade que você e Reeve terminaram tudo?

— A coisa toda foi um erro desde o começo. — Aceno que sim.

— Não te culpo por terminar com ele. Você pensa que conhece alguém... quero dizer, humilhar tanto uma garota a ponto de ela se matar? — Ash sacode a cabeça.

— Eu sei — digo baixinho. — Quem te contou?

— Uma garota do livro do ano. Ela estudou com ele na Montessori.

— Qual o nome dela? — Meu coração está batendo alucinado.

— Não me lembro. Ela é loira. Bonitinha. Voz suave.

Um arrepio percorre minha espinha, como um teclado de piano. É Mary. Tem que ser.

Ash continua, enrolando o cabelo em volta dos dedos.

— Quando Reeve se transferiu da Montessori para cá, ele parecia muito bem, como se nada tivesse acontecido. A gente nunca imaginaria que uma menina tivesse morrido por causa dele.

— Ele era jovem — digo, com voz fraca. — E acho que isso o afetou mais do que a gente possa imaginar. Ele simplesmente não deixou ninguém perceber.

— É verdade. É como ele lida com os problemas, não é? Não lidando. — Ela encosta novamente nos travesseiros. — Quando Ren morreu, acho que não o vi chorar nenhuma vez, e ele a conhecia há mais tempo que todo mundo. Ele simplesmente tranca tudo dentro de si. Tipo, acho que ficar com você foi seu modo de não lidar com a dor.

— Nós nunca deveríamos ter ficado juntos, para começo de conversa. — Dizer isso em voz alta me dá vontade de chorar, mas

sei que é verdade.

— Não sei. Eu ainda penso que o que aconteceu foi uma traição com Ren. Tipo, não importa como, mas foi uma droga o que vocês fizeram. Mas acho que nós duas sabemos que Reeve nunca enxergou Rennie desse jeito. Eles nunca teriam ficado juntos. E ele sempre teve uma queda por você, e Ren sabia disso.

— Não, não tinha. Ele me detestava.

— Pode ser, mas no primeiro ano ele disse a Derek que você era a garota mais gata da nossa classe, e ele queria dar em cima de você.
— Ashlin coça o pescoço. — Vocês sempre tiveram uma relação de amor e ódio. Tenho pensado bastante sobre isso. Penso se não foi a morte de Rennie que finalmente os aproximou.

— O que quer dizer com isso? — Mantenho essa ideia na mente por um segundo.

Lentamente ela diz:

— Bem... não sei. Isto é, vocês a conheciam mais que eu. Então talvez tenha sido natural que vocês se aproximassem quando ela morreu. Talvez por isso tenha sido tão intenso e louco.

Esse pensamento nunca me ocorreu. Porque Reeve e eu começamos a sentir algo um pelo outro antes de Rennie morrer. Mas agora estou começando a imaginar se as coisas entre nós ficariam tão sérias, caso Rennie não tivesse morrido. Nós dois estávamos sentindo a dor da perda da nossa amiga, e depois todo mundo ficou nos evitando, e só tínhamos um ao outro. Éramos nós contra o mundo. Não sabia que Ash tinha esse lado tão perceptivo. Mas ela está sendo coerente.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Sinto sua falta. Sei que estraguei tudo. Mas, Ash, o colegial está quase acabando, e não quero ir embora e deixar as coisas assim, com você me odiando.

— Eu não *odeio* você. — Ash baixa o olhar para o edredom.

— Não?

— Não. Também senti sua falta — admite ela. — As férias de primavera não foram a mesma coisa sem você e Reeve. Kat foi tão irritante. Tipo, tudo bem, a gente entende, você é durona. Pode parar de andar pelo barco de camiseta regata e com um charuto pendurado na boca. Mas me diverti com aquela garota, Brianna.

Enxugo os olhos com as costas do braço, e Ash me oferece a ponta do seu edredom.

— Kat é muito legal, depois que você a conhece — respondo. — A aparência de durona é só uma fachada. — E então digo: — Desculpe por não ter contado sobre Reeve e eu. Não queria guardar segredo de você. As coisas simplesmente ficaram muito complicadas.

Ash meneia a cabeça, concordando.

— Quer comer uns nachos no Greasy Spoon? — pergunta. E assim, simplesmente, nossa briga e esta conversa terminaram. É típico dela. E fico grata por isso.

Capítulo 49

MARY

APAREÇO NA ENTRADA DA OFICINA DA ESCOLA E FIXO OS OLHOS EM REEVE. Ele está na lateral da sala, sozinho, sentado num banquinho na frente da serra de mesa, os ombros curvados, olhando fixo para a pilha de serragem no chão perto dos pés. Seu projeto, uma gaiola, está completo apenas pela metade. Faltam o teto e o poleiro.

— Reeve!

Ele lentamente ergue a cabeça e olha para seu professor de carpintaria, o Sr. Werther. Todos os outros na classe terminaram suas gaiolas. Os projetos estão alinhados na mesa do Sr. Werther, e ele está examinando todos e dando notas a cada um.

— O quê? — responde Reeve com a voz rouca, sem levantar o olhar.

— Você ainda tem vinte minutos antes de receber um zero.

— Como se eu me importasse com uma porra de gaiola — Reeve sacode a cabeça e diz em tom de zombaria, em voz baixa. Então ele pisa no pedal, ligando a serra.

Os alunos se entreolham e murmuram. O Sr. Werther parece momentaneamente surpreso que um de seus alunos possa ser tão grosseiro. Ele grita mais alto que o barulho da serra:

— São dez pontos a menos por operar a serra sem os óculos protetores.

— Maravilha — diz Reeve, impassível.

Ele aperta o pé com mais força no pedal, e a lâmina gira tão rápido que se torna uma mancha prateada e levanta os cabelos da testa dele.

Dou uma voltinha e me aproximo dos ouvidos de Reeve.

— Você merece tudo o que está acontecendo, Reeve. Cada coisa ruim — digo em uma voz cantarolada. Sei que ele pode me ouvir. — Você não é uma pessoa boa. E agora nada de bom vai chegar até você. Vou garantir isso.

Reeve fecha os olhos. Ele me ouve. Sei que sim.

— Você é um assassino. — Caminho pela mesa, até estar diretamente na frente da serra elétrica, passo a língua nos lábios e digo: — Você me matou. Tem sangue nas suas mãos.

Reeve arregala os olhos. Posso ver os cabelos da nuca dele se erguerem, arrepiados.

— Foi por isso que Lillia te largou, Reeve. — Sorrio e digo um pouco mais alto: — Ela viu como você é de verdade. Ela sabe que você é um monstro. E ela nunca poderia amar alguém assim.

Reeve respira fundo, como se estivesse tentando tirar minha voz da cabeça.

— Assassino. Assassino. Assassino. — Saio pulando pela sala toda.

Reeve aperta com mais força o pedal, e a lâmina chia mais alto. Mas não tão alto como eu. Fico pulando, provocando-o. Posso fazer isso eternamente.

Reeve se aproxima do alto da lâmina da serra giratória, para pegar seu pedaço de madeira. As mãos dele estão tremendo. Ele tenta alinhar um corte, mas não consegue se concentrar. Não consigo gritando. Ele fecha os olhos com força.

E de repente o Sr. Werther se aproxima depressa. Tento impedi-lo, mas ele passa diretamente por mim, segura Reeve pela camisa e o afasta da serra.

— Que diabo pensa que está fazendo? — grita o Sr. Werther.

— Estou construindo a porcaria dessa gaiola! — Reeve grita em resposta, mas está claramente abalado. Ele afasta o Sr. Werther. Ao fazer isso, o braço de Reeve balança e ele bate numa das serras atrás dele.

— Merda! — grita ele, e puxa a mão para junto de si. Cortou o dedo, não muito fundo, mas deixou um rasgo vermelho bem escuro. Juro que posso senti-lo. O calor do seu sangue.

Foi o bastante para o professor.

— Esqueça a gaiola. Você tirou uma nota negativa por não seguir as precauções de segurança. Você está praticamente dormindo! Agora dá o fora daqui e vai para a enfermaria.

Reeve pega sua gaiola e sangra por cima da madeira. Ao sair da oficina, ele a joga na lata de lixo.

Posso ouvir os outros garotos sussurrando enquanto ele sai pisando forte pelo corredor. Sei que Reeve os escuta também. Ele empurra uma das portas de metal e vai em direção ao estacionamento.

— Vai chorar? — pergunto a ele. — Vá em frente e chore, então. Chore até seus olhos explodirem. Mas isso não vai mudar nada.

Reeve se endireita, e é quase como se estivesse me escutando. Vai até sua caminhonete e entra. Mas não vira a chave na ignição. Simplesmente fica sentado ali. Então, baixa a cabeça sobre o volante e chora, exatamente como eu o mandei fazer.

• • •

Mais tarde, naquela noite, estou lá quando Reeve cai no sono. Assim que ele o faz, estou no seu sonho.

É sempre uma surpresa onde me encontro quando entro ali. Às vezes é uma lembrança de Lillia, às vezes são Alex e ele nos bons tempos. Esta noite ele está se desculpando com Alex. Os dois estão

na casa da piscina de Alex, jogando videogame. Reeve pega um refrigerante e diz:

— Me arrependo, cara. Eu realmente me arrependo. E eu sei que você sempre a amou. Mas eu também.

Então ele levanta o olhar e me vê lá. Está apavorado.

— Por favor.

Seguro a mão dele, e estamos no alto do farol. Não sou Mary. Sou Big Easy. E Reeve é um aluno do sétimo ano. Estou sentada no cume, apenas alguns centímetros acima de onde Reeve está, na passarela circulando a parte da torre que tem a lâmpada.

Eu o trago aqui, todas as noites, e digo a ele que não vale a pena viver. Que tudo que ele ama se acabou. Repito essas frases como um roteiro, como uma peça que estou ensaiando.

Algum dia ele vai me ouvir. E então fará o que é certo, o que ele deveria ter feito desde a primeira vez que veio aqui. Ele vai pular.

Capítulo 50

LILLIA

O BANQUETE DOS ESPORTES SUPOSTAMENTE SERIA UMA NOITE PARA todos nós, mas especialmente para Reeve. Ele era a estrela. Assim como Rennie era.

Não achei que ele fosse aparecer. Tinha certeza de que não viria. Eu esperava que não viesse, porque todas as vezes que o vejo fico triste. Mas lá está ele, sentado na ponta da mesa do banquete, com a camisa amassada por fora da calça, bebendo uma garrafa de água. Não importa o que esteja dentro, sei que não é água. Reeve está bêbado. E tenho a horrível sensação de que algo muito ruim está prestes a acontecer.

Estou do outro lado da mesa do banquete, entre Alex e Ash. Alex e eu estamos combinando as cores das roupas por acaso — estou com um vestido de seda rosa pálido, e ele com uma gravata rosa. Quando nos vimos, demos risada.

As garotas da equipe júnior presenteiam as veteranas, nós, tradicionalmente com rosas. A treinadora Christy apresenta uma placa em homenagem a Rennie, e todas as meninas da equipe choram. Eu também.

— Não consigo acreditar que tudo está prestes a acabar — sussurra Ash para mim, enxugando as lágrimas.

— Nem eu — sussurro em resposta.

— Eu só queria...

Aperto a mão dela por cima da mesa.

— Eu sei. — Ela não precisa dizer nada, porque eu queria a mesma coisa. Que Rennie estivesse aqui.

Alguns dos jogadores de futebol se levantam e fazem discursos, e todo mundo aplaude. Quando chamam Reeve como JMI — Jogador Mais Importante, ele não se levanta, e meu estômago se contorce num nó. Ele age como se não estivesse ouvindo. Derek tem que puxá-lo e empurrá-lo até o palco. Ah, Reeve. Estou apavorada que ele vá tropeçar e cair da escada, mas isso não acontece. Ele aceita o troféu e, ao ir embora, resmunga:

— Isso é uma baboseira. — E o microfone pega. Ainda bem que os pais dele não estão aqui. Aposto que ele nem mesmo contou nada a eles.

Depois dos prêmios e discursos, todo mundo vai para a fila do bufê. Como é tradição, as mães da Associação de Pais e Mestres fizeram lasanha. Alex se oferece para pegar nossas lasanhas, mas digo a ele que não estou com fome. Vou para o balcão de bebidas pegar nossos drinques. Estou servindo duas limonadas, quando sinto um toque no ombro. Viro-me e olho. É Reeve.

— E aí, garota. — A voz dele se arrasta na palavra “garota”. — Ahhh, você e Lindy estão tão bonitinhos esta noite. — Ele aponta com a mão para o meu vestido. — Vocês dois combinaram as cores para todo mundo saber que são um casal?

— Nós não somos um casal. — A resposta sai rápida e defensiva, mas mal posso olhá-lo nos olhos. Não porque não seja verdade. É que dói demais.

— Arrã, sei. — Ele pega uma das minhas limonadas e toma um gole.

— Desculpe, não tem álcool aí — digo.

Ele remexe a sobrancelha para mim.

— Você está determinada hoje. Isso é bom. Gosto de te ver determinada.

— Você está sendo muito agressivo. Se vai agir desse jeito, não deveria nem estar aqui. Você poderia ser expulso! — digo, tremendo. Sirvo-me de outra limonada e me viro para ter certeza de

que meus pais não estão vendo isso. Felizmente eles estão envolvidos numa conversa com a mãe de Ash.

Reeve estende a mão e me impede de ir.

— Então sou uma merda e Lind é o seu cavaleiro de armadura brilhante. Isso já havia sido preestabelecido. E sabe o que mais, você pode ir embora para Boston com o garoto, pode usar a porra de jaqueta da universidade dele, pode até mesmo se casar com ele e ter perfeitos bebês mestiços. Mas você nunca vai amá-lo. — Os olhos dele mergulharam nos meus. — Não como me ama.

Meu corpo fica quente, e então frio, e então quente de novo. Abro a boca, mas estou sem palavras.

E então Alex aparece ao meu lado, ladeado por Derek e PJ. Alex diz para os amigos:

— Vamos tirá-lo daqui antes que os professores o vejam.

— Você tem medo de que, se deixar Cho sozinha comigo por um segundo, ela vá voltar correndo para mim? — Reeve joga a cabeça para trás e dá uma risada exultante. — Alex, cara, você deve ter muita coragem.

— Vamos embora — diz Derek, tentando empurrar Reeve em direção à porta. — A lasanha está horrível.

— Me larga — protesta Reeve, afastando Derek. As pessoas estão começando a olhar. Professores. Pais.

— Por favor, levem-no para fora daqui, meninos — peço desesperadamente.

— Vamos lá, cara. Vamos sair um pouco — diz PJ e joga o braço em volta de Reeve.

Eles o estão forçando para a porta quando Reeve se vira e grita:

— Você sabe que estou certo, Cho.

Volto a sentar à mesa, e não levanto o olhar quando ele grita meu nome novamente. As pessoas estão olhando para nós, murmurando,

e eu ignoro. Alex senta ao meu lado, e começo a cortar a lasanha, mas minhas mãos tremem tanto que não consigo. Sabia que Reeve ficaria chateado com o rompimento, mas isso é bem pior do que eu poderia ter imaginado.

— Lil.

— Hum?

— Está tudo bem?

— Claro. — Quero correr para fora e ficar com Reeve, mas não posso. Mary pode estar aqui, pode estar nos observando. Tenho que fazer a minha parte.

— Sim, também estou preocupado com ele. — Alex suspira pesadamente. — Ele teve um ano péssimo, isso é certeza.

— Eu sei. — Por minha causa. Não digo as palavras em voz alta, mas a culpa deve estar expressa no meu rosto, porque Alex diz:

— Não faça isso. Não se culpe. Isso já deveria ter acontecido há muito tempo. Reeve tem seus demônios, Lil. Não há nada que você possa fazer por ele. Ele tem que enfrentá-los sozinho.

Capítulo 51

KAT

DESÇO PARA O ANDAR DE BAIXO E BATO EM PAT COM MEU MOLETOM. Ele está deitado no sofá de cuecas, olhos fechados, dormindo, enquanto papai assiste a um programa de pescaria na tevê, sentado na sua poltrona reclinável.

— Onde está meu carregador, seu inútil? Meu telefone tá sem carga.

— Mesa da cozinha. Mas ninguém vai te ligar. — Pat se revira e geme.

Troco meu telefone pelo de Pat no balcão da cozinha. Ao fazer isso vejo um envelope de Oberlin enfiado no meio de uma das revistas de corrida de Pat. Assim que o vejo, meu coração explode. Corro de volta para a sala, gritando:

— Há quanto tempo isto está aqui? — Não é um envelope enorme, mas não é pequeno, também.

— O quê? Kat, o quê? — Pat se levanta imediatamente. O lado esquerdo da boca dele brilha com a saliva que escorreu.

— Por que não me disse que recebi uma carta de Oberlin? — Está datada de 31 de março, mas agora estamos praticamente no meio de abril.

— O quê? Eu te contei. — Pat esfrega os olhos com força.

— Não, não contou! — grito.

— Kat, relaxe. É provavelmente alguma informação sobre o alojamento. — Papai aumenta o volume.

Ooops. Esqueci o fato de que nunca contei a Pat e a meu pai que ainda não havia sido aceita em Oberlin.

— Deixa para lá — digo. Volto para a cozinha e sento à mesa com o envelope.

Fecho os olhos com força, tentando apagar tudo da mente, enquanto deslizo o dedo ao longo da dobra do envelope. Mas não vejo escuridão. Vejo minha mãe.

Prezada Katherine,

Oberlin está honrada em receber você...

Entrei. Estou dentro, porra.

Caminho de volta para a sala para me desculpar com Pat. Fui uma cretina. Mas ele está dormindo novamente, e o papai está cochilando.

É assim que será no ano que vem. Os dois aqui, sem mim.

Começo a chorar. Passei anos sonhando com o momento de dar o fora desta ilha, mas não sei se realmente entendi o preço que terei de pagar para fazer isso. O que vou fazer sem esses dois?

• • •

Estou aqui fora passeando com Shep pela floresta cheia de pinheiros, quando ouço um som que parece uma música alta. Eu o sigo e encontro a caminhonete de Reeve estacionada numa clareira. Não tem nenhuma estrada até este ponto da floresta, apenas uma trilha de terra para bicicletas. Ele está sacudindo a cabeça para a frente e para trás, as janelas fechadas, a música do rádio detonando. Leva uma garrafa à boca.

Pobre coitado. Beber de dia não é um bom sinal. Beber de dia sozinho na floresta é um sinal muito, muito ruim.

Eu me aproximo lentamente. Não quero causar nenhum ataque de coração no garoto. Corto o caminho pela diagonal através do bosque, para ele poder me ver pelo para-brisa.

E é quando vejo Mary, sentada no banco do passageiro ao lado dele. A cabeça dela está virada, e ela o observa como se fosse um leão faminto e ele um pedaço sangrento de carne.

Que diabo é isso?

Shep começa a ficar enlouquecido. O cachorro é tão velho que mal tem energia para balançar o próprio rabo, mas repentinamente ele está me puxando para a frente com tanta força que tenho que usar as duas mãos para segurar sua coleira. Permito que ele me puxe em direção à caminhonete. Mais alto que os seus latidos, grito o nome de Mary.

Reeve continua de olhos fechados. Não acho que ele consiga me ouvir, por causa do volume da música. Mas Mary me escuta. Ela vira a cabeça de repente e nossos olhos se encontram. Estou perto da caminhonete agora, com a mão na maçaneta da porta. E, assim que a abro, ela desaparece!

Juro por Deus, ela simplesmente desaparece!

Shep dá mais um latido. Então ele se acalma e senta aos meus pés.

Os olhos de Reeve se abrem, assustados. Ele rapidamente desliga o rádio.

— Jesussss, Kat!

Olho para ele. Ele não acabou de ver Mary sentada ao lado dele?

— Que é isso? Que diabo está acontecendo? — Olho a minha volta e para trás.

— Nada. Só estava tentando ficar sozinho.

Sozinho?

Mas Mary...

Será que eu estava sonhando? Tenho tido tantos sonhos estranhos com ela ultimamente.

Reeve abre uma nova cerveja, a leva até os lábios e a bebe em cerca de quatro goladas.

— Reeve. — Caramba. O que está acontecendo aqui? Shep está alvoroçado, farejando tudo em volta e rosnando. Deixo-o entrar na caminhonete, subo e tranco a porta. — Eu... preciso conversar com você.

— Cara, só quero beber. Não quero conversar. — Reeve me olha amargurado.

— Você tem que parar com isso. Quero dizer, preste atenção. Você está se destruindo!

Imagino que ele vá me acusar de estar sendo dramática, mas em vez disso ele diz:

— Não tem mais nada para destruir. Está tudo acabado. — Reeve joga a garrafa vazia na mata, e ela se espatifa numa árvore. Ele abre outra garrafa, se vira para mim e diz amargamente: — Tudo graças a Alex. Ele está obcecado por ela. Por isso que ele me dedurou.

Reeve ergue a garrafa até os lábios, mas desta vez seguro o braço dele e o impeço.

— Por trair Lillia?

Reeve me olha.

— O quê? Eu nunca traí Lillia. Você está maluca? Ele é quem contou a todo mundo o que aconteceu no sétimo ano. — Ele levanta o olhar, esperando que eu diga alguma coisa. — Sei que você ouviu dizer como eu fiz bullying com aquela garota até que ela se matasse, então não finja que não sabe do que estou falando.

— Quem se importa com o que esses idiotas dizem? — Sinto meu coração batendo forte. — Rennie contou mentiras sobre mim durante anos, lembra? Sim, foi uma sujeira o que você fez, mas não é como se a garota tivesse morrido. Foi uma *tentativa* de suicídio.

— Ela realmente morreu.

— Não, não morreu.

— Não sei por que está discutindo isso comigo, Kat! — Reeve dá um soco no volante da caminhonete. — Estou te dizendo que ela morreu, certo! Ela morreu, droga, porque eu fui um idiota! Não posso culpar todo mundo na escola por pensar que sou um merda, porque claramente eu sou.

Mal posso respirar.

— Qual o nome dessa garota?

— Elizabeth Zane. — Ele engasga nas palavras. — Eu costumava chamá-la de Big Easy. — Ele me olha e pisca algumas vezes, enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. — Entendeu? Big *E-Z*. Não sou esperto pra caralho?

— Como ela era? — Caramba. Não é possível. De jeito nenhum.

— Loira. Grande.

Parece Mary antes de perder peso. E ela tinha dito que Reeve a chamava de Big Easy.

— Tem certeza que ela morreu? — murmuro. — Isto é, tem certeza, cem por cento de certeza?

Reeve me olha como se eu tivesse enlouquecido.

Talvez eu esteja louca. Mary está... morta?

Não. Quer dizer, isso é impossível.

Mas então me lembro dos livros sobre ocultismo que peguei da casa de Mary. Muitos deles estavam com orelhas nas páginas que falavam sobre comunicação com os espíritos, espíritos que pensam ainda estar vivos.

Não consigo enxergar, não consigo ouvir, não consigo respirar. Toco a maçaneta da porta e saio cambaleando da caminhonete.

— Espere, aonde você vai? — pergunta Reeve.

— Eu...eu... eu preciso de uma carona. E você está bêbado demais para me levar. — Dou a volta até o lado de Reeve e o empurro para fora do banco do motorista.

— O quê? Caramba, cara.

Ele ainda tem algumas cervejas sobrando na caminhonete. Jogo todas fora e digo:

— Só fique calado e desmaie.

Só existe uma pessoa que pode me dizer, com certeza, que diabos está acontecendo com Mary. Pego o celular e procuro indicações de como chegar ao Greenbriar Sanitarium.

Capítulo 52

LILLIA

— VOCÊ ACHA QUE ACERTAMOS NA ESCOLHA DESSA FONTE? — PERGUNTO. Estou na casa de Alex, montando num cavalete a foto de Rennie que mandamos aumentar. Peguei a foto na loja de fotocópias e a trouxe imediatamente para a gente ver como ficou. É a sua foto de veterana, e no alto está escrito *Rennie Holtz, Rainha do Baile In Memoriam* numa fonte edwardiana com jeito de escrita à mão.

— Deveríamos ter escolhido uma fonte mais limpa, tipo, minimalista?

Alex levanta o olhar da sua tarefa de desembaraçar as luzes pisca-pisca. A mãe dele tinha um monte delas que sobraram do casamento do tio Tim, e os caras do comitê do baile de formatura vão pendurá-las em volta do pátio amanhã de manhã.

— Não. Rennie sempre gostou de ostentação. Essa fonte chique foi a escolha certa.

— Espero que sim — digo. Ser a Rainha do Baile era o sonho de Rennie. Quero fazer tudo certo. Afinal de contas, o *homecoming* deveria ter sido dela.

— Não se preocupe, está ótimo — Alex diz. — É exatamente assim que ela iria querer. — Como sempre, suas palavras têm o poder de me acalmar. O que é uma façanha hoje em dia. Detesto estar na escola, ver Reeve desmoronar. Morro de ansiedade imaginando que ele vá dizer ou fazer alguma coisa da qual não possa voltar atrás. Dar algum tipo de escândalo, como o que fez no banquete dos esportes.

Ultimamente as coisas estão bem entre nós. Quase como nos velhos tempos. Sei que não preciso dizer nada, mas deixo escapar:

— Este ano foi uma loucura, mas por uma coisa fico grata, o fato de você e eu sermos amigos novamente. Eu realmente senti sua falta, Lindy. — Alex parece surpreso. Antes que ele possa dizer alguma coisa, continuo: — Espere. Sei que não tenho sido uma boa amiga. Não dei valor à sua amizade e deixei você acreditar que eu estava interessada, porque gostava do jeito que você me fazia me sentir. Você me fazia me sentir... tão especial... E eu não queria que isso acabasse. Mas foi errado. E sinto muito por isso, Alex. Me desculpe. — Seguro a respiração, aguardando a resposta dele.

— É muito importante ouvir você dizer isso.

— Estou sendo sincera.

— Então, desculpas aceitas.

— Só isso? — Olho para ele.

— Sim. Está tudo bem, Lil. Isto é, nós somos amigos há muito tempo. Isso conta para alguma coisa. Pelo menos para mim.

— Para mim, também. — Eu me aproximo e lhe dou o abraço mais apertado que consigo. Então Alex volta para as luzinhas cintilantes e eu digo repentinamente. — Ei, o que acha de irmos juntos para o baile? Eu não tenho um par, e você sabe que as nossas mães vão ficar em cima de nós dois para tirarmos fotos juntos. Você nem precisa me comprar um buquê! — Alex demora tanto para responder que eu acrescento: — Como amigos, é claro.

Finalmente ele diz:

— Como amigos. Claro. Mas não se preocupe, apesar disso vou te comprar um buquê.

Fico radiante. Já me sinto mais leve.

— Então vou te comprar uma flor para a lapela.

Capítulo 53

KAT

CERCA DE UMA HORA DEPOIS, ATRAVESSE OS PORTÕES DE FERRO FORJADO. O lugar é uma enorme mansão de tijolinhos de outra época, com os jardins lindamente bem cuidados. Poderia ser um spa, se não fosse pelas grades nas janelas.

Reeve desmaiou bem antes de a gente entrar na balsa e está roncando desde então, com Shep no colo. Estaciono num dos espaços de visitantes e caminho rapidamente até a porta da frente.

— Posso ajudar?

— Sim. Estou aqui para ver minha tia. O nome dela é Bette Zane.

— Você quer dizer Elizabeth Zane?

— Hã, sim. Desculpe.

Assino como Mary Zane, e então me apontam um longo corredor. Preciso de todo o meu autocontrole para não sair correndo o mais rápido possível.

Por mais lindo e moderno que este lugar pareça do lado de fora, por dentro é exatamente como um hospital. Paredes brancas, máquinas que bipam, estéril.

O corredor termina numa grande sala com teto de vidro. Pode ter sido uma estufa, ou alguma outra coisa no passado, e é ensolarada. Agora é uma sala de recreação, e os pacientes aqui estão silenciosamente fazendo suas tarefas — alguns assistem à televisão num canto, outro monta um quebra-cabeças, três jogam cartas. Uma senhora está simplesmente olhando para o nada como se

estivesse catatônica, mas então ela me pega olhando para ela, e me encara furiosa.

Vejo duas enfermeiras que empurram um carrinho de remédios me olharem desconfiadas e cochicharem entre si. Provavelmente estão pensando: se estou aqui para ver alguém, por que estou olhando tudo em volta, estudando o lugar? Merda.

E então, à minha direita, vejo uma mulher pintando num cavalete.

Uma pintura de farol.

É exatamente como aquela da casa de Mary. Só que borrada. Desfocada. Corro até o lado dela.

— Hã, com licença. Elizabeth? — Ela nem mesmo pisca. Coloco uma mão no braço dela. — Bette?

Ela se vira e me olha, confusa. Não de um jeito *Oh! Nossa, não estava esperando visita!* Mas sim de um jeito *Estou dopada com tantos remédios que não consigo enxergar direito.* Sabe-se lá se ela vai poder me dizer o que preciso saber.

O cabelo dela é quase todo grisalho, e as pontas estão desfiadas, queimadas, mortas, como se ela não tivesse um corte de cabelo decente há muito tempo. Anos, eu aposto. Ela é magra, com uma aparência quase doentia. Está usando calças de moletom e um blusão duas vezes maior que o seu tamanho. Tem a mesma pele pálida que Mary, e o mesmo narizinho.

— Desculpe te incomodar, mas posso te fazer algumas perguntas?
— Isso é tudo que digo, porque não sei se deveria chamá-la de Mary ou Elizabeth ou Big Easy. Ela volta a olhar para a tela e bate o pincel nela.

— Espero que possa me contar o que aconteceu com a sua sobrinha.

Um choque de pânico percorre o corpo dela. O pincel se vira de cabeça para baixo e cai no chão, fazendo uma mancha vermelha. Tia Bette me agarra e tenta desesperadamente focar os olhos em mim.

— Por quê? O que aconteceu com Mary? Ela feriu alguém?

Eu me encolho e tento soltar meu braço das suas garras, mas ela não permite.

— Não. Não sei. — Assustada, começo a olhar a minha volta em busca de ajuda. Que diabos eu estava pensando para vir a uma droga de sanatório para doentes mentais? Eles não trancam as pessoas aqui a troco de nada!

— Ela está aqui por causa daquele garoto. Ela não vai deixá-lo em paz. Ela nunca o deixará livre. — Os cabelos se arrepiam na minha nuca. Reeve. — Mas você também a viu?

— Sim... eu... Nós somos amigas.

Antes que eu perceba, tia Bette está me arrastando para fora da sala, os dedos ossudos enfiados na minha pele.

— Você tem que contar a ele! Minha irmã, ela fez todos acreditarem que eu estava louca! Ela não acreditou que Mary tinha voltado dos mortos! — Ela está fazendo tanto barulho que todos se voltam para olhar.

— Mary está mesmo morta? — Meus joelhos ficam frouxos.

Mas, antes de tia Bette me responder, uma voz chama meu nome:

— Kat! Kat, que diabo é isso? Quanto tempo vai me fazer esperar lá fora?

Tia Bette gira a cabeça. Ela demora um segundo para me soltar e se joga em cima de Reeve, rosnando como um animal selvagem. Antes que ela possa alcançá-lo, várias pessoas a seguram. Ela não está sendo muito coerente. Está espumando pela boca. E Reeve, ele está branco como um fantasma.

Agarro a mão dele, e juntos voltamos correndo pelo corredor.

— Que diabo foi isso? — Ele ainda está bêbado. Dá para perceber.

— Problemas de família — respondo, ofegante.



Depois de deixar Reeve na porta da casa dele, volto com Shep para casa, entro no meu carro e vou direto para o cemitério da Ilha Jar. Está anoitecendo, e o porteiro vai trancar os portões em breve, mas faço zigue-zagues pelas fileiras de túmulos até encontrá-lo. O obelisco da família Zane.

Eu me agacho e toco a fria pedra de mármore.

ELIZABETH MARY DONOVAN ZANE

Olho em volta. Ela está aqui agora, me observando?

Pego meu telefone, tiro uma foto do túmulo e a mando para Lillia com uma mensagem.

Estarei na frente da sua casa em dez minutos.

Capítulo 54

MARY

ESTOU NO QUARTO DE REEVE QUANDO ELE CHEGA CAMBALEANDO EM CASA. Espio por trás da cortina quando Kat estaciona a caminhonete dele na entrada da garagem, o ajuda a subir os degraus e então sai correndo rua abaixo com seu cão.

Ela sabe meu segredo. Não pretendia que ela me visse. Mesmo que tenha sido só por um segundo, isso me fez sentir... nua. Exposta.

Mas não importa.

Reeve entra e cai desmaiado na cama. Coloco a mão na testa dele, entro no seu sonho.

Ele já está no farol. Está ali, prestes a saltar.

Vejo isso, e então levanto a mão. Deixo que ele tenha um pesadelo por sua própria conta. E, quando acordar, é quando vai acontecer. Posso sentir isso.

Capítulo 55

LILLIA

ESTAMOS TODOS NA CASA DE ALEX ASSISTINDO A UM FILME — Ash, Derek, PJ e a caloura que ele está namorando. Temos passado bastante tempo juntos, ultimamente. Acho que nenhum de nós quer se arriscar a encontrar Reeve em algum lugar público. Todos o estamos evitando. Alex caiu no sono uns trinta minutos depois de o filme ter começado, com a cabeça nos meus ombros. Tenho tentado ficar o mais quieta possível.

Meu telefone vibra com uma mensagem de Kat. Talvez possa convencê-la a vir para cá. É um filme de ação que PJ escolheu, e não é do tipo que ela precise ver o começo para poder entender o resto. Eu vejo a imagem e sinto o coração parar.

Respondo imediatamente: *Estarei na frente da casa de Alex.*

Afasto-me de Alex. Ao fazer isso, ele abre os olhos e sorri para mim.

— Aonde você vai?

— Vou em casa para fazer pipoca — sussurro e afofo uma almofada para colocar debaixo da cabeça dele.

— Humm. Pipoca. — Alex fecha os olhos e imediatamente cai no sono de novo.

— Faça o bastante para todo mundo! — Derek grita.

Agarro minha bolsa e as chaves do carro, e saio porta afora.

Estou na calçada quando Kat encosta.

— Entre. — Ela olha de relance a sua volta. — Não temos muito tempo.

Tem uma pilha de livros antigos no banco do passageiro. Entro e coloco os livros no meu colo.

— Eu a vi, Lillia. Ela estava dentro da caminhonete de Reeve... assombrando-o. E então ela simplesmente desapareceu, porra. — Kat engole em seco. — Você não rompeu com Reeve porque ele te traiu, não é? Mary te obrigou a fazer isso. Exatamente como antes. — Minha boca está seca. Quero contar a ela, mas tenho medo. — O segredo acabou, Lil. E ela sabe que eu sei!

Por um segundo penso em negar, mesmo agora, apesar de tudo o que Kat sabe. Isso mostra o quanto tenho medo de Mary, do que ela é capaz de fazer. Mas então olho para Kat, e nem mesmo tento.

— Sinto muito. Pensei que seria mais seguro para você se a deixasse fora disso. E... não poderia me arriscar a deixar que outra pessoa descobrisse, não com a vida de Reeve em risco.

— Ainda está em risco. Eu vi Mary dentro da caminhonete dele hoje, basicamente torturando-o, tentando entrar na mente dele. Chamei o nome dela, e ela desapareceu na mesma hora.

— Reeve podia vê-la? — Respiro com dificuldade.

— Não. Mas acho que ele podia senti-la perto dele. Ou ouvir a voz dela. Não tenho certeza, mas ela com certeza o está influenciando. Pense no modo louco como ele está agindo ultimamente, bebendo o dia todo, sem dormir. — Kat revira seu bolso à procura de cigarros, mas não encontra nenhum. — Depois disso fui até o hospital onde a tia Bette está internada. Cara, foi uma loucura. Ela ficou me perguntando se Mary tinha ferido alguém. Reeve estava no carro, porque ele tinha caído no sono e eu não tive tempo de levá-lo para casa. Ele entrou lá, procurando por mim, e ela ficou ensandecida.

— Deus, estamos realmente falando sobre isso? Que fantasmas existem? — Sinto meus lábios tremerem.

— Não sei. Quero dizer, sim. Isso é uma loucura, mas... — Kat passa os dedos pelos cabelos. — Como é aquele ditado? Assim que você elimina o impossível, não importa o que sobrou, não importa quão improvável seja, deve ser a verdade. Então, deve ser verdade.

— Por que nós podemos vê-la?

— Estive pensando sobre isso, sobre o primeiro dia em que a vimos. Ela veio em busca de vingança, certo? E você e eu queríamos vingança também, então talvez seja essa a conexão. Talvez ela precisasse da gente para ajudá-la a terminar o que quer que fosse que ela pretendia fazer. Não importa o que seja, tem a ver com Reeve. — Kat solta um longo suspiro. — Agora que nós duas conhecemos o segredo dela, não acho que temos muito tempo de sobra.

Meu corpo todo começa a tremer.

— Tem algum modo de convencer Reeve a ir embora da Ilha Jar e nunca mais voltar? Não posso lhe dizer a verdade, porque Mary vai matá-lo, com certeza.

— Matar? Ela disse "matar"? — Faço que sim, e Kat sacode a cabeça. — Isso parece doideira. Nós a conhecemos de verdade? Ela era tão meiga. Ela era como uma garotinha. Não consigo acreditar nisso. — Kat segura um dos livros do meu colo. — Encontrei isto na caçamba de lixo do lado de fora da casa de Mary. A tia dela usou estes livros nela. Eles têm feitiços. Magias de proteção.

Limpo os olhos com a manga. Kat folheia o livro até a página que está procurando. Nas margens há notas escritas a lápis.

— *Raiz de ponta de flecha vendida na Nature's Bounty em Canobie Bluffs.*

— *Primeiro feitiço, experimentado em 1º de outubro, durou três dias.*

— *Segundo feitiço, 7º de outubro (pó de gengibre duplicado), durou 5 dias.*

— *Pesquisar possíveis diluentes da raiva?*

Kat pega outro livro, depois morde os dedos de uma mão, enquanto com a outra folheia o livro. De repente ela para numa página e joga o livro nas minhas mãos.

— Olhe isso! É um feitiço vinculante. Podíamos usá-lo para vincular Mary à casa dela!

— Mas e se ela não estiver lá? — Arrasto o dedo pela página. — Espere. Tudo bem. Aqui diz que ela não precisa estar lá, desde que o espírito tenha uma conexão emocional com o lugar. — Balanço a cabeça. — Isso é loucura. Quero dizer, você realmente acredita que isso possa funcionar?

— Tem que dar certo. É nossa única chance.

Ouçõ uma batida na minha janela. É Alex. Ele faz um movimento para eu abaixar o vidro.

— Oi, Kat! Entre.

— Não posso — ela diz. — Desculpe. — Com os olhos presos nos meus, ela diz: — Preciso correr até a loja e pegar algumas coisas para o jantar. Olha, Lil, te mando uma mensagem mais tarde, para ver se você ainda está por aí *hoje à noite*.

— Ótimo — respondo, com todo o falso entusiasmo que consigo demonstrar. — Te vejo mais tarde.

Capítulo 56

KAT

LER E DIRIGIR AO MESMO TEMPO É UMA COISA PERIGOSA, MAS UM MALDITO fantasma também é, então não tenho escolha. Vou até a loja de alimentos naturais, o mais rápido possível, e começo a pegar qualquer porcaria que vejo. Encontrei alguns outros feitiços nos livros, para proteção. Temos que tomar todas as precauções.

A primeira coisa que faço é correr para casa e desenhar com um giz um perímetro em volta da minha casa. Pego Shep e o jogo no meu carro, porque ele se mostrou um bom cão de guarda, pelo menos no que diz respeito a Mary. Pensando bem, percebo que ele sempre latiu como um louco quando Mary estava por perto.

Então vou até a casa de Reeve. Felizmente, está bem escuro lá fora, então nenhum dos vizinhos pode me ver fazendo um contorno em volta da casa dele. Incluo até mesmo a garagem, só por garantia. Trabalho com rapidez, e alguma vez penso ouvir um barulho, e dou um pulo, mas é só o vento. Espero.

Com Reeve, quero fazer um extra. Sinto que preciso fortificar o quarto dele também.

A Sra. Tabatsky leva um susto quando me vê parada nos degraus da sua casa.

— Kat! — Ela me puxa para um abraço. — O que está fazendo aqui, querida?

— Oi, senhora T. Estou aqui para ver Reeve. Ele está em casa? — Estou falando tão rápido que as palavras se embaralham.

— Sim, sim. Entre. — Ela me puxa para dentro e me dá um tapinha no traseiro. — Pode subir. Vou levar um lanchinho para vocês.

— Obrigada, senhora T. — Subo os degraus acarpetados, dois de cada vez, a mochila de livros batendo nos meus ombros. Parece tão familiar. Até a casa dele tem o mesmo cheiro, tipo pot-pourri e carne de panela.

Estou indo em direção à escada do sótão, quando uma mão se aproxima e segura meu pulso. É Tommy Tabatsky, de shorts de basquete e sem camisa. Seu corpo parece bem em forma também. Penso que todos os Tabatskys já nasceram com a barriga tanquinho. A última vez que o vi, ele estava se agarrando com uma vagabunda qualquer no Greasy Spoon.

— O que está fazendo na minha casa, DeBrassio? Veio aqui só para me ver?

— Tommy, não tenho tempo para isso. — Eu o afasto, como se ele fosse um inseto. Viro-me para ir embora, e Tommy diz:

— Sabe, estou morando sozinho agora. Você poderia aparecer lá qualquer dia. — Ele me dá uma piscada, e eu o afasto, e ele dá uma risada. — A mesma Kat de sempre.

A porta de Reeve está entreaberta, então eu simplesmente entro. Ele está na cama com o computador no colo, sem camisa. Será que ele e os irmãos nunca usam camisa?

— Que inferno! — ele grita. Dá um pulo e agarra uma camiseta.

— Bela cueca — comento, fechando a porta depois de entrar. Caminho até a escrivaninha e começo abrindo as gavetas.

— Pare de fuçar nas minhas coisas! O que está fazendo aqui, afinal de contas? Você me deixou em casa há horas.

Acho uma garrafa de vodca quase vazia e uma garrafa de uísque na gaveta de baixo.

— Você está com uma aparência horrível. Precisa comer alguma coisa, dormir um pouco.

— Então vai embora para eu poder dormir. — Ele coloca um travesseiro sobre a cabeça.

— Já vou, então cale a boca! — Enquanto corro pelo quarto, quase tropeço numa garrafa vazia de uísque. Eu a pego e mostro a ele. — Que isso, virou um alcoólatra, agora? Está tentando se matar de tanto beber?

— Isso não é da sua conta. — Reeve se levanta e tira a garrafa da minha mão. Os olhos dele estão sem brilho, não há luz dentro deles. Parece... desesperançado. Sabe-se lá há quanto tempo Mary o tem torturado, mas isso claramente está custando caro a ele.

— Sua mãe disse que vai nos preparar um lanchinho. Vai lá embaixo pegá-lo.

— Deus, como você é mandona — Reeve resmunga. Mas vai.

Assim que ele sai pela porta, abro minha mochila e pego o sal marinho. Reeve tem duas janelas, então eu despejo uma fileira de sal ao longo de cada uma e faço o mesmo na soleira da porta. A seguir, pego o maço de sálvia, acendo-o com meu isqueiro e começo a espalhar a fumaça. Espero estar fazendo tudo certo.

Estou manchando todo o espaço em volta da cama dele, quando Reeve volta com uma bandeja.

— Por favor, não queime seu incenso de gótica aqui — diz ele, colocando a bandeja na cama. — Me dá dor de cabeça.

— Não é incenso. É sálvia. Estou limpando as energias negativas, seu macaco ignorante. — E, dizendo isso, saio correndo porta afora.

— Ei! Minha mãe acabou de te preparar um lanche!



Vou rangendo os pneus o caminho todo até White Haven. Ligo para Lil, e ela atende ao primeiro toque.

— Kat. Por que está demorando tanto?

— Encontrei um feitiço que supostamente protege nossas casas. Fiz na minha casa, dei uma paradinha e fiz na casa de Reeve. Podemos fazer na sua antes de sairmos.

— Graças a Deus!

— Tem mais uma coisa. Para fazer o mais poderoso feitiço de vinculação, precisamos sacrificar algo que seja precioso para nós duas, tipo assim, uma oferenda. Acho que temos que fazer isso. Não sabemos quão forte Mary é, e não vou fazer isso uma segunda vez.

— Assim, tipo, o colar de pérolas que meu pai me deu na minha festa de dezesseis anos?

— Não, sua boba! Ninguém tá ligando para o seu colar de pérolas. Nem você se importa com ele.

— O que você trouxe?

— Minha carta de aceitação para Oberlin.

— Kat! Não! — Ela perde o fôlego.

— Mary sabe o quanto eu quero ir para lá. Eu desisto disso por ela.

— Bem, você não precisa da carta, afinal de contas. Ainda assim você pode ir.

— É o que a carta representa. Não vou para Oberlin. — Caramba, dói dizer isso em voz alta.

— Mas você não se inscreveu em nenhuma outra faculdade! Isso significa que ficará presa aqui por mais seis meses, pelo menos.

— Vou pensar em alguma coisa. Não podemos falhar, Lil. Quem sabe até onde Mary pode ir com isso! Traga alguma coisa boa. Estarei aí em cinco minutos!

Capítulo 57

LILLIA

ABRO A CAIXA DE JOIAS QUE ESTÁ NA MINHA CÔMODA E PEGO O COLAR que Reeve me deu. Seguro-o na palma da mão. Não consegui devolver a ele depois que nós terminamos.

Nunca serei capaz de separar Reeve da morte da Rennie, nem de Mary, nem de todo o resto. Não houve um momento no nosso relacionamento que não tenha sido carregado de segredos e mentiras e sofrimento. E quanto mais me apegar a ele, mais serei perseguida pelas dúvidas e pelo que poderia ter sido. É tarde demais para isso. Não temos um futuro juntos. Mas, se fizer isso, se o libertar para sempre, ele terá.

• • •

Depois de Kat se assegurar de que minha casa esteja protegida, vamos para a casa de Mary. Kat me explica o plano, e então seguimos em silêncio. Apavoradas demais para conversar.

Para me acalmar, estendo o braço para o banco de trás e faço um carinho em Shep. Ele está vindo junto como proteção. Kat descobriu que os animais percebem os fantasmas, então ele será nosso vigia. Quando ela disse isso, entendi o que deve ter acontecido aquele dia nos estábulos com Phantom. Mary devia estar lá.

Ela poderia ter me matado.

Ainda tenho dificuldade em acreditar que Mary, minha amiga Mary, seria capaz de me ferir. Mas não posso pensar assim. Ela se

transformou em algo diferente. Não é a garota que conheci no primeiro dia de aula.

Estacionamos o carro e deixo Shep saltar do banco de trás. Ele fareja a grama à nossa volta, depois senta e tenta me dar a pata.

— Bom sinal — Kat diz. Ela se vira para olhar a casa. — Vamos em frente. Vamos acabar logo com isso.

Tem que funcionar. Precisamos contê-la. Com o baile daqui a duas semanas, não posso evitar a sensação de que Mary está apenas sendo discreta, esperando para dar o grande golpe. Como no baile de *homecoming*, só que muito, muito pior. E se as pessoas ficarem feridas por nossa causa? Não poderia suportar isso.

Tenho que me forçar a me mover, colocar um pé na frente do outro e caminhar em direção a essa casa velha e dilapidada, em vez de sair correndo dali. Ao subir os degraus da frente com Shep nos nossos calcanhares, Kat graceja:

— Deus, preciso de um cigarrinho. Deixar de fumar no meio da droga de um exorcismo foi uma grande burrada da minha parte. — A mão dela treme enquanto gira a maçaneta da porta da frente. — Aí vamos nós.

Entramos, e a casa está escura e vazia. E gelada, o que parece impossível para o mês de maio. Que pena não ter trazido uma jaqueta.

— O frio é mencionado em algum dos livros? — sussurro.

— Não sei. Não tive tempo de ler tudo — murmura Kat em resposta.

Shep fareja em volta. Eu ligo a lanterna do meu celular e o levanto para a gente poder enxergar. Ficamos grudadas uma na outra, dando pequenos passos. Então ouvimos algo ranger, e ambas damos um gritinho. Era apenas Shep tropeçando numa tábuia solta. Agarro o braço dela com mais força.

— Lil, vou para o andar de cima e fazer o...

— Shh! — Formo as palavras com os lábios: — *Mary pode estar aqui.*

Kat faz um aceno com a cabeça e vasculha sua mochila de livros. Ela retira o pacote de sal. Já está quase vazio, e tenho uma sensação horrível de que não teremos o bastante. A seguir, um rolo de corda. Ela ergue o olhar em direção à escadaria, e eu faço o sinal positivo com o dedão.

Então, começamos. Vamos de porta em porta na casa, começando no segundo andar, envolvendo cada maçaneta seis vezes com um cordão, depois colocando uma linha de sal na frente de cada soleira.

Quando chegamos ao quarto de Mary, a porta está aberta e o quarto está na mais completa escuridão.

Se Mary já estiver ali, será que vai aparecer e conversar conosco? Serei capaz de vê-la como sempre?

Repentinamente sinto arrepios percorrerem minha espinha. Alguém está aqui. Observando-me. Posso sentir. O feitiço está funcionando. Ele a trouxe para casa.

— Lil — Kat sibila. Ela está com seu pedaço de cordão pronto. Estico o braço, passo a mão pela maçaneta da porta e começo lentamente a fechá-la. Shep começa a rosar, baixo e longo, e eu congelo. — Continue!

Fecho-a rapidamente, e Kat enrola o fio enquanto joga o sal no chão.

Kat me olha e sorri.

E então a porta do quarto começa a tremer e balançar, como se alguém do lado de dentro estivesse tentando arrancá-la das dobradiças. Shep avança, rangendo os dentes, os pelos das costas eriçados.

— Oh, meu Deus!

— Vamos!

Cada porta que passamos começa a fazer a mesma coisa, como se houvesse um espírito por trás de cada uma. Ou talvez Mary esteja simplesmente em todos os lugares.

Kat desce as escadas, e eu a sigo, jogando sal sobre cada degrau. Kat está com um dos livros aberto na mão e começa a entoar um cântico. Mal posso ouvir o que ela está dizendo. Shep está latindo alucinadamente agora, fundo e grosso, como se fosse um pit bull. As portas do andar de cima parecem que vão ser arrombadas a qualquer segundo.

A temperatura está ainda mais fria do que antes, como se estivéssemos em pleno inverno. Nossa respiração forma pequenas nuvens brancas.

Kat pega sua carta de aceitação em Oberlin.

— Me dá a sua coisa! — grita ela. Tiro o colar do bolso e o coloco na mão dela.

Observo pequenas rachaduras começarem a se formar ao longo das paredes. Parecem teias de aranha. Pedacos de gesso se quebram e caem no chão. Mary está nas paredes, no teto. As tábuas do assoalho começam a se levantar e a se partir uma a uma, como palitos de dentes.

Kat pega seu isqueiro e coloca fogo no canto da carta, e a coisa toda se consome em chamas.

Juro que vejo alguém passar atrás de mim, da sala de estar para a cozinha. Shep se solta da coleira na mão de Kat.

— Shep! Shep!

Kat dá uma investida para segurar a coleira dele, mas ela escorrega pelas suas mãos. O cachorro avança alguns passos para longe de nós quando o chão se estilhaça violentamente. Uma tábua se rompe pela metade e rasga sua barriga, como uma espada de madeira. Ele dá um grito repugnante, e o som me arreventa por dentro.

Ah, não. Não. Kat cai de joelhos e solta um gemido. Ela o levanta nos braços e soluça.

— Sheppy. Sheppy. Eu sinto muito.

— Kat, temos que sair daqui. — Vou até ela. As lágrimas cegam meus olhos.

Ela está chorando tanto que não consegue se levantar. Os soluços sacodem o corpo, enchem a casa toda. São tudo o que consigo ouvir. Puxo-a pelo braço.

— Kat, por favor — grito. — Temos que ir embora. — Ela permite que eu a levante. Erguemos juntas o corpo de Shep e corremos para a porta.

Kat está com meu colar pendurado na mão. Eu o agarro, penduro-o na maçaneta da porta da frente e fecho a porta.

E, de repente, tudo fica silencioso.

Corremos o máximo que podemos até o carro de Kat. Colocamos Shep no banco de trás, e Kat senta lá com ele, a cabeça curvada perto dele, as lágrimas caindo no seu pelo. Ela está com sangue na camisa, sangue nos braços. E eu também.

Entro no banco do motorista e saio apressada da entrada da casa. Olho para cima e vejo Mary na janela, sem expressão, dopada. Encurralada.

Capítulo 58

KAT

NOS PRÓXIMOS DOIS DIAS FICO POSTADA NA CASA DE REEVE. SÓ PARA TER certeza de que Mary não descobre um jeito de escapar e chegar perto dele. Também, é mais fácil dormir aqui que na minha casa, onde Shep deveria estar tentando subir na minha cama e ficar comigo a noite toda. Ele podia estar velho pra diabo, mas morreu como um campeão, me protegendo. Meu pobre cachorrinho.

Transfiro minha aflição por Shep para Reeve, e praticamente dou ordens a ele como uma maluca. O quarto dele está nojento. Faço-o jogar fora a bebida, tomar um banho. Coisas básicas. Na primeira noite depois que Mary ficou trancafiada em casa, ele dormiu como um bebê. Um bebê enorme que ronca. As coisas na escola também ficaram mais fáceis para ele. Ele ganha um descanso quando dois calouros ficam chapados na hora do almoço e vão nadar nus na fonte, e isso se torna o grande assunto do momento.

A mãe de Reeve tem lágrimas nos olhos quando me agradece por cuidar do seu Reeve. Deus. Quase começo a chorar também, já que estou supersensível desde que Shep morreu. Tive que inventar umas baboseiras para Pat e meu pai sobre ele ter sido atropelado na estrada.

Eu realmente passo na frente da casa de Mary uma vez, para ter certeza de que o feitiço funcionou. Assim que meu carro estaciona ao longo da calçada, ela corre até a janela do quarto e coloca a palma das mãos no vidro. Isso me assusta pra diabo, e saio dali queimando os pneus.

A pior parte para mim, de verdade, é voltar à vida normal, fingindo que não sei o que sei ser verdade. Relembro cada minuto desde o momento em que conheci Mary, procurando pistas. Existem muitas, e os livros me ajudam a entender por que as pessoas puderam vê-la no Halloween, mas ainda não sei se algum dia teria descoberto tudo sozinha. E, já que isso aconteceu, a única coisa a fazer, realmente, é tentar esquecer.

Lil e eu basicamente temos um novo pacto silencioso. Não conversamos sobre Mary nenhuma vez desde aquela noite. É mais fácil desse jeito.

Na escola Lil me pergunta se já comprei um vestido para o baile, e digo a ela que já tenho alguma coisa, e ela me olha meio em dúvida.

— Me manda uma foto — ela pede.

Então, quando chego em casa, visto o único vestido meio sofisticado que possuo, um vestido preto de bandagem sem alças. Por que não percebi, quando o comprei há um ano, que ele me deixava com cara de prostituta?

Agora estou imaginando se não deveria simplesmente usar calças pretas, uma camisa clássica e uma gravata-borboleta, e ir à festa com um look andrógino formal. Tenho certeza que já vi as atrizes mais descoladas usarem smokings em festas de entrega de prêmios.

Mas acabo ficando parecida com um garçom. Assim, coloco o vestido de volta e penso que usarei um blazer por cima.

Mando uma selfie para Lillia, e ela me responde: HUM, NÃO. *Vem pra cá agora.* Digo que não, obrigada, mas caramba, aquela garota pode ser bem convincente quando quer.

Portanto, é por isso que estou sentada na cama de Lil, usando apenas meu sutiã e leggings, roendo as unhas enquanto ela se demora vasculhando seu gigantesco closet. Lá de dentro, Lillia grita:

— Feche os olhos, Kat. Vou te apresentar duas opções diferentes, mas igualmente deslumbrantes. Não importa por qual se sinta atraída, será a escolha certa. É só seguir seu instinto.

— Lil, acho que ele não é muito apurado. — Reviro os olhos. Lillia sai do closet segurando dois vestidos. Um deles é um frente única longo de seda azul-esverdeada, drapeado na frente e com um decote bem cavado nas costas; o outro é um vestido cocktail curto, de corpete amarelo-canário que estreita na cintura e termina acima do joelho. Solto um assovio baixo. — Caraca. Por que você tem tanta coisa chique?

— Este aqui foi para o casamento formal de um amigo da família, e, hum... este aqui é um que eu simplesmente tinha.

Pego o longo. Ainda está com as etiquetas. Seiscentos e noventa e cinco dólares, de uma loja chamada C'est La! Puta merda.

— Não posso usar isto. É caro demais. Vou ficar com medo de derrubar alguma coisa em cima. Me dê aquele outro.

— O amarelo foi ainda mais caro — Lillia comenta.

— Bem, não quero vestir um que você não tenha usado ainda.

— Não se preocupe com isso. De qual deles você gosta mais? — Ela afasta minha mão.

— Não sei! — De repente me sinto insegura. — E se ficar parecendo que estou tentando ser alguém que não sou?

Lil segura o vestido azul-esverdeado perto do meu rosto, depois o amarelo.

— Você ficaria um arraso em qualquer um destes... mas o azul realça seus olhos e é mais adulto. Acho que deveria usar este. Experimente.

Deslizo o vestido sobre o sutiã e as leggings, e Lillia me ajuda com o zíper. Ela amarra a frente única num laço no meu pescoço, e as pontas flutuam pelas minhas costas como bandeirolas.

Fico em pé em frente do espelho de corpo inteiro, e Lillia e eu encaramos meu reflexo.

— Está perfeito — ela sussurra. Prende meu cabelo no alto, afastado do meu rosto. — Você deveria usar o cabelo preso assim.

Acho que ainda dá tempo de marcar uma hora no Cut. Provavelmente vai conseguir só um horário muito cedo, mas isso é melhor que nada. Também tenho os sapatos perfeitos para esse vestido. Camurça, tiras cruzadas com uma plataforma escondida. — Ela prende os próprios cabelos num rabo de cavalo. — Que tamanho você usa mesmo?

— Trinta e oito.

— Droga. Por que você tem os pés tão grandes?

Olho furiosa para ela, que dá risadinhas. Em seguida, grita:

— Mãe! Preciso da sua ajuda!

A Sra. Cho aparece na porta do quarto de Lillia um minuto depois. Sem fôlego, ela diz:

— Lilli, você quase me mata de susto. Não grite assim. — Logo ela me vê parada em frente ao espelho, e seu rosto se ilumina. — Ah, Kat! Você está maravilhosa!

— Ela vai usar isso no baile de formatura — informa Lil.

— Pensei que você... — diz a Sra. Cho, confusa.

— Ela pode pegar emprestado um par de sapatos seus, mãe?

— Espere. Sra. Cho, não preciso... — interrompo.

— Tenho o sapato certo — diz a Sra. Cho, acenando com a cabeça. Ela desaparece no corredor e volta com uma caixa de sapatos vermelha. Valentino. Putz.

Eles são cinza-chumbo, cravejados, com o bico pontudo. Superchiques. Novinhos em folha. Tenho certeza de que esses sapatos valem mais que meu carro. São incrivelmente maravilhosos.

Lillia faz biquinho ao vê-los.

— Eu morreria por esses sapatos. Deus, queria ter pés grandes como vocês duas.

— Tamanho 38 não é grande! — A Sra. Cho e eu reclamamos ao mesmo tempo.

Fecho as tiras do sapato. De repente, estou dez centímetros mais alta, e até o vestido cai diferente em mim.

— E se eu estragá-los? Sra. Cho, não tem um par de sapatos mais barato para me emprestar? Tipo do Aldo ou da Nine West?

— Querida, você foi feita para usar esses sapatos com esse vestido. Sem discussão. — A Sra. Cho sorri para mim.

— Só me promete que não vai fumar com meu vestido — diz Lil, quando sua mãe sai para me pegar uma bolsa.

— Prometo. Tenho sido muito bem comportada, ultimamente.

Lillia me olha como se não acreditasse em mim.

— Fumar te deixa com ruguinhas em volta da boca, sabia disso? Além do que, sinto dizer isso, mas faz suas roupas ficarem fedendo.

— Pare com esses sermões, Lillia! — Dou um gemido.

Por mais cerimoniosa que seja, ela diz:

— Tudo bem, mas, por favor, só não fume com o meu vestido, é tudo que peço.

Reviro os olhos.

Ficamos discutindo, várias e várias vezes, como arrumar meu cabelo e que cor de batom usar, quando percebo Nadia parada do lado de fora da porta do quarto de Lillia, com os braços cruzados. Ela me faz lembrar de quando era criança e ficava espiando Lil, Rennie e a mim. Nossos olhos se encontram.

— Essa cor de batom não fica bem nela. É brilhante demais. Deveria ser um pouco mais escura. Mais intensa. Um tom vinho — sugere ela.

— Não sei se tenho alguma coisa tão escura — diz Lillia, surpresa.

— Eu tenho — Nadia responde, com um suspiro de má vontade.

— Obrigada, lindinha. — Dou uma piscada para ela.

Ela me dá um sorrisinho e sai para procurar o batom. Lil cai na cama e diz:

— Estou triste que o colegial esteja acabando. Parece que você e eu apenas acabamos de nos reencontrar, mas já vamos ter que dizer adeus.

— Lil, nós temos o verão inteiro pela frente! Vamos fazer com que ele seja incrível, certo?

Lillia acena a cabeça, meio chorosa. Sento ao lado dela na cama, e num instante estamos nos abraçando e chorando. Por causa de Rennie, por causa de Mary, por causa de tudo.

Capítulo 59

LILLIA

— APROXIMEM-SE MAIS, VOCÊS DOIS — INSISTE CELESTE ENQUANTO o pai de Alex aciona sua sofisticada câmera. Ela está ao lado dele, direcionando cada foto. Estamos do lado de fora, perto da piscina, e meus pais estão sentados numa espreguiçadeira, bebendo champanhe e sorrindo carinhosamente para nós.

Já tiramos fotos sozinhos, com nossos pais, com os pais um do outro, praticamente toda pose que se possa imaginar, todas a pedido de Celeste. Do jeito que ela age, parece até o dia do nosso casamento. Ela fez o pai dele tirar cinquenta fotos de Alex colocando a flor com uma fita no meu pulso. É um tipo de lírio. Exatamente igual ao da sua lapela.

Estou usando a pulseira Hermés branca que Alex me deu. Mostrei para ele assim que passei pela porta. Ele começou a elogiar meu vestido, mas fiquei segurando a pulseira na frente do rosto dele, dizendo:

— Não é linda? — Isso o fez rir.

Mas eu realmente adoro meu vestido. Poderia ser um vestido de casamento, se fosse branco. Peguei emprestado da minha mãe — é de chifon de seda verde-hortelã com uma abertura em formato de buraco de fechadura na frente pregueada. As alças são torcidas, e as costas completamente abertas. Minha mãe comprou um cinto de cristal para eu usar com ele. Meu cabelo está preso no alto, afastado do rosto em ondas suaves. Não conseguiria usar o vestido que comprei para usar com Reeve. Não pareceria certo. Aquele vestido

era para uma outra garota, uma outra noite. Duvido que o usarei algum dia. Deveria simplesmente dizer a Kat para ficar com ele.

O braço de Alex aperta minha cintura. Ele parece mais bonito do que nunca. Seu cabelo está recém-cortado, e o smoking parece ter sido feito sob medida para ele. Conhecendo Celeste, provavelmente foi. A filosofia dela é a de que todo homem deveria ter um smoking feito sob medida.

— Lillia, encontre a luz certa — grita ela. Minha mãe e eu trocamos um olhar. Juro, só porque Celeste assiste a reality shows sobre modelos e fotografia, ela pensa que é uma expert. Minha mãe é a única que realmente foi modelo!

— Dá para você falar alguma coisa? — murmuro para Alex por trás de um sorriso. — Vamos perder o baile todo se não dermos o fora daqui. O que seria bem esquisito, já que o baile é na sua casa!

Graças a Deus, Celeste vai passar a noite aqui, em vez de cuidar do baile. Só posso imaginar como ela seguiria Alex a noite toda. Seguro um risinho. Ela provavelmente ia querer dançar uma música lenta com ele.

Alex acena com a cabeça, baixa o braço e diz:

— Acho que já temos muitas fotos, mamãe.

— Mas não temos uma sua com Nadia. — Ela faz cara de amuada.

Nadia já desapareceu há muito tempo, de volta ao seu quarto. Ela posou para algumas fotos e depois ficou entediada.

— Mamãe — Alex protesta.

— Vai buscá-la — digo com um suspiro. — E então nós vamos embora.

Alex dá um salto, Celeste se aproxima e coloca o braço a minha volta.

— Estou tão feliz com a possibilidade de você e Alex em Boston juntos — diz ela. — Sua mãe e eu podemos fazer um fim de semana de meninas e visitar vocês a cada...

— Como assim? Alex não vai para a USC? — Eu vi a carta de aceitação na escrivaninha dele semana passada.

— Nunca se sabe! — diz ela, com um sorriso sábio, e sacode a cabeça.

Meu rosto fica vermelho. Alex pode ir para Boston comigo.

Minha mente fica repleta de lembranças do nosso fantástico fim de semana juntos na cidade, quando quase nos beijamos. Não quero pensar que ele está indo por minha causa, obviamente, porque somos apenas amigos. A única coisa que sei é que ver Alex desistir do seu sonho é a última coisa que eu quero.

Capítulo 60

KAT

ENROLO A ÚLTIMA MECHA DO MEU CABELO EM VOLTA DO MODELADOR de cachos, o mais rápido que posso, sem queimar a droga do meu braço, coisa que já fiz duas vezes. Jogo a cabeça para a frente e sacudo os cabelos, depois dou um borrifo de hair spray na cabeça toda. Meu cabelo ainda está úmido do chuveiro, e os cachos não estão se segurando muito bem. Está mais parecido com ondas do mar do que com cachos sensuais, mas não importa. Vai ter que ser assim mesmo. Estou com meu sutiã preto sem alças e calcinhas, sem maquiagem, e supostamente devo estar na casa de Reeve em cinco minutos para tirar fotos. Sou péssima em gerenciamento de tempo.

Corro pelo quarto enfiando porcarias na bolsa cravejada de pedras da Sra. Cho. O batom de Nadia, alguns Band-Aids. Pego um punhado do maço de ervas que queimei no quarto de Reeve e o guardo também na bolsa, caso precise.

Desço correndo. A casa está vazia. Não tenho ideia de onde Pat e meu pai estão. Talvez trabalhando em alguma das canoas do papai. Os negócios aumentaram novamente, agora que os turistas estão de volta. Ele já tem encomendas suficientes para o verão inteiro. Papai vem treinando Pat nas últimas semanas, o que é uma boa coisa. Pat precisa de um plano a longo prazo. Ele não pode ficar andando de moto e fuçando na garagem do papai para sempre.

Coloco os saltos altos da Sra. Cho. São sensuais pra caramba, eu quase gostaria que este vestido fosse curto para poder exibi-los. Então vou direto para a porta da frente. No saguão, rapidamente acendo um cigarro e dou algumas baforadas. Sei que Lillia me pediu para não fumar com seu vestido, mas preciso de alguma coisa para

me acalmar. Estou nervosa para saber se tudo vai correr bem esta noite e, é claro, com Mary. Vou mandar lavar isto a seco. Ela nunca vai notar.

Papai e Pat estão parados na entrada da casa. Pat dá um enorme assovio, e papai pisca como se eu fosse desaparecer.

— Você está linda, Katherine — diz ele.

— Ainda bem. Este vestido custa mais que o financiamento da nossa casa.

— Venha aqui, minha filha — diz papai, baixinho. Ele se apressa para vir ao meu encontro na escada. Tira o cigarro da minha mão, e muito embora esteja apenas pela metade, ele o joga na grama. E enfia o braço sob o meu. — Minha linda garota — diz ele, e depois cobre minha mão com a dele.

É então que percebo que meu pai está vestindo uma bela camisa toda abotoada, calças sociais e suas botas de motociclista. Ele fez a barba. Parece mais jovem.

— Por que está todo arrumado?

— Quero tirar uma foto de formatura com você.

Papai faz sinal para Pat se aproximar. Ele está com a câmera do papai pendurada no pescoço, uma câmera antiga daquelas que ainda usam filme. Ele e minha mãe a compraram no ano em que Pat nasceu.

Pat entrega uma embalagem plástica para o papai, que a abre para mim. Dentro está uma fita com uma rosa branca.

— Papai!

— Sei que você e Reeve vão ao baile como amigos, portanto quis ter certeza de que receberia flores. — Ele a desliza sobre meu pulso.

Ainda bem que não estou usando maquiagem ainda, porque meus lábios começam a tremer e meus olhos se enchem de lágrimas. Beijo o rosto dele. Ele está com perfume da loção pós-barba. É uma coisa barata que ele compra na farmácia, mas amo esse cheiro.



Nós três caminhamos até a casa de Reeve. Enquanto ele posa para uma foto com sua mãe e seu pai, tiro o batom marrom-avermelhado de Nadia, me curvo para olhar no espelho retrovisor da caminhonete de Reeve e rapidamente aplico uma camada.

Tommy vem para fora e abraça Pat, e eles batem nas costas um do outro como se fossem velhos companheiros de guerra. Tommy me dá uma olhada rápida, e eu finjo não perceber, mas inflo um pouco o peito.

Quando meu pai e Pat vão cumprimentar os pais de Reeve, me preparo para ir atrás deles, mas Tommy segura meu braço.

— Você está ótima. Quando vai vir ao meu apartamento para passar a noite?

— Cale a boca, seu burro! Meu pai está aqui perto!

Acabei passando uma noite com o Tommy uma vez, quando dormi na casa de Reeve. Ele caiu no sono na poltrona reclinável e... não sei. Talvez eu tenha subido no colo dele. Eu estava de luto, ou qualquer coisa assim. E ele é gostoso.

Reeve atravessa o gramado e coloca o braço em volta da minha cintura.

— Deixe-a em paz, Tommy. — Tommy volta para a casa, e no último instante ele se vira e acena com a mão para mim. — Nada mal, DeBrassio — diz Reeve. — Onde arrumou esse vestido?

— Eu o peguei emprestado de Lil, é novo em folha — me vanglorio. — Tinha as etiquetas e tudo o mais. — Ele fica com uma expressão estranha, como se alguma coisa estivesse ficando clara para ele. Eu o cutuco. — O que foi?

— Nada. — Ele balança a cabeça.

— Você também está bonito. — O corpo de Reeve é perfeito para um smoking. Apesar de ser alugado, ele o veste com perfeição. Está

com o cabelo molhado e penteado para trás, e, com o maxilar forte e o sorriso brilhante — que esteve ausente por tanto tempo que eu havia me esquecido como era de verdade —, ele parece o protagonista de um filme preto e branco.

— Me sinto bem. Sinto que voltei a ser eu mesmo. — Ele sorri e coloca os polegares nos suspensórios.

Posamos para fotos no gramado em frente à sua casa. Garanto algumas fotos boas de mim, do papai e de Pat. Vou colocar uma delas numa moldura e levar comigo para onde quer que eu vá, agora que Oberlin está fora de cogitação. Não importa aonde vá, vou levar meu pai e meu irmão comigo para sempre.

Capítulo 61

LILLIA

QUANDO FINALMENTE CHEGAMOS À CASA DE ALEX, O BAILE ESTÁ EM PLENA atividade, e, honestamente, está ainda melhor do que se tivesse sido no Water Club. Os toldos brancos e as luzinhas cintilantes são elegantes, no estilo das festas do Grande Gatsby. Enquanto Alex dá umas voltas cumprimentando as pessoas, eu me aproximo de Ash e de todo mundo. Estamos elogiando os vestidos umas das outras quando vejo Kat e Reeve na pista de dança. Reeve está atrás de Kat. Ela está grudada nele, levando-o pelos suspensórios, e estão dançando em sincronia, dando gargalhadas. Faz tanto tempo que não o vejo feliz. Ele está tão bonito e cheio de vida. Parece o Reeve de antigamente, e isso me alegra. Embora esteja tudo acabado entre nós, ainda me interessa em saber se ele está feliz.

Estou me aproximando da pista de dança justamente quando Reeve está saindo, suado, ofegante e quase sem ar. Sorrindo. Quando ele me vê, seu sorriso se fecha.

— Oi — digo, tentando evitar que minha voz trema. Estou com medo que ele seja grosso, ou mesquinho, ou indiferente. — Você parece bem, Reeve. — Tento falar afetuosamente, amavelmente, do jeito que uma velha namorada faria.

Parece que se passam minutos, antes que ele responda:

— Você também.

— Estou... estou feliz por você ter vindo. — Passo a língua pelos lábios. Estão muito secos.

— É, eu não pretendia vir, mas Kat me arrastou aqui. — Reeve dá um passo para se aproximar de mim, e sem pensar dou um passo atrás. Ele percebe meu gesto e abaixa o olhar. Estamos parados agora nas sombras das árvores que circundam a casa de Alex. Subitamente, o baile parece muito distante. — Posso dizer apenas uma coisa?

Tenho medo de dizer sim. Apenas olho para ele.

— Me desculpe pelo que eu disse no banquete. Não foi correto. Eu passei dos limites. — Reeve me olha fixamente, esperando. — Queria ter te contado o que aconteceu entre mim e aquela garota. E sabe o que mais? Eu deveria ter feito isso. Você deveria ter sabido por mim, não por Alex ou quem quer que seja. O único motivo de eu não ter te contado é porque fiquei apavorado, com medo de que, se soubesse, você não quisesse ficar comigo. — Ele enfia as mãos nos bolsos. — Que foi exatamente o que aconteceu, então... sim.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Tenho vontade de dizer a ele que eu já sabia. Que o amei mesmo assim.

— Tudo bem. Eu sinto muito também... pelo jeito como as coisas aconteceram. — As palavras saem fracas e sem convicção. — Gostaria que ainda pudéssemos ser amigos.

— Acho que não consigo fazer isso. — Reeve balança a cabeça. Ele fala numa voz muito suave, quase um sussurro. — Desculpe, mas tenho que ser honesto. Esta noite toda fiquei pensando em como deveríamos estar aqui juntos, você e eu. Sei que não quer ouvir isso. Mas deveríamos estar juntos no nosso baile de *homecoming*, Cho.

— Reeve, por favor. Eu...

— Nunca vou querer não estar com você. Isto é, eu ainda te amo, apesar de toda a merda que aconteceu. Faria qualquer coisa para estar ao seu lado. Portanto, não, não posso ser — ele engasga — ... seu *amigo*.

— Reeve — murmuro. Toco seu rosto, ele segura a minha mão e a aperta com força.

— Sei por que não pode ficar comigo agora. O que eu fiz, o que as pessoas pensam de mim. Entendo. Porém, as aulas estão quase terminando, e em alguns meses estaremos fora da Ilha Jar. Ainda vou para Graydon no outono. Estarei a uma hora de distância de Boston. Não vou desistir de você. Da gente. — Em seguida ele me abraça apertado, sua boca na minha, e eu o beijo também. Não posso estar correspondendo ao seu beijo. O cheiro dele, o gosto da boca, estou me afogando nisso e em como tudo se encaixa. Como é bom.

— Por favor. Por favor, encontre um modo de me perdoar pelo que fiz. Eu te amo. Te amo tanto, Lillia — diz ele, entre beijos.

Isso me acorda.

Mary.

Eu o afasto, meus dedos voam para os meus lábios. Oh, meu Deus. O que foi que fiz?

— Nunca mais me diga isso — digo ofegante.

— Cho, espere... — Os braços dele tentam me alcançar.

— Nunca mais se aproxime de mim. — Viro-me de costas e saio correndo, corro o mais rápido que consigo para longe da festa, para a casa da piscina de Alex.

Não posso estar perto de Reeve. É perigoso demais. Não vou mais voltar à escola, afinal de contas está quase tudo terminado para os veteranos. Ou... ou vou para Boston, ficar no apartamento da nossa família até que Reeve vá embora para o seu treinamento. Qualquer coisa para não estar perto dele.

Minha bolsa. Preciso da minha bolsa.

Entro correndo na casa da piscina. Guardei minha bolsa e meu casaco no armário de Alex, por segurança. Do lado de fora das portas de vidro deslizantes, a música está explodindo, e ouço o resto

dos nossos colegas de classe gritando e batendo palmas junto com a música. Flashes de luz vindos da cabine do DJ pipocam no chão.

Saio pela porta e desço correndo o caminho em direção à frente da casa de Alex. Estou procurando minhas chaves quando me lembro que vim no carro dele. Talvez possa chamar minha mãe para vir me buscar.

Não. E se Reeve tentar me encontrar?

Vou simplesmente caminhar até em casa.

Estou quase atravessando o portão quando dou de cara com Alex.

— Lil, o que houve? — diz ele, espantado.

— Tenho que dar o fora daqui agora. — Estou tremendo. — Sinto muito. — Tento passar por ele e chegar ao outro lado da cerca, onde os manobristas estão sentados no capô dos carros estacionados ao longo da entrada da casa e da rua. Porém, Alex não me deixa sair.

— Opa, opa, opa. O que está acontecendo? Aconteceu alguma coisa com Reeve?

— Não quero ficar perto dele, Alex. — Começo a chorar. — É muito difícil. Ele torna tudo mais difícil para mim. Ele fica na frente da minha casa, fica bêbado no banquete gritando coisas, fica me dizendo que me ama e que nunca vai desistir de mim. Eu... não consigo respirar. — Estou arfando. Todos os dias desde que fiz aquela promessa para Mary têm sido uma luta. Como posso viver assim? Afastando o garoto que amarei para sempre. — Alex, não consigo respirar.

— Está tudo bem. Tudo bem. Tente respirar fundo, Lil. — Alex coloca as mãos nos meus ombros.

— Ele não me deixa. Como posso seguir em frente se ele não me deixa ir embora? — digo, com a voz entrecortada. Respiro fundo.

O rosto de Alex se transforma, e olho por cima do meu ombro. Reeve está parado atrás de nós, com o ticket do manobrista em mãos, rosto pálido, arrasado.

— Nunca mais vou te incomodar — ele consegue dizer. — Não precisa mais se preocupar. — E, dizendo isso, vai embora.

— Ah, não — murmuro. — Não, não, não.

Estou quase correndo atrás dele, quando Alex se põe na minha frente.

— Lil, isso é exatamente o que ele quer, envolver você de novo nos dramas dele. Reeve é doente. Você não pode ajudá-lo.

— Alex, você não entende. — Estou praticamente gritando na cara dele. — Não é só Reeve. Tem mais gente envolvida.

— Lillia! Acalme-se! Vamos chamar Kat. Converse com ela.

Kat.

O feitiço.

Não digo nada. Eu simplesmente me viro e corro de volta para o baile.

Capítulo 62

MARY

ESTOU NO ANDAR DOS QUARTOS, SIMPLEMENTE OLHANDO PARA O ESPAÇO, quando a porta do meu quarto se abre de repente. Corro em direção a ela e olho pelo corredor.

Será que Kat e Lillia voltaram aqui para fazer algo mais comigo? Não vou deixar que elas me peguem desprevenida desta vez. Estava tão perto de pegar Reeve, tão perto de me livrar deste lugar. E, mais uma vez, minhas supostas amigas preferiram a vida dele à minha.

Ao sair do quarto e ir para o andar de baixo, vejo os cordões amarrados em volta das maçanetas das portas, o sal espalhado no chão.

Foi tudo feito com perfeição.

Sei exatamente que feitiço elas usaram em mim. Tiveram que sacrificar duas coisas que elas amavam. Não sei qual foi a de Kat, mas vejo no chão o sangue do seu cachorro. Shep. Ela abriu mão de alguma coisa, pelo menos não intencionalmente.

Tem um colar pendurado na maçaneta da porta da frente. Eu o pego e o reconheço imediatamente. É o colar que Reeve deu a Lillia durante as férias da primavera.

Então ela desistiu de Reeve para me prender. Que poético.

Se estou livre, uma delas deve ter voltado atrás no seu sacrifício. Não tenho dúvidas nenhuma sobre a quem devo agradecer.

Kat e Lillia são perigosas. Elas sabem meu segredo, e, pior ainda, sabem como me controlar. Não posso permitir que façam isso

novamente. Não quero ficar presa aqui por toda a eternidade. Vou partir. Esta noite. Antes que percebam que fui embora.

Fecho os olhos e tento senti-lo, encontrá-lo.

Capítulo 63

KAT

PASSO O BAILE DO HOMECOMING PENSANDO SOBRE GENTE MORTA, MUITO embora eu dance dez músicas seguidas com Ashlin. A garota dança muito, isso tenho que reconhecer.

Penso em Rennie, e se ela está nos observando. Posso até imaginá-la colocando o dedo na garganta por causa de alguns vestidos horríveis e de uma garota que está usando uma tiara ridícula. E tenho certeza que ela acha o castelo pula-pula infantil. Tudo bem, ele é, sim. Mas um castelo pula-pula também pode ser divertido pra caramba, e tem uma fila enorme para entrar lá que dura a noite toda.

Talvez eu esteja só sendo sentimental, mas honestamente acredito que, se Rennie ainda estivesse viva, eu poderia tê-la convencido a deixar de lado o clube de Boston e fazer o baile aqui. Ela com certeza tinha um lado rebelde. Gostava de inovar.

Penso na minha mãe. Espero que ela ache que estou bonita no meu vestido chique. Se ela estiver em algum lugar por aí, sei que a deixei orgulhosa. Muitas pessoas seguraram meu braço hoje à noite, gente de diferentes grupos sociais, me agradecendo. Ela teria adorado o fato de que todo mundo foi convidado. Que ninguém foi deixado de fora porque não tinha dinheiro.

E, é claro, penso em Mary. Cada garota de cabelo loiro comprido faz meu coração saltar, mas nunca é ela, graças a Deus. Nosso feitiço funcionou. Ela está aprisionada naquela casa. Mas fico entristecida porque nós todos estamos nos divertindo pra valer,

enquanto Mary não está aqui conosco. Ela deveria estar viva. Eu queria que ela estivesse viva.

Meu estômago ronca. Preciso ir até o bufê enquanto ainda vale a pena. Foi uma ideia de gênio da Sra. Lind encomendar o jantar do baile, e eu insisti para que fosse do Antoine's. Peito de frango caramelizado com balsâmico, batatas vermelhas assadas, aquelas vagens que eu adoro.

Vou direto para o bufê e vejo que já está bem mexido. Se quiser comer alguma coisa, é melhor me apressar. Pego um prato e um refrigerante e estou voltando para a mesa quando Lil agarra meu braço com tanta força que quase derrubo o prato.

— Acho que quebrei o encanto — diz ela, desesperadamente. — Me desculpe. Sinto muito. Reeve me beijou e eu correspondi ao beijo e alguma coisa deu errado. Posso sentir.

— Merda — digo, ofegante. — Onde ele está agora?

— Ele me ouviu dizer um monte de besteiras para Alex e disse... disse que não vai mais me importunar, e agora ele simplesmente *sumiu*. Tenho medo que ele vá fazer alguma loucura. — Um soluço escapa da minha garganta.

— Acalme-se, Lillia. Vou passar pela casa dela e verificar se ela ainda está lá. Você vai procurar Reeve.

A última coisa que digo a Lillia é que tudo vai ficar bem.

Espero que Mary não me transforme numa mentirosa.

Capítulo 64

LILLIA

DESÇO CORRENDO A ENTRADA DA CASA DE ALEX E VOU PELA RUA, ONDE OS manobristas estacionaram os carros. Meu coração está martelando no peito, mas não paro de correr. Finalmente enxergo a caminhonete de Reeve. *Por favor, esteja lá dentro. Por favor.* Mas, quando me aproximo, vejo que ele não está. Ela está vazia. Ele foi a algum lugar a pé.

E então noto suas chaves sobre o banco. Entro e saio cantando os pneus. Aonde ele poderá ter ido? Talvez tenha voltado para casa? Vou checar, até mesmo estaciono a caminhonete e corro até a casa dele, mas não está lá. As janelas do quarto estão completamente escuras, seu pai e sua mãe estão assistindo à tevê sozinhos na salinha.

Ele não está em nenhum lugar, e estou desperdiçando meu tempo. Deveria ir checar a casa de Mary. Kat pode precisar de mim.

Estou a meio caminho de Middlebury, acelerando na estrada que rodeia a beira dos penhascos, quando quase o atropelo.

Ele está cambaleando ao longo da beirada, uma garrafa de bebida em cada mão. Piso com força nos freios, e ele tropeça. E um pouco acima da estrada, lá está Mary, sentada nos penhascos, olhando para ele.

— Entre! — Inclino-me sobre o banco e escancaro a porta do passageiro.

— Cho, que ...

— Entra de uma vez! — eu grito.

Ele me olha espantado, mas obedece. Quando olho a estrada novamente, vejo Mary lá, parada no meio da rua. Reeve ainda não pode vê-la. Levo a caminhonete para o outro lado da estrada, para passar por ela.

— Que diabos está acontecendo? O que está fazendo na minha caminhonete? — diz Reeve.

— É Mary. Mary Zane. Elizabeth!

— O que você disse? — Os olhos de Reeve se arregalam.

— Ela está tentando te ferir, Reeve. O espírito dela... ela é... ela é um fantasma, Reeve. Ela voltou para te pegar. — Estamos em alta velocidade. — Temos que dar o fora desta ilha. Ela não consegue sair daqui.

O rosto dele está pálido como cera.

— Oh, meu Deus. Pensei que estivesse ficando maluco. Você a viu, de verdade? Ah, merda, merda, merda. — O rosto dele está pálido como cera.

Olho de relance para o relógio no painel. A próxima balsa sai em quatro minutos. Temos que conseguir. Precisamos conseguir.

— Quando chegar ao continente, não volte para cá até eu te ligar.

— Não vou a lugar algum sem você.

— Reeve, não discuta comigo! Você não está seguro aqui.

— Não vou te deixar. — Ele fecha o maxilar teimosamente.

Entramos no estacionamento da balsa, e, graças a Deus, a balsa ainda está lá. Não tem nenhum carro esperando para embarcar, somente o nosso. Estamos entrando quando eu a vejo.

Parada no estacionamento, bem à nossa frente, naquele vestido branco transparente, parecendo um anjo. O rosto contorcido e gritando para eu parar.

Só tem uma coisa que posso fazer. Piso forte no acelerador. Os trabalhadores do porto gritam e levantam as mãos para nós.

— Nem mais um carro! — eles gritam. Desta vez passo direto por cima de Mary e subo na balsa.

Giro o corpo e olho pela minha janela traseira. Ela está me encarando. Não se move. Simplesmente fica observando Reeve e eu desaparecemos enquanto a ponte levadiça é levantada e a balsa se afasta da costa.

Capítulo 65

KAT

DIRIJO A UM MILHÃO DE QUILOMETROS POR HORA EM DIREÇÃO A T-TOWN. Papai e Pat estão novamente trabalhando na garagem, a porta de subir está levantada bem alto. Eles veem meus faróis saltando pela entrada da garagem e saem.

Papai está com um trapo pendurado nos ombros.

— Kat? Por que voltou tão rápido?

Não respondo a ele. Simplesmente corro o mais depressa que posso até o meu quarto e agarro o livro da tia Bette, as velas, as especiarias e os sais, e o resto da merda que usamos com Mary. Jogo tudo na minha mochila. Caso precise. Não tenho ideia do que poderíamos precisar, ou se alguma dessas coisas vai funcionar, agora que nosso encanto se quebrou.

Ao sair de casa, olho de relance para o relógio. Deus, eu realmente espero que isso seja um alarme falso.

Quando volto lá fora, encontro Pat bloqueando a porta do meu carro, braços cruzados.

— O que está acontecendo?

— Sai da frente, Pat!

— Vamos lá. Me conta...

— Sai! — Afasto Pat do meu caminho, o que não é fácil usando saltos altos e vestido de festa. Ele tenta resistir, e nós dois lutamos por um segundo, mas então ele vê que não estou brincando, porque dá um passo atrás.

— Tudo bem, tudo bem.

Pulo para dentro do carro, coloco-o em marcha à ré e piso tão forte no acelerador que os pneus soltam fumaça. Saio voando rua abaixo, deixando meu pai e Pat assombrados, olhando meus faróis traseiros. Dirijo, dirijo o mais rápido que posso esta minha lata velha pela Ilha Jar até Middlebury. Passo pelo cinema, o Java Jones, e todos os turistas parecem tiras coloridas passando do lado de fora da minha janela.

Alguns minutos depois estou na frente da casa de Mary. A casa está tão escura como o céu. Levanto a barra do vestido e caminho pé ante pé através do pátio banhado pela lua, em estado de alerta, olhando a minha volta.

Será que Mary está aqui? Será que está me observando neste momento? Ou talvez Lillia estivesse errada. Talvez ela não tenha rompido o encanto.

Os grilos e meu coração batendo forte são os únicos ruídos que ouço, até que, ao longe, a buzina da balsa toca. Estou parada embaixo da janela do quarto de Mary e espero que ela volte, como fez antes. Quando ela não volta, fico com uma sensação ruim, aquela sensação de que alguém vai se machucar esta noite.

Talvez Reeve.

Ou talvez sejamos nós. Eu e Lillia. Mary sabe o que nós fizemos, que tentamos enclausurar seu espírito. Seguro minha mochila com força. Tenho que dar um jeito nisso, ou estaremos todos ferrados.

Entro pela porta da frente. Embora esteja escuro, posso ver que o colar de Lillia desapareceu, o sal está mexido. Cada porta que lacramos no andar de cima está completamente aberta.

Vou até o quarto de Mary, fico de joelhos e abro o zíper da mochila. Com as mãos trêmulas, coloco as velas e começo a acendê-las com meu isqueiro, para poder enxergar. E então abro um dos livros de feitiço e tento descobrir que porra posso fazer.

Neste momento a luz da lua se esconde e um vento gelado sopra pelo quarto. As velas tremulam, e sinto muito, muito, muito frio, mais frio que o mais gelado dia de inverno. Reacendo o isqueiro para começar de novo e quase dou um grito quando o brilho do fogo cai sobre Mary, sentada no parapeito da janela, olhando-me com olhos acusadores.

— Se não conseguir da primeira vez... desista e tente alguma outra coisa — diz ela.

Fico de queixo caído. O pavio da vela solta caracóis de fumaça cinza. Aperto com força a mão em volta do isqueiro.

— Você quase acabou comigo. Vou te dar nota 10 pelo esforço.

Eu me debruço no chão e desesperadamente folheio o livro.

Mary faz um movimento com o braço, e o livro de feitiços voa pelo quarto, para longe de mim. Depois ela levanta o colar de Lillia.

— Que pena que Lillia não cumpriu seu lado da barganha.

Rapidamente pego o isqueiro e esfrego o polegar sobre o metal algumas vezes. Finalmente a pedra do isqueiro faísca e se transforma em chama. Assim que consigo isso, sou jogada para trás e bato na parede com toda a força. Então a gravidade me joga para baixo, como um monte de roupa amassada largada no piso duro de madeira.

Mary salta do parapeito da janela e aterrissa no chão com os pés descalços. Levanto a cabeça lentamente, o mais que posso, mas meu corpo inteiro está destruído e latejando. Meu isqueiro deslizou pelo piso e está agora perto de onde deixei o livro de feitiços aberto. Rastejo de barriga em direção a ele, apertando os olhos para tentar afastar a dor. Quando estou perto, estendo o braço o mais longe que posso e tento pegá-lo. As pontas dos meus dedos simplesmente roçam o isqueiro. Mas, assim que faço contato, Mary ergue o braço e me levanta do chão novamente.

— Pare de fazer isto! Por que não está me escutando? — Ela me atira mais uma vez contra a parede. Ouço o gesso rachar, ou talvez

sejam os meus ossos.

Engasgo e tento respirar, completamente sem fôlego. Quando abro os olhos, o quarto todo é um borrão molhado. Ranjo os dentes e tento me levantar. Não posso ver onde Mary está, mas, apesar disso, suplico:

— Você não é assim, Mary. Não é desse jeito. — Finalmente minha visão se aguça e posso enxergar onde estão o livro de feitiços e minha mochila, do outro lado do quarto. Rastejo naquela direção, ofegando. — Deixe a gente te ajudar.

Mary se interpõe entre mim e as velas.

— Lillia ainda está apaixonada por Reeve. Ela só se importa com ele. Por isso o feitiço foi quebrado, por isso é que ela está na balsa com ele agora, salvando-o e deixando você para morrer aqui, neste instante. — Ela dá um giro e levanta o braço. O resto das minhas coisas cai para fora da mochila. O sal e a lavanda voam pelo quarto, as velas rolam em direções opostas. Continuo rastejando, mas logo me sinto levantada de novo.

E então tudo escurece.

Capítulo 66

LILLIA

PULO PARA FORA DA CAMINHONETE E CORRO PARA A SAÍDA DO PRÓXIMO nível, para ter certeza que Mary foi embora. Ela foi. Para onde?

Vamos nos afastar do cais a qualquer momento. Tenho que dar o fora deste barco. Não posso deixar Kat lidar com Mary sozinha.

Reeve se aproxima por trás de mim. Ele está sacudindo a cabeça, atordoado.

— Não posso acreditar nisso.

— Vamos para o convés, assim a gente pode conversar — digo.

Caminhamos até o convés, e as pessoas estão nos olhando por causa das nossas roupas formais.

— Vá lá dentro e arrume alguns assentos para nós. Tenho que ir ao banheiro. Estarei de volta num instante. — Reeve concorda, ainda parecendo um garoto assustado. Esta talvez seja a última vez que o vejo. Portanto, fico na ponta dos pés e lhe dou um abraço apertado. O rosto dele se abre num sorriso aliviado.

— Aquelas coisas que você disse a Alex. Não estava falando sério, estava?

— Mary. Ela me obrigou a me afastar de você.

— Mas como...

— Explico tudo em um minuto. Prometo.

Ele acena com a cabeça e vai para dentro, e eu parto na outra direção. Empurro a porta de saída e desço correndo as escadas para

o nível mais abaixo. Corro por toda a balsa, afastando as pessoas da minha frente. É tarde demais. Já estamos nos afastando.

Fico parada perto dos trilhos de proteção. Mal saímos da costa. Poderia dar certo. Poderia saltar. Não é tão alto daqui. Começo a tirar os sapatos antes que possa parar e realmente pensar sobre isso.

Subo nas grades, e meu coração está batendo disparado no peito. Estou tão apavorada. Com tanto medo. Então, seguro a respiração e pulo.

Parece que é uma queda infinita até eu finalmente cair na água. Ela bate com tanta força contra o meu corpo que me tira completamente o ar. A água está gelada, e eu engulo litros dela, pelo nariz, garganta. Só vejo água à minha volta. Esqueço tudo o que aprendi sobre natação e simplesmente entro em pânico, porque parece que estou me afogando. Meu vestido parece uma mortalha, puxando-me para baixo, tornando cada movimento ainda mais difícil.

E assim, na luta para chegar à superfície, o impulso simplesmente acontece. A vontade de lutar para sobreviver. Estou nadando. Meu corpo sabe como.

Nado o caminho todo até o cais. Meus braços ardem, a garganta arde, tudo arde. Nado até não ter mais forças. Dois funcionários da balsa me tiram da água.

— O que você tem na cabeça? — grita um deles para mim.

Meu corpo todo está tremendo de frio e exaustão. Eles saem para me arrumar um cobertor, e eu vou embora antes de voltarem. Estou correndo para fora do estacionamento da balsa, subindo a colina até a casa de Mary. Meus pés estão descalços e meu vestido está ensopado e grudado no corpo, mas não me importo.

Depressa, depressa, depressa. Antes que seja tarde demais.

Minha garganta arde, meu peito arde, todos os músculos do meu corpo ardem. Mas tenho que continuar. Preciso.

Não paro de correr. Subo correndo pela entrada da casa dela até a porta da frente. Assim que abro a porta, ouço Kat e Mary gritando, e então ouço um baque, e tudo silencia.

— Kat! — grito. Subo os degraus, dois de cada vez, tropeçando no meu vestido.

Quando chego ao andar de cima, empurro a porta do quarto de Mary, mas ela não abre.

— Kat! — eu berro. Dou pancadas na porta, com toda a força que tenho. — Mary! Me deixa entrar!

Estou me esgoelando até ficar rouca, quando ouço passos pisando forte na escada. Eu me viro, e lá está Reeve, olhos alucinados e quase sem ar. Perco o fôlego.

— O que está fazendo aqui?

— Fiz voltarem a balsa para cá...

— Kat está lá dentro — digo com a voz rouca.

— Sai da frente — ele me diz, e então se joga contra a porta, exatamente quando ela se abre.

Kat está caída no chão, segurando o braço, e Mary está parada ao lado dela. Olhando para nós. Para Reeve.

— Você está aqui — declara ela.

Espantado, ele diz:

— Era você esse tempo todo.

Capítulo 67

MARY

AGORA SOU AQUELA GAROTA PARA QUEM ELE NÃO CONSEGUE PARAR de olhar.

— Olhe para mim, Reeve. — Ele baixou a cabeça, e eu estendo a mão e levanto o queixo dele, dolorosamente alto. — Eu disse, olhe para mim. Quero te mostrar o que Lillia me deu. — Balanço o colar na frente dele. — É bonito, não é?

Lillia faz um som sufocado. Ela está chorando, com o corpo curvado, tentando acender uma vela. Kat está com o livro aberto no colo, murmurando baixinho. Elas ainda não conseguiram me deter. Acham que podem me trancafiar aqui para sempre. Com um breve movimento da mão, espalho suas coisas pelo quarto.

Em seguida me volto para Reeve.

— Sinto muito — ele diz. — Sinto muito, Elizabeth. Isso tudo foi culpa minha. Não as machuque. Elas não têm nada a ver com isso. Deixe-as ir embora. Vamos conversar, só você e eu.

— Cale a boca — digo a ele. Uso meus dedos para fechar seus lábios. — Você não vai dar uma de herói agora, está me entendendo? Você não é nenhum herói. Você é um *bully*. Você é o *meu bully*. É isso o que é para mim. Você é a razão pela qual eu não quis mais viver.

Reeve se ajoelha. Ele tenta dizer alguma coisa, mas não consegue, porque estou mantendo sua boca fechada. Eu a solto. Ele puxa o ar.

— Por favor. Me perdoe, Elizabeth. Estou te suplicando.

— É tarde demais para isso.

— Tenho fugido de você desde aquele dia na balsa. — Ele respira fundo. — Estava com tanto medo. Que as pessoas descobrissem o que fiz. Que tipo de pessoa eu era. E agora está aqui. Você está aqui. Posso finalmente te dizer o quanto me arrependo de tudo.

— Já sei que você se arrepende. Mas se arrepender não muda nada. — Levanto a mão e empurro Reeve com tanta força que ele dá uma cambalhota para trás e bate a cabeça no chão. Ela se racha como um ovo. O sangue escorre pelas têmporas. — Arrepender-se não me traz de volta à vida.

Lillia tenta se aproximar dele, mas Kat a segura. Reeve a olha, atordoado e tonto. E demora um segundo para entender o que aconteceu. Assim que ele se orienta, continua. Ele se aproxima de mim de joelhos.

— Elizabeth, por favor...

— Quem é Elizabeth? Nunca fui Elizabeth para você. Sou Big Easy, lembra? Diga.

Ele balança a cabeça e começa a chorar.

— Diga! — grito com tanta força que o vidro da janela treme.

— Big Easy — ele fala meio engasgado.

— Isso aí — digo, mais suavemente agora. — É bom, não é? Parece natural.

Pego minha estante de livros vazia e a jogo para o outro lado do quarto, em direção a Reeve. Ele levanta os braços e se agacha para sair do caminho, bem a tempo. Faço a mesma coisa com a cômoda. Mando-a voando pelo quarto para atingir Reeve, e ela se estilhaça em milhares de lascas.

Sinto-me começando a mudar. Lillia, Kat e Reeve veem isso acontecer. Estão pálidos, chocados. O vestido do baile de formatura, o cabelo loiro comprido, tudo desaparece. Eu me transformo em Big Easy, gorda e pingando água.

— Tem só uma coisa que você pode fazer por mim agora, Reeve.

— Eu faço. Qualquer coisa. — Ele se aproxima de mim de joelhos.

Com um floreio da minha mão, o canivete, aquele que dei de presente para Reeve, aparece do nada, e fica pairando em frente ao rosto dele.

— Mate-se.

— Não! — grita Lillia ao ver Reeve pegar o canivete. Ele tenta empurrar as duas para fora do quarto. Kat se liberta com facilidade, mas Reeve consegue agarrar Lillia com mais força. Ela luta com ele com todas as suas forças. — Por favor, Mary! Não faça isso!

Ergo a mão e mando Lillia e Kat pelos ares até o corredor. Depois fecho a porta, travo as trancas. E estamos só Reeve e eu. Finalmente. Do jeito como deveria ter sido.

Elas dão pancadas e pancadas com os punhos na porta. Gritam por ele, o mais alto que conseguem. Porém, Reeve mantém os olhos fixos em mim. É como se nós dois fôssemos as únicas pessoas existentes na face da Terra.

— Faça isso — ordeno, e faço o canivete pousar na mão dele. — Faça isso e tudo terminará.

Ele abre o canivete e apoia a lâmina no pulso. A mão dele está tremendo. Ele respira fundo e rasga a pele do lado esquerdo. O sangue aparece tão rápido que acho que até ele fica surpreso. E então corta o outro lado, um corte para combinar. Tremendo, ele se abaixa até o chão.

Observo o vermelho crescer, a cor desaparecer do seu rosto.

E não sinto nada.

O coração dele diminui o ritmo, deve estar desacelerando. Dou alguns passos à frente.

Não sinto nada. Não tem uma luz branca, nenhuma porta que apareça repentinamente.

Reeve está morrendo. E eu não estou indo a lugar algum.

— Espero que isso te liberte, Elizabeth — sussurra ele.

Mas não liberta.

Não liberta! Ainda estou presa aqui.

O canivete está caído no chão perto de mim, a lâmina aberta e manchada. Dei a ele esse presente com todo o amor que tinha no meu coração. Não deveria ser usado assim.

Toco meu pescoço e sinto a pele deformada e cheia de calombos. Ela arde como fogo. Sinto o aperto da corda enforcando a última parte de mim que me faz sentir que sou real.

Eu sou responsável.

Fiz isso comigo mesma. Ninguém me forçou a nada.

Abro a boca e grito. Mãos se levantam para cobrir os ouvidos. Os vidros das janelas tremem e tremem e tremem por causa do volume dos meus decibéis, até explodirem e cobrirem o quarto com estilhaços de vidro, e a porta se escancara.

Lillia e Kat correm para dentro. Kat rasga seu vestido, e as garotas param o sangramento de Reeve.

Eu observo, imóvel, enquanto as chamas se agitam e saltam sobre o meu colchão desnudo, sobre o que sobrou da minha cômoda. O quarto começa a se encher de fumaça.

Nunca quis que isso acontecesse.

O chão se abre, e minha cama em chamas despenca para o andar de baixo. Faíscas sobem pelo buraco. Kat grita e quase cai pelo buraco, mas Lillia a segura e a salva do perigo bem a tempo. Elas tentam levantar Reeve, carregá-lo para um lugar seguro, mas ele é pesado demais. E o fogo está muito quente. E a fumaça, muito densa. Posso senti-la escurecendo seus pulmões.

Eles vão morrer se eu não fizer alguma coisa.

Vão morrer assim como eu. Sem motivo algum.

Eu me matei para ensinar uma lição a Reeve. Para mostrar o quanto ele havia me ferido, para castigá-lo pelo que tinha feito. Só que a punida fui eu. Causei isso a mim mesma. E daria qualquer coisa, daria tudo para voltar atrás e fazer tudo diferente.

As chamas são uma parede laranja fechando-se sobre eles. Lillia e Kat. Minhas amigas. As únicas amigas verdadeiras que já tive. E Reeve, o único garoto que amei. O garoto que se arrependeu muito pelo que fez comigo. Que voltaria atrás se pudesse.

Ele não pode.

Mas eu posso. Não por mim, por eles.

Concentro-me o máximo que posso e contendo as chamas. O fogo sibila e se afasta de mim como se eu fosse um campo magnético. Envolver os três e os levo até a janela, o calor às minhas costas.

E então, o calor e a luz, eles se movem dentro de mim. Eles me cobrem.

Estou me transformando novamente. Desta vez, em algo novo.

E desapareço.

Capítulo 68

LILLIA

CAÍMOS NA GRAMA VERDE FRIA. NÃO CONSIGO PARAR DE TOSSIR, NÃO consigo respirar direito. Mal posso enxergar, meus olhos estão cheios de água.

Ao meu lado Kat está encolhida, respirando com dificuldade e cuspidando fuligem preta na grama. Seu rosto está sujo de cinzas e suor.

— Mary! — ela grita, rouca. Olhamos para o alto, para a casa incendiada.

Neste momento a casa de Mary se transforma numa bola de fogo. Cada pedaço dos seus alicerces queima. A casa ilumina todo o céu, como um segundo sol. Posso ver Reeve na grama. Ele ainda está se mexendo. Rastejo até ele e pressiono os pulsos dele com todas as minhas forças.

Sirenes gemem a distância. Não importa o que trouxe Mary de volta, o que nos aproximou, está tudo acabado. Mary foi embora. Kat soluça encostada em mim, soluços torturantes que fazem todo o corpo dela tremer, e eu a abraço com força. Posso ouvir as sirenes aproximando-se mais e mais. Sinto o pulso de Reeve. Ele está vivo.

Ele está livre. Todos estamos.

Pois, o que quer que Mary tenha sido no final, ela nos salvou.

Epílogo

LILLIA

O QUE ACONTECEU NAQUELA NOITE NOS TRANSFORMOU PARA SEMPRE, Reeve, Kat e eu. Nenhum de nós voltou a ser o mesmo.

No outono, quando todos foram embora para a faculdade, Kat ficou para trás. Ela se reinscreveu e foi para a faculdade na primavera. Não para Oberlin. Em vez disso, preferiu a NYU. Disse que Nova York seria bom para ela, um lugar melhor que Ohio. Mas nós duas sabemos a verdade.

Reeve precisou levar vinte pontos em cada pulso. Ainda estava com os curativos na nossa colação de grau. Todo mundo na escola pensou que ele havia tentado se matar por minha causa, e ele nunca negou isso.

Ele não apareceu muito naquele verão. Mudou-se para Connecticut apenas algumas semanas depois da formatura, para fazer o curso de verão. Achei que teria notícias dele quando eu começasse a universidade de BC, como ele disse que faria no dia do baile, mas ele nunca me ligou. No ano seguinte, jogou futebol na Flórida, mas depois machucou novamente o joelho no segundo ano, e acabou.

Alex esperou até o último momento do verão para decidir onde faria a faculdade, mas afinal disse sim para a USC e foi para a Califórnia. Chorei quando ele partiu.

Tive alguns namorados durante a faculdade, mas nada que se aproximasse de estar apaixonada. Alex e eu escrevíamos e-mails um para o outro com frequência, e ele sempre me mandava alguma coisa no meu aniversário. Depois que Nadia se formou no colegial,

meus pais se mudaram de volta para Boston, mas mantivemos a casa na Ilha. Voltamos a ser turistas de verão.

O pai de Kat morreu de infarto um ano após a formatura do colegial. Todos voltamos para a Ilha Jar para o enterro. Todos que se importavam com Kat estavam lá, ao lado dela — Reeve e a família dele, Alex e eu. Durante a cerimônia, pensei ter visto Mary, sentada na varanda, então pisquei os olhos, e ela desapareceu. Acho que foi um truque de luz.

Quando Alex e eu pegamos a balsa para retornarmos juntos para Boston, perguntei se ele estava namorando alguém especial, segurando a respiração o tempo todo. Ele deu um meio sorriso, de um jeito sarcástico, e disse:

— Você estragou tudo para as outras garotas, Lillia. Ninguém chega nem perto de você.

— Esse era o meu plano. — Apoiei a cabeça no ombro dele.

Nunca mais nos separamos desde então. Algumas coisas são destinadas a acontecer, eu suponho.

Kat nunca mais pôs os pés na Ilha Jar desde que seu pai morreu. Ela mora no Brooklin agora, que é provavelmente onde deveria estar desde sempre. Pat se mudou para lá também, depois de venderem a casa. Conseguiram um preço insanamente alto. As propriedades na Ilha Jar estão em grande demanda. Agora eles dividem um loft numa antiga fábrica. Quero visitar Kat, ver como está a vida dela. Talvez Alex e eu possamos ir lá qualquer dia este ano.

Ainda volto à Ilha Jar nos feriados e durante o verão. E às vezes vejo Reeve dirigindo sua caminhonete por aí. Ele e Luke agora tomam conta do negócio do pai deles.

Lembro como ele ficava bonito no seu uniforme de futebol. Nunca nenhum garoto ficou tão bonito quanto Reeve naquele uniforme, naquele campo. Lembro como foi me apaixonar pela primeira vez. A gente pensa que nunca mais vai se apaixonar novamente. Mas, sim, você se apaixonou.

A vida é longa, se você permitir.

Só gostaria que Mary tivesse sido capaz de descobrir isso.

Espero que ela tenha ido embora da Ilha Jar.

Espero que tenha encontrado sua paz.

